



Sociedade das Ciências Antigas

A Missa e Seus
Mistérios Comparada
com os Mistérios
Antigos

Joseph-Marie Ragon



Sociedade das Ciências Antigas

***A MISSA E SEUS MISTÉRIOS COMPARADA
COM OS MISTÉRIOS ANTIGOS***

POR

JOSEPH-MARIE RAGON



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

***LA MESSE ET SÉS MYSTÈRES COMPARÉS
AUX MYSTÈRES ANCIENS
PARIS - 1882***

Índice

Prólogo	03
Introdução	04
I - Da disposição dos Santos Lugares e dos instrumentos sagrados	05
II - Continuação da mesma matéria	08
III - Vestimentas sagradas da antigüidade e que se conservam no culto moderno	10
IV - Do <i>Domine-Sol</i> dos antigos rituais	14
V - O Confiteor da missa	16
VI - Credo, ou símbolo de crença moderna	19
VII - Segue o exame do Credo, de <i>Deum de Deo</i> até <i>per quem omnia facta sunt</i>	21
VIII - Continuação da explicação do Credo desde <i>qui propter nos homines</i> até <i>incarnatus est</i>	23
IX - Continuação das Trindades e das encarnações	26
X - Do juízo final	29
XI - Continuação do Credo, Batismo do Ganges	31
XII - Continuação da missa - O silêncio se impõe	34
XIII - "Orate Frates - A Secreta - O Prefácio	37
XIV - Continuação do prefácio - O acordo do teísmo e o politeísmo	39
XV - Cânon da missa - Sinaxis dos hebreus reformados	42
XVI - Continuação do Cânon da missa - Religião artificial e intolerante	45
XVII - Continuação do Cânon - Duração do culto	47
XVIII - Continuação do Cânon - As palavras da Ceia	50
XIX - Continuação do Cânon - Inferno dos pagãos	52
XX - Continuação do memento do Cânon da Missa	56
XXI - Continua a explicação da oração do Cânon da Missa	58
XXII - Continuação do Cânon até o Amém - De Santo Estêvão e de outros	61
XXIII - Origem do <i>Pater noster</i> no Kodish Hebraico, oriundo da Caldéia	64
XXIV - Continuação do versículo 7 da oração dominical	68
XXV - Recapitulação da encarnação Solar	71
XXVI - Continuação do Agnus Dei - Objeções refutadas	73
XXVII - Opiniões dos padres com respeito a transubstanciação	77
XXVIII – Post-comunhão - Da comunhão sob as duas espécies	80
XXIX - Sinaxis primitiva e Sinaxis atual - <i>Circum-potatio</i> a festa Ateniese	82
Apêndice - O Decálogo de Moisés	86
Litânicas de Jesus e da Virgem Maria	88
As antigas festividades religiosas comparadas com as modernas	98
Os Doze Signos do Zodiaco	98
Notas históricas sobre os principais concílios	106
Precisões históricas do estabelecimento primitivo do Cristianismo no Egito	116

Prólogo

Joseph-Marie Ragon realizou esforços inauditos na primeira metade do século XIX para extrair o conteúdo hermético dos símbolos da maçonaria. Suas obras, numerosíssimas, e por infelicidade, difíceis de localizar, são imprescindíveis para quem deseje conhecer os ensinamentos da Tradição depositados nestes e em outros símbolos. Foi o maçom que *mais conhecia o ocultismo* no século XIX.

Nasceu no último terço do século XVIII, não existindo consenso entre os autores, nem da data exata (fevereiro de 1781, segundo uns, e em 1789, segundo outros), nem sobre o lugar (Bray-sur-Seine, perto de Paris, França, segundo uns, Bruxelas, Bélgica, para outros), nem ainda da data de sua morte (1862 ou 1866).

Foi iniciado na maçonaria em Bruxelas, sendo admitido na Loja e Capítulo dos "Verdadeiros Amigos". Posteriormente foi nomeado chefe de expedição do Ministério do Interior da França, e passou a residir em Paris, tendo parte muito ativa na vida maçônica da época.

Ali fundou três Lojas do Capítulo dos Trinósofos (lembramos o título de uma das principais obras do Conde de Saint-Germain, *A Santíssima Trinosofia*). Interveio na reforma do Grande Oriente francês, e introduziu, em 1817, o rito de Misraim.

Durante cinquenta anos estudou os mistérios antigos, onde quer que encontrasse vestígios dos mesmos, dando inúmeras conferências sobre as iniciações antigas e moderna. Viajou por muitos países, entre eles os americanos, e teve a sorte de reunir uma valiosa coleção de mais de 400 rituais e outros documentos maçônicos e herméticos.

Segundo se diz, muitos lhe foram entregues pelo Conde de Saint-Germain, de quem adquiriu seus admiráveis conhecimentos sobre o esoterismo primitivo. Madame Blavatsky comenta na *Doutrina Secreta*: "Um maçom de elevado grau informou à autora sobre esta obra, que Ragon havia mantido correspondência, durante anos, com um dos orientalistas da Síria e Egito, um dos quais era um cavaleiro copta".

Por sua parte, Papus assinala que "Ragon pertenceu ao movimento templário", afirmação que não tem nada de estranho, nem é oposta à sua afiliação à maçonaria, pois, de início, na maçonaria vieram a se reunir durante todo o século XVIII as diversas correntes herméticas existentes: Rosa-Cruz, Gnose, Templários, etc. (Os graus maçônicos incluídos entre o 18 e 30, Cavaleiro Kadosh, que ensinavam nos areópagos a parte executiva e prática, procediam diretamente dos Templários).

Foi redator da revista maçônica Hermes e autor de numerosos livros. Ao morrer, legou uma grande quantidade de manuscritos ao Grande Oriente da França. Hoje em dia suas obras são praticamente inencontráveis, circulando o rumor de que, após seu falecimento, "*pessoas misteriosas se apressaram em adquirir toda edição que pudessem encontrar*".

As mais conhecidas de suas obras, ademais desta que o leitor possui em suas mãos, são:

- *Cursos filosóficos e interpretativos das iniciações antigas e modernas*, Paris, 1841.
- *Ortodoxia maçônica*, Paris, 1853.
- *Manual completo da maçonaria de adoção*, 1860-1861.
- *A maçonaria oculta e a iniciação hermética*.
- *Coleção completa dos rituais maçônicos* (5 vols).
- *Historia das três grandes-lojas franco-maçônicas na França*.
- *Quadro geral de todas as grandes-lojas*.
- *Notícia histórica sobre o calendário*.

Introdução

Os escritos dos sábios antigos e os trabalhos de investigação feitos por escritores modernos devem induzir os eruditos que desejam conhecer a verdade das coisas e estudar a origem do Espírito das instituições religiosas e civis que dominaram o mundo.

Nestes escritos, nestes trabalhos, trataram-se repetidamente de importantes temas de alta filosofia; o autor se propõe a aprofundar no mais importante e mais elevado desses assuntos.

O grande número de anos em que duraram as práticas idolátricas, fúteis e perniciosas das antigas religiões, deveu-se unicamente a adoração de um sublime obreiro invisível por meio das fases luminosas e benéficas do sol; este era o nó górdio que o hierofante desatava no antigo Egito; este é o importante mistério que se transmitia aos iniciados por tradição ininterrupta; este é o segredo filosófico conservado nas alegorias das crenças antigas e modernas.

Um deus e a moral, um Sol e o sentimento, uma família (o gênero humano) e, por conseguinte, a fraternidade entre as nações, eis a base e o objetivo dos antigos mistérios; eis a Religião Primogênita de todas as instituições que os homens denominavam impropriamente de religiões.

Ela se resume nos antigos ritos e se incorpora nos novos; por exemplo, quando o Deus romano Crépitus reparte com Júpiter algumas honras do culto; quando os altares da Gália, adoradora de Belém (o dourado do Sol) se mancha com sangue humano; quando a Nação Egípcia, que Osíris inunda com sua luz, rende homenagens divinas à cebola e ao crocodilo; quando para um Hindu possa legar aos seus filhos um nome irrepreensível é preciso que morra nas margens do Ganges, não longe de onde os magos conservam a sagrada língua da moral, este tem sido o rabo de uma vaca; quando o Grande Lama, imagem do eterno Ser, distribui entre os degradados Tibetanos seus excrementos como se fossem "sagradas relíquias", enfim, quando seu seguidor mais perfeito reinava entre os séculos de ignorância sobre o pensamento humano em nome de um Deus Solar, que nasce, brilha, morre e ressuscita todos os anos; quando ele avivava as lutas fratricidas e sanguinárias perseguições e suscitava a tirania despótica e popular *in urbe et in orbe*, para que os monarcas e as nações sepultadas em túmulo de estupidez e para que a espécie humana voltasse a descer às catacumbas, sempre cheias e jamais repletas, em que o monstro da impostura sepultava suas numerosas vítimas.

Então, a Religião, reivindicou seu doce e legítimo poderio e atuou proporcionalmente à massa das prevaricações. Sua razão, indignada, mas prudente, deu lugar a uma generosa e lenta fermentação em todas as almas, àquelas que foram depurando de modo insensível, porém certo, aquecendo-as no fogo invisível e inextinguível da verdade.

Quereis provas históricas?

Constantino, esse instrumento celeberrimo de um século, e no lado de oferecer incenso a deuses envelhecidos protegeu a nova crença, porque então era ela a Religião-fundamental; Clodoveu, alma principal de sua época, adotou a mesma crença, a qual era muito mais pura ainda que as absurdas crenças dos Gaios e dos Francos, apesar de estar já degenerada. Muito tempo depois, começou a eclipsar-se o Sol do cristianismo por ter-se interposto multidões de corpos opacos e irregulares ante suas radiações, à Religião-fundamental (diríamos melhor, a Moral) inspirou, sucessivamente a uns quantos reformadores audazes que foram os instrumentos mais ou menos certos da opinião dos seus séculos: e assim, como nos dias de batalha e de festas, a detonação da artilharia, faz com que triunfe o Sol dos esperançosos âmbitos ao arremeter contra o tenebroso fanatismo, sem que por ele conseguissem devolver ao mundo o poderio íntegro da Moral deslumbrante.

Procuremos de boa fé a verdade, mais além, cuja fronteira tem um escrito que diz: "Mais além estão as terras do falso".

Falamos da Religião-fundamento, essa árvore, sob cuja ramagem viveram e repousaram tantos deuses. Desse trono, que, em seu redor, se aderem tantos parasitas para se nutrirem com sua substância e arrebatam a coroa de seu ápice, enquanto o fio do machado corta seu coração e suas raízes.

Deixemos entrever que o Sol é a imagem mais sublime e natural do Grande Arquiteto do Universo. Assim, como a mais engenhosa alegoria de que o homem Moral (o verdadeiro sábio) tenha adotado à inteligência a "bondade ilimitada", temos afirmado: acreditamos que todas as Religiões antigas e modernas renderam ao Sol e que ainda se adora como representante do Criador invisível de todas as coisas.

Ainda acreditamos: quando uma religião nova venha a substituir a que se encontra atualmente em decadência, o Sol não deixará de ser a representação visível do Grande Arquiteto do Universo.

A partir do primeiro capítulo desta obra, daremos provas de que o culto Solar por misterioso que pareça, encontra-se gravado no oco da pedra angular do edifício pertencente aos dogmas e ritos da fé mais difundida na Europa; e faremos ver que esta latria do grande Astro relaciona-se, sem intermediária alguma, aos fiéis do Cristianismo com o mais puro culto rendido ao Grande Arquiteto do Universo.

Isto é o que fizeram os fundadores das Religiões anteriores, se bem os cobrindo com outros véus; assim, expõem ainda esta latria os depositários de crenças rivais que se empenham em pomposas demonstrações de verdadeiras asneiras.

De tudo isso deduziremos, de acordo com os antigos e iniciados modernos, que a filosofia está mais próxima da "religião-fundamental" que nenhuma das idolatrias e dogmáticas instituições que ela depura e purifica; que no seio da crença moderna se encontra essa religião, qual um diamante em seu estojo, como a vitalidade do sangue nos vasos obstruídos e para que os filósofos não depreciem aos dogmas absurdos e aos ritos bizarros, seus hierográmatas sacerdotes têm que recorrer a pô-los sob amparo da "Religião-fundamental" ou seja: da Moral. Assim, também depois de observar as tortuosas maneiras de agradecimento devidos ao Sol por sua liberalidade com todos os seres, chegamos a ter a íntima convicção de que esse astro é o agente manifesto e o Messias irrecusável do Grande Arquiteto do Universo.

Assim, poderemos compreender sem dificuldades, como os antigos "epoptas" que o espírito procedente do Pai e do Filho que é o Sol, que é ele filho do Pai, não são produtos de uma concepção absurda dos hábeis Platônicos.

Aqueles, que tiveram a habilidade de estabelecer a alegoria "trinária" no concílio dos mistérios em Nicea, com o objetivo de purgar a nova crença, sob cujo estandarte acabavam de prevenir-se do movimento politeísta das crenças caducas, obstinadas em manter a seus Sacerdotes; a redução dos Deuses "miriónimos" (de mil nomes) a "três pessoas" foi um habilíssimo golpe.

I - Da disposição dos Santos Lugares e dos instrumentos sagrados

Sabe-se que nos dogmas e ritos da religião mais numerosa, ou seja: mais extensa na Europa deixam marcas do resplendor e dos raios do Sol e que a semelhança dos "céus" cujas extraordinárias e incompreensíveis maravilhas, comprovam a glória do seu sublime arquiteto "enarran gloriam Dei" estes ritos e dogmas, são desde a mais remota antigüidade, monumentos da adoração prestada ao grande astro, o Sol, o qual é o mediador entre este supremo arquiteto e a humanidade.

Em seus estudos sobre o dogma, os sábios arqueólogos demonstraram que o culto solar nunca deixou de ser o princípio e o fim de todos os cultos, apesar dos numerosos véus de púrpura e túnicas luxuosas, poéticas e vulgares, imponentes e miseráveis em que se disfarçaram.

Não vamos agora repetir o exposto com tanto talento e clareza por estes sábios, nem queremos tão pouco fatigar nossos leitores com o peso de triviais verdades. Não vamos circunscrever-nos ao ritual e a liturgia da nova religião (a cristã) com a esperança de encobrir neste círculo às vezes nebuloso até o mais débil raio do culto Solar, acreditando desde a mais remota antigüidade até os nossos dias.

Chegaremos a demonstrar que a teogonia os dogmas modernos nasceram no berço dos antigos povos e nas nações que ainda existem.

O oriente é o ponto de onde o Sol sai aparentemente, segundo opinam os Brâmanes, os Israelitas e os Romanos rezavam em direção ao oriente.

Segundo o novo ritual, as igrejas devem estar orientadas de maneira que sua entrada seja voltada para ocidente e seu altar maior seja colocado no oriente, ponto do mundo onde o Sol aparece com seu primeiro raio de luz.

Dionísio de Trácia conta que os Templos antigos, estavam situados de cara para o oriente, coisa que também disse Vitrúvio. Os Egípcios usavam em seus edifícios sagrados faixas amarelas, verdes, azuis e brancas; as faixas brancas roxas e azuis, pintadas em torno das igrejas da França, sobre as quais os senhores pintavam seus escudos de armas, representando o zodíaco tal qual fazem os maçons com babados e adornos em seus templos.

As abóbadas dos templos Egípcios assemelham-se às estrelas sobre um fundo azul.

Muitos templos católicos antigos têm conservado os emblemas astronômicos.

A porta do Oriente; a porta do príncipe, (*príncips porta*) a porta deste mundo, a porta do Rei da glória, (*regis glóriæ*), a porta da luz da entrada solene do Sol ao longo do quadrilátero da terra deve situar-se no ascendente (*levante*) por esta porta da vida é por onde são conduzidos os recém-nascidos para a pia de batismo; a esquerda deste edifício (o norte tenebroso por onde viajam os aprendizes, onde se submetem os candidatos à prova da água) é onde estão situadas estas pias, e com freqüência um poço. Os neófitos prestam seus juramentos no Oriente onde se encontra o venerável.

Nas sessões de maior solenidade, o altar principal é adornado com o ostensório, o Sol e seis velas acesas. O ostensório, ou custódia é o símbolo do Sol que resplandece com sua própria luz: as seis velas colocadas três a sua direita e as outras três à esquerda indicam os únicos planetas que então se conheciam, que brilham refletindo sua luz radiante, ou seja: o Sol.

Entre dois cristais transparentes, colocados num círculo radiante e repleto de pedras preciosas se encerra um pão de farinha de trigo (hóstia) vítima oferta vegetal, que graças ao progresso da civilização, substituiu o sacrifício de homens e animais. Os pagãos tinham vítimas eleitas as que denominavam "*eximiae hostiae*". A hóstia por consagrar é uma redução das hóstias pagãs consistentes de pastéis que se ofertavam aos Deuses. Os pagãos, também denominavam de vítimas artificiais, quando substituíam as vítimas animais exigidas neste ritual por esses pães de massa cozida que tinham sua forma. O pão simbólico dos cristãos traz a figura de um homem estendido sobre uma cruz santa "o Tau Egípcio", a cruz, emblema da morte e da reprodução.

No Egito, os sacerdotes sigiladores ou seladores imprimiam nas vítimas os selos ou, sigilo. Os hierofantes da nova fé mandavam gravar diversos caracteres hieroglíficos no pão: aqui a hóstia

representa um homem crucificado, emblema da vida extinta e privada das benignas influências do Sol. Ali, eis a alegoria do Sol, do cordeiro celeste e dos sete meses de grande luz existente no círculo anual, alegoria oferecida em forma de um cordeiro dormindo sobre o livro dos sete selos.

Sacrossanto talismã, o ostensório é o símbolo expressivo do deus-sol, o tipo irrecusável desse messias diurno e anual cujo reino não terá fim. Sobre nossos altares ilumina a imensidão onde giram os planetas entre os quais se encontra a terra, "*scabellum pedum tuorum*". O Tabernáculo, emblema da terra está alimentado com o fogo desses raios; e do seu disco germinador e conservador, todas as substâncias recebem a nutrição, o crescimento, a morte e a nova combinação de onde provém a reprodução.

Os sábios marcavam estas épocas astronômicas por meio de festas religiosas das quais os bons viventes sabiam se aproveitar para lograr ganhos fáceis.

A palavra tabernáculo, significa tenda pequena, barraca ou pequeno pavilhão, porque o Sol não faz outra coisa que acampar na terra. As flores com que se enfeitam o tabernáculo e o incenso que o perfuma, são os signos da gratidão que sentem os homens ao astro divino, que os faz crescer, chegar à maturidade e multiplicar-se.

O linho branco do altar, ademais como pontífice que revestido com este gênero de tecido, chega ao altar levando no seu colar o disco do sacerdócio Solar, são os emblemas da pureza oferecendo um sacrifício puro e do seu sacrificador imaculado o qual serve de mediador entre ela e o Sol.

O hierofante oferece ao Sol o pão "ázimo" cuja farinha é o emblema da terra purificada e fecundada pelo astro e da salubridade de seus frutos. Sobre este pão circular e transparente como seu mistério está representado um Cristo, símbolo da figura do redentor da terra, cujo retorno penoso, verificado todos os anos devolve a vida a todas as coisas criadas ao longo quadrado do globo.

A cruz representa os quatro lados desse quadrado. No Egito antigo, a cruz em forma de T ou com uma "argola" na parte superior se elevava nas estátuas dos deuses maiores, e principalmente das mãos de Osíris, o Sol velho e de ouro (Hórus) o Sol novo. É opiniao geral de que o Tau representa por sua vez o signo da vida e da terra animada. Os Egípcios e seus fiéis imitadores maçons somente tiveram em conta três ou quatro lados da terra, porque o Sol não percorre o lado Norte a isto se deve que a linha perpendicular não se prolongará sobre a horizontal que forma o T. Os conhecimentos astronômicos, tanto tempo estacionários em comparação com os demais, se estenderam e então se traçou o prolongamento do T de maneira que representasse uma cruz de malta, em forma de + daí o grande quadrilátero alongado da terra, e o traçado de sua longitude e latitude.

Nos templos da religião atual, tem uma grande lâmpada que arde dia e noite. Está suspensa à frente do altar or (ara máxima), depositário da "arca Solar". Outra lâmpada que arde ante o altar da virgem mãe é o emblema da luz da lua. Sabemos que Clemente de Alexandria acreditava que os Egípcios foram os primeiros em utilizar lâmpadas para ofícios religiosos. A crença dos Parsis com seus ritos do fogo é antiqüíssima. Quem ignora qual foi o dever mais sagrado e terrível das Vestias, ou Vestais? Se os templos Maçônicos estão iluminados por três luzes astrais, o Sol, a Lua e a estrela geométrica e três luzes vitrais é porque um dos pais da Maçonaria, o douto Pitágoras disse que não se deveria falar sem a tocha das causas divinas. Os pagãos celebravam festas das lâmpadas (Lampadoforias) em honra a Minerva, Prometeu e Vulcão ou Vulcano, os pais mais antigos da nova religião, principalmente Lactâncio atacaram acormente a introdução das lâmpadas pagãs nas igrejas: "se se dignassem, diz, contemplar a claridade chamada Sol, reconheceriam que Deus não precisa de lâmpadas". Vigilantius diz, também, que sob pretexto de religião se estabeleceu o costume de uso pagão de vis lâmpadas iluminando igrejas, enquanto o Sol brilha com a plenitude de seu esplendor. Não é isto uma grande homenagem prestada ao Cordeiro de Deus (o Sol assim representado) que colocado no meio do trono (o universo) o enche com o esplendor de sua majestade?

Tais passagens não provam porventura que a igreja primitiva adorava o Grande Arquiteto do Universo em sua imagem o Sol, criatura única? Assim, vamos demonstrar de que forma alongou este simples mistério afastando da nova religião o significado verdadeiro da religião fundamental.

II - Continuação da mesma matéria

Antes de penetrar no labirinto, é necessário oferecer algumas instruções preliminares a quem tenha ânimo bastante para seguir-nos. Se as asperezas e os precipícios, dragões e fantasmas aterrorizam aos homens tímidos, é preferível que renunciem as provas da alta iniciação, pois do contrário seriam demasiadamente desgraçados durante todo o resto de sua vida.

Creio possuir o fio protetor e a chave misteriosa que abre a verdadeira passagem aos que são dignos da grande iniciação. Santo Agostinho nos descobriu a maneira de girar a chave na secreta fechadura, com estas únicas palavras de passe: *Omnia sunt per allegoriam dicta*; quer dizer: não desmaies quando vires Cérbero e as Eumênides: caminha sem vacilação alguma sobre a áspide e o basilisco, buscai e encontrareis; meditai e acabareis por compreender que tudo o que se ensina está coberto com seu véu das alegorias necessárias para a paz pública, já que o povo não está suficientemente instruído.

Segundo adverte o mais veronado pai da Igreja, advinho que o metal do ostensório, o vegetal que nele se guarda e o hierofante, cujas mãos estão revestidas por finíssimo tecido simbolizando a influência Solar nos três reinos da natureza: *Si fodieris invenies*.

Ao examinar novamente o signo de um Cristo na hóstia, chego à conclusão de que se trata de uma engenhosa alegoria e minha razão, inspirada em Santo Agostinho não tarda a revelar-me que todos os germes e espécies compreendendo nestas o gênero humano, que se extinguiriam se o Sol não ressuscitasse depois de ter experimentado o suplício dos meses de inverno: *per allegoriam dicta*.

Na cruz, reconheço o emblema dos quatro pontos cardeais, onde está deitado um homem ou um cordeiro, símbolos do reino animal, como a hóstia é do vegetal. A cruz está plantada na terra, com o que se completam os três reinos, que circundados pela ação do sol surgem deste estado de morte para passar ao estado da vida: *per allegoriam dicta*.

Os templos da nova crença devem ter uma forma de uma + e as lojas devem ter uma forma de quadrilongo, porque os antigos acreditavam que a terra tinha esta forma, coisa que ainda aceitam os chineses. Os templos antigos, que eram figuras representativas da terra e de suas criaturas foram denominadas pelos Gregos: igrejas, ou seja, assembléia de fiéis, conventos de iniciados, reunião de irmãos, a palavra Loja de que usam os maçons, ao referir-se ao seu templo, os quais são sucessores dos iniciados, tem sua raiz em *loga*, a qual significa o mundo na língua sagrada de Ganges e da palavra Logos, que quer dizer verbo, discurso, razão, palavra ou seja o lugar onde dá a palavra, se explica a razão das coisas e se revela o verdadeiro significado das alegorias sem perigo para os homens experimentados.

É útil recordar aqui as divisões arquitetônicas dos templos da antigüidade.

1º O vestíbulo, o *parvis* ou átrio onde havia um poço de onde se retirava a água lustral, recebia o nome de *Naos*, a nave por onde todos os fiéis (os iniciados menores) podiam entrar.

2º O santo lugar, o lugar do logos, por onde não entravam os povos dos iniciados, coisa que ainda se pratica com companheiros que ainda não cumpriram seu tempo. Em certos templos existia um "transtemplo" situado no mesmo nível do templo, como ocorre no de Saint-Roch de Paris, ou um templo subterrâneo como o de Saint-Denis; de forma que estes edifícios religiosos tinham três câmaras, compreendendo entre elas a da morte e a da ressurreição.

Dessa maneira, eis que os templos dos Maçons e dos Cristãos foram construídos baseados do mesmo modelo: porém ainda mais, se parecem na colocação no oriente assentado o altar-mor, porque por esta porta surge todos os dias a luz vitoriosa das sombras porque a tocha filosófica vem do oriente.

A *ara máxima* dos modernos tem sobre ela, como já foi dito, o sistema planetário dos antigos. Para que não haja dúvida alguma a respeito da certeza desta descoberta, direi que este altar, denominado Sol, sol-santo sacramento, continue no centro incrustada sob os raios do Sol, cuja luz quase vertical vela um lenço de Unho a pedra quadrada, a pedra sagrada, a pedra santificada, ungida, que unicamente o hierofante, ou seja: o mais adiantado dos iniciados pode tocá-la sem contaminar-se nem cometer sacrilégio. Não esqueçamos tão pouco que o deus Término - o *quadratus deus*- era adorado pelos romanos em forma de uma pedra quadrada. Sobre a pedra quadrada, descansa o cálice e as oblações do grande sacrifício da *messis* dos iniciados e a missa dos profanos.

Esta pedra é ainda, a imagem da terra fecundada pelos raios do Sol; sobre ela se encontram a oferenda do pão e do vinho dos demais produtos vegetais. O altar quadrangular lembra a lenda antiquíssima de que a terra tinha esta forma, e a pedra perfeitamente quadrada incrustada no altar, indica uma retificação desse sistema errôneo, retificação que chega ao seu término com o símbolo circulando a medalha. De forma que o altar, a pedra, a medalha, o cálice, são três tipos de erros sucessivos a respeito da forma do nosso planeta.

A respeito da pedra, temos a dizer que seu quadrado indica perfeitamente a antiga crença de que a terra era quadrada, que levando impressa as marcas dos pontos cardeais e do centro Solar em forma de +, coisa que vem a corroborar ainda mais sabendo-se que sobre a pedra ungida e borrifada de água benta estendia-se até o linho fino e branco imagem da vegetação terrestre e dos produtos necessários à vida.

Sobre esta pedra que, desprovida dessas alegorias, não seria de nenhum valor, sobre esta *lápiz cristícola*, que os primeiros sábios talharam com rudeza e que seus sucessores a poliram por meio de penoso, mas frutífero, da gradual civilização, sobre esta pedra hieroglífica, *oh meus irmãos*, desejo descobrir o símbolo da terra na idade do ouro, dessa Virgem imaculada, porém sempre fecunda que oferece ao Sol a primícia da colheita, por mãos inocentes de seus filhos justos e gratos. Virgem cuja castidade e inesgotável seio enriquece o Messias cada vez que aparece em nome do eterno Ser.

Antes de se restaurar um culto digno do criador e de suas criaturas inteligentes, a terra gemia afogada na lama de sanguinárias superstições, sob a sombra da idolatria, sem compensação alguma para a moral. A religião fundamental refugiara-se em templos subterrâneos cujo oculto acesso era vigiado por altos iniciados, armados com o talismã do silêncio, o escudo da alegoria e a espada da razão; alguns magos caminhavam com preocupação e silenciosamente sob a ameaça das falanges dos charlatães do politeísmo, através da entrada desses asilos. A alma de Sócrates se refugiava aos pés do altar de "Ceres Eleusina".

Após longos séculos de estupidez, os Deícolos, que adquiriram forças por terem se associado a eles, os iniciados maiores, assim como os hábeis fundadores do cristianismo e alguns sábios verdadeiros se dedicaram a reconstruir a moral eterna fundamentando-a no dogma da unidade de Deus, cuja verdade converteram em coisa simples e pura, e não admitiram outra oferenda que não fora de frutas: separavam-se dos cultos impuros quando estes perdiam o apoio do espírito regenerado dos povos; reuniram os anéis dispersos da cadeia fraternal, e deram-se a palavra de auxílio em estreito, porém luminoso círculo das verdades aceitas e reconhecidas. Então, foi quando os tristes órfãos da religião fundamental consagraram as seguintes profundas palavras: "a mim, os filhos da viúva!" e da mesma maneira que ofertavam ao sol as primícias dos frutos mais nutritivos, depositaram os mais são princípios na arca da aliança indestrutível, no coração do homem e da natureza; e deram as formas aos hinos e até aos átrios de seus santuários o encanto de uma augusta sensibilidade. E,

enquanto triunfaram os assassinos e embusteiros sacrílegos, se coroaram as cabeças de flores, enchem as mãos de frutos que ofereciam ao Grande Astro como Deus único. Assim infundiram nas almas simples, sensíveis, e nos espíritos são o horror pelas demências e matanças religiosas.

Por meio do culto ao Sol, os *solícolas* uniram por meio do culto solar aos amigos da razão e da ordem com os filhos da viúva (a moral) na adoração de um Deus único.

Assim foi como o sacrifício inocente da colheita (a missa) pela qual comemoram as castas oferendas de Abel, da Páscoa Israelita e da ceia dos israelitas reformados, adquiriu com a introdução das cerimônias empregadas nos mistérios do Nilo, do Ganges e do Jordão tal relevo que foi imposto às demais manifestações religiosas.

Assim, a oblação de frutos ao Grande Arquiteto do Universo, representado pelo grande Astro, chegou a ser o ato mais augusto do novo culto, no qual os que intervieram, foram admitidos, perdendo seus nomes fundiram-se, sucessivamente, aos Deuses Osíris, Ísis e Hórus dos Egípcios; Bel, Belo, ou Belfegor, e Astarté Crucifera dos Babilônios; Brahma, Siva e Visnu dos hindus, Sommonacodum (Sakyamuni) e a Virgem Mãe, fecundada pela virtude do Sol, cidades supremas dos Italianos; Odin, Thor e Friga, dama por excelência dos Escandinavos, Theutates, Belén e a Virgo-Paritura, dos Celtas; Coelum, Apolo, e a Magna Mater dos Gregos, etc.

Espero demonstrar, nos capítulos seguintes, que o ato mais solene da nova crença tem-se conservado, apesar do peso dos séculos e da lima das novidades nas formas das antigas iniciações conferida pelos antigos Solícolas e os iniciados modernos.

III - Vestimentas sagradas da antigüidade e que se conservam no culto moderno. Preparação para a missa pelo jejum e a oração. Benção pela água lustral e distribuição do pão abençoado. O intróito, símbolo das antigas iniciações. Do diálogo, desde o intróito até *montem sanctum* e dos altos lugares sagrados *altares primitivos*. Episódio da iniciação de Apuleio nos mistérios de Mênfis, necessária pela sua relação com os ritos modernos religiosos e Maçônicos, cujo exame comparativo constitui objetivo principal desta obra.

O sacerdote que se dispõe a celebrar a oferenda da colheita (*messes*) deve estar em jejum para que nenhum alimento impuro macule as primícias inocentes da respeitosa dádiva que irá oferecer.

Na sacristia (o *sacrarium*, onde os pagãos depositavam as coisas sagradas, sacras), prepara-se ao augusto sacrifício recitando orações. Orfeu recomenda estas orações nos seus hinos; Pitágoras em seus versos de ouro e Numa em suas leis. Du Choul diz que os sacrificadores Romanos tinham por costume confessar-se antes de sacrificar.

O sacerdote se reveste de hábitos e ornamentos consagrados que herdaram dos sacerdotes pagãos porque o bonete quadrado com que se cobre o *Flamen* qual tinha na parte superior uma grande borla de fios de seda ou lã que recebia o nome de *flammeum* e a sotaina preta nos lembra a dos *hierocoraces*, *sacerdotes de Mitra* chamados comumente assim pelas suas roupagens de cor de corvo (*corax*).

"Os reis da Babilônia usavam um anel de ouro que era ao mesmo tempo selo, sandálias que os reis vencidos beijavam, um manto branco, uma tiara de ouro, de onde pendiam duas cintas. O Papa, imagem viva de Nabonasar, usa como este, um anel de ouro que também lhe serve de selo; Sandálias onde os reis do ocidente beijam a imagem profana de Jesus; um manto branco de tecido salpicado de estrelas de ouro, e uma tiara de ouro, adornada com pérolas, rubis e diamantes cujo valor se estimava em quinhentas mil moedas de ouro, enriquecida com uma rica fivela (frieregio)". (Gaussin, V. *seu profeta Daniel*).

Continuemos o inventário: O Sacerdote herdeiro se enfeitava com a túnica de Ísis (alba isiaca), ornamento dos sacerdotes de Ísis, os quais raspavam a cabeça e se presumiam de castos. Cobre-se com a "casula, cobertura fina e ornada usada pelos sacrificadores fenícios e egípcios que recebiam o nome de "calasiris" se cobriam do pescoço até os pés, e com o "amito" (orarium) usados pelos pontífices pagãos igualmente com a alba e a casula" quando sacrificavam. Numa ordenou que o sacerdote sacrificador usasse sobre a "alba" uma túnica pintada com um peitoral de bronze. Nas épocas de maior opulência, os sacerdotes Romanos usavam o "amito" sobre a cabeça e os peitorais e casulas de ouro e prata. É, em parte, ao segundo Rei de Roma, que a Europa deve os vestimentos dos sacrificadores da nova crença: digo de minha parte, porque estas roupagens sagradas da Ásia, Fenícia, Egito e de Roma pagã, foram anexadas à estola o *ephod*, o cinturão dos Hebreus, o *roquete*, sendo coisa inegável como observou o Cardeal Baronio, que no ano 44 da era cristã, os sacerdotes do paganismo usavam a sobrepeliz, o bastão augural (lituus), o anel, a mitra e a *alba (alba vestis)* quando realizavam os sacrifícios.

Entretanto prosseguimos com o sacrificador moderno, o que se apresenta na parte inferior do altar como se estivesse absorto ante a majestade de Deus a quem vai invocar; ele é Moisés posternado ante o espírito da *sarça ardente*; o *Melquisedec*, o Santo dos Santos; é o *grande escocês filosófico* o grande Sacerdote-Rei da família que se ajoelha com a face em terra, sobre os (3, 5, 7) degraus do santuário, onde reside simbolicamente, com toda a Glória ao Grande Arquiteto dos mundos e das Nações.

O oficiante porta, no alto da cabeça, na coroa de Rei, *in monte sancto*, posição no *sentido religioso*, a tonsura, marca circular que evidentemente é o emblema de sua consagração ao Sol, cujo disco representa. Abençoa o grande astro em nome da terra, a qual é um constante objeto de amor e de beneficência para o sol; ele a representa por meio da + (tau egípcia) estampada na *casula*, que é branca, se o sacrifício é festivo ou de alegria; preta, se é triste; roxa, se por ele se espia o sangue de um justo. Também se simboliza a terra por meio da estola, emblema zodiacal que circunda e rodeia a terra. O celebrante é, por si mesmo, o anjo (o enviado) da terra purificada que se acerca a seu Deus, *in albis et candidis*.

Enquanto o oficiante se prepara, o templo de iniciados são purificados pelos cânticos e aspersão de água lustral (benta). O pão de ceia celebrado pelos cristãos primitivos era abençoado e oferecido sem distinção de classe ou fortuna entre todos os filhos do mesmo pai. Os Romanos comiam de igual modo pãezinhos redondos em homenagem aos seus deuses, esta comida era menos filosófica que a moderna, cuja sublime alegoria raríssimas vezes produz o devido efeito.

O oficiante, chegando aos pés do santuário, recita a introdução do sacrifício da colheita, começo que em língua mística se denomina intróito e que consiste em um diálogo que se estabelece entre o sacerdote e a pessoa que o assiste, o hierofante e o neófito.

O celebrante se persigna com o símbolo da terra, *signo-crucis*, e anuncia que irá falar na qualidade de mediador, em seu nome, ao Grande Arquiteto do Universo. Esta persignação que se repete, seguidamente, o ajudante e os irmãos ou fiéis significa que não há profanos no templo; e, uma vez mais, o Tau de Osíris, é o símbolo da vida e emblema do começo da nova existência pelo efeito da iniciação.

Irmãos escutai o exórdio do sacerdote da terra quando se inclina ante o Sol, para que, atentos ao ouvido e a vista se desperte a memória dos iniciados!

Aproximar-me-ei ao altar de Deus, do meu Deus que enche de alegria minha juventude. Quem é esse Deus? Não será por acaso o Sol? O astro que diária e anualmente revigora, rejuvenesce e enche de alegrias e riquezas a esta terra constantemente jovem, virgem e mãe, que se não sentisse as carícias e contatos do Sol envelheceria, como uma triste viúva cheia de aflição?

"Porque, o sacerdote acrescenta, terei de andar aborrecido (*tristis incedo*) enquanto me aflige meu inimigo, (*dum affligir me inimicus*)?".

Nesta frase se descobre o sinal da primeira fórmula iniciática, praticada nos mistérios mais antigos (*tristis incedo*). A tristeza acompanha meus passos neste lugar privado de luz. Que temores me assaltarão nesta obscura rota em direção ao desconhecido? *Et affligit me inimicus* e o inimigo agrava com inquietudes minhas aflições. Não tem por acaso este inimigo, grandes relações com certos guias de provas relativas a determinadas viagens, e com as desmedidas paixões que atormentam a tantos insensatos no curto, porém perigoso caminho da existência?

A continuação do *intróito* ou iniciação irá descobrir os *Epoetas* e verão se estou equivocado.

Discerne causam meam de gente non sancta: Senhor, faz com que separe minha causa da gente ímpia, é dizer: distingue-me da gente profana, não me confundais com a Nação que não se santificou iniciando-se nos mistérios.

Ab homine iniquo et doloso erue me: Afastai-me do homem iníquo e falso, ou seja: livrai-me das ciladas que tendem para a malícia e a iniquidade, que se erguem sob meus pés.

Ermitte lucem et veritatem tuam; difunde tua luz e tua verdade: o que quer dizer: verte tua luz, manifesta em mim tua verdade, a diferença entre a luz solar e a moral. Está bem claro: e sua repetição no versículo seguinte constata sua importância.

Lux et veritas conduxerunt et adduxerunt me in-sanctus montem tuum: A luz e a verdade me conduziram ao teu monte santo; é dizer, o desejo de receber a verdadeira luz, de conhecer a verdade em seu aspecto mais puro me levaram à tua santa montanha.

O que significa para o celebrante o seu *monte Santo*, se não o altar sob uma elevação onde se pode chegar somente depois de ter acesso pelos degraus simbólicos? Não adoraram todos os povos o Sol na sua elevação? A torre de Bel, Baal ou Babel tinha seu templo na Caldéia. Supõe-se que a mais alta pirâmide egípcia foi consagrada a *Osíris*. Todas as montanhas que lembram feitos importantes da França, Inglaterra, Espanha, Itália, Suíça, etc. foram, em sua origem, consagradas a Belém, como Saint Michel, Saint Bernard. O Apolo dos Gregos não morava numa montanha santa? E entre os Hebreus, o *Deus Altissimus*, o Altíssimo, o Sol, não é o mesmo Deus do Horeb, de Sion, do Tabor e do Sinai?

Por monte santo os hierogramatas modernos conservaram a lembrança desses altares primitivos e a memória das iniciações antigas *intróito* da oferenda das colheitas. Como falarei frequentemente nesta obra dos antigos mistérios, creio que é conveniente que descrevamos ao menos as cerimônias empregadas na iniciação de Apuleio, nos mistérios de Ísis, acompanhando de seu relato, o mais breve que me seja possível:

1º - Levando uma *lâmpada* (vela ou luz) na mão, passou Apuleio por criptas baixas e tenebrosas, chegando a um precipício, cuja *boca* estava tão polida como gelo e na impossibilidade de retroceder. Descendo pelo precipício, cuja boca era de ferro e sua fechadura de aço brilhante. Chegando até o último degrau que estava a sessenta pés da entrada, havia um abismo mais espantoso ainda. Apuleio tornou a subir alguns degraus cheio de terror. Ali encontrou uma reduzida abertura que servia de entrada para um caminho em espiral, o qual levava até o fundo do precipício; um *experto* iniciado o seguia de longe em silêncio absoluto. - Ao Norte do abismo se avistava uma grade de bronze; ao Sul, outra grade de ferro, fechada, através da qual se divisava uma avenida iluminada pelo esplendor de luzes, *tochas*, avenida que atravessava numerosos arcos. Os iniciados cantavam sob estas abóbadas hinos melancólicos, cujos ecos repetidos, feriam os sentidos do candidato. Então, o *experto* iniciado, se aproximou dele e o conduziu a ala do Norte e desapareceu. A grade foi aberta com facilidade, porém, quando o neófito passou, a porta se fechou com grande

ruído que repercutiu pelas abóbodas. Iluminando-se com sua lanterna, Apuleio leu as seguintes palavras: "Aquele que cruzou esta abóboda, sem olhar para traz, será purificado pela ÁGUA, pelo AR e pelo FOGO e se lograr triunfar do horror à morte, sairá do seio da terra e voltará a ver a LUZ e estará apto para receber a revelação dos mistérios da grande Ísis (ou da grandiosa Ísis)".

2º - Apuleio vagou rodeado de sombras pelos subterrâneos do Templo de Mênfis, logrando chegar à porta do meio dia, onde se lhe apareceram três homens armados e cobertos com máscaras que simbolizavam cabeças de cão, (símbolo de Anúbis-Mercúrio-Tubal-Cain), cujo chefe lhe disse com voz severa): "continuai vossa viagem se os deuses lhe derem forças para isso; porém, tremei se voltardes sobre vossos passos, porque nos apoderaremos de vós. No entretanto, estais a tempo de retroceder; pensai detidamente em que não tornareis a ver a luz se derdes apenas um passo para a frente e não lograreis chegar até o final. Tendes em conta que isto unicamente pode-se lograr abrindo-se o passo sem virar a cabeça".

3º - Depois de cinqüenta passos, divisou LUZ e claridade crescente. Teve que cruzar uma ardente abóboda de cem passos por uma grade de ferro vermelha de trinta passos de comprimento e oito de largura. Ao tê-la cruzado, encontrou uma torrente de cinqüenta pés de largura que se podia atravessá-la a nado com a ajuda de duas rampas. Apuleio a atravessou, tornou a vestir-se e subiu vários degraus chegando a uma ponte elevadíssima cujos dois anéis se movimentaram sendo, em seguida, elevado. Achando-se neste estado viu, a seus pés, um abismo de onde surgia um poderosíssimo vendaval que apagou a sua lanterna. Imediatamente, depois, um suave contrapeso entrou por uma porta de marfim (a porta do Oriente).

Esta se abriu e os olhos do neófito se deslumbraram ante o fulgor das luzes e do ouro que resplandecia por toda parte. Apuleio adiantou-se entre as filas de sacerdotes vestidos com largas túnicas de fino linho. O hierofante que se achava num trono situado no fundo do templo felicitou a Apuleio por seu valor, e, estendendo-lhe: um copo cheio de água do Nilo, disse-lhe:

Que esta água seja a bebida de *Esquecimento* de todas as máximas que ouvistes de línguas profanas!

Apuleio bebeu a água e se prostrou por terra aos pés de Ísis. O hierofante sobre ele disse as seguintes palavras:

"Ísis! Oh grande divindade do Egito! Outorga teu espírito ao novo servidor que acaba de passar por tantas provações e perigos para apresentar-se ante ti. Faz bem assim que saia vitorioso das *provas de sua alma*, faz com que seja dócil à tuas leis a fim de que mereça ser admitido em teus augustos mistérios".

Todos os sacerdotes repetiram em coro este desejo. Depois, o sacerdote levantou Apuleio e lhe apresentou um licor reconfortante, dizendo-lhe:

Que este licor seja uma bebida de *Memória* para as lições de sabedoria que receberás!

Neste instante, sob o simulacro de Ísis e à luz de uma tocha, Apuleio foi revestido com o hábito de iniciado, chamado estola olímpica (celeste), a qual consistia em uma túnica branca de fino linho, de listras azuis, escarlates e púrpuras, ademais de uma casula (*clasisiris*), bordada com dragões e grifos. O hierofante coroou o neófito com uma coroa de palmas brancas em forma de Sol radiante e o ajudante descobre a cortina do santuário para mostrar ao novo iniciado os assistentes que enchem o templo.

Conhecedores deste antigo relato, Irmãos iniciados, entenderéis perfeitamente o significado oculto do intróito da missa e do ritual desta oferenda e invocareis, em vosso auxílio, os dogmas e liturgias da remota antigüidade esculpidos na árvore da moderna crença.

IV - Do *Domine-Sol* dos antigos rituais - Véu com que se acobertaram estas palavras sagradas, ao chegar o renascimento das letras - Do *Deo optimo*, em uso nas Universidades, os três intróitos, do intróito da missa considerados como lembrar as três viagens que se realizaram nos mistérios de Mênfis - Aspersão, procissão, bênção do pão e sua distribuição entre os fiéis - Purificação pelo incenso - levantamento do véu ao terceiro *introibo*.

Permaneci, no capítulo precedente, no versículo *Montem Sanctum* do intróito. A este respeito falei da relação existente entre este e os altares que antigamente se encontravam nos cumes das montanhas, e sentindo, então, a necessidade de dar aos meus leitores uma idéia das iniciações primordiais, é preciso, antes que nos adiantemos mais nos emblemas da iniciação moderna, como por exemplo, tomei a iniciação de Apuleio, transmitida por ele mesmo, como testemunho irrecusável. Porém, sento ser necessário que me afaste do caminho traçado para facilitar o caminho dos Irmãos que me seguem. Antes de apertar o passo, devo dar a prova que prometi, ou melhor dizendo: uma das provas da realidade da relação entre o Sol e o Senhor Deus, de que fala o intróito da oferenda da colheita.

Outrora, existiam tantas liturgias como sedes episcopais, quer dizer, lojas mães. Nas três mais antigas liturgias da crença moderna, as invocações ao Senhor-Deus, levam o evocativo, *Domine Sol*, Senhor-Sol.

Apesar da precaução com que se tratou de substituir em tempos posteriores *Sol* por *Deus* (palavra do enigma), alguns prefácios implicam ainda com esta palavra sagrada *Sol*, que no dativo reúne os significados favoráveis a dupla doutrina pela qual os eclesiásticos lutavam.

Exemplo: *Nemini dico, nemini dixi, sed tibi, soli deo*: isto é, primeiro sentido: não o direi a ninguém, não foi dito a ninguém, se não somente a ti: Deus somente, Deus único. Eis que voltamos à consagração da unidade do Grande Arquiteto do Universo revelada aos grandes mistérios da antiguidade: No *nemini dico et nemini dixi* (eu não o disse a ninguém, a ninguém o revelei), está impresso o juramento que prestavam os grandes iniciados comprometendo-se a guardar silêncio sobre o dogma da unidade de Deus, a causa da usurpação do politeísmo.

Segunda acepção: caso se tome o sentido do dativo *soli*, é preciso traduzir: eu não o digo, eu não o revelei senão a ti, Deus-Sol, Sol-Deus. Nesta versão se pronuncia a palavra sagrada que constitui a chave da nova crença, (a palavra do iniciado nos mistérios menores) Deus-Sol. Graças a monomia do sentido das palavras, *Sol*, o astro Rei, e *solus*, somente, se pronuncia, portanto, a palavra sagrada dos grandes iniciados: ou seja, *somente Deus, Deus único é o Grande Arquiteto do Universo*.

Oh, meu irmãos! Quão poderosa é a influência das palavras! Os dativos do Sol e de Solus, por serem homônimos pelas letras e pelo som, tem ajudado poderosamente nos nossos países a desterrar o imoral, absurdo e feroz politeísmo. E se alguns de vocês quiserem saber por que razão desapareceu o ritual do *Dominus Sol*, (Senhor Sol), eu lhe responderia:

Nos obscuros tempos da ignorância em que a verdadeira ciência (a qual logrou subtrair as espadas e tochas dos bárbaros e a política dos seus chefes) chegou a ser propriedade exclusiva dos clérigos, não havia perigo algum de profanação quando se cantava publicamente o *Dominus Sol* (Senhor-Sol) e o *Solis Deo* (ao Sol-Deus), porque se estas palavras tivessem ressonância fora dos claustros e dos templos, cruzando os campos ainda idólatras, e as ignorantes cidades, não teriam produzido sensação alguma: teriam sido tão pouco compreendidas como o são atualmente as *Visperas* latinas, o *Alleluia* hebraico, o grego *ágios ou Théos*, pelos lavradores de Puy-de-Dome e das Landas ou de Finisterre.

Porém, a partir da época em que a ciência libertando-se do estreito recinto dos claustros, fundou escolas nacionais, criou cátedras, outorgou graus honoríficos ao saber dos institutos, academias de letras, êmulo das cavalarias das armas. Desde o momento em que o poder lhes era confiado, o poder

da difusão entre as almas livres e aos espíritos fortes, sugeriu ela aos nossos Reis, o verdadeiro remédio contra a usurpação feudal (a libertação dos municípios) desde então, os pontífices preocupados em conservar o mistério cercaram de véus cada vez mais densos a medida que aumentava a luz da instrução que se aproximava da verdade filosófica. Os hierofantes que tinham interesse em manter a ignorância dos povos, não admitiam que se fizesse a luz, o Deus-Sol fora dos templos, lançaram sobre o disco Solar nuvens densas. Logo, os mais timoratos, dirigidos por mãos vigilantes, suprimiram de quase todos os rituais o Sol, o *domine-Sol*, a palavra sagrada Sol, que devido ao progresso da cultura, era cada vez mais fácil de traduzir e compreender. E, a prova é que esta palavra sagrada se conservou, durante muito tempo, intacta nos breviários e liturgias das comarcas mais distanciadas do lar das letras.

Contudo, as universidades a conservaram, com letras de honra, nos atos e teses, assim como nos frontispícios dos templos maçônicos e em suas atas, as quais levam as palavras dedicatórias: À G.: do G.: A.: do U.:

Quem, dentre nós, ignora que nas atas universitárias estão com letras maiúsculas D.O.M. (*Deo Optimus Maximo soli Deo*)?

Os profanos traduzem esta frase a Deus, ou ao Deus melhor e maior, com que se subentende que existem deuses subalternos; afirmar esta glória é uma suprema imbecilidade. Os verdadeiros iniciados lêem, contudo, a Deus, todo bondade, altíssimo ou poderosíssimo Deus-Sol, esta tradução é clara e natural: a primeira é absurda.

Duas necessidades episódicas distanciaram-me do *intróito* da missa, é dizer, da memória da iniciação antiga: porém, volto a ela crendo que será agora melhor compreendido.

Observem-se os três *introibo ad altare Dei*. O primeiro abre o diálogo, o segundo o suspende e o terceiro o termina.

Por que estes três estribilhos? Porque assinalam, de forma positiva, as três viagens das iniciações antigas. Este mesmo procedimento emprega-se, também, em outras cerimônias que precedem a da missa, ou pertencem a ela para conservar a lembrança das provas empregadas nos antigos mistérios.

Nas missas maiores ou missas dominicais consagradas ao Sol *Domino Soli* (nosso domingo, o dimanche dos Franceses, o sunday dos ingleses, o sonntag dos alemães), não se faz uma aspensão de água lustral ou benta sobre os fiéis? depois vem uma procissão do hierofante e seus sacerdotes que invocam com o hino *Veni Creator* para a influência e os benefícios da grande luminária, a bênção do trigo candial e sua distribuição em partes iguais, símbolo da fraternidade; o ofertório do incenso, figura da terra que exala ao Sol os perfumes com que embalsamaram o símbolo sublime do amor agradecido que se eleva surgindo dos nossos corações purificados como nuvens de incenso ao seio radiante do benfeitor do universo.

Dize-me, quem é este benfeitor?

A resposta ao terceiro intróito nos revela: este benfeitor, qual nome sustenta a nossa vida *adjutorium nostrum* fez o céu e a terra *fecit coelum et terram*.

Esta resposta pertence a sublime filosofia dos antigos: o hino dos mistérios de Eleusis, que afirma que todos os seres devem-lhe sua existência. Basta ler os versos de ouro de Pitágoras para convencer-se que o Deus protetor e caritativo *qui fecit coelum et terram* é o Grande Arquiteto do Universo, cujo filho, o messias (o Sol) sentado à sua direita, é o mediador visível entre seus dons e nossas necessidades.

Creio que, sem pecar como indiscreto poderei dizer que os nossos aprendizes aprendem a conhecer a quem fez o céu e a terra e a sentir que a força dela está nele desde que deu os primeiros passos na ordem e a partir do juramento.

V - O Confiteor da missa - Confissão pública dos antigos iniciados, dos judeus e dos Hebreus reformados - Moisés, o grande iniciado Egípcio, acomodou os mistérios ao caráter dos israelitas. Da confissão ao ouvido - Razoável explicação da palavra sacramento. O gloria in excelsis Deo - Do procentio pagão convertido em católico - Opinião de um chefe selvagem sobre Deus - Da homenagem escrita com letras indeléveis na cúspide de uma pirâmide erigida por maçons e construída por materiais reputados como sagrados.

Chegamos ao *Confiteor* da missa, a este ato de purificação interna sem a qual as primícias das colheitas, oferecidas a quem as fez amadurecer, seriam indignas dele. Se a alma é pura, a oferenda é de Abel; se é impura, é o horrível tributo de Caim.

Eva confessou-se à serpente e as conseqüências desse ato as estão pagando à suas remotíssimas netas...

Nos mistérios do Egito, Samotrácia e Grécia se praticava a confissão.

O imperador filósofo Marco Aurélio confessou-se ao hierofante dos mistérios Eleusinos. O neófito se confessa ao Venerável no templo maçônico. "Os judeus pediam anualmente perdão ao Ser Eterno quando chegava o dia da expiação o grande sacerdote entrava sozinho no templo levando as iniquidades da nação com forte sustentáculo que recebia o nome egípcio de Hazazel. Esta cerimônia era inteiramente egípcia".

De fato não existe nenhum adepto da ciência dedicado ao estudo das heranças religiosas e dos amálgamas dos dogmas e cultos opostos ou análogos (conseqüência das comunicações realizadas por choques guerreiros ou por emigrações), que se duvide de que o legislador Moisés foi um iniciado da mais elevada categoria pertencente à escola Egípcia.

Araão foi iniciado por ele em todos os graus do sacerdócio Egípcio reformado por Moisés — que lhe conferiu a dignidade de grande sacerdote reservando-se para si o mistério das comunicações mais íntimas com o *inefável* e investiu com as primeiras ordens de *choens*, ou sacerdotes Egípcios, a todos os varões da tribo de Levi.

Desejoso Moisés a quem se representa com dois (chifres) como a Baco de reformar o politeísmo de sua nação que era a causa de sua escravidão teve a idéia, convencido de fazer um bem, de preparar o povo judeu para a independência, unjindo-o ao jugo da adoração a um só Deus.

União, ou jugo, era muito débil e por isso Moisés teve que recorrer ao poder do maravilhoso. E para receber das mãos de Deus a lei de Israel, retirou-se ao monte Sinai, *in montem sanctum*.

Seu irmão Aarão serviu bastante mal a Moisés, enquanto este se achava falando com o eterno: porém quando o favorito do Deus forte exteriorizou sua cólera, o povo arrependido, recebeu as *pranchas* (tábuas) traçadas da lei que foram depositadas na Arca dos novos mistérios. Este decálogo é o mesmo arquétipo da moral ensinado nos montes santos do Egito, ou seja: nos santuários secretos.

Os preceitos iniciáticos do Egito que Moisés transmitiu aos levitas tiveram que ir acompanhadas de cerimônias adequadas para que pudessem fixar-se no pensamento.

A confissão se praticava nos mistérios Egípcios. Moisés transmitiu esta prática à nação que tratava de regenerar. Esta prática se converteu em costume e na festa da expiação solene, os Judeus davam-

se entre si trinta e nove chicotadas depois de se terem confessado mutuamente fanática correção que está no *confiteor* por meio dos três *mea culpa*. Já nos começos da nova fé o patrão de todos os iniciados Maçônicos, diga-se: São João confessava e batizava, o que significava que iniciava.

Os primeiros Nazarenos adotaram a confissão geral praticada nos mistérios Egípcios e no rito Hebraico a qual ainda era costume realizar no tempo de Constantino, pois São João Crisóstomo, o doutor nos novos mistérios, escrevia: *confessai a Deus os vossos pecados porque Ele não reprovava perante os homens*.

Não creio que seja necessário dizer aqui como chegaram a substituir a confissão geral e a confissão ao Sol-Deus, Soli Deo, ou a Deus único, Grande Arquiteto, *Deo onipotenti*, pela confissão oral que algumas abadessas chegaram a exigir de suas religiosas, nem como os iniciados suprimiram esta última por considerá-la herética, restabelecendo a recomendação por João Crisóstomo, pois se tal fizéssemos sairíamos do tema.

Voltemos ao celebrante no momento em que se faz a oferenda da colheita e se confessa a Deus ante o povo presente de ter pecado gravemente com o pensamento, palavras e obras: *nimis cogitatione, verbo et opere*.

O povo implora a Deus misericórdia, esquecimento e vida eterna, *misereatur tui* para o sacerdote e se confessa por sua vez em cujo momento pede o celebrante ao altíssimo *indulgência, absolvição e perdão dos pecados*.

Não cabem dúvidas de que esta cerimônia procede da confissão pública ao Grande Arquiteto do Universo (o Demiurgo) praticada nos mistérios Gregos nem tão pouco se pode negar sua origem antiga e filosófica, fundando-se que a confissão das faltas são dirigidas primeiramente a Deus, e logo a Maria, Miguel, João, Pedro e Paulo, já que estes nomes adicionais não são senão incrustações moderníssimas.

Não se jogue ao esquecimento que a prática da confissão pública realizada nos primeiros e mais belos templos da igreja foi reformada no século quinto pela introdução da confissão auricular os *mistagogos* a qualificavam como sacramentum (sacramento) do latim *mens sacra*, (vestígio místico), tradução do Santo costume, lembrança sacra.

Se as antigas cerimônias religiosas parecem eternizar-se, apesar do desgaste do tempo e das oscilações dos costumes é porque se amálgama, mas sempre perdendo alguns rasgos e que o espírito deixe de experimentar algumas alterações com a introdução de novas cerimônias mais simples ou mais poéticas.

Desta maneira foi como introduziram no *confiteor* a confissão à virgem, a Miguel Arcanjo chefe da milícia celeste e aos Santos, é dizer: à Lua, aos planetas e às estrelas (inserção sabeísta que mais adiante explicaremos), os quais são inúteis intercessores ante o Grande Arquiteto do Universo, fonte inesgotável de toda misericórdia e fortaleza *in fortitudine et benevolentis*. Depois dos louvores e exortações gregas Kyrie, Criste, Kyrie, eleyson... Senhor, Redentor, tende piedade de nós: o hierofante e os iniciados cantam e recitam o *gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis*, que quer dizer: Glória a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade; *domine Deus* senhor Deus, *Domine Sol*, Senhor Sol, nos antigos rituais.

Agnus Dei filius patris, cordeiro divino, filho do Pai, *qui tolis peccata mundi*. Que tiras os pecados do mundo; traduzido, diz: "Oh, Sol filho do Pai de todas as coisas que entrando no signo regenerador do Cordeiro, desfazes as manchas do inverno, dissipas as nuvens, derretes os gelos, devolves à terra sua fecundidade virginal, e o ouro e o azul da esperança ao seu docel entristecido.

Tu solus sanctus, tu solus dominicus, tu solus altissimus, somente tu és santo, tu o único Senhor, tu o único Altíssimo, é dizer: tu és o Santo Sol, tu és o Sol, Senhor do mundo; tu és mais poderoso, o mais elevado de todos os astros: tu estás por cima de todas as criaturas do pai conhecidas de nossos débeis sentidos aos quais o Grande Arquiteto do Universo submeteu a benigna influência do seu filho predileto que é sua obra sublime.

Com o objetivo de que não se perca de vista nosso propósito de demonstrar que o ritual moderno copiou os rituais antigos, direi, que nas missas solenes e em um momento antes que o celebrante entoe o *Glória e o Credo* o grande *chantre* (iniciador), vestido com sua capa e com o bastão da dignidade, desce os degraus e apresenta-se aos pés da *era máxima*, bate no chão com seu Cedro augural e, quando o sacrificador dirige-se a ele dá a entonação para evitar toda a discordância.

O ritual estabelecido na Roma pagã realizava esta função denominada *proecentio*, entonação, de *proe*, antes *caere*, cantar.

Enquanto ao *Gloria in excelsis Deo*; eu creio que pertence em essência aos antigos mistérios. As emendas e degradações deste monumento antigo devem-se aos concílios que decretaram a divindade de Jesus e a trindade, chamada de Platão. O *tu solus altissimus* do Glória seria contrário ao dogma de um Deus único, posto que a qualidade de Senhor ou Deus altíssimo indicaria e até chegaria a manifestar a crença em deuses inferiores.

Assim, pois, a base da crença nova (que é a dos antigos mistérios) repousa em um Deus sem igual, suficiente à sua potência. O Sol, que é o seu mandatário visível, não é ele, senão dele. Portanto pode qualificar-se de *altíssimo* ao Sol sem incorrer em idolatria, porque é a entidade mais elevada e o dominador e regulador mais constante do nosso sistema planetário.

Este versículo do *Glória* induziu aos politeístas a adorar Q Sol que é o único ser visível à sua imperfeita razão. Porém, também, satisfaz aos filósofos, posto que não se homenageia nele senão o pai da natureza, ou seja: o Grande Arquiteto do Universo.

Oh, irmãos iniciados, quão suavemente nos emociona e persuade esta crença em um Deus único mantido pelas nações que permaneceram sepultadas durante vários séculos.

Esta crença conservada com tantos esforços e a custa de tanto sangue, esta crença a que sacrílegos guardiães fizeram desaparecer quase tudo o que vemos, e as nações que tratamos de selvagens crêem, também, no criador onipotente!

Quando o chefe dos Cherokees jurou a paz de sua tribo com os ingleses, disse: "Os homens do Oriente são mais brancos do que nós; porém, nosso pai comum é o Deus único.

O Todo Poderoso criou todas as nações e as ama a todas igualmente". Esta manifestação, brotou imaculada da religião fundamental, vale por si só tanto como todos os livros sagrados. Os maçons devem reunir todos estes livros, para erigir com materiais terrestres uma pirâmide à Glória do Grande Arquiteto do Universo, cujo remate, terão que ser as palavras acertadíssimas desse chefe de selvagens.

Como Arquiteto desse monumento vou assinalar aos hábeis aparelhadores das pedras brutas:

1º - O *Shasta*.

2º - Os *vedams* (1.500 anos posteriores ao Shasta) que são livros sagrados dos hindus, que crêem que aqueles emanaram da divindade. Segundo os teólogos, estas obras eram imensas, porém Wiasser (Vyasa), escritor nascido de Visnú, as copiou em quatro livros, os quais ensinaram a quatro penitentes para que os difundissem pelo mundo. Os *vedas* ensinam que o primeiro homem se

chamou *Adimo*, palavra que significa o *senhor*. Observe-se que *Eva* significa a vida para os fenícios e para os hebreus.

3º - O *Ezur-Vedam*, resumo dos Vedas, é o ritual dos Brâmanes.

4º - Os livros sagrados da China.

5º - Os livros sibilinos desprezados em número de nove por Tarquino. Seis destes nove livros foram queimados pela sibila Hierófila e os restantes chegaram a serem o oráculo dos Romanos.

6º - A Bíblia e suas traduções. Este livro atribuído a Moisés, segundo o capítulo 14 do Gênesis remoçou muito.

7º - O Edda, antiga palavra gótica, que, segundo os etimólogos, significa avô. Este livro encerra o que poderíamos chamar de Bíblia e Evangelho dos Escandinavos. O *Edda de Soemond* consta de três partes: a volúpia ou oráculo da profetiza, o Haramanal ou discurso sublime, e o capítulo dos encantamentos realizados.

8º - *Os quarenta evangelhos* reduzidos a quatro como os Vedas, Wiasser, os de Tarquino e os hieróglifos do tempo. Observe-se que os antigos pagãos denominavam Evangelhos e as festas celebradas com motivo de uma boa nova, pois Evangelho significa *boa nova*.

9º - O *Zend-Avesta*, o Talmud, e o Alcorão etc, etc. Irmãos iniciados, não nos envergonhemos de colocar na cúspide desta pirâmide, comparável com a torre de Babel, esta sentença com caracteres de ouro saídos do coração de um selvagem Cherokee:

O Pai comum das Nações as ama a todas, igualmente.

VI - Credo, ou símbolo de crença moderna - Credo dos Brâmanes puros, credo dos Brâmanes de todas as seitas.- Credo da antiga *Shasta* (Sastras) - Credo Chinês.- Credo dos Israelitas - Credo dos Cherokees selvagens da América do Norte - Credo dos Parsis -Explicação dos versículos 1º, 2º e 3º do Credo dos novos sistemas.

Quanto mais se avança na intervenção do ritual pertencente à oferenda da colheita ao Deus-Sol, tanto mais evidências serão recolhidas na crença de um Deus único sob a alegoria do Cristo, ou das fazes do Sol. O qual nasce e morre todos os anos. Fases ou épocas, que se celebram com o nome de *Têmporas* e com jejuns em cada estação, assim como pelas comemorações de nascimento, morte, ressurreição, ascensão, expansão e transfiguração.

Iniciados: vou colocar a régua e o esquadro sobre o Credo ininteligível, com a esperança de que os convênios não sejam contrários à razão.

Não cabe dúvida alguma de que o credo é misterioso, porém o que se oculta a muitos, tem explicação para os eleitos.

Os hierofantes desejosos de que a crença nova (cristianismo) não tivesse mais claves que o desejado, invocam com voz hipócrita esta última crença conhecida com o nome de *fé de carbonato*. Sim, irmãos iniciados, o credo é inteligível e até pode admitir-se que é razoável, tem-se em conta as opiniões dominantes na época em que foi composto. Antes que passemos a examinar o símbolo de *Nicea*, chamado erroneamente de os *apóstolos*, é conveniente que os nossos leitores passem os olhos nos credos dos reinos anteriores ao nosso. Credo dos Brahmanes puros: "Eu adoro o Ser que não está sujeito a mudanças nem a inquietude cuja natureza é indivisível, cuja espiritualidade não admite divisão alguma de qualidades; da qual é a origem e a causa de todos os seres e supera a todos por excelência.

Eu adoro esse ser que é o sustentáculo do Universo e fonte da tríplice potência". O verdadeiro Deus é incriado, espiritual, invisível, onipotente, justo e misericordioso: está presente onde queira; vê tudo e ouve tudo, ele recompensará os bons e castigará os maus. Tomou formas visíveis em diferentes épocas, nas quais se encarna para cumprir sua misericórdia ou sua vingança. Ele manifesta na terra diariamente quando lhe suplica um coração puro e cheio de fé. Quando chegar o fim dos séculos, fixado por decretos eternos destruirá este mundo como o fez nas três eras precedentes.

Credo do antigo Shasta:

Deus é o que existiu sempre, criou tudo o que existe, débil imagem dele é a esfera que não teve princípio e não terá fim, ele anima e governa toda a criação por meio da providência geral de seus invariáveis e eternos princípios. Não procures sondar a natureza de nenhum modo, ela existiu sempre, será inútil e criminosa pesquisa. Bastante é já que, dia após dia, noite após noite suas obras se anunciem, sua sabedoria, seu poder e sua misericórdia. Trata de tirar proveito disto.

Credo chinês: (do Imperador Cam-Hi):

Deus o verdadeiro princípio de todas as coisas, não teve princípio e não terá fim. No princípio produziu todas as coisas das que governa e das que é Senhor. Ele é infinitamente bom e justo, ele ilumina, sustenta e regula tudo com suprema autoridade e soberana justiça.

Monólogo de Confúcio:

A piedade conjugal é a mãe de todas as virtudes.

Pentálogo de Fo

Não matar nenhuma criatura. Não tomar os bens alheios. Conservar a castidade. Não mentir. Não beber vinho.

Pentálogo siamês:

Abnegação, Paciência, Caridade, Santidade, Piedade filial: Honrar Pai e Mãe para merecer o céu.

Credo dos Israelitas:

Adorarás um só Deus, veja-se o Decálogo, cujo fundo pertence aos mistérios egípcios que o iniciado Moisés adotou ao caráter dos Hebreus dizendo-lhes que os tinha recebido das mãos de Adonai no cume do monte Sinai.

Credo dos antigos mistérios gregos, oriundos dos antigos mistérios egípcios:

Caminhai pela senda da justiça. Adorai ao único Senhor do Universo. Ele é um, o único ser que existe por si mesmo ao qual devem-lhe a existência todos os seres. Ele atua neles e por eles. Ele vê tudo e jamais foi visto por olhos mortais.

Credo dos índios Cherokees da América do Norte:

Veja o que se relata no capítulo anterior sobre estes selvagens.

Credo dos Parsis:

O fogo é o emblema da natureza. O Sol é o trono do criador e sua obra mais bela. Dentro de 12.000 anos haverá um juízo final, os maus serão excluídos para sempre da comunhão dos Eleitos, adoradores do Fogo.

Credo dos mistérios modernos:

Primeiro versículo:

Credo in uno Deo, Patrem, Onipotentem factorem coeli in terrae, visibilium omnium et invisibilium.

Creio em um só Deus. Pai todo poderoso, criador do Céu e da terra e de todas as coisas visíveis e invisíveis. É dizer: Criador de tudo o que pode discernir meus débeis sentidos e de toda imensidade que foge a suas faculdades.

Eu creio no Grande Arquiteto do Universo: De pé e às suas ordens!

Que iniciado não reconhecerá neste sublime começo o hino que se cantava nos sagrados mistérios de Elêusis; A primeira palavra que pronunciou o Eterno no monte Sinai, e a consciência das mais antigas nações gravada em todas as mesas de seus santos altares? Iniciados: não percam de vista que o ato de fé, ou seja, ao Credo moderno que se justapõe o engenhoso emblema do Sol que nasce, morre, ressuscita ou retorna no trópico; que se leva ou ascende no *solstício do verão* que desce no *solstício do inverno* para voltar a renascer novamente no Natal e voltar a ser o filho de Deus, na qualidade de Redentor da natureza a qual se vê ameaçada de destruição todos os anos.

Como não teremos que descobrir este emblema astronômico em Jesus, o qual também nasce, morre, ressuscita ascende ao Céu, desce aos infernos e é filho, quer dizer: criatura de Deus, engendrado por ele que tudo engendrou (unigenitum) o Cristo, ou seja: Ungido e redentor do Universo?

E por que razão nos dirão que se conservaram as fábulas e cultos de Adônis, de Adonai e de Adoniram, que tem tanta relação com o Cristo?

E teremos que responder que os principais iniciados que ergueram o templo da unidade de Deus sobre as ruínas do politeísmo, ao qual queriam fazer voltar a religião, princípio por meio do dogma desta unidade, destronando desta forma as absurdas divindades do vulgo, eram por demais inteligentes para conservar *Adônis ou Adonai* célebres personagens que tinham relação em certos pontos com a idolatria que eles desejavam aniquilar. Se o tivessem feito lhes teriam dito: Posto que destruis todo o Olimpo, porque não fazeis o mesmo a estes ídolos que constituem parte dele?

VII - Segue o exame do Credo, de *Deum de Deo* até *per quem omnia facta sunt*. Da clareza ou obscuridade resultante da colocação de uma vírgula antes ou depois de uma palavra ou frase. Os Apóstolos não tiveram símbolo escrito. Razão de que a consubstancia fora introduzida e sancionada. A razão apoiada em São João.

4º Versículo: *Deum de Deo, lumen et lumine*. Esta frase exige duas explicações:

1º) explicação *Deo de Deo*.

Deus de Deus: sim, ele o é como sua criatura: sim, ele é o Deus visível de um Deus invisível, segundo a máxima dos antigos que expressara tão admiravelmente o poeta Lucrécio: *In Deo vivimus, movemur et sumus*, e citara São Paulo com sua característica franqueza quando disse: *In ipso vivimus, movemur et sumus, ut quidam vestrorum poetarum dixit...*

E mais abaixo se diz o mesmo que o símbolo: *Deum Verum de Deo Vero*: Sim, o Sol é o Deus visível que proclama a existência do Grande Arquiteto do Universo. É o Sol que inspira ao salmista este sublime louvor. *Coeli enarrant gloriam dei*. “O Sol visível é também o que descobre nos mistérios antigos, o único, verdadeiro e grande dono do mundo, ao qual devem a vida todos os seres: ele é quem obra por eles e por meio deles”.

Nós somos frações da unidade do grande-todo criador, participamos em razão dos nossos órgãos, da essência da divindade.

2º) explicação; *lumen de lumine*

Luz surgida da luz; tocha acesa no manancial da luz: Astro cuja benfeitora claridade me dá a conhecer uma luz mais certa, a da verdade: uma luz necessária: a luz da justiça: uma luz mais augusta: a da existência do Grande Arquiteto do Universo. Deus o criador onipotente do Sol, o dotou de luz, de sua luz, assim pois o Sol é luz da luz *lumem de lumine*.

Até aqui, irmãos, nos encontramos com dificuldades fáceis de vencer; porém o 5º versículo não se pode interpretar por mais voltas que se lhe dê, de maneira que a razão se sente dificultada ante ele.

5º Versículo: *Genitum non factum; consubstantialem patri;*

Engendrado no feito com substancial ao pai. Encontramo-nos diante de uma fase desconcertante; Porém não retrocederemos ante semelhante dificuldade, procuremos a palavra perdida e para consegui-lo tratemos de ver se querendo cometer uma piedosa fraude não se teria mudado sua pontuação. Portanto vamos repetir, porém, apontando melhor. *Genitum; nom factum consubstantialem patri* de maneira que só se trata de suprir o ponto da vírgula que colocaram os obscurantistas mistagogos depois de factum, de pôr um ponto sobre a vírgula que segue a "genitum, com esta ligeira modificação restituiu o texto original ao Credo e o ponho de acordo com a razão: Christus engendrado, e não feito *consubstancial* ao pai: é dizer que Christus (o Sol) foi criado e engendrado pelo pai de todas as coisas: porém não feito da mesma substância que o pai.

Com efeito, o Grande Astro sozinho recebeu do Grande Arquiteto do Universo, origem de toda a luz, e luz e os atributos da luz, *lumen de lumine*. E posto que seu poder se circunscreve ao exercício das propriedades da luz não foi feita com as mesmas substâncias do pai, cujo poder e atributos são ilimitados e quem fez todas as coisas visíveis e invisíveis. Estas conclusões são mais lógicas que se disséssemos que Cristo (o Sol) foi feito das mesmas substâncias que o Pai, ou seja: que dotado com a afinidade de substâncias que constituem sua divindade inimitável e única, em cujo caso o filho tivesse podido realizar tudo quanto fez seu pai e, por conseguinte, criar outros Céus, terras e Sóis. Então tivesse podido acontecer que o pai que segundo diz o *Gênese* se arrependeu de ter criado o homem, tivesse tido que arrepender-se ainda mais de ter criado um filho dotado da mesma natureza e poderes que os seus. Neste caso o poder do pai fracionava: e poderiam ter-lhe sucedido três coisas: primeira, a de não ser nada no universo; segunda, em caso de chegar a um comum acordo, tivessem existido dois Deuses todopoderosos, e a terceira, que em caso de rebeldia teria sido vencido o pai, como mitologicamente o foram por Saturno por Júpiter, e Coelus (Urano) por Saturno, etc.

Os autores do Credo, levados por tão lógicos motivos, declararam ao filho (ao Sol) criatura do pai, porém não feita substancial ao pai único, por cujo poder foram feitas todas as coisas (incluso o Cristo) ou seja: (o Sol).

Com esta frase final os Mistagogos reservavam ao pai o poder criador e indicavam o poder subordinado do filho que não teria capacidade de criar apesar de possuir a luz e os atributos da luz *lumen de lumine* que o faziam poderoso. Sem esta versão, tão fácil de compreender como de sustentar, os primitivos autores do Credo apresentaram um lado débil aos sacerdotes do engenhoso,

porém absurdo politeísmo, cujo fim projetavam apoiando-se no sistema de simplificação das idéias religiosas. Quando eles trataram de dar as suas idéias firme consistência para lograr destacada preponderância sobre o paganismo, expuseram-se a que fosse erroneamente interpretada a doutrina da unidade divina. Isto foi o que aconteceu. Porque assim como há gerações humanas também elas existem em pensamento. Aquelas corrompem a este, acreditando que o estavam aperfeiçoando.

Os apóstolos não tinham nenhum símbolo escrito. Santo Agostinho não fez como infundadamente se supunha uma ridícula conversação entre: Pedro, João e Santiago.

O Credo não deixou de ser ampliado até o século V, porém então, a verdade que em um tempo fora sensível e fácil de explicar, foi desnaturalizada de tal maneira que chegou a ser incompreensível. Daí que a palavra mistério perdera sua acepção antiga de *verdade oculta* e somente é empregada atualmente na teologia para referir-se a uma *proposição que está fora do alcance da razão*. Desta maneira foi como se feriu nos tempos antigos a unidade de Deus: introduzindo os inovadores sub-reticamente entre os grandes iniciados, filósofos afiliados e primeiros padres ou vigilantes da nova doutrina. Estes infieis tradicionalistas convenceram os príncipes da necessidade da horrenda máxima de que as *nações seriam ingovernáveis se não fosse pelo peso dos absurdos, o látigo do terror e o freio da impostura*. No ano 325 da nossa era obscurecendo-se com despropósitos a clareza do símbolo, violando sua venerável simplicidade.

Esta façanha, a que se seguiram atentados que perpetuaram o luto da viúva e a miséria dos seus filhos não requereu grandes esforços, naquela época em que a ignorância começava a fazer novamente suas tenebrosas invasões ao esplendor dos sofismas escolásticos. Então, foi quando os sacrílegos inovadores aplicaram sua astuta pontuação aparentemente tão inocente ao versículo:

Genitum; non factum consubstantialem patri per quem omnia facta sunt.

Christus (o Sol) engendrado no feito *consubstancial* ao pai, por quem foram feitas todas coisas.

Lendo desta maneira, não nos cabe dúvida alguma sobre a inserção da doutrina pura professada nos antigos mistérios e no símbolo da doutrina moderna, a *vírgula* colocada onde deve estar, é a chave de metal puro que abre sem esforço a porta do tabernáculo da *ara-máxima*, e a razão prudente sempre enquanto as coisas não demonstradas penetram nele sem repugnância, toma assento sem sentir-se em perigo e respira satisfeita, pois judiciosamente já havia dito ela: *Genitum, non factum* (Christus) engendrado, não feito, *primeiro absurdo*. *Consubstantialem patri* (Christus) consubstancial ao pai; segundo absurdo.

6º Versículo: *Per quem omnia facta sunt*

Por quem (Cristo) foram feitas ou são feitas todas as coisas: Enorme absurdo!

E mais ainda: a razão nos diz que estes contra-sentidos são opostos abertamente às palavras de São João: *pater major me est* (cap. 28). O pai é maior que eu.

De maneira que, segundo esta primeira autoridade da nova crença, não existe consubstancialidade entre Deus e Jesus, entre o Grande Arquiteto do Universo e o Sol e entre a suprema generalização e o germinador supremo.

VIII - Continuação da explicação do Credo desde *qui propter nos homines até incarnatus est*. De Santo Agostinho e de Calcídio. Trindades e encarnações.

A seguinte estrofe não sofreu a mesma tortura nas mãos dos teólogos:

7º Versículo: *Qui propter nos homines et propter mostram salutem descendit de coelis.*

Eu traduzo: Cristo (o Sol) que por nós e pela nossa salvação desce do Céu. E eu não digo, que desce ou que desceu pela seguinte razão: Os autores antigos acreditavam:

1º - Que o Sol gira em torno da terra;

2º - Que ao aproximar-se na primavera, a fecunda e

3º - Que o seu afastamento é a causa do inverno.

Segundo este erro astronômico, que chegou a ser quase universal, quando o Sol se aproxima da terra (virgem mãe) a degela, a aquece e a fecunda. Então, ele nos dá aos homens a luz e o vigor, a seiva das árvores, as flores perfumadas, a superabundante circulação da vida e o enervante amor, *propter nostram salutem*: Se pela nossa saúde, diga-se, nossa saúde, nossa felicidade. Apenas o grande Astro desce das altas regiões, *de coelis*, salva os homens, *nos homines* (todos os dias pelo crescimento de sua influência germinativa e conservadora) dos gelos, da fome, das doenças e da morte.

A volta diurna e anual do Sol é o verdadeiro milagre que salva o gênero humano e todas as raças da esterilidade do nada. É um admirável prodígio que faz com que todo o ser seja tecundado no exercício de seu intento de conservação e reprodução, em razão da quantidade de fluidos vitais proporcionados ao calibre e ao mecanismo dos seus órgãos. Este movimento periódico, ou melhor dito, o reaparecimento diário deste filho de Deus, que este Messias encarregado de conservar todas as coisas que fez o pai, é o mais maravilhoso dos milagres, e o mais profundamente admirado por todos os verdadeiros filósofos de todas as épocas.

O milagre do Sol à terra, nos toca em nossos desejos, nossas necessidades, nossos gozos e penas.

Se ele descende aos signos inferiores, *si descendit ad inferos* nos convence tristemente do nada que nos ameaça seu afastamento; se vem em nossa direção, *si descendit de coelis*, trás consigo a vida, o amor e, a fecundidade. Quando o milagre se opera atrás de espessas nuvens, entristece os filhos de Baco e de Ceres, bem assim os pastores, filhos naturais da Astronomia e dos nautas, discípulos audazes prediletos de Orion. Se o Sol vence as nuvens, todos respiram esperança, paz e felicidade.

O sentimento de gratidão que experimenta o homem quando em direção ao Sol, se acrescenta quando o primeiro raio de esperança, dissipa a inquietude invernal mesmo atormentada por uma horrenda hipótese de uma noite a que não sucederá o dia.

Por quantas amarguras passaríamos, e onde estaríamos se o astro luminoso que fecunda todas as coisas não descesse por nós, *propter nos* e para a nossa salvação, *propter nostram salutem* das longínquas regiões para; se deixar encarnar na primavera, nas moléculas criadas para dar vida a matéria; se a terra (a esposa-mãe, a virgem abandonada que morre de dor pela ausência do Sol) não for mais que um espantalho esqueleto, semeada de restos de raças extintas, cuja estéril nuvem de pó se fundiria nas catacumbas do caos?

8º Versículo: *Et incarnatus est* e encarnou.

Esta expressão é perceptível e justa, quando o Sol retorna, se introduz na carne de tudo quanto vive, de tudo o que respira e de tudo o que se acha em disposição de receber o princípio ou a adição da vida. Enquanto ele penetrou com suas benignas influências na matéria organizada, dizemos que encarnou: e quando por meio desta obra divina, o jugo do grão de trigo e o acre da vinha se transformam em farinha e vinho, porque não dizer na ceia mística que a comida da gratidão ao autor das colheitas *este é seu corpo*, este é seu sangue, quando falamos do pão e do vinho? Onde está o absurdo quando se entende por *encarnação* a ação por meio da qual o Sol, o Messias redentor

impregna com sua fecundante eletricidade os órgãos da carne dispostos a reproduzir esta carne, segundo a lei imposta as suas formas segundo o jogo dado aos seus órgãos e segundo o término prescrito a sua duração.

Por meio de quem há de operar-se a encarnação introduzida no símbolo moderno? Porque o *espírito santo*, de spiritus sanctus por meio do qual os teólogos latinos chamavam *expiração*, no século VIII, pois o Espírito Santo segundo eles procede do Pai e do Filho. E, o que é este Espírito (representado por uma pomba branca) senão o éter que é o mensageiro do Sol na terra, o veículo, o fogo vivo, o mensageiro das forças vitais e fecundantes?

Porque não deram os antitrinitaristas esta explicação natural? Como escapou a Santo Agostinho? Este padre tão famoso por seu misticismo, como por sua eloquência, cansado de tanto sofisticar em torno de uma matéria tão informe como a *trindade* da que os hereges não encontravam vestígios algum nas santas escrituras e mais fatigado ainda por ter tentado em vão em crer em um Deus em *três pessoas*, não pode resistir ao domínio da razão, que lhe ditou estas palavras destruidoras do seu sistema.

Quando alguém pergunta que coisa são os três, a linguagem dos homens nos vem curta e nos faltam palavras para expressarmos. Não obstante temos dito três pessoas, não para expressar alguma coisa, senão que temos que falar e não permanecer mudos, *dictum est tres personae, non ut aliquid diceretur, sed ne taceretur*. Com a ajuda que demos com a explicação, tivesse sido fácil ao mais célebre dos mistagogos conhecidos com o nome de *padres* da igreja não afirmar desta forma sua manifesta derrota, a teria podido dizer: O Espírito Santo, terceira pessoa da trindade procede igualmente do pai e do filho. Sem esta procedência, o pai seria um todo poderoso único; sem ela teria o filho (o Sol) uma existência irregular e fantástica, sem ela, o fluido do espaço (o Espírito Santo) existente entre o pai, o filho e a terra não levaria o poder criador, nem a fecundidade sobre a *magna mater*, sem esta terceira potência seria a matéria um caos inerte; e se o caos tivesse sido posto em movimento por qualquer choque fortuito é provável que ele não resultaria outra coisa que o crepúsculo, abortos ou monstruosidades, enquanto que, por meio da cooperação do Criador, do fecundador e do *Espírito Santo* (o mensageiro e consolador) o tempo (o ano) se sujeita a dias regulares, a dos equinócios, a dos solstícios e, por conseguinte, a quatro estações. Por meio do acordo das três pessoas, (hipóstasis)

A terra foi marcada com o signo da cruz *signo crucis* que se forma pela elevação da linha meridiana sobre a linha equinocial e cada uma das zonas temperadas mantém dentro dos seus limites a tórrida e as glaciais, sob a proteção do Cristo (o Sol), soberano mestre dos doze apóstolos, dos doze grandes deuses do paganismo, dos doze palácios de *Apolo* e dos doze campos de glória de Hércules, denominados signos e meses.

De modo que o filho de Santa Mônica não chegou a compreender que ao ter sido adotada a segunda pessoa, ou seja o Cristo, o Sol, de fases periódicas e influências vitais, pelo poder criador da primeira pessoa e do veicular da terceira, resulta, que estas fases, e influências, têm estado em contato e relação de uma mulher a *Terra*, a qual é eternamente virgem, apesar de que concebe e dá a luz incessantemente. O Sol foi encarnado *ex Maria Virgine* de maneira que o grande astro, o princípio fecundante, ajudado pelo mensageiro aéreo impregnou a vulva da magna mater onde estão contidos os ovários de todas as raças as que nutrem sob diversos nomes de *Tela*, *Cibeles*, *Vesta*, *Rea*, ou *Mater Rea*, ou *Matéria* ou *Maria*, etc. A terra recebeu e conserva o depósito da vida e da fecundidade; em seu seio, onde o Cristo, o Sol, ei *Dominico Sol*, se impregnou de carne, ligou-se com a carne e se encarnou, ou seja: que a Terra tenha sido a esposa do deus *Caelus*, apesar de ser também sua mãe ou a do deus *Apolo* sob o nome de *Tela*, ou a de *Saturno*, *hominum divumque Sator*, assim como a *Boa Deusa*: ou seja: que a Índia a represente em forma de uma Mãe que dá de mamar a uma criança chamada *Kristen* ou *Krishna*: agora que o misterioso Egito a invoque sob o nome de *Ísis*, mantendo nos seus braços ao jovem *Horo*, o filho do Sol velho; agora que os povos de *Obi* rendem homenagens divinas a anciã de *Oro* que tinha em seu seio um *menino-Deus*; Agora que

o antigo setentrião, tenha adorado a Dama por excelência, a *Friga* Deusa da fecundidade, mãe dos deuses inferiores e dos homens, agora que os Druidas se apresentaram aos Celtas para que adorassem a imagem de uma virgem denominada *virgo paritura* dando de mamar a um menino: agora que a antiga e crédula Armônica se prostrasse aos pés da boa mulher, *de Groa hoarme*. Deusa colossal, descoberta na Bretanha. Santo Agostinho não tivesse permanecido em silêncio em torno do que ele chama os *Três*, se tivesse querido valer-se da *trindade Platônica* a qual foi definida da maneira seguinte por um dos discípulos deste filósofo:

Deus está sobre tudo e todos e é inefável, depois dele, sua providencia legisladora mantém igual a vida eterna e da existência corporal: é o segundo deus, é o que denominamos segundo instinto e intelecto encarregado da conservação das leis eternas, é a terceira substancia. De maneira que o deus supremo manda; o segundo prepara e o terceiro aplica, e os três formam o conceito da lei, que em si mesma é o destino.

Com isso pode ter, *quem sabe* a relação da religião persa do *triplo deus de Mitra*.

Por esta curiosa citação pode ver-se que o dogma trinitário procede dos padres platônicos e que Platão os recebeu dos Persas. De maneira que nós somos os últimos fiéis do tríplice Deus de Mitra.

IX - Continuação das Trindades e das encarnações. Do *incarnatus est do homo factus est* - Escusa em favor dos redatores do Credo - Dos diversos elementos de que se compõem - explicação dos versículos 10, 11, 12 e 13.

Ilustres Iniciados:

O mistério da encarnação, que apresentado como incompreensível, foi a causa de perseguições, disparates e extermínios durante 14 séculos, unicamente é um enigma religioso, que encerra a verdade de que o nascimento de Jesus no tempo do Natal do novo Sol (*Sol novis*) é a alegoria do Sol renascente e no solstício do inverno.

A época solsticial, ou seja: da morte do Sol anterior, acontece no dia 22 de dezembro (aqui temos um parênteses do tradutor: o dia 22 de dezembro é a data do inverno para os Europeus, etc, etc, sendo que teremos que ter em conta que esta data seria para nós da América do Sul o dia 24 de junho, ou seja, o solstício do inverno), no qual e nos dias seguintes, o Sol do ano expirado jaz morto no túmulo (in inferis). No dia 25, festa imóvel, nasce o Sol, que é um recém-nascido, um menino a julgar por sua débil luz.

O renascimento ou encarnação do Sol, que tem lugar na tenebrosa época do solstício invernal no gelado seio da Terra (mater Rhea) impregna esta com seu fecundante poder; ele penetra nos ovários dos quais é ela soberana depositária; as emanações germinativas dos raios Solares misturam-se com as moléculas nos vasos orgânicos da reprodução e se encarnam com ela, de maneira que *Et homo factus est ex Maria Virgine* (mater Rhea) versículo 9.

Desta maneira é como Sol-Cristo que faz Deus homem, cordeiro de Deus, planta divina, pedra angular (homo-deus, agnus Dei, lignum Dei, petra angularis) para expressar sua influência nos três reinos da natureza; assim como a (Virgem-Mãe Terra) abandona sua viuvez para converter-se na esposa do Sol e mãe de todas as raças, entre as quais a melhor organizada é a espécie humana; assim o Deus se faz homem, ou seja: ele provoca, conserva e prolonga a duração do gênero humano.

O nono versículo do símbolo é uma conseqüência da alegoria do oitavo, (et incarnatus est) conseqüência natural da explicação dada no capítulo precedente *Et homo factus est*: não nos lembra por acaso estas palavras o *lovis omnia plena' da antigüidade? Ex Maria Vergine*", não encontramos

no complemento desse versículo a opinião do antigo Egito: Serapis e o Sol são um, assim como Ísis e a Terra?

Censuraram os autores do símbolo por terem dado forma humana ao Grande Arquiteto do Universo, em vez de terem introduzido no Credo a seguinte sublime estância dos antigos mistérios *a obra em e por todos os seres, lovis omnia plena*. Porém quem sabe tenham justificção posto que talvez acreditassem que o Espírito do seu tempo não estava em condições de receber os castos restos de uma crença filosófica sem que perigues a paz social e a própria tranqüilidade, se bem, é certo que eles purgaram de imundices mitológicas o santuário da moral, talvez acreditassem ser prudência deixar espalhados pelos degraus escalados, alguns absurdos próximos vizinhos da razão velada e certas alegorias toleráveis pela simplicidade e justeza de suas analogias.

E, se considerarmos o problema desde um ponto de vista mais elevado, teremos que pensar que o "Credo" em seu conjunto e apesar do imponente anúncio de que é obra dos apóstolos, não parece de nenhum modo a *ata de fé* dos primeiros séculos, senão um mosaico sobre cujo cimento colocaram preciosos restos de algumas verdades professadas nos antigos mistérios e coisas de opiniões errôneas.

Chegamos em fim à Crucificação - De quem? O poeta responde: "De Deus morto na Cruz que a Europa reverencia. O horror de uma noite espantosa parece que oculta seu templo à minha atrevida visão: Porém a razão que ali me conduz, leva adiante de mim sua tocha que me ilumina".

10º Versículo: *Crucifixus etiam pro nobis* sub Pontio-Pilato: Passus supultus est."

(foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos; morreu e foi sepultado).

Passemos por cima do obstáculo de Pôncio Pilatos (o qual talvez não seja senão o Tifon do moderno Osíris) interposto neste parágrafo da alegoria quase histórica, porém, astronômica. A fixação da morte nessa época, se fez sem duvida para evitar que se pudesse decifrar o verdadeiro significado do enigma, enigma que se pode explicar da seguinte maneira:

A crucificação simboliza o aparente estado da crise em que se encontra o Sol e a Terra na difícil e dolorosa passagem do equinócio de março.

Neste ponto divisório de estações, que são iguais no quanto da sua duração, porém diferentes pela sua saúde: no momento desse espantoso duelo entre a morte e a vida. Neste brilhante minuto em que vemos que o gênio da primavera se coroa de flores sobre o trono degelado do frígido inverno, que a horrenda destruição fecha seus abismos ante a eminência do renascimento universal e que a glória da luz limpe os céus, e se entreabrem com estrépito as portas do cordeiro casto. Neste momento se comovem os alicerces da Virgem, esposa e mãe; o azulado véu do templo celeste está a ponto de ser desgarrado: desencadeando-se os furacões da Ursa: cobre-se o Sol com nuvens fúnebres e os instrumentos de suplício, trazidos dos quatro pontos da terra se cruzam sobre as vítimas que morrem por nós, *crucifixus etiam pro nobis*: é crucificada *passus transitus... et sepultus est* Adeus Grande Astro! Ó Virgem desconsolada não mais poderás dar a luz, porque teu esposo foi sepultado.

Porém os tormentos do equinócio não duram mais que três dias, fim poético que se usa para expressar o tempestuoso golpe de vento que separa a morte invernal da vida primaveril, *tertia die*, ou seja: que Jesus Cristo ressuscita (resurrexit) e torna a aparecer no horizonte na sua milionésima ressurreição enquanto esta crise terminou, o Sol internarse no signo do Cordeiro. É desta maneira que o Sol volta todos os anos em épocas regulares, depois de suportar o mortal furacão de março que ao aparecer o sepultara quando tentava passar audazmente desde os infernos ao firmamento. Depois de derrotar a escuridão, eleva-se pelos espaços superiores e ascendentes ao zênite dos Céus como comprovam as observações astronômicas conservadas nos antigos testemunhos da Caldéia,

Egito e China. *Est ascendit in coelum, secundum scripturas* (e ascendeu ao céu, segundo as escrituras), o que não quer dizer, *de acordo com as obras proféticas*, (porque isso seria uma impostura), senão a maneira repetida dos anos anteriores e tal como está escrito, demonstrando e conservando as tabelas astronômicas da mais remota antigüidade.

Versículo 11° - "Sedet ad dextram patris:

O Sol está sentado à direita do Pai e detém sua carreira no solstício do verão. Está sentado, quer dizer: permanece sedentário, estacionário junto ao Pai de todas as coisas, o Grande Arquiteto do Universo.

Enquanto ele repousa, a terra iluminada pelos dias mais longos, não cessa de iluminar sem perder sua qualidade de *virgem*.

Cristo, o Sol, o mesmo se encontra à direita do Pai Universal e à sua esquerda, posto que Deus está em todas as partes; porém segundo o Evangelho do cerimonial o qual considera que a sua direita o lado mais honorífico, e se concede este lugar à criatura única em sua espécie ou seja, o Sol, filho de Deus.

O bom ladrão se encontra à direita e o mau à esquerda. Desde que Salomão disse "sed ad dextris meis" a direita é o lugar mais distinto, porém mais perigoso e próximo a caída! Oxalá que os que se elevam não esqueçam esta verdade!

Entretanto o símbolo, o Credo não menciona a descida de Jesus aos infernos, (ad inferos, ou: signos inferiores) por isso, ser essa descida um artigo de fé da nova crença e um dos emblemas mais engenhosos, já que indica a declinação do Sol, desde o seu apogeu até as linhas inferiores do zodíaco.

Acreditamos seja útil lembrar aqui que a palavra *símbolo*, significa comparação, ou seja: escrito para conferir, exibição, participação de uma coisa que não é geralmente conhecida, que não é e nem pode, nem deve ser propriedade de todos. Desta definição deduzimos que os redatores do símbolo da religião moderna se "abstiveram", de intercalar a descida de Jesus aos infernos por temor de representar demasiadamente a alegoria à penetração dos profanos, a rapidez dos catecismos e aos perseguidores dos sacerdotes do paganismo. Fizeram o mesmo que os Maçons ou Franco-maçons, pois esparramaram com aparente desordem seu sistema em diversos depósitos de trapos os quais em caixas que abriam unicamente a medida que a inteligência dos neófitos discretos se achavam em condições de compreendê-los.

Cada degrau da escada simbólica se gravou em uma estampa particular.

Assim por exemplo, alegoria da descida aos infernos, foi separada prudentemente do dogma ensinado no primeiro grau simbólico e que se deu a conhecer nos graus superiores.

Uma vez cheia esta lacuna da descida aos signos inferiores (ad inferos) a volta do Cristo-Sol aos signos ascendentes, se unem sem solução de continuidade com o solstício do verão (sedet ad dextram patris) e sua volta aos signos inferiores, se une com o solstício do inverno (et iterum venturus est).

Versículo 12° - *O iterum venturus est cum gloria.*

Vamos explicar este versículo de palavra em palavra, porque quem escreveu esta frase, que a primeira vista se nos parece fácil, o fizeram para dar a entender que o curso do Sol não se retardará jamais, envolvendo o enigma do Véu de um relato profético (Cristo voltará com Glória).

Ouçá-nos com atenção: (et venturus est) e ele virá (iterum), reiteradamente ir e vir muitas vezes caminhando de um lugar para outro sem parar.

Não se refere por tanto, esta frase ao curso do Sol? E ele virá a julgar aos vivos e aos mortos, (judicare vivos et mortuos), a submeter as suas influências à matéria viva e morta; ou seja: aplicar nas partículas da matéria o movimento e o repouso, a que estão destinadas. O qual pode também referir-se a Apolo e a Febo dos Pagãos; Ao Ariman e Ormuz dos Persas: ele extermina, ele destrói ele faz com que a vida nasça e a proteja, com glória; pois seus raios que iluminam aos vivos e aos mortos, não são por ele menos brilhantes.

Versículo 13° - *Cujus regni non erit finis*

(Cujo reino não terá fim): é dizer que suas viagens, suas estadas que não chegam a ser estáveis, suas idas e vindas anuais e diárias, seu curso regular e recíproco de um equinócio a outro e do solstício do São João *invernal* ao solstício do São João estival, seus passos alternativos aos signos infernais e celestes serão eternos, sem que a luz se apague, nem a fecundação repouse. A deificação, a apoteose e a imortalidade do Sol chegam ao seu cume com palavras *cujus non erit finis regni*. Desta maneira e segundo a ata de fé da nova religião, tomada dos antigos mistérios, é como Jesus-Sol filho de Deus único, o que faz as coisas visíveis e invisíveis, emana deste Pai todo poderoso.

Deste modo é um derramamento da Lei de Deus verdadeiro, *lumen de lumine*.

Porém o filho não é consubstancial, a quem unicamente o dotou de uma ou de alguma de suas substâncias, pois se Deus lhe tivesse concedido todas estas, não só teria exposto a repetir com Cristo-Sol sua onipotência autocrática, se não a teria perdido.

O Sol desce todos os anos dos céus à terra. Aqui no Natal, ele se incorpora na carne, se encarna em todos os seios da frutificação, aos quais lhe transportam as aéreas asas do Espírito Santo através de inúmeros intervalos que o separam da nossa esférica Maria.

No equinócio da primavera, o Sol experimenta tribulações suscitadas pelos ventos e pelas tempestades que trata de impedir-lhe a passagem desde as regiões inferiores para as superiores.

Não parece que o Sol esteja a ponto de *morrer*, neste tormento, excitado crucialmente desde os quatro pontos cardinais e que a natureza se entristeça e abra seu seio para *sepultá-lo*.

Porém o Sol-Cristo volta ávido, adquire de novo *forças e vigor*, reconstrói o equinócio uma vez mais, *iterum* e vitorioso como nos anos precedentes e nos séculos anteriores, soleniza sua ascensão e volta a sentar-se no solstício do verão, de onde descera novamente para continuar seus penosos trabalhos e seus gloriosos triunfos de todos os anos; anos a fio que não são mais que degraus regulares, as linhas iguais entre si de que se compõe o círculo do reino eterno. Tal é o significado racional e filosófico deste símbolo composto numa época em que se supunha que o Sol girava em torno da terra. Tal foi a transação feita pelos grandes iniciados dos antigos mistérios, pelos trinitários platônicos, e quem sabe, pelos Pitagóricos, depositários do dogma da mentempsicose religiosa e da mentempsicose filosófica. E digo isso aos discípulos de Pitágoras lembrando o versículo de Pitágoras: *Judicare vivos et mortuos, cujus regni non erit finis*, versículo sobre o qual pensamos falar no Capítulo seguinte.

X - Do juízo final – Crenças de Celso: dos índios e de São João - desde o *sedet ad dextram patris até unam sanctam ecclesiam*. Das trevas - de uma trindade chinesa - Dos Deuses "Synthroné et consentes - De Júpiter triophthalmos - Do Espírito Santo e do desacordo existente entre gregos e latinos a respeito de sua origem. O Espírito Santo, "Flammiger e Paráclito - Da palavra Igreja e de seu verdadeiro significado - Da unidade do Oriente e dos Franco-maçons em todos os séculos.

O *Juízo dos vivos e dos mortos* passou sem dúvida desde a doutrina dos antigos mistérios aos dogmas da nova crença. Sobre estas palavras se fundamentou o dogma do *juízo final* tão lucrativo para o sacerdócio.

Celso dizia aos Cristãos: *Vós presumis nas vossas crenças nas penas eternas, porém saibam que os hierofantes a ensinaram aos seus iniciados.* Com efeito, nas assembléias dos mistérios se ensinava as doutrinas dos castigos e as recompensas depois da vida.

Na Índia, acredita-se que as almas das pessoas más transmigram para corpos de animais imundos, ferozes e venenosos. Quando Pitágoras visitou esse País, Pai dos mais nobres princípios e dos absurdos mais enormes aceitou o dogma, porém como o faria um homem de gênio.

Se serviu dele para infundir temor às pessoas de vida desordenada e ensinou aos sábios do Ocidente, não como uma descoberta, mas pelo menos como um sistema que explica logicamente as operações da natureza.

São João, o Irmão dos irmãos descreve o Juízo dos vivos e dos mortos, porém sua descrição poderia ter sido a que se promulgava nos mistérios do Egito e da Samotracia.

Um autor a quem divertiam bastante as falsas lendas dos primeiros séculos da Igreja, dizia que judeus incitaram a Santiago, Irmão maior de Jesus, que declarasse que este era impostor, e que Santiago o repulsou: Cristo está sentado à direita do poder soberano de Deus *Sedet ad dextram patris* e aparecerá rodeado de nuvens para julgar o universo, *et iterum venturus, cum gloria: judicare vivos et mortuos.*

Passemos a tratar do simbolismo da crença moderna, toda a qual está consagrada à *Trindade*.

Lao-Kium, o Deus filósofo da China, ensina que o Tao, ou a razão, produz um, e que um gera dois; dois cria três e que três cria todas as coisas.

Observa-se que os deuses do antigo Egito denominados *Sintronos*, porque todos participavam do mesmo trono, formando uma trindade e que o Pai, o filho e o Espírito Santo, constituem a divindade sintrônica dos Cristãos: adicionando a isto que este Deus *Trino* não está muito distante de Júpiter Triophalmos, cujo terceiro olho brilhava no centro de sua fronte, e que as três pessoas são conscientes como os doze grandes deuses dos Romanos, ou seja: que são *quasi simul consentientes*.

Quanto ao último membro da nossa Trindade, teremos de dizer que os Platônicos admitiam a existência de um Espírito Santo difundido no Universo, fonte e princípio de toda a geração e fecundidade: Chama pura, viva e sempre ativa a que lhe davam o nome de deus.

Ilustres irmãos, este é precisamente o tema de *Veni Creator*.

A tão vagamente determinada procedência do Espírito Santo e as outras duas pessoas da Trindade, suscitou entre os Gregos e Latinos violentas lutas e controvérsias. Os altos iniciados procuraram não tomar partido nestas absurdas inimizades, de nação contra nação, família contra família, fomentada pela idéia de que este Espírito Santo dominador, portador da vida, *flamminger* e paráclito consolador pudesse proceder do Pai e do Filho ou somente do Pai, e se limitaram a dizer aos Gregos e Latinos, *vossa terceira pessoa é o Éter, cujas asas trazem o calor e a fecundação desde o Sol à Terra.* "Oh, astutos, pseudo-sábios preladados italianos e herdeiros desses apóstolos que receberam o dom de línguas por meio do Espírito Santo! Não é evidente que se a expressão mística proceder significasse prover; obrar por "meio de tomar a origem de..." vossa terceira pessoa divina, "a Santa emanção perderia sua co-eternidade com o Pai e o Filho? Instrui-mos!

Envaidecemos por imitar o valor de vossos antepassados, esses alto-iniciados que para atrair os idolatras a adoração de Deus único, transigiram com os chefes políticos e religiosos de seu tempo, Brahmanes, platônicos, ou discípulos de São João: Concordado que se consigna nas seguintes palavras do Credo; *qui locutus est per prophetas* Capitulai como eles, pela paz da humanidade.

Passando rapidamente sobre o versículo *unam sanctam, catholicam et apostolicam* e sobre a tradução errônea que fizeram os papistas, a igreja atual, diga-se: que se a crença dos apóstolos não é a dos seus sucessores, a Igreja não é apostólica: está cheia de práticas idolátricas, não é santa; e enfim a vista de um grande número de crenças, entre as quais se encontram o sabeísmo e o islatnismo, que disputam com razão o exclusivo privilégio de comprimir os cérebros e exaltar as inteligências, não é católica, diga-se, não é universal.

A palavra Igreja, significa assembléia de fiéis ou iniciados nesta terra idólatra e supersticiosa no conhecimento de um só Deus, Deus verdadeiro, criador do Céu e da Terra, *factoris coeli et terrae*, e Grande Arquiteto do Universo.

Os iniciados nos mistérios da antigüidade se achavam espalhados pela superfície da terra. Todos tinham os mesmos sinais de reconhecimento, de fidelidade e de auxílio; professavam a *unidade do Oriente*, ou seja: a unidade da doutrina pura emanada desse berço deslumbrador de luz. Não sabemos nada sobre a Índia e os Caldeus, e ainda mais não sabemos senão que eles transmitiram a adoração de um Deus único aos sábios fenícios, os quais levaram ao Egito se Orfeu, Pitágoras e seus virtuosos discípulos a estabelecerem na Grécia, Itália, França e Inglaterra.

Os Franco-Maçons são evidentemente seus sucessores, suas lojas são a imagem das igrejas ou assembléias dos antigos iniciados; e são santas, porque nelas se professa uma moral intocável e se honra um só Deus; porque a única luz que emite é a da razão. Os maçons, parsis, fohistas, Cristãos e muçulmanos, são católicos, porque o mistério as virtudes e os sentimentos maçônicos, estão em vigor em todos os triângulos dos dois hemisférios. Estes iniciados modernos são apostólicos, porque seus mistérios, suas virtudes e seus sentimentos têm sido transmitidos, e são, e serão de época em época, de apóstolos a apóstolos, de mestres a mestres, de discípulos a discípulos, a todos os homens livres e de bons costumes.

XI - Continuação do Credo, Batismo do Ganges, dos persas e dos egípcios antigos, de São João Batista, da religião moderna e dos Franco-Maçons. O Confiteor do Credo, como palavra de reconhecimento - Preceito Maçônico devido a Sommona-Codom e relativo aos metais - Definição da palavra Símbolo. A Outra vida e o juízo final - A antiga religião dos parsis e as suas relações com a nova crença – De Zerdust a Zoroastro.

A continuação do Credo confirmará as explicações que já temos dado. Ligamos ao Batismo a solução, cuja maior antigüidade se encontra na Índia, o país que nos legou tantas práticas religiosas.

Batismo do Ganges: Depois da penitência e da confissão, os Hindus mergulham nas águas sagradas desse rio, durante essa imersão os sacerdotes rezam nas suas margens e dão a absolvição aos contritos e recebem seus salários uma vez terminada a cerimônia.

Batismo dos antigos Parsis ou Persas: Os Persas recebem seus nomes ao nascer. Depois de ter vertido um pouco de água na boca do recém-nascido, os sacerdotes recitam as orações que têm por objetivo preservar o batizado da corrupção que herdou do pai e de impurezas que o marcaram no seio materno.

Batismo dos antigos neófitos do Egito: Veja-se a iniciação de Apuleio no terceiro capítulo desta obra.

Batismo no Jordão: São João, o Batista, renova esse sacramento no Jordão sobre as cabeças dos neófitos. Os Franco-Maçons e os liturgistas da religião moderna conservaram esse costume dos batismos que acabamos de falar por meio de práticas mais ou menos comemorativas. Daí o significado desse sacramento, a esta purificação observada nas igrejas dos Hebreus reformados e nos templos Maçônicos, porque como já disse, essa palavra significa lembrança, costume, recordação, comemoração de uma coisa sagrada.

Sendo uma das propriedades que possui a água a de tirar manchas materiais, os sacerdotes do Ganges, puderam fazer crer facilmente aos ignorantes ribeirinhos que as águas desse rio eram sagradas e que possuem a virtude de apagar as impurezas da alma e as manchas do pensamento. Outros sacerdotes, observadores da natureza e próximo aos mananciais medicinais, ofereceram as águas das fontes aos enfermos, dizendo-lhes que o Céu lhes outorgara o poder curativo, por exemplo: as *anigridas ou as ninfas* pagãs do rio Aniger, curavam as doenças da pele quem as invocava. Uma fonte próxima a Pádua, conhecida com o nome de Apona, devolvia a fala aos mudos e curava todas as doenças; no manancial do *Citeruso*, rio do Peloponeso, havia um templo de onde saíam curados todos os doentes que se lavavam em suas águas: Quantíssimas fontes em toda a terra onde se diz que sob a proteção de Nossa Senhora, herdeira de uma ninfa romana ou de uma fada Gália, tem o privilégio de devolver ao mesmo tempo o vigor do corpo e a salubridade da alma. Não iam todos os Parisienses ricos todos os anos às fontes do Vale Montmorency e visitar também a fonte de Saint Prix cuja milagrosa fonte tinha a propriedade de curar os possuídos do Demônio? Acredito que se faça necessário uma longa digressão com o objetivo de se chegar ao reconhecimento de causa ao versículo do símbolo; *confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum*, Confesso um só batismo para a remissão dos pecados. Qual Maçom não observa que esse curto parágrafo conserva uma cerimônia realizada nas iniciações da mais remota antigüidade como dos preliminares dos mistérios egípcios, que foi transmitido a Jesus por São João nas águas do Jordão? Por esse precursor que diminui para que cresça seu sucessor, tipo ainda existente nas águas do Ganges; imersão que se impunha unicamente aos adultos na Igreja primitiva: emblema da purificação e renascimento; ainda usado nas lojas Maçônicas. Este batismo administrado pelos iniciados modernos aos seus adultos catecúmenos que submergidos em tenebrosa ignorância, imagem da morte, contestam satisfatoriamente a três importantes perguntas: este batismo significa, vida nova, consciência purificada de manchas, espírito livre de vícios, erros, paixões e prejuízos, o coração se recobrou da moral pura e o sentimento íntimo da existência do Grande Arquiteto do Universo.

Por outra parte, parece que é mais provável que o *confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum*, foi a palavra de reconhecimento entre os antigos iniciados. Este versículo lembrava uma fórmula da iniciação e dava a segurança de que não podia comprometer-se o segredo dos mistérios. Que respondiam os que se anunciavam como Irmãos da Igreja pura casta situada no quadrilátero da terra? Sem dúvida responderiam: Não estamos vestidos nem nus, despojados dos metais, sofremos a prova da água para a remissão das nossas faltas mundanas. Digamos de passagem que a alegoria filosófica do despojo dos metais tem sua origem nos preceitos do Deus dos siameses, *Sonmona-Codom*, o qual nasceu de uma virgem, e foi educado sob uma flor de lótus ou de lírio. Seu irmão foi enforcado. O preceito diz: não tendes ouro nem prata.

Porém, vamos tratar de demonstrar o que me atrevo a apresentar como certo. Todos os doutos iniciados sabem que a palavra *símbolo* significa colação (pois se deriva de verbo Grego, *symballo*, eu comparo, eu confiro, o qual pertence à família dos verbos transferir, comunicar, investir e participar, e segundo afirmaram Arnobio e São Clemente de Alexandria os Gregos denominavam símbolo as palavras e sinais de que se valiam os iniciados nos mistérios de Mithra, Cibele e Ceres para se reconhecerem. Os padres de Alexandria e de Nicea, os platônicos e os hierofantes, entenderam-se sobre o significado emblemático dessas palavras e sinais, aos quais continuaram aplicando o nome sagrado de símbolo, que a igreja latina tomou dos gregos.

Ultimo versículo do Credo: *et excepto resurrectionem tnortuorum et vitam venturi seculi*: e espero a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro.

Este fim refere-se também ao símbolo dos antigos mistérios, nos quais se ensinava aos iniciados o dogma da imortalidade da alma e da vida futura, dogma que é o mais difícil e delicado por tratar de todos os assuntos religiosos. Uma vez terminado o exame do símbolo fundamental da religião moderna e sendo nosso propósito demonstrar que esta se nutre exclusivamente com despojos de crenças anteriores, vamos apresentar aos nossos Irmãos um breve resumo da religião dos babilônios, antigos Persas ou Parsis.

Esse povo antigo possuía conhecimentos astronômicos, os quais eram algo imperfeitos, por terem sido *misturados* com fantasias astrológicas. Seus sacerdotes explicavam o mistério da natureza pela influência dos astros. Adoravam Deus no fogo e não a este que segundo eles era o emblema da natureza, os Parsis veneravam o Sol, crendo que era o trono do Criador e sua obra mais bela. Rendiam homenagens de grande sensibilidade ao Sol, à Lua e às Estrelas.

Estes Astros figuraram como símbolos conservadores do Universo em seus templos e nas igrejas primitivas, e figuram hoje em dia nos templos Maçônicos.

A invenção deste título se deve a um homem extraordinário que o chamavam de Zerdust os Parsis, e Zoroastro os gregos. Nasceu em Urmi no ano de 589 antes de Cristo. Os Orientais têm a firme crença de que seu nascimento foi marcado por prodígios e que os Magos e os diabos que se opuseram contra ele, foram confundidos. Como Jesus, não se ocupou senão de boas obras até os 30 anos. Ao chegar a essa idade, disse que era inspirado por Ormuz, o bom gênio.

A corte de Bacter se opôs a sua reforma; porém Zerdust se apresentou ante o rei e o convenceu que, encarregando-se de alimentar o fogo sagrado, o elemento purificador, faria a coisa mais agradável a Ormuz; o rei tomou para si as despesas do culto.

Logo foi criada uma ardente e louca guerra religiosa como sempre Ocorre. Zerdust, derrotado em princípio, se honrou em publicar uma de suas máximas mais belas: *Se tens dúvidas de que uma ação seja boa ou má absten*. E se fez apóstolo e pacificador. Quando mais tarde Zerdust logrou triunfar sobre seus inimigos, pregou que nunca se faria bastante dano aos amigos de Arimám, o inimigo de Ormuz, e se converteu em perseguidor.

O débil invoca a tolerância e o forte, tampa os ouvidos, dizia Zerdust.

As duas seitas tiveram que fazer um acordo, ou os inimigos de Zoroastro deveriam ter sido exterminados, posto que este presidia quando tinha 65 anos, na Babilônia, uma célebre escola filosófica que entre seus discípulos estava Pitágoras.

Zoroastro morreu em Balk, aos 77 anos. O douto Anquetil o descreveu com rigoroso traço.

Era um espírito sublime, diz ele. Suas idéias sobre a divindade e das ralações que unem os seres eram grandes: sua moral, pura. No princípio desejava unicamente o bem da humanidade. Arrebatado por seu exagerado zelo, emprega a impostura. O êxito o cega. O favor do povo e do Príncipe faz que ele seja insuportável a contradição, e se converte em um perseguidor que vê com sangue frio como os rios de sangue regam ao que ele chama de *árvore da lei*. A teogonia do sabeísmo é absurda como a de todas as religiões antigas. Por exemplo, o primeiro homem, a primeira mulher e os animais, nasceram de um primeiro touro, etc, etc. Seus prosélitos têm como obrigação primeiríssima a de adorar Ormuz ou Oromace, autor de tudo o que é bom quem algum dia exterminará o gênio Arimam, autor de tudo o que é mau. Depois devem honrar aos Faraós, poderes que regem o Universo sob a batuta de Ormuz e entre os quais está Mithra que é o anjo do Sol e a alma de Zerdust.

Quando passar os doze mil anos, se celebrará um juízo final.

Os condenados serão castigados proporcionalmente aos seus pecados, e ainda serão sempre excluídos da comunhão dos eleitos, obterão seu perdão algum dia e irão para um novo lugar, levando na face uma mancha negra, sinal do resgate de suas penas.

Segundo *gênesis*, Deus empreendeu seis estações (em vez de seis dias) em criar o mundo: absurdo de que se deriva a impiedade de fazer crer que o Todo Poderoso dependesse de tempo.

A hierarquia do sabeísmo se compõe de um grande sacerdote e de duas ordens de sacerdotes. Seus fiéis recebem o nome de *at-est-perest*, palavras que significam *adoradores do fogo*.

Suas férias comemorativas são seis, tantas quantas suas estações. Seu batismo de que falamos antes, muito se parece ao nosso; um Mago confirma aos adeptos e lhes ensina o catecismo quando chegam aos sete anos.

Quando merecerem ver o fogo, recebem uma benção do mago, que os exorta e que vivam, como bons Parsis e que fujam de tudo o que conduz à idolatria: *Esta é sua primeira comunhão*. O sacramento do matrimônio se verificava da maneira seguinte: Os noivos sentavam na mesma cama, um sacerdote ao lado do noivo, um sacerdote ao lado da noiva, o mago do futuro (sacerdote) tocava com o dedo indicador a fronte do noivo e lhe perguntava: *aceitais esta mulher como sua legítima esposa*, o noivo respondia sim. O mesmo era feito com a noiva, então os noivos davam-se as mãos, e os sacerdotes espargiam arroz sobre suas cabeças, símbolo da fecundidade, desejando-lhes felicidades, etc.

Os Parsis têm também seu último sacramento durante a agonia; um mago rezava pelo moribundo. O cadáver era trasladado silenciosamente a uma torre redonda. O diabo persegue três dias a alma do morto até que esta encontre o fogo sagrado, de maneira que é preciso fazer três dias de orações. Ao quarto dia terminam os sofrimentos da alma, e os honorários dos sacerdotes de Ormuz são pagos e celebra-se uma grande festa! Quanto se copiou da religião dos Parsis!

XII - Continuação da missa - O silêncio se impõe - Oblações 1ª e 2ª, separadas por uma oração e a purificação por meio da água, chamada lavabo - Incenso e purificação por meio do fogo - Etimologia sensível da palavra solenidade - Discurso de um hierofante dos tempos antigos - A arca Maçônica de porta de Marfim achada depois das purificações - Cerimônias e utensílios sagrados comuns aos crentes antigos e aos modernos - A oração do lavabo ensina a encontrar um Irmão perdido e é uma cópia da pregação de Orfeu - Explicação do corpo glorioso do Pange língua- Inserção politeísta na segunda oblação e seu motivo.

Uma vez terminada a explicação do Credo, vamos continuar com o relato e as explicações das cerimônias do sacrifício da moderna crença.

O hierofante e os iniciados, reunidos em assembléia regular, *in ecclesia*, no lugar certo da palavra sagrada *logos*, quer dizer, *em Loja*, acabam de se reconhecerem como maçons por meio de sinais e palavras de sua doutrina comum. A oblação não é desonrada pela presença de profanos e as primícias da colheita vão ser ofertadas ao Grande Arquiteto do Universo a quem o Venerável, o Sapiientíssimo e os sacerdotes dizem essa prece: *Oh eterno Santo e todo poderoso Pai da Natureza, recebei esta hóstia imaculada e o cálice salutífero que eu, indigno de exercer este ministério, ofereço-o a Vós, por mim e pelos nossos fiéis vivos e mortos*. Depois de feita a oblação, de verificada a mistura do vinho com a água e de suplicar ao Santificador Onipotente, que abençoe a oferta para salvar os irmãos, fiéis e iniciados, o celebrante declara que esta cerimônia tem por objetivo honrar e celebrar o nome de Deus eterno.

Durante a celebração, as missas solenes, chamadas assim por celebrarem-se maior pompa o culto do Sol, *quia Solem magnificent* o sacrificador deita incenso no fogo do incensário imitando os sacerdotes de *Numa* de cujo aparato se apodera e com ele gira em torno do altar, emblema da Terra envolta em perfumes. De qual templo saiu este incensário? Que sacerdotes, que liturgistas explicaram qual era seu destino? Os Romanos denominavam de *turibulum* de *thus*, incenso, raiz que se deriva saído de um verbo Grego, que significa sacrificar.

Os pagãos e os hebreus o empregavam nos sacrifícios, Ovídio fala dele. Segundo conta Alexandre de Alexandria os egípcios apaziguavam os Deuses por meio de Orações e de incenso e não com sangue de vítimas.

Oh! grande Escocês do rito filosófico, quão agradável é que os perfumes da Arábia feliz se elevem das mãos puras de um Maçom, pontífice e rei de sua família! Então, creio-me transportado à assembléia dos mistérios de Menfis e me parece ouvir o hierofante dizer aos recém iniciados: *Osiris, Ísis, Horo e Serápis, não são deuses senão alegóricos fantasmas, mentiras necessárias.* Somente o vulgo feroz, ignorante e crédulo é que vê deuses em íbis, o crocodilo e as cebolas.

Neófitos, as Nações, tanto no berço da civilização como em sua morte, se ajoelham perante deuses fabricados por mãos humanas e os ministros destes deuses impotentes lhes ofereciam carnes de animais e sangue humano. Neste recinto purificado com homenagens e incenso, podeis ver a letra C colocada no centro da estrela que lança seu resplendor sobre vossas cabeças até o mais profundo do coração: é a inicial do nome *CNEF*, da palavra sagrada com que expressamos o nosso amor e nosso reconhecimento ao Grande Arquiteto do Universo, o Ser Único. Aqui adoramos publicamente, ao Único Senhor de todas as coisas, fora daqui o fazemos em segredo.

Os iniciados faziam oferendas ao Sublime Criador, o único dom que ele aprecia: as primícias do trigo e do fruto da vinha, que amadurecida pelo Sol para sustento da raça humana; eles oferecem o produto da matéria animante animada e nutritiva, ou seja: o pão e o vinho, emblema das almas e dos corações inocentes *hóstias imaculadas e salutíferas*. Símbolos de ação de graças dirigidas ao Mestre, ao Arquiteto benfeitor do Universo.

Voltemos ao hierofante que celebra o moderno sacrifício da oferenda da colheita, para observar que à semelhança do oráculo de Apolo, abençoa o incenso com o qual termina a purificação da hóstia, do sacrificador e dos fiéis, segundo os mais antigos ritos; e, devolvendo o incensário ao diácono pronuncia estas comovedoras e significativas palavras: *Acenda o Senhor em nós o fogo de seu amor e a chama da caridade eterna.* Não se esqueça, que antes que o celebrante tivesse expressado este fraternal desejo, tinha recomendado que se guardasse discrição sobre o fundo dos mistérios, impondo-a aos Irmãos por meio do juramento formulado da seguinte maneira: *Põe, Senhor, guarda na minha boca e porta nos meus lábios.* Qual Maçom não reconhece nestas palavras o emblema do cofre ou a arca de portas de marfim?

Não obstante, a última oblação do Grande Eleito do hierofante moderno, anuncia misticamente que até o homem mais puro deve purificar-se da mácula das paixões e da mancha dos prejuízos por meio do *lavabo* (a prova da água) que se verifica após a incensação (da prova de fogo).

Esta cerimônia pertence também ao paganismo, cujos sacerdotes lavavam as mãos para sacrificar. Hesíodo proíbe que se ofereça vinho a Júpiter sem antes ter lavado as mãos. Virgílio diz que quando Enéas quis salvar os seus deuses, depois da tomada de Tróia, não se atreveu a fazê-lo senão depois de ter-se lavado (*donec in ilumine vivo, abluero*). O Ritual Romano ordena que Sacerdos, *sanctam eucharistiam administraturus procedat ad altare, lotis, prius, manibus*. Os pagãos faziam abluções e libações com a ajuda de *simulas*, as quais consistiam em umas tigelas antigas de boca estreita. As vinagreiras de pescoço estreito, que se empregavam com o mesmo propósito de sacrifício moderno, exceto para as missas pontificas nas quais o prelado lava suas mãos com o auxílio de ajudante

especial *gentil-homem* caudatário ao de ajudante de câmara que com espada no cinto verte a água purificada nos *castos dedos do Monsenhor*.

A reza pelo venerável oficiante foi copiada do ritual dos antigos mistérios e é uma obra mestra de moral que diz: *Senhor, lavarei minhas mãos entre os inocentes (os iniciados), chegarei ao altar para escutar todas os vossos louvores e contra todas as vossas maravilhas, (nos mistérios antigos se faziam purificações dos cânticos). Não me confundais com os ímpios, ou seja, com os profanos, com os sacerdotes da idolatria, os incrédulos. Não me trateis como aos homicidas, cujas mãos estão habituadas à injustiça, o Grande Arquiteto do Universo vê. Caminhe pelas sendas traçadas pela justiça". Diz a oração de Orfeu: E se deixam seduzir por oferendas e dádivas, porém, eu caminhei na inocência, meu pé permaneceu firme no caminho reto.*

Este parágrafo indica ao Maçom o lugar onde pode encontrar o Irmão perdido; nele vê-se o desenho do esquadro e o compasso e os signos pedestres. Oh, dominador do Universo, eu os abençoarei nas assembléias (dos iniciados). O final da oração do lavabo é a cópia fiel da reza órfica. Caminhai pelos caminhos marcados pela justiça, dizia o hierofante aos Iniciados. Eu andei na inocência, meus pés amassaram o caminho da Justiça, diz o sacerdote moderno. Esta tradução quase literal não deixa lugar a dúvidas sobre a transmissão à religião moderna dos preceitos, ritos e cerimônias dos antigos mistérios. Observe-se que as grandes verdades não se revelavam na antigüidade, somente aos sábios e com toda a prudência, enquanto que a missa era revelada ante todos sem temor algum por ser descoberta, porque, *qui potest capere capiat, multi vocati, pauci electi*. Muitos são chamados e poucos são os eleitos. Com efeito, somente um reduzido número de homens são chamados por seu Espírito, educação e preparos a descobrir o enigma e a compreender de que o ritual moderno é uma restauração do documento antigo. *Pange lingua gloriosi corporis mysterium; proestat fides supplementum; et anticum documentum novo cedat ritui*.

Nas igrejas romanas ressoa este *cântico* entoado por todos os fiéis, entre os quais pode-se dizer que em cada 100 vozes, apenas poder-se-á encontrar um intelecto que descubra o mistério do corpo glorioso (o Sol) ao qual se honra com o culto sucessor do antigo documento. Estamos com um caso em que devemos dizer com os maçons filósofos: buscai e encontrareis. *Fodieris, invenies*. Verificado o lavabo, a cerimônia complementar da purificação mental e corporal do grande eleito Sacrificador.

Volta a oferecer oblação ao Deus Único, porém desta vez vai acompanhada de *hipóteses*.

Indianas, caldéias, egípcias ou platônicas, em memória da Paixão, Ressurreição e ascensão de Jesus Cristo (o Sol) e em homenagem a bem aventurada sempre Virgem Maria (mater Rhea, magna mater, Ísis, Luna, etc.) e de todos os demais Santos (os Faroneres ou Ferueres de Zoroastro, que são as Estrelas dos Magos antigos).

A inserção desta reiteração da oferenda é moderna. Foi intercalada no antigo Ritual, depois de haver feito a tardia apoteoses de Jesus, e de ter-se adotado o culto de Dulia. Mais tarde se enxertaram as palavras relativas a Maria e aos Santos. Os liturgistas da religião moderna não demoraram em compreenderem que haviam revelado demasiadamente coisas sobre a oração do Lavabo pelo qual foram se reajustando sucessivamente as sinuosidades tenebrosas da sua hierarquia celeste adicional.

Pode ser que depois do hierofante Egípcio ou Grego tivesse ensinado algumas verdades fundamentais ao neófito e que lhe tivesse dito que o Demiurgo, qualificado e Altíssimo por Cecrops, é um e ainda o Senhor do Universo, pode ser, digo, que o hierofante se pusera a falar de Osíris, Ísis, Horo e demais divindades vulgares. A razão do contato do simples teísmo com o complicado politeísmo se fundamenta na extrema prudência dos hierofantes, que abriram a porta da mais pura moral aos aspirantes dignos de, por seus umbrais anunciando-lhes um Deus Único, e não escandalizavam aos recipiendários que acreditavam nas divindades menores, *opera manuum*

hominum, posto que o grande sacerdote colocando-as *in ara coelis* as mencionava na sua oferenda religiosa.

Isto é o que fazia o hierofante, e o que fazem os celebrantes dos mistérios da religião Cristã e os veneráveis das lojas Maçônicas.

No caos das superstições, diz Voltaire: *Existiu uma instituição salutífera que impediu que uma parte do gênero humano caísse no embrutecimento foram os mistérios e as expiações*. Era coisa impossível que não se encontrasse entre tantos loucos cruéis alguns espíritos suaves e prudentes e que não houvesse filósofos que tratassem de tornar aos homens, a razão e a moral.

Estes sábios serviram-se da mesma superstição para corrigir seus enormes abusos do mesmo modo que se emprega o coração das víboras para curar suas mordidas; *misturaram muitas fábulas com verdades úteis e as verdades foram mantidas por meio das fábulas*. (Ensaio sobre os costumes misteriosos de Ceres).

XIII - "Orate Frates - A Secreta - O Prefácio - Circunspecção do Celebrante - Razões que induzem os teólogos modernos e antigos a misturar o teísmo com politeísmo - Os sacerdotes pagãos que oravam de pé e voltados para os fiéis são os instrutores do Orate Frates, seu Júpiter Secreto é o protótipo da Secreta da missa - No prefácio tem Teísmo puro, Sabeísmo e Politeísmo - Dos Faroneres Persas - Mithra, o Anjo do Sol - Os Deuses *comune e adjuntos* - Angelus, sobrenome de Mercúrio - Os corvos, anjos ou mensageiros de Odin.

No capítulo anterior chamamos a atenção sobre o fato de que o celebrante diz quando invoca o Deus Único, como que fazendo uma chamada a sua discreção: *Oh Senhor, ponde um guarda na minha boca e uma porta em meus lábios*.

Vamos ver agora a causa da circunspecção que ele se impõe de repente nesta parte do sacrifício, que se denomina com razão secreta, e na qual se imita os sacerdotes do paganismo, os quais denominavam *secretus*, a Júpiter quando lhe rendiam homenagem como Deus Único, longe da plebe politeísta.

O celebrante moderno prudente quando se põe em guarda contra o fanatismo dos iniciados incapazes de suportar sem o concurso dos anjos persas, do Osiris do Nilo, dos Deuses de Lión, de uma Virgem Mãe, e dos Santos modernos a revelação do segredo final: um Deus Único e Senhor do Universo. Já se fez ouvir suficientemente pelos altos iniciados teístas quando invocou nos começos da missa o Deus Único, o Deus Eterno, Pai de todas as coisas, porém, quantos prejuízos ele terá que tolerar!

Uns acreditam em divindades iguais entre si, ou co-supremas, ou fantasias privativas com respeito a certas coisas; outros se fartam de outras fantasias e reconhecendo ao Deus Único *hominum Sator* se dirigem aos anjos e aos santos como se fossem ajudas de câmara, queridas ou cortesãos de príncipes débeis, de quem desejam obter alguma coisa.

Se os chefes dos antigos mistérios tivessem pretendido abertamente destronar Ísis, Horus, Ceres, Apolo e os deuses menores, não teriam arriscado as suas vidas?

Porque os politeístas de seu tempo lhes teriam dito: Nós reconhecemos como vós outros a Cnef, o deus supremo; porém vós não admitis a Osiris, Ísis, Horo e Tifon, porque sois filósofos e, por conseguinte ímpios.

Os sacerdotes dos deuses subalternos, movidos pela necessidade de viver do erro, da impostura e das oferendas feitas a deuses menores se teriam aliado com o populacho para combater os sacerdotes do teísmo puro e seus sábios sectários do deísmo.

Para evitar estes perigos, os hierofantes do Egito e Grécia, rodeados por um tríplice círculo de deístas, que depois de submeterem-se a duras provas, entraram no santuário dos santuários para contemplar sem véus o panorama moral do Deus Único, comunicaram aos sacerdotes de Codom e de Krishna, do íbis, e do crocodilo de Adônis e Cibele, alguns emblemas engenhosos do único culto lógico que inseriram, com habilidade, nas absurdas ficções dos deuses e ídolos do povo; e os ministros desses ignominiosos e lucrativos fetiches, certos já da sua conservação de seus *pagodes* e dos ganhos casuais que lhes proporcionavam, deixaram tranqüilos os pontífices do Grande Arquiteto do Universo.

Aqueles conseguiram proveito e glória ao serem admitidos em uma reunião de filósofos e heróis que nas lojas dos primeiros graus falavam com veneração dos seus deuses, prolongando desta forma a duração das superstições entre as quais viviam esses miseráveis em ociosa e honorável tranqüilidade.

Os grandes iniciados da fé cristã empregaram esta mesma tática, porém baseando-se em idênticos motivos, acolheram à trindade platônica derivada das trindades indianas e egípcias. Seus herdeiros se prestaram à concordância de uma vasta hierarquia celeste, que partindo de São Roque e seu cão, chegava até os pais dos seres visíveis e invisíveis. Estavam prevenidos que era perigoso lutar contra as fábulas que gozam de crédito e se amparam em poderosos interesses. Misturando o politeísmo nos atos teístas da Missa, foi como puderam garantir-se contra as reflexões dos celebrantes arrazoavam sobre as suspeitas dos fanáticos assistentes. Isto o demonstraremos imediata e plenamente.

Os sacerdotes pagãos levavam as mãos à boca e viravam-se de frente para o povo em um momento determinado do sacrifício. O celebrante da religião moderna faz o mesmo dizendo: *Orate, fratres*, orai irmãos, para que esse sacrifício meu e vosso seja agradável a Deus Pai todo poderoso: é teísmo puro.

Os irmãos respondem: *Que o senhor receba de tuas mãos este sacrifício para louvor e glória de seu santo nome e também para a nossa utilidade e de toda sua santa igreja*, o qual é teísmo puro.

O celebrante pronuncia em voz baixa uma fervorosa oração depois de ter respondido *amém*, assim seja, fórmula hebraica que significa: *não credes mais que em um só Deus único a quem invoco*. Ao recitá-la com mistério, como se fosse um grande sacerdote de Jeová, afastado do santuário, se curva em espírito e em verdade ante a majestade do Deus Único.

O nome secreto aplicado nesta oração não é senão a única cobertura de Júpiter *secretus*, do importante mistério e da chave do único arco triunfal erigido com fundamento ao Grande Arquiteto do Universo.

Até este momento, tanto nas lojas como nas santas igrejas, o celebrante não fez louvação menção alguma a não ser à estrela flamejante, em cujo centro há uma letra (G ou C) radiante, e de uma quinta ciência, chamada assim apesar de ser a primeira; porém, no ato mais secreto do trabalho, ou do sacrifício, o celebrante pronuncia o nome inteiro do Deus Único, God, e não invoca nem reconhece a outro que não seja o Grande Criador, o Grande Arquiteto do Universo e não invoca nem reconhece a outro Senhor que o grande gerador, o Grande Arquiteto do Universo. Enquanto é pronunciado o nome com silêncio devido ao inominável, seu pontífice entoava em voz alta para ocultar os últimos sons aos profanos e politeístas, o que a habilidade litúrgica chama *prefácio* o qual não é, em realidade, senão uma conseqüência da *secreta*: e digo, habilmente porque o celebrante não é com freqüência um teísta puro e, seja qual fosse a liturgia, não deixasse de ter a obrigação de ocultar de tal modo a palavra *secreta dos eoptas* que os neófitos não possam descobri-la. De fato, depois que o celebrante diz: *alta voz canta-se omnia saecula saeculorum*, e os irmãos respondem, *amém*.

Em continuação, o sacerdote recita algumas orações, às quais se unem aos fiéis, logo fala o oficiante em voz alta dando graças ao Senhor Santíssimo, Pai onipotente e eterno Deus, por intermédio de Cristo, quer dizer: do Sol, seu representante visível na Terra.

Aqui está um primeiro véu colocado na face do Deus Único *per quem omnia facta sunt*. O eclipse não demora em fazer-se na sua totalidade, por meio destas palavras: Os anjos, as dominações, as potestades, os céus, as virtudes dos céus, os querubins e os serafins - gênios escalonados no novo Olimpo celebram, diz o prefácio, a glória do Deus único, com mútuos transportes de alegria.

Não tardaremos em ver quais são as diversas conseqüências do prefácio, segundo diga um oficiante teísta ou um politeísta, e haveremos de demonstrar que em ambos os casos não periga de modo algum o culto do Deus Único, o qual se reserva para as fortes inteligências, para os organismos vigorosos, que possam receber sem perigo a fusão do mistério da grande iniciação. Porém, suspendo essa demonstração para seguir demonstrando que não existe nenhuma fração do culto moderno que não tenha sido antes pedra ou ornamento dos templos existentes na mais remota antiguidade. Tanto nas mãos dos Hindus, Persas, Fenícios e Egípcios, como na sacerdotal se encontram gravados todos os materiais que constituem a igreja moderna. (O mago entoava antes do sacrifício, um canto sagrado denominado *teogonia* que consistia o prefácio da missa do magismo).

Transportemo-nos, meus Irmãos, ao princípio e ao final do prefácio e segui-me. No princípio se diz *sursum Corda*: e os fiéis se levantam em resposta às palavras do sacerdote ao *gratia agamus Deo nostro*, estas palavras e esta demonstração de respeito foram tomadas dos antigos Gregos, que oravam sentados ou de pé segundo a natureza das orações, tanto depois das bênçãos como ao recitar as rezas.

No final diz o oficiante: *Dominaciones, potestades*, etc. Quem não reconhece nestas entidades os gênios estelares do sistema árabe, os anjos da sábia Caldéia e da ilustrada Persis e os poderosos, dominações potestades e tronos celestes que regem o mundo sob a autoridade de um grande venerável? Que olhos serão tão débeis que não conseguiriam ver nesta multidão de semideuses e aos *dii communes* dos gregos e romanos: a seus deuses azonos, que quer dizer, de todas as zonas e aos deuses adjuntos, que ajudam os principais?

Os platônicos reconheciam a existência de gênios dispostos por graus mais inteligentes e poderosos uns que os outros que serviam de intermediários entre Deus e os homens. De modo que é claro e irrecusável que os platônicos cristãos inseriram no fim do prefácio da missa a antiga fábula dos gênios e dos Anjos intermediários. A palavra *angelus* significa mensageiro. Entre os pagãos era o sobrenome de Mercúrio.

Portanto, *arcanjo* significa *Archi-mensageiro*. Entre os Parsis, Mithra era o *anjo* o enviado do Sol, e, por conseguinte, seu mensageiro; os dois corvos, pousados nos ombros do deus Odim, eram os oficiais ordenanças, deste Deus e Cristo é o anjo do Altíssimo, o mandatário do pai, *gaudium angelorum* considerado como seu enviado, o Messias. E agora, Ilustres Irmãos, voltemos ao prefácio, a esta mistura de teísmo e politeísmo. Que cada qual investigue, no intervalo deste capítulo ao seguinte, qual é o culto da Terra que se viu livre desta combinação de idéias.

Demonstrarei, que esta mistura não compromete em nada a verdade do grande mistério, enquanto este é um acordo estabelecido entre inteligências poderosas aos cérebros raquíticos, entre os grandes iniciados do Cnef e os iniciados menores da *cebola*, do *íbis* e do *Crocodilo*.

XIV - Continuação do prefácio - O acordo do teísmo e o politeísmo não pôs em perigo a verdade - Provas - Os altos iniciados adotaram e naturalizaram por prudência as divindades exóticas - Estas se submeteram com seus sacerdotes ao Grande Arquiteto do Universo - Fim do prefácio, o Sanctus, sanctus, sanctus - Da palavra *sabaoth*-Etimologia desta palavra e do

Sanctus - Razão para que esta última se repita três vezes - Do Hosana in excelsis - Voltamos a tratar da invocação final do prefácio - Verso de um antigo canto maçônico - Fragmento de um hino cantado nos mistérios de Ísis análogo à reza do Sanctus.

Já dissemos antes que o acordo do Teísmo e do Politeísmo inscrito visivelmente no prefácio do sacrifício da oblação, não comprometia em nada a verdade do grande mistério, reservado às inteligências poderosas; e aqui vou mostrar:

É Teísta o grande iniciado e grande eleito o celebrante do sacrifício? Então o celebrante proclama acima de tudo a suprema e universal unidade do incompreensível obreiro, com o qual penetra nos órgãos capazes de compreendê-lo e ao mesmo tempo não se expõe a conflitos com o poderio, o interesse, o amor próprio, a debilidade ou ignorância de quem quer que exista uma hierarquia no céu e na terra. Valendo-se desta combinação engenhosa da verdade com a fábula, o celebrante conserva o culto da razão e parece respeitar o culto popular; e recordando aos iniciados perfeitos a palavra sagrada, pronuncia em voz solene valiosa aos partidários dos anjos e dos seus confrades, os santos padrões, ante a águia dos evangelistas João e o cão de Roque (Muitos autores dizem que São Roque é um ente imaginário, e, em apoio da sua opinião citam o fato de que esse Santo não fora ainda canonizado) pronuncia, digo, os nomes dos seres inferiores apoteóticos com muito mais palavras de passe dadas para chegar a conhecer sem perigo e sem mistificações ao Grande Arquiteto do Universo.

Por ventura o celebrante é um iniciado menor? Então, recitará o prefácio sem compreender seu significado nem intenção, porque se vive de um altar dedicado aos *santos-anjos*, esses nomes serão os que ele cantará mais alto movido pela esperança de que seus ganhos sejam mais lucrativos e de que se firme sua autoridade nas consciências.

Por ventura o povo dos iniciados é um povo vulgar? Poucos deles assistiram à Loja, ou seja: a assembléia na qual se confere *o logos, a palavra sagrada*, se não se falasse dela, dos anjos e dos santos, dos gênios protetores, e dos demônios tentadores. E pelo motivo inverso, nenhum iniciado assistiu nessas pobres lojas, cujo objetivo aparente, consistia em render culto ao sagrado coração de Diana e ao precioso sangue de Adônis. Porém, o objetivo sacerdotal era recrutar os crédulos e consignar o pensamento da multidão sob a bandeira da superstição perseguidora ou sanguinária, conforme as oportunidades.

Quando a superstição se posicionou na terra, e submeteu todos os povos a seus vergonhosos tributos e fantasias mitológicas, a poesia de joelhos cantava hinos de vitória, agradecendo o terem podido divisar toda a natureza, desde o áspero ronco e os silenciosos bosques, até os Astros viajantes e das flores de um dia.

A razão chorava sua desventura enquanto a sabedoria lhe dizia: Minha mãe, deixa de choros, porque, de que servem as lágrimas ao oprimido? Tende valor e perseverança que tudo se encaminhará lentamente para o bem. A razão sentiu o desejo imprudente de derrubar os inumeráveis ídolos, que, levados em pompa sobre os ombros das nações, eram incensados pelos seus sacerdotes e aplaudidos por quem, crendo ou não nesses simulacros, estavam persuadidos de que a salvação dos seus impérios, a paz das sociedades, a ordem entre saber pouco numeroso e a ignorância populosa, a estabilidade das fortunas, a inviolabilidade dos lares, o respeito dos filhos, a insubmissão dos servidores e a honradez dos camponeses dependiam da religião pública.

Imitando aos cânticos Romanos tomou-se um partido mais moderado e seguro. A adoção naturalizou as divindades exóticas; porém, com a condição que cedessem sua primazia, ou renunciassem a sua independência. Assim que seus sacerdotes, cercados por todos os lados, viram-se obrigados a se renderem, satisfeitos de terem podido conservar parte das suas bagagens e de poderem continuar cumprindo suas funções ao lado dos seus ex-soberanos que tinham decidido serem intercessões ante o Deus único.

Por meio desta habilidade política, lograram que os erros da superstição se submetessem ao grande princípio da unidade criadora e conservadora.

E, as consciências dos pobres humanos deixaram de ser tiranizados pelo *landsturn* de Reis e rainhas celestes porque os deuses se submeteram a um monarca todo poderoso justo e paternal, cuja hierarquia unicamente se aproxima a ele que tem que referir-se às nossas misérias e não desce à terra senão para transmitir-nos seus benefícios.

De maneira que a invocação aos Anjos, tronos, serafins etc, vem a ser uma melhora estabelecida no culto e adequada ao grau de cultura da época.

Esta simplificação se repetiu quando os altos iniciados atraíram os grandes sacerdotes dos cabires, fetiches, guardiões, patrões, semideuses, heróis, legisladores e conquistadores exaltados até as condições de deuses. Tinham tanto interesse estes sacerdotes em defender seus rendosos cultos!

Se se tivesse tratado de excluí-los da participação dos mistérios, a paz do teísmo se teria rompido. Por isso foram iniciados nos mistérios menores e se lhe ocultou o conhecimento do Deus que se basta por si próprio, do onipotente Criador do Universo existente em si e por si mesmo. Uma vez que o oficiante convidou os fiéis a que cantem em união aos espíritos do Céu genuflexos aos pés do Altíssimo, ressoa majestosamente o seguinte concerto nas abóbadas do templo "Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Sabaoth, os Céus e a Terra estão cheios de tua Glória! Hosanna nas alturas! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hosanna nas alturas!

Meus Irmãos, como é que o Deus Único, anunciado como manancial de paz nos antigos mistérios, nas catedrais escolásticas da religião moderna e nas nossas assembléias de logos-santo, foi proclamado Deus dos exércitos, até pelos mesmíssimos bem aventurados do Céu? Este terrível sobrenome comandado pelos tronos e dominações não tem nada de assombroso; porém eu creio que as virtudes se lamentam dele em segredo.

Seja como for, o ritual copia o Adonai Sabaoth dos hebreus, cujas instituições eram guerreiras em extremo. Moisés, general iniciado dos mistérios Egípcios, acreditou ser útil para seus fins corromper a pureza dos mistérios convertendo ao deus da paz do Nilo no deus de guerra do Jordão. Como me impus o dever de dar provas evidenciais das inserções das liturgias da antigüidade na liturgia moderna, vou explicar duas delas relativas às palavras Sanctus e Sabaoth.

SANCTUS. O Irmão Noel disse, falando dessa palavra, que Sanctus, Sung Sanctus, rei dos Sabinos, deificado, foi pai de Sabinus, a quem algumas vezes se confundia com Júpiter e outras com Hércules. Estas palavras significam propício e venerável. O iniciado Court de Gebelin disse que os Sabinos davam ao Sol o nome de deus Sang, Sangus, Sanct, Sanctus, vozes que derivam da Oriental sam ou shan, quer dizer: elevado; sams, o Sol; sham-in, os céus.

SABAOTH. Sab (oriental), elevado; Sabaoth, quer dizer: in excelcis, nas alturas; sabbath, dia consagrado ao Altíssimo. Observe-se de passagem que a invocação ao três vezes santo, respeita o número ternário, respeito que se observa tanto nas trindades indianas, egípcia e nazarena, como nas figuras da geometria maçônica.

A frase *cheio estão o Céu e a Terra de vossa glória*, é sublime! O *bendito seja o que vem em nome do Senhor*, expressa júbilo e agradecimento que sentem os homens para com o Sol, o qual vem em nome do Deus único, aquele que o criou para que os iluminasse e para que amadurecesse os germes destinados à conservação e reprodução da humanidade.

O *hosanna in excelcis*, oposto ao *inferis*, significa visão, profecia, aparecimento do Sol nos signos superiores, cujo astro é, neste caso, germinativo e amadurecedor, pois nos infernos, isto é, nos

signos inferiores, privados do seu calor fecundante, tudo é dor e trevas. Quando a palavra hosanna se pronuncia no mês do excelcís, expressa agradecimento pela aparição do Sol; e essa mesma palavra, pronunciada no mês do *inferis* não é senão um convite ao Sol para que apareça e ressuscite como nos anos anteriores: *resurrexit sicut dixit*.

De modo que levando em conta o exame da oração Sanctus, assim como a tradução das palavras sabinas e orientais sanctus, sabaoth e hosanna, e considerando que sabaoth não significa deus dos exércitos, sendo que sua raiz é sab; que a voz caldeu-hebraica hosanna quer dizer aparecimento; enfim, que a tríplice pronúncia de uma palavra nos sacrifícios da antigüidade servia para solenizá-la em alto grau, não vacilo em traduzir a oração do *sanctus* nos seguintes termos: "Senhor, deus Sol, três vezes venerável. O universo resplandecente está cheio da glória dos teus raios regeneradores; aparece, volta, mostra-te uma vez mais em teus signos superiores".

Desta maneira é como a alegoria suspende seu véu na presença dos sábios. Mesmo que este capítulo peque já de longe, não posso abandonar as potestades, dominações, tronos, arcanjos (alistados em massa como soldados de uma santa aliança) e ouvir que cantam ao final do prefácio: *Santo, santo, santo, os céus estão cheios de tua Glória*, sem que esse melodioso concerto me lembre um belo verso de um antigo canto maçônico:

Um maçom construiu a abóbada do mundo, assim como um fragmento do hino dos mistérios de Ísis, citado por Apuleio quando se refere à iniciação de Lúcio: As potestades do céu te servem, os infernos te acatam, o universo gira sob tua mão, teus pés assinalam a passagem do tártaro, os astros respondem à tua voz, as estações giram às tuas ordens... Meus Irmãos, sanctus, sanctus, sanctus!

XV - Cânon da missa - Sinaxis dos hebreus reformados -Do Egípcio Cecrops - Hóstias e missas dos pagãos - Etmologia da missa e do messias - Dos Gregos - O Cânon é uma mistura de religião natural e artificial - Discurso oblativo de um antigo hierofante - Votos que empregaram nas sinaxis e que foram conservados na Franco-Maçonaria - O reino das trevas na Europa - Retorno da aurora, circunspecção e vigilância.

Chegamos ao Cânon da missa. O hierofante que foi purificado pela água, o ar e o fogo, assim como pelas oblações o incenso e as orações e que agora é mais digno do seu pontificado (pontificado tanto menos negado quanto rende culto aos ídolos populares) por ter feito profissão de sua crença secreta; o hierofante, digo, se entrega somente a augusta missão de consagrar a oferenda dos fiéis ao Deus Único, criador benfeitor e conservador.

Este monólogo é o que recebe no ritual o nome de Cânon que significa ordem, regra e da missa são invariáveis; e a ordem das orações, é idêntico a todos os dias de festa, seja qual fosse a causa que provoque sua celebração.

Chegou o momento de sacrificar vítimas inocentes e castas; o pão e o vinho.

A imaculada oferenda que um ministro de paz vai apresentar ao único Deus do Universo, dava antigamente a este momento um matiz tanto mais filosófico, enquanto que, fora do Santuário, corria o sangue dos homens e dos animais de mil fantásticas divindades.

Irmãos traslademo-nos com a imaginação àqueles deploráveis tempos: Não ouvistes o que os ferozes oráculos ordenam o assassinato de Jefte, e de Efigênia? Quantos clamores e gemidos se escutavam nas pompas religiosas da terra enaltecida! Em Israel, em Taurida, em Fenícia, na Grécia, em Cártago, em Roma e em Chartes, os impostores ferem com a faca sagrada os seus inimigos em nome dos deuses! Que asilos para os sábios, os heróis e os Reis, o pórtico em que Sócrates ensinava a existência de Deus senão a sua gratidão, e ao gênero humano o seu amor. Tudo parece derrubado, destruído, demolido. Não, meus Irmãos, tudo foi salvo por efeito da grande oferenda dos frutos ao Grande Arquiteto do Universo. Os Hebreus reformados, os Maçons ou os alto-iniciados não

deixaram nunca de render culto ao Criador a homenagem menos indigna de Sua Majestade, em meio das carnificinas sacerdotais.

Vós que sois os sucessores dos fundadores dos mistérios antigos, entrastes no tabernáculo de modo por temor aos ímpios gentios, ponho um selo nos meus lábios, e vou falar unicamente dos Hebreus reformados circunscrevendo-me a este tema especial.

As assembléias do *logos* dos iniciados primitivos pertencentes à religião cristã se denominavam *sinaxis*, é dizer: reunião de irmãos para orar e celebrar a ceia. A oração tinha por objetivo oferecer, e por isso ofereciam legumes, pão, vinho, fruto, como primícias das colheitas, leite e mel, como símbolo de agradecimento ao Grande Arquiteto do Universo.

Muito tempo antes que o judaísmo fosse reformado em nome de Jesus, Cecrops, o príncipe da terra, dos mistérios e fundador ao Areópago que havia mandado que se chamasse o Júpiter, proibiu aos Atenienses que oferecessem coisas animadas aos deuses. A única oferenda que consentia, consistia em uns pastéis denominados *selanos* por causa de sua forma de cornos.

Os Romanos tinham suas *feriae messis*, suas festas da missa, e da recolheita. (que vem a ser recolher os grãos perdidos na terra durante a colheita, o que era permitido somente às viúvas e necessitados devidamente aprovados pela coletividade).

Os Hebreus reformados se reuniam em *sinaxis* no tempo dos apóstolos para lerem o evangelho e a epístola (a correspondência) e orar a Deus pelo triunfo do reino de Cristo. (a volta do Sol) E pela conservação dos reis e magistrados, a fim de que sob sua direção, pudessem levar os fiéis, uma vida pacífica.

São Justino, o qual viveu no ano de 150 da era da grande luz filosófica, consta que as assembléias solenes se celebravam no dia chamado de Sol (domingo, dies magna), com idênticas leituras e orações, cantos de salmos, cânticos, refeições, batismos com água e ágape da santa ceia de pão e vinho.

As oferendas receberam mais tarde o nome de hóstias e a cerimônia de sua consagração e de *missa*, palavra derivada do latim, *messis*, colheita, ou seja, oferenda das primícias e das recolhimentos.

Se, como opinam alguns sábios, queriam que a missa se derivasse do hebreu *missah*, que quer dizer *oblatum*, oferenda, eu não rechaçarei essa etimologia que não foi mencionada por nenhum padre da igreja. Eu acredito que a cerveja teria substituído o vinho, se estas primeiras *sinaxis* tivessem tido sua origem na Escandinávia. Se semelhante coisa tivesse acontecido na América, o milho teria substituído o trigo; se na Nova Holanda e nas Ilhas Taiti, o fruto da árvore do pão (*rima*, *archeauspus incisa*, botânica), teria sido a matéria cereal da hóstia.

Tampouco é de mais lembrar agora que os Romanos do paganismo faziam derivar de *messis* as deusas das colheitas e que cada recolheita tinha sua divindade. Os fiéis da religião atual somente reconheceram a um mesias produtor de todas as espécies de frutos.

De *messis* colheita de onde derivaram mesias, o que amadurece as colheitas, ou seja: o Cristo, o Sol. *Messis autem genuit*, o messiágo (divindade do Messias), ou o direito sobre as colheitas, não consistiu em sua origem, senão na oferenda voluntária das frutas consagradas na santa mesa.

O Bispo, ou seja, o vigilante do culto recebia a terceira parte e deveria distribuir os dois terços restantes entre o clero e os pobres. São Cipriano escreveu a Numidio que nas *sinaxis*, só poderiam recitar-se em voz alta os nomes de quem havia entregado dons mais consideráveis, com o objetivo de provar a emulação dos generosos. Porém, quando os sacerdotes corromperam seu próprio culto,

esta prática estabeleceu na Europa inteira as pragas anuais dos décimos e novenos (quer dizer, décima e nona partes).

Não acontece o próprio nos dias de assembleia dos Maçons; a olhada de relance, não penetra no *saco*, ou tronco de beneficência, que a mão velada do rico ou do pobre deposita o dinheiro consolador da miséria; a Loja ignora o produto e a aplicação saudável da homenagem feita em comum pela virtude opulenta e a virtude pacífica e a virtude que sofre.

Porém, já é hora para que tratemos a fundo da ordem o Canon da missa. O nome de *sinaxis* (denominado também pelos Gregos *agyrmos*) servia para expressar a iniciação e a consagração das oferendas. A palavra *sinaxys* se perdeu, prevalecendo em troca a voz *missa*. Se hoje disséssemos *vou à Sinaxis*, não nos entenderiam; porém, em troca nos compreendem imediatamente se dizemos: *vou à missa*.

Entretanto, quando assistimos à missa, assim como agirmos nos mistérios Maçônicos, é necessário que se diga: 'Vou à assembleia dos Irmãos, porque tenho coração fraternal. Exaltei junto com eles ao Grande Arquiteto do Universo, porque a Ele devemos nossa existência e conservação. - Eu me unirei aos votos do celebrante, do hierofante, do venerável, porque Ele é puro como seus votos. - Eu abrirei minha bolsa aos necessitados, porque eles são membros da minha família. - Eu descobrirei o véu da minha consciência ante o Eterno, porque ela é branca como o isopor, flor branca muito perfumada.

Esta é a essência da religião natural e do seu culto primitivo.

Examinemos agora no Cânon da missa, o que pertence à religião natural e que lhe foi introduzido de religião artificial.

RELIGIÃO NATURAL: O celebrante roga ao Pai misericordioso, por meio de Jesus Cristo seu filho, para que aceite e abençoe as dádivas, oferendas e sacrifícios puros e imaculados.

Se quem não se submete ao jugo dos prejuízos como inconvertível, a explicação que demos sobre o *filium Dei unigenitum* do Credo, então o mais razoável é que as primícias dos frutos puros e imaculados que criou o Pai e amadureceu seu filho, para a salvação do gênero humano, se oferecem ao Grande Arquiteto do Universo por intermédio do Sol, seu filho visível como religiosa prova testemunhai da gratidão. Este tributo voluntário volta ao Pai de todas as coisas pelo mesmo caminho que traçou para chegar ao cume dos seus infinitos bens. A razão desta oferenda é muito simples: O Deus Único cria os átomos nutritivos; o Sol os faz crescer, florescer e amadurecer. Eu creio que este agente, este enviado, este pontífice do Universo que com a maior dignidade pode apresentar ao Criador os dons puros e as oferendas imaculadas, o pão e o vinho, emblemas do nosso reconhecimento. O celebrante diz que se ofereça ao Deus Único, por sua santa igreja católica com o objetivo que a conserve, a mantenha unida e a governe em toda a terra.

Esta fórmula é, sem dúvida, a mesma que se emprega na assembleia (logos-agyrmos) dos antigos mistérios; de onde, quem sabe, teria algum hierofante que se atrevesse a dirigir-se nos seguintes termos ao Grande Arquiteto do Universo:

"Oh! Deus Único! Atrevo-me a oferecer-te estes dons puros e imaculados em nome da Igreja universal dos Irmãos; em nome de todos os iniciados espalhados pela superfície da terra, em nome também dos profanos a quem a impostura entrega as mais cruéis e extravagantes superstições. Faz com que a uma só crença razoável leve o espírito da paz, de auxílio e de fraternidade entre os homens! Conserva e mantém esta crença, manancial da união universal, ilumina para este fim, aos reis, magistrados e sacerdotes de todas as Nações". Observemos agora que a antiga súplica se conserva intacta nos ágapes da Franco-Maçonaria, onde se fazem os mais ferventes votos pela saúde do soberano, do hierofante, da comunidade inteira, da Synaxis e dos iniciados visitados pela

boa ou má fortuna. A catolicidade dos signos, dos símbolos ritos, as listas nos três graus é tão exata, que os irmãos se reconhecem em qualquer parte em que se encontrem.

RELIGIÃO ARTIFICIAL: Quando a simplicidade do culto degenerou por causa da ambição dos seus ministros, estes colocaram em primeiro lugar os votos pelo papa ou grande hierofante, e em segundo, os que se diziam pelo bispo ou pelo vigilante; o soberano foi colocado em terceiro lugar, quando por justiça lhe caberia o primeiro. Aí é onde começa o sistema do Estado dentro da igreja, sistema que cobriu durante muitos séculos a Europa com sangue e ignorância e que ainda hoje em dia desonra certos países.

Sem intentarmos demasiadamente nas provas desta conspiração das chaves papais contra os Cetros dos reis, citarei algumas bases antigas: Deus faz aos bispos e não aos homens, dizia São Cipriano. Tem que considerar o bispo como um representante de Deus entre os homens, sacerdotes, reis e magistrados, depois de Deus, ele é o vosso deus, ele é o vosso deus terreno, vosso príncipe, vosso rei. Este horrendo sistema aumentado enraizou com êxito nos povos degradados pela servidão, povos desejosos de que os papas fossem superiores aos reis e declarassem que foram investidos por Deus com o direito de dar e retirar coroas.

Os povos oprimidos favoreciam com sua desesperação estas sacrilégas impiedades. Não demoraram muito os bispos, amparando-se nos direitos e regalias, em atrever-se a se constituírem em juizes do poder secular, a derrubar do trono e feri-lo com excomuniões, ou confiá-lo em claustros e flagelá-los ao pé dos altares.

Estes atentados contra a honra dos reis e contra a razão dos povos se cometeram a favor da ignorância universalmente difundida.

A única cultura existente naquela época se concentrava nos capítulos e nos claustros envolvendo-se no obscuro laço da escolástica.

Ilustres iniciados, o reino das trevas caminha rapidamente para o seu fim; porém, aquelas ainda fazem resistência. *Fratres, sobrii estote et vigilate.*

XVI - Continuação do Cânon da missa - Religião artificial e intolerante - Memento - O Deus eterno, vivo e verdadeiro - Dogma de outra vida e das recompensas e castigos - Inserção sabeísta com nomes modernos - Aliança de ouro e lodo nos altos graus Maçônicos e nos chamados mosaicos.

O celebrante da missa roga ao Senhor que mantenha em paz e união a todos os que são ortodoxos e fazem profissão da fé católica e apostólica.

Não existe nada mais intolerante que este final. O rito moderno não tem nenhuma razão para titular-se de Universal, já que outros ritos negam sua universalidade, e outras seitas nascidas de sua seiva a disputam.

A Ásia ri de semelhante título; a África apenas ouviu falar dela; as duas terceiras partes da Europa se libertaram do seu jugo, e enquanto que uma metade do novo mundo tolera suas importantes máximas, a outra se rebela contra este perigo.

Que significa esse desejo de paz e de união pelos países, senão um voto de discórdia e exterminação contra os inumeráveis dissidentes que também são como eles filhos do Grande Arquiteto do Universo.

Uma vez dita a oração, cujo começo tem origem tão pura e comovedora e, cujo fim, tão monstruosamente falsificado, não vacilamos em crer que serviu de pretexto para as insensatas

cruzadas e matanças religiosas, a fogueira de João Huss, ao desterro de Olavides, ao martírio de Jaques de Molay, *Jaques ou Tiago* e o assassinato de Calas, o celebrante diz:

Oh! Deus vivo e verdadeiro, lembrai-vos dos vossos servos e servas (fulanos, fulanas, etc, etc.) (aqui cita o sacrificador e aqueles para quem oferece especialmente o sacrifício), e de todos os presentes, cuja fé e devoção são conhecidas e sempre por si e para si, por todos os seus, pela esperança de sua salvação e conservação e que vos rendem votos.

Nesta lembrança se distingue facilmente o tipo da religião natural, e das inserções da religião artificial.

RELIGIÃO NATURAL. Seu tipo de símbolo é a frase: Deus Eterno, vivo e verdadeiro, que à luz da Franco-Maçonaria pode esclarecer-se da seguinte maneira: Deus verdadeiro, é dizer, eu não invoco aos deuses de prata e ouro, vãos simulacros das Nações, fabricados pelas mãos de impostores, deuses que têm bocas, que não falam; ouvidos e olhos, que não ouvem e nem vêem e pés que não sabem caminhar.

Deus vivo, quer dizer: Eu invoco o boi ápis que morre e ressuscita numa semana; nem ao Dalai-Lama, o dos excrementos sagrados, a que crêem imortal os cretinos do Tibet.

Deus eterno, é dizer, eu não invoco senão ao Grande Arquiteto do Universo; senão ao criador do Céu e da terra, ao criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, enfim, ao inominado que não tem necessidade de nome para que conheça o único Deus Eterno e verdadeiro.

A pureza do tipo primitivo, torna a encontrar-se na homenagem que oferecem os iniciados ao Deus Eterno, vivo e verdadeiro por meio do hierofante.

RELIGIÃO ARTIFICIAL. Neste momento inseriram o antigo dogma da outra vida, dos castigos e recompensas depois da morte: Dogma que transmitiram os Egípcios aos Gregos e os Gregos aos Romanos; dogma repressivo dos fracos, e opressivos na mão dos tiranos astutos; dogma a que se devem os absurdos da Estígia, o Cócito, e o Aqueronte; (lagos e rios mitológicos) dogma que, pouco tempo depois, fez que se inventassem os donativos, as indulgências e as absolvições de paz e consolo ao término de sua miserável vida.

As palavras que dizem: "por uma rendição de suas almas, mostram que foi intercalado no momento do "Canon da missa".

Enquanto a adição: *pela esperança de sua salvação e conservação*, teremos que supor que essa súplica só tem relação com a saúde e a conservação corporal dos assistentes. Ora, se se tratasse da saúde e conservação *espiritual* que necessidade teria que se predissesse a esse voto, o da redenção de suas almas, cometendo um pleonasma inadmissível na boca de um sacerdote do *Eterno*?

E, ainda, a forma desse argumento é imprópria, pois é mesmo que duvidar que Deus esteja de acordo...

Uma vez recitado o memento, o celebrante pede a Jesus Cristo, assim como à virgem, e aos apóstolos e a todos os Santos, dos quais somente se citam alguns que se interessem pelo êxito do sacrifício e reconhecem que se a sua oferenda é recebida, se deverá os méritos e orações aos seres a quem se invoca.

Nestas palavras descobriremos um formoso fragmento do culto dos antigos magos, fragmento das artes religiosas da antigüidade que, à semelhança dos cavalos viajantes de Corinto, foi levado à Fenícia, a Arábia, ao Egito, à Grécia e à pagã Roma e ao mundo cristianizado. O Pontífice moderno

invoca o Sol e a Lua, os doze signos zodiacais e as inúmeras estrelas, com o objetivo de que protejam o êxito da *oblação* e dos votos perto do seu Arquiteto e do seu motor que é o nosso.

Esta invocação tem um efeito, um aspecto venerável e superior àquele que se dirige aos Santos Bartolomeu, Mateus, Lino, Cleto, Crisógono e outros ilustres desconhecidos. Assim, como se infiltram na moral mais pura essas alianças que diminuem seu preço, cuja separação só a conhecem os químicos.

Se me permitissem citar uma comparação vulgar, diria que: a sã moral é o remédio mais eficaz e salutar contra as paixões; porém, por desgraça, existem muitas crianças a quem é impossível fazê-las tomar se não é com açúcar, chicotes ou contos, se se lhes diz é para curá-los, rechassam imediatamente. Mas se se lhes promete dar coisas frívolas ou com ameaças de Barba Azul, logo tragarão a pílula. Isto é o que se fazia nos antigos mistérios onde se ofereciam sacrifícios a Ísis, e às divindades subalternas, à boa deusa e às suas celestes matronas, para chegar ao conhecimento do *Cnef* do Demiurgo, do Grande Arquiteto do Universo. Assim, nossos graus filosóficos, que são os da sabedoria mais elevada, formam o mosaico composto de verdades sublimes e absurdos detestáveis; do amor fraternal à humanidade e a horrível paixão da vingança hereditária; do que existe de eterno em todos os corações e idades e o que existe de insensato em certas raças e épocas; de símbolos em que se conservam as ciências próprias que nos ensinam a impedir que se derrube o edifício do espírito humano, e de hierógrafos, cuja explicação só tende a rebaixá-lo se os adeptos se entregam à vil e falaz arte de enriquecer-se, valendo-se de fórmulas herméticas; de preceitos sublimes redatados pelos mais afamados moralistas e resumidos por São João nestas breves palavras: *amai-vos como irmãos*, e desses pretensos graus maçônicos superiores havidos por discórdias, atores do jesuitismo, miasmas de revoltas, cujo destino no altar das virtudes sociais consiste em devastar o mundo em épocas de desventura.

É preciso confessar que essa multidão de graus que recebem o qualificado de Maçônicos, levam o selo das épocas em que foram idealizados ou retocados pelos quais chegamos as seguintes conclusões:

1º - Que os primeiros graus datam da colocação da primeira pedra do templo da religião natural no coração humano realizada pelo Grande Arquiteto. 2º - Que os graus hebraicos foram lapidados nos séculos e povos amigos da literatura bíblica. 3º - Que os graus de cavaleiros foram construídos nos bizarros, fanáticos e gloriosos tempos da cavalaria templária e teutônica. 4º - Que os graus políticos, esculpidos com ambiciosos cinzéis, são rechaçados em toda constituição maçônica, porque a matéria de que estão compostos, em aparência uma mistura de mármore, ouro e cristal, só servem para que se agridam e derrubem os templos da fraternidade universal.

XVII - Continuação do Cânon - Duração do culto - Consagração do pão e do vinho - Semelhança dessa liturgia com a de Roma pagã na época principal do sacrifício - Explicação lógica da oração dirigida a Deus e ao seu filho - A origem da consagração da oferenda do pão e do vinho anotado já no ritual da missa dos pagãos. De Mosés, Moisés e Misés - De sua Páscoa que os Hebreus reformados e os Maçons bíblicos substituíram pela ceia, esperança de colheita.

Uma vez que o hierofante deu satisfação aos predominantes prejuízos da existência de poderes intermediários, ele entra nos santos dos santos, onde pede paz durante a vida, imortalidade cheia de felicidade e preservação das penas eternas; este é um profundo *memento* dos mistérios antigos.

O oficiante pede a Deus Único que aceite a oferenda do pão e do vinho como sacrifício com que lhe rende a assembléia culto razoável e espiritual; aqui está a depuração do culto e a volta à perfeição original.

Oh! Deus, diz ele, faz com que a nossa oferenda se converta para nós no corpo e no sangue do vosso amadíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, na véspera de sua paixão, tomou o pão em suas santas e veneráveis mãos e levantados os olhos ao céu, a Vós Deus, seu Pai onipotente, deu-lhe graças, abençoou-o, partiu-o e deu aos seus discípulos dizendo: TOMAI E COMEI DELE TODOS, PORQUE ESTE É O MEU CORPO. Antes de explicar estas palavras mágicas, e com o objetivo de confirmar melhor a semelhança existente entre a liturgia antiga e a moderna, direi, que nos sacrifícios solenes que celebravam hinos e executavam trechos de música; o incensário dirigido ao altar, exalava um perfume sacro, e os vapores do incenso se uniam aos sons das flautas, que por essa razão recebiam o nome de *Thurairas* a este devo acrescentar, que este hábito foi conservado na época das elevações das missas maiores.

Voltemos nossa atenção às palavras da consagração, com cujo conjunto se relaciona o emblema moderno do Dominus Sol, do deus Sol, do filho do Pai, de Adônis, filho de Adonai e de Adonaia. Aqui se restabelece a pureza do culto primitivo. Expliquemos a precedente observação: Oh! Deus, faz com que etc, etc.

Grande Arquiteto do Universo, Pai de todas as coisas, fizeti com que este pão e este vinho, amadurecidos pelo Sol, vosso amado filho, não nos falem jamais, e que esta oferenda pura, una as criaturas com seu criador com laços de constantes benefícios e contínua gratidão. E tu, oh! Sol, filho de Deus Único, submetido pelo onipotente e as fases (perceptíveis pelos nossos débeis pobres sentidos) da morte e a ressurreição anuais cujo objetivo é alimentar a humanidade espalhada pelos hemisférios tu, monarca dos doze signos de prosperidade e adversidade, que na véspera de tua paixão, ou seja, de tua passagem aos domínios inferiores, encheste a terra de frutos para que pudessem viver os homens até o próximo retorno; tu grande astro, cujo corpo não tem semelhante destes vida às moléculas materiais, fecundidade aos objetos que pertenciam ao parecer ao domínio da esterilidade e claridade, aos tristes que gemiam sob o império das trevas. Não é blasfêmia que estes corações te ofereçam um sacrifício de agradecimento, que pensem e digam que a homenagem deve ser-te tanto mais agradável, quanto se emana do teu corpo radiante, da influência da tua natureza reprodutiva.

Ilustres Epotas assim explico a alegoria do pão sagrado e dou idêntica solução à do vinho. Eu creio que não é contrário à razão quando digo: convenhamos que se tivesse investigado com calma e observado com mesura, ter-se-ia evitado deploráveis controvérsias e infamantes extermínios, a que deu lugar a divergência de opiniões sobre as espécies e a presença real, mental ou figurada.

A origem da consagração do pão e do vinho foi descoberta nos sacrifícios dos antigos pagãos. Apesar da desmoralização do culto da religião fundamental, o qual consistia unicamente na oferenda dos frutos, e, apesar de que sob o altar da idade do ouro, se derramou sangue humano e animal, observe-se que os sacerdotes corruptores, se sentiram forçados a conservar alguns vestígios desse casto culto na mesma oferenda das vítimas sacrílegas. Para demonstrar e fazer prova, basta fazer uma ligeira descrição das cerimônias conservadas por estes monstros. Os iniciados nos mistérios se pasmaram da transposição verificada por estes liturgistas na oblação ou oração da colheita, (a missa) que é o protótipo da ressurreição do culto primitivo, que é dizer: da Maçonaria original.

Sacrifício dos pagãos, comparado. No princípio se exigia que os que faziam oferendas, fossem castos e imaculados. O hábito do sacrificador era branco - *in albis et candidis*.

Quando a cerimônia dava começo, os guardas (guardas do templo) alheavam aos que não estavam iniciados *profanos*, ou seja: fora do templo ou da igreja, que é de onde vem o nome *profano*. A contemplação do santuário, ou *adytum*, estava proibida aos iniciados menores.

O ritual moderno conservou o *pavete ad sanctuarium Dei* do antigo.

Os animais destinados ao sacrifício, recebiam o nome de vítimas, cuja palavra é derivada de *victus* alimento, e o de hóstia, a voz que vem de hóstia, pão por consagrar ou consagrado, o *salutaris hóstia*, do rito moderno. O sacerdote depositava na cabeça da vítima um pastel de farinha de trigo, imposição que recebia o nome de *immolatio*, imolação, de mola, pastel; *immolatus est victus*, rito moderno.

Depois dava de beber aos presentes, e com o resto, fazia uma libação, ou seja: uma oferenda a *Liber*, sobrenome de Baco-libertador, salvador, redentor, Cristo, que teve tanta analogia com o liber da Idumea; Baco que foi confundido algumas vezes com Moisés e o Sol, e que estando iniciado nos mistérios da terra (Rhea), ensinou aos homens a semear o grão e a plantar a vinha; *immolatus est Christus*, rito moderno.

O sacrificador lavava as mãos, recitava orações, ajoelhava-se, tornava a levantar-se, levava as palmas das mãos ao céu, as estendia sobre a hóstia e de frente para os assistentes, oferecia o vinho e o incenso às divindades do céu, *diis superis*, dirigindo-lhes três vezes a palavra, como no *sanctus da missa*, depois voltava a fazer libações e despedia os assistentes com estas palavras: *licet ex templo* (subentende-se exire), que quer dizer: está permitido retirar-se do templo, porque o sacrifício terminou.

Esta expressão de despedida, que foi substituída pelo *ite missa est* que se subentende *dieta*, não mudou de significado, e é uma cópia de outras frases como a de *velai e sede puros* fórmula de despedida dada pelo hierofante aos iniciados órficos: fórmula do venerável ao encerrar os trabalhos simbólicos à meia noite em ponto; fórmula conservada no ofício de contemplar com a sua antiga integridade *frates, sobrii estote et vigilate*, que é: meus irmãos, sejam discretos e vigiai.

Com as comparações que acabo de fazer, creio ter demonstrado até a evidência que o culto praticado nos antigos mistérios, assim como a oferenda do pão e do vinho com que anualmente fazemos abundantemente (nos homines et propter nostrum salutem), Cnef, Demiurgo, Yaho, Jeová, Júpiter, Pachacamac, o Pai Único, o Deus Racional, o Grande Arquiteto do Universo e o seu filho bem amado, deus sensível, o Sol, transmitiu até nós apesar das alterações amálgamas, etc, que experimentaram.

Ainda que, a consagração da oferenda no ritual da religião moderna, não se pareça em todos os detalhes com a das oferendas dos primeiros tempos históricos, ainda que, o compacto e simples fundo de seu belo véu, tenha sido bordado, enriquecido, complicado de cores e obscurecido com ornamentos, não deixa por isso de ser visível aos olhos exercitados que não tendo sido cegados pelo fogo fátuo da superstição, vem por onde queiram o tipo primordial da casta oferenda das primícias da colheita; ainda que esteja oculto por trás dos vapores de um sacrílego incenso.

Mosés ou Moisés tem sido considerado por certos autores, como personagem imaginária; por outros, como a imagem mal retocada dos Bacos índio, etiópico, egípcio e frigio e por alguns como um desses homens raros a quem confia o Céu o dom da liberdade em favor dos povos oprimidos pelo jugo estrangeiro.

Moisés que tinha sido iniciado nos graus elevados da ciência dos magos, ou choéns de Mênfis, transportou à sua legislação a festa da primavera, do Sol entrando no signo do cordeiro de Deus, *Agnus Dei*, o dia aniversário da chegada, *adventus* que celebram os magos com oferendas de frutos; porém, como a duradoura opressão da escravidão degradou os Israelitas a tal ponto que estes eram insensíveis à pureza de semelhante sacrifício, se permitiu adicionar à vítima (*victus*) um cordeiro recém-nascido, emblema do signo de Aries ou carneiro, que é a imagem do Sol fecundador da primavera. Os Hebreus se acomodaram facilmente a este amálgama e enquanto seu legislador se ausentou, adicionaram antes as mesmíssimas barbas do seu irmão Araão, o grande sacerdote, as cerimônias do boi Ápis, do touro ou o bezerro de ouro, os Judeus reformadores e reformados necessitaram de muito tempo e grandes esforços para chegar a substituir a Páscoa pela ceia, e a

vítima do cordeiro pela hóstia de trigo. Ainda em nossos dias há certos graus da maçonaria bíblica em que se trata de imitar a páscoa de Moisés reconstituindo as matanças sagradas sob o imponente título de *Grandes Reformadores*

Oh! pobres homens! Em que vos ocupais? Vocês se vão, e os vossos filhos ficam!

XVIII - Continuação do Cânon - As palavras da Ceia - A Missa se celebrava no início da noite - Do Rosa-Cruz Francês, do Escocês e do grande Escocês filosófico, comparados com a casta oferenda. Indução do culto Solar proporcionada pelas próprias palavras do Cânon da Missa - O que naturalmente deve pensar-se das crenças de quem solenizam as palavras - O culto degenerou-se no começo do século II. Crenças dos Gregos e dos Romanos a respeito dos mortos. Egípcios e Guanches (antigos habitantes das Canárias). Manes (sombra ou alma dos mortos, ou fundador da seita dos Maniques da Pérsia) Larvas e Lemures. Campos Elíseos.

Segundo os Evangelhos, Jesus estabeleceu a pureza da oferenda primitiva na Ceia que precedeu à sua morte, celebrada na Páscoa mosaica: este é meu corpo, este é o meu sangue, ele disse enquanto distribuía o pão e o vinho aos seus discípulos, ou iniciados que, segundo disse São Paulo nos Coríntios, se reuniam à noite para tomar a ceia do Senhor. Segundo referências, os feitos dos Apóstolos (capítulo XX) os discípulos se reuniam para fazerem o repartimento, até o fim do século II o ritual fora enriquecido com segredos Astronômicos, ordenou que se realizassem a Missa pela manhã do dia seguinte do *sabbat*, para não coincidir com o sábado judeu.

Eu teria logrado que me concedessem o favor poder ver os Graus de antanho que eram considerados como superiores aos de hoje, graus que se unem e que representam a páscoa animal dos Israelitas e a frugal oferenda das instituições teístas primitivas e não presto outra atenção a páscoa judia que é a que se deve a cerimônia praticada pelos graus dos ritos Francês e Escocês e pelo povo mais nobre neste gênero, posto que é o único que soube conservar-se intato.

Eu não sei se o grau de príncipe ou Cavaleiro Rosa-Cruz seja uma prova ou é prova de alta sabedoria ou produto de um fanático delírio; porém o que se pode dizer é que em bizarra feitura desta ordem se observa o vestígio da oblação feita em tempos de razão ao Grande Arquiteto do Universo.

Eu respeito o Grande Escocês do rito filosófico, cujo contexto apresenta uma representação bastante pura do culto primitivo da fraternal participação dos dons nutritivos realizada através da oferenda de gratidão e da dignidade do pontífice-rei na família, cargo que se confere ao sábio, imagem viva e sensível da bondade e da justiça do pai de todas as coisas.

Recebemos dele, ou seja: *a hóstia imaculada, a hóstia santa, o pão sagrado da vida que não terá fim e o cálice da saúde eterna, segundo as palavras da missa.* Oh! Pai único, a vós devemos estes dons assim como ao vosso filho ao qual comemoramos aqui em sua paixão, em sua ressurreição do sepulcro, em sua vitória sobre o inferno, em sua gloriosa ascensão aos céus (palavras do Cânon da Missa) porque se o Sol tivesse permanecido no túmulo, nos infernos, nos signos inferiores, ter-se-iam terminados os dons, o alimento e as raças que transportam o ovo germinador da civilização.

Em sua paixão, ou passo, ou seja: no intervalo de sua entrada nos signos inferiores tem lugar a sementeira que é *esperança inquieta*: em sua ressurreição a germinação, que é *esperança fortalecida* e depois de sua ascensão, a colheita, que é cheia de esperança.

Aceitai (palavras do Cânon da Missa), aceitai Senhor esta oferenda casta, como aceitastes os presentes do justo Abel, ao sacrifício do patriarca Abraão e do sumo-sacerdote Melquisedec (que são três personagens mencionados na Bíblia em três épocas de desenvolvimento, melhor dito, de degeneração do culto hebraico). Creio que restabeleci a casta origem do sacrifício da missa e a pura simplicidade das palavras que o caracterizavam. Poucos celebrantes e contadíssimos iniciados dos

que a ele concorrem, se percatam da inteligência sublime que atesouram, porque são Maçons de prática e não de teoria: *extra et non intra velum* a quem devem-se considerar-se como *quasi geniti infantes* e não aplicar-se-lhes o versículo: *ecce sacerdos magnus, inventus est justus*. A missa vem a ser para os homens modernos, pertencentes a uma civilização perfeita, o mesmo que os grandes segredos de Ceres eleusina para os eminentes iniciados Gregos: *o mistério por excelência*. Se o oficiante não crê em nada do que soleniza, devemos pensar que devemos vigiá-lo de perto e que a sociedade em geral, tal como os pais de família, que, não devem perdê-lo de vista, se ele nada descobriu sob a aparência do pão e do vinho, creiam que o sacrificador é tão vulgar como os condutores e magarefes da Roma pagã, porque a razão, grande pontífice de todo homem fechou a sua boca para sempre.

Se o sacerdote acredita que o prodígio periódico da natureza é um milagre que não se poderia realizar se ele deixasse de pronunciar com a ordem estabelecida, certas palavras encantadas, é porque é um fanático de quem nos devemos nos distanciar por prudência, procurando que aqueles que cuidam da saúde pública o observem e segreguem de todo contato, sobretudo em épocas de peste religiosa.

Porém, se o celebrante acredita no *Cnef* ou demiurgo, no ser a quem o Pope chama, pai de todas as coisas, seja qual for o nome que se lhes dê, no arquiteto que criou o céu e a terra, nele que sustenta diariamente a todas as suas criaturas e submete todas as suas criações instantâneas a um sistema de eterno movimento; naquele em que o espírito e a matéria constitutiva do gênero humano lhes deve tanto agradecimento; se este celebrante, digo: oferece a esse Deus Único, as homenagens e votos dos sábios de todos os gêneros, com o coração tão puro como os frutos que consagra, como as mãos que as lavou em sua presença e como o candor da aurora que a leva, é porque pertence á casta de Melquisedec, é perfeito iniciado nos mais santos mistérios do grande pontífice da sabedoria e o representante na terra do Grande Arquiteto do Universo.

Foi no século II, a partir do ano 110 da encarnação, quando o simples tecido da nova religião se sobrecarregou com antigos bordados de cultos desacreditados. Os Gregos e os Romanos aceitaram as crenças egípcias relativas aos mortos imortalizados na Eneida.

Estes povos admitiram as mesmas crenças, os mesmos erros e cerimônias religiosas que herdaram uns dos outros. Seu sistema era o seguinte:

- 1.- A morte separava a alma do corpo;
- 2.- A alma uma vez separada do corpo, respondia pelas penas ou recompensas que havia merecido.

Os Egípcios acreditavam na ressurreição dos corpos, como se pode demonstrar pelas múmias sem necessidade de recorrer a outros testemunhos.

Os antiqüíssimos habitantes das ilhas canárias, chamados de Guanches, professavam a mesma crença como indicam os numerosos cadáveres dessecados nos cumes das montanhas. As almas que se achavam separadas dos corpos, recebiam na teologia Egípcio-Greco-Romana o nome de manes.

Por justas que tivessem sido estas na terra não podiam obter um lugar de paz e dita se seus corpos estivessem privados das honras da sepultura.

As almas das pessoas más (larvas lêmures) vagavam daqui para ali, causando espanto entre todas as pessoas vivas, menos aos sacerdotes, quantos charlatões viviam dessas fábulas rejuvenescidas tão amiúde! Quantos simples e néscios tinham medo dessas aparições das pessoas privadas de sepultura! Quantos imbecis imitaram o piedoso Enéas e seus tiranos inumando a Polinuro? Irmãos saboreemos agora os sedutores encantos do paraíso dos pagãos, do seu lugar de paz e de felicidade que se encontra ao sair da vida; entremos conduzidos por Orfeu, na morada das virtuosas sombras nos campos Elíseos.

Ali reina uma eterna primavera, os ventos nada movem a não ser o perfume das flores, o novo Sol e os novos astros, não se ocultam atrás das nuvens.

Balsâmicos bosques, flores e mais flores, mirtos protegem com suas ricas folhagens, as afortunadas sombras. O rouxinol, única ave que goza ali do privilégio de cantar por prazer, é interrompido unicamente pela voz comovedora dos grandes poetas e dos músicos celestiais. Desliza o Letes com um suave murmúrio e as suas ondas fazem esquecer as penas da vida. A terra enaltecida de amor renova seus produtos três vezes ao ano e presenteia alternativamente flores e frutos. Ali não existe dor, nem a velhice, porque cada qual conserva eternamente a idade em que foi mais feliz, adicionando a eles o encanto que formam o encanto da sua vida. Depois de uma descrição tão fascinante, o melhor que podemos fazer é sonhar, porque é meia noite em ponto.

XIX - Continuação do Cânon - Inferno dos pagãos. Época da introdução das orações pelos mortos e obstáculos encontrados. Deploráveis conseqüências. Do memento dos mortos para que durmam um sono de paz. As *Denicales* ou serviços fúnebres dos Romanos. Festas fúnebres dos Maçons. Descrição dessa unidade no rito Escocês filosófico. Uma palavra sobre a verdadeira filosofia e da filosofia hermética. Da verdadeira luz que transmite os usos e preceitos *ab ovo* pelos séculos dos séculos.

Não, a antigüidade pagã não ficou devendo um só entendimento poético, nem a um só trípode profético da revelação completa dos encantos existentes nos Campos Elíseos; Fenelon, Jean-Jacques, quiçá os teriam descrito.

Se os pagãos inventaram uma utopia tão deliciosa, em favor das sombras virtuosas, também imaginaram um lugar espantoso para onde teriam que ir os maus. Creio que a esperança de poder ver deslizar-se as águas tranqüilas do *Letes* e o terror de ser sepultado nos *calabouços* do *Tártaro* deveriam causar muito mais efeito nas almas dos antigos que o paraíso e o inferno nas dos homens modernos. Os pagãos davam uma importância tal ao começo de uma vida nova depois da perda da primavera que instituíram festas expiatórias em favor dos mortos com o nome de *Lemúrias*.

O costume pagão de lembrar os mortos nas assembléias ou *sinaxis* não se estabeleceu no cristianismo até o século II. Esta intromissão foi desaprovada energicamente pelos altos dirigentes do culto nascente por considerar que era uma cópia sacrílega do ritual com que se celebravam o culto dos falsos deuses. Apesar disso, a inovação criou imediatamente raízes profundas com a ajuda dos pagãos que teriam se infiltrado na arca purgada de tantos absurdos anteriores. Protegiam estes costumes os cristãos que tendo em vista as faltosas magnificências do paganismo, se atiraram na simplicidade do rito nascente e acreditaram que seria conveniente revesti-lo com as mais esplendidas e deslumbrantes cerimônias para o qual receberam o apoio dos seus astutos chefes que admiravam com a inveja os grandes benefícios que produzia esta crença aos sacerdotes dos ídolos.

Assim é como, ao vestíbulo e à câmara do meio, que bastava para os primeiros trabalhos Maçônicos, seguiram os santuários magníficos, em que a base do coração não guardava proporção com a elevação do espírito. Quantas riquezas dissiparam para ornamentar depreciáveis absurdos! Moisés teria dito: *este bezerro é de ouro, porém é um bezerro*.

No começo somente se tolerava que se mencionasse o defunto na fé, quando os seus parentes o pediam oferecendo pão e frutos, pela paz de sua alma a seus *manes*, *larvas* ou *lémures*...

Como então se acreditava que a alma não teria que desfrutar a contemplação de Deus até que se celebrasse o juízo final e que enquanto isso teria que permanecer oprimida em lugares subterrâneos, o celebrante da *sinaxe* suplicava ao Grande Arquiteto do Universo que aliviasse a carga do iniciado e que lhe fosse favorável no grande dia da justiça universal.

Pouco tempo depois se adotou o costume de fazer legados anuais às igrejas, piedosos legados que são derivados das cerimônias de exéquias; o repique de sinos; a cruz de madeira, ou a Cruz de prata; Os andores; O carro fúnebre, a Inumação com música cantada em voz baixa e com tochas ou com surdinas, os óbitos, as homenagens de 7º dia e trigésimo dia, essas missas expiatórias, com coletas para o descanso das almas.

Beijos na patena do sacerdote, a quem se paga nesta ou no pratinho do ajudante, a vassalagem do mobiliário dos mortos denominados direito de novena; as fundações de pitaças sobre os túmulos e as privações de sepultura; a imposição de uma estrela preta na cabeça dos viventes crédulos, em favor dos falecidos, iniciados nos mistérios do outro mundo; a introdução e a inumação dos mortos nas igrejas e a tarifa das terras nos cemitérios, como se tratasse de teatros; enfim, a troca dos documentos de propriedade da terra pela dos céus; a invenção do purgatório e das indulgências, e a pequena guerra que se faz ainda hoje em dia em Paris entre as sacristias paroquiais e os estabelecimentos de pompas fúnebres.

Lendo com atenção a comemoração dos defuntos, inserida no Cânon da Missa, descobre-se em seguida a lamentável enumeração das astúcias sacerdotais do paganismo.

Oh! Senhor, lembrai-vos também dos vossos servos e servas que nos precederam com o sinal da fé, e dormem o sono da paz, suplicamo-vos que tanto a eles como aos que descansam em Cristo, lhes concedais o lugar do refrigério e da luz e da paz, assim seja.

Como já chamei antes a vossa atenção, sobre a impropriedade da expressão; lembrai, que dirigem os fiéis que vivem na terra ao Grande Arquiteto do Universo: Vou tratar agora somente da frase lembre-se dos fiéis falecidos passando a examinar o fundo dessa oração, que a final não é outra coisa que uma *lamúria*.

Fragmentos do Memento:

Defuntos marcados com o sinal da fé; eu entendo que estas palavras se referem aos iniciados, que terminaram sua vida mortal, da qual eu deduzo que tanto os mistérios modernos, como os antigos, professam o dogma da outra vida na qual se retribuí da primeira. E dormem o sono da paz, estas palavras estão escritas no versículo hebraico: dormirei e repousarei no Senhor. *In Domino dormian et requiescam* e me inspiram a idéia que estes iniciados servidores de Deus, é dizer: os sacerdotes da sua lei, viveram com a esperança de que seus manes não vagariam daqui para ali como o dos malvados e de que desfrutariam da tranqüilidade até o dia da justiça universal. Em conseqüência o celebrante suplica ao Deus misericordioso que conceda aos seus manes, especialmente, assim como os que descansam em Jesus Cristo, isto é: aos que estão privados do desfrute dos benefícios do astro da vida, o lugar de refrigério de luz e de paz.

Tenhamos em conta que, não só se diz que esta morada é um lugar de aprazível sono, senão também é de refrigério e luz. De modo que por meio destas três palavras se entra no Elísio dos poetas pagãos, e se experimenta tudo o que eles escreveram tão poeticamente. O suave frescor dos bosques e da inofensiva luz de um sol novo. Estes deliciosos lugares constituem a terra de recompensa dos manes, os quais esperam pacientemente o dia do juízo final e os êxtases eternos e inefáveis.

Sem sairmos do tema, não é demais saber que os Romanos, os que celebraram os sacrifícios fúnebres e solenidades denominadas *denicales*, dez dias depois do falecimento, para purificar a casa (a qual era borrifada com água benta pelos sacrificadores que iam vestidos com roupas pretas) nos transmitiram suas missas, seus serviços e suas cerimônias religiosas.

Nas lojas Maçônicas, é costume fazer o memento, ou comemoração dos iniciados falecidos durante um ano. A cerimônia do adeus eterno consta nas *lemurales* do rito Francês de uma denical ou missa

negra, do cortejo de irmãos que marcham de três em frente ao campo de repouso e de um discurso relativo ao irmão falecido, que pronuncia o venerável ou o irmão orador.

A parte religiosa que executa nas *lemurales* do rito Escocês, segundo a seita ou loja a que pertencia o defunto, e a parte maçônica obedece às mesmas regras que o rito Francês.

No rito Escocês filosófico, não hermético, rito que talvez é o que mais se aproxima da religião fundamental e da oferenda imaculada, apesar do véu dos símbolos herméticos que ocultam até os mesmos iniciados de elevada graduação, o verdadeiro sistema de transmutar a matéria vil em metal precioso, ou seja, o segredo infalível; da pedra filosofal e do elixir que cura as enfermidades e prolonga a vida. Neste rito, asilo da tolerância, lar de paz, santuário de moral, escola de ternos sentimentos e de paixões legítimas; neste rito cujos símbolos somente os sente e sabem apreciar devidamente um reduzido número de iniciados, se permite aos maçons que sigam em todos os tipos de templos ao despojo mortal do irmão falecido porque a boca profana e até a língua do malvado se santificam quando lembram um homem de bem. Muitas lojas têm por costume invocar aos seus hierofantes, vigilantes e iniciados falecidos no mais tenebroso dos meses, antes que se verifique o renascimento do Sol que precede em dois dias a agonia de Evam ou João, Augusto e doloroso dever de dar agrupados, o último adeus aos irmãos que passaram por vontade do Grande Arquiteto ao eterno sono, indo desde a primeira aurora ao signo do cordeiro, até a noite que borra o curso do signo de peixes.

Ali o grande quadrado não recebe mais luz que os raios de um misterioso planeta que no seu trêmulo brilho dos astros noturnos; o Sol encontra-se nos infernos o templo exhibe os símbolos do nada; brancas colunas servem de suporte às larvas; e no centro, sob a glacial estrela, se eleva um obelisco de mármore no qual estão gravados os nomes dos iniciados, cujas sombras estão oprimidas em lugares subterrâneos, Uma coluna funerária suporta o busto do sábio Minos coroado de folhas de flor de lótus, acácia e cipreste; no peito desse supremo juiz das sombras se vêem representados o signo de aquário, gêmeos e balança, com o que querem dar a entender que a morte se apodera dos indivíduos de qualquer idade.

No Ocidente existe uma pirâmide triangular, que descansa sobre três degraus e está remendada por uma urna cinerária circulada de ciprestes e louro, sobre a qual está uma lâmpada sepulcral.

Nesta pirâmide estão mencionados os nomes dos irmãos falecidos com o emblema dos seus graus.

Ao pé do sepulcro está uma cesta cheia de pétalas de flores: *Flores, cinis, honores, pulvis*, tal é o emblema da nossa débil e vaidosa existência.

Atrás são reservados assentos pretos para os pais dos defuntos.

Os iniciados vão vestidos de luto e tomam assento em bancos forrados com tela preta, simbolizando com seu profundo silêncio a paz da morada dos mortos. Uma pancada, que parte do Oriente a meia noite abre a lemúria no primeiro grau, esta pancada se dá debilmente porque simboliza o nascimento do homem: A pancada dada na parte Sul é mais forte, pois significa o zênite da vida, o golpe, ou seja, a pancada dada no Ocidente se dá de forma que apenas se perceba, para figurar o último suspiro.

Imediatamente depois, a guarda do templo proclama a chegada dos pais a quem introduzem na loja os mestres de cerimônia que os conduzem até o lugar de honra, situado no Ocidente atrás do monumento sepulcral (cenotáfio).

Quando entram, a assembléia toda se põe de pé, e depois toma assento. Logo se executa uma música (sepulcral) instrumental com acompanhamento de cânticos para preparar os corações à melancolia e ao entristecimento.

O orador pronuncia o *memento*, ou, oração fúnebre. O venerável e os vigilantes dão respectivamente uma pancada de malhete, e se levantam o que é imitado por todos os presentes, exceto os parentes do defunto, que permanecem sentados. O hierofante diz três vezes seguidas: o Irmão, ou os Irmãos fulanos etc, deixaram de existir, o que é repetido pelos Bispos que vigiam o meio dia e o Norte. Instantes de recolhimento. - Música melancólica - O hierofante, seguido pelo orador e secretário e os iniciados de altos graus, magos do oriente, descem do altar, a ordem, e se detêm diante o *cenotário* estando as colunas de pé e à ordem, dirigem uma oração comovedora ao Grande Arquiteto do Universo, junto ao catafalco a saudação ao primeiro signo. Colhe flores que esparze por três vezes em torno do ofício, pelo Norte, Ocidente e ao meio dia subindo ao Oriente se situam ante o trono.

Os magos do Oriente sobem e observam o mesmo ritual.

Cada umas das colunas dirigida por um mestre-de-cerimônias e terminada pelo vigilante que institui a sua base segue em espiral por sua parte o que foi executado no Oriente, de forma que para fazer a última saudação e a homenagem das flores, se encontram juntos um iniciado de cada coluna.

Uma vez que os iniciados tornaram aos seus assentos, os mestres-de-cerimônias as fazem que os parentes terminem as oferendas das flores, conduzindo-os os que antes ocupavam.

Em continuação se faz a proclamação simbólica e o hospitaleiro, acompanhado do último dos *noviços* apresenta aos assistentes o tronco de beneficência.

As famílias do defunto se retiram sob a direção do mestre de cerimônias; o venerável fecha a Loja, passada a meia noite dizendo: *Mortais, retiremo-nos em paz*.

Não existe rito maçônico que produza maior impressão que o *adeus*, o momento de suas lamúrias, que os que celebram os iniciados nos mistérios do ritual Escocês filosófico quando o Sol agoniza. Nesta noite de duelo fraternal, afirma o talismã de uma aflição sincera, porque os sentimentos e virtudes cintilam como estrelas do seu véu no fundo dos corações.

O momento dessa observância maçônica leva o selo da comemoração dos mortos, celebrada nos mistérios Egípcios e Gregos. Se o Cânon da missa logrou salvar alguns detalhes sem que sejam alterados, o rito Escocês filosófico restitui o seu original, a comemoração dos iniciados.

Quando tratarmos das festas da religião atual, não esquecerei a do dia dos defuntos, e tratarei das cerimônias de exéquias determinadas no seu ritual. Eu não chamarei *principium* a Jove, porque o princípio de toda instituição é muito anterior a Júpiter. Se o adágio *Jovis omnia plena* chega a ser incontestável, e se demonstro que os antigos quiseram expressar com a palavra Jovis o que fica da antiguidade sagrada, sem outro monumento que a transmissão dos usos, hei de chegar às seguintes conclusões:

1º - Os usos e costumes das nações e homens atuais descendem por frações da unidade dos usos praticados pelos povos e homens anteriores, alguns dos quais nos são desconhecidos; 2º - De maneira que os usos e preceitos das misteriosas assembléias do Egito que remontam as épocas anteriores da brilhante civilização dos filhos de Osíris, enquadrando-se, ainda, incrustados por fragmentos nos fundamentos dos edifícios religiosos dos templos modernos e servem de base às colunas, de *chaves* a seus arcos de pedra sagrada do templo maçônico; 3º - De forma que os usos e preceitos dos homens das nações existentes na idade média são os mesmos homens e nações modernas, exceto algumas modificações ou substituições.

Assim é certo que a verdade data do primeiro dia, e o erro da primeira noite. Os verdadeiros iniciados conhecem o lugar onde está a verdadeira luz e quais são os seus efeitos.

XX - Continuação do memento do Cânon da Missa - Cerimônias fúnebres dos antigos pagãos, denominadas *denicales*, dos seus *ipsillices*" e dos nossos encantamentos - Explicação dessa oração do Cânon.

Começemos por mencionar duas cerimônias antigas de que se apropriou o ritual moderno.

A primeira delas era praticada pelos pagãos nas inumações; recebia o nome de *vergere manum* e consistia em girar a mão direita armada no lado esquerdo do corpo e contra a terra, porque se celebrava uma *denical*, ou seja, um sacrifício aos deuses infernais, cujo chefe era Plutão que recebia o nome de Dionísio.

Em troca, quando o *flamine* (certo sacerdote romano) fazia oferendas ao Deus do céu, girava a palma da mão para cima, o mesmo se faz em ambos os casos e atualmente nas igrejas romanas.

Segunda cerimônia:- Os pagãos usavam em suas cerimônias denominadas *ipsillices*, *ipsilius*, efígies com que apresentavam às pessoas por quem desejavam ser amados. Nos tempos de coalizão na França acontecia tudo contrário, pois os sacerdotes colocavam nos altares o cordeiro de São João, umas efígies de cera do desventurado Henrique III, as quais atravessavam no momento da consagração com um estilete: *tantum religio potuit suadere malorum*.

Eu sei, meus irmãos, se a proibição de que os monges entrassem nas mansões reais sob pena de castigo corporal se deveu aos *ipsilios* ou encantamentos dos sacerdotes partidários da liga, ou aos assassinatos de Henrique III, Henrique IV e Luiz XVI.

Já que terminamos de relatar estas ignomínias que esperamos que não voltarão a desonrar os altares Franceses, prossigamos no anterior do Cânon da Missa.

O significado místico da oração que se pronuncia à continuação da que se diz a favor dos iniciados falecidos, não foi compreendida pelos que a dirigem, nem pelos que a escutam. Não obstante, basta meditar sobre a celebração dos mistérios antigos e dos dogmas, que por meio de uma santa teologia, se podiam desvendar, para descobrir a fonte pura que emana desta oração. Esta oração é dirigida ao Deus Único, o Grande Arquiteto do Universo.

Está marcada com a cor do sistema dos magos. Leva impresso o selo da crença em uma segunda vida, cuja felicidade é eterna graças aos méritos da primeira. Porém, se eu não demonstrar uma por uma estas coisas, não me acreditariam. De maneira que antes de analisar esta oração, vou copiá-la textualmente, e assim se diz:

A nós pecadores, vossos servos que esperamos que na grandeza de vossas misericórdias, dignai-vos fazer-nos participantes e companheiros de vossos santos apóstolos e mártires, de João, Estevão, Matias, Barnabé, Inácio, Alexandre, Marcelino, Pedro, Felicidade, Perpétua, Agueda, Lúcia, Inêz, Cecília, Anastácia, e de todos os vossos santos, em cuja santa companhia, vos rogamos nos admitais não por nossos méritos, senão por um afeto de vossa clemência, por Jesus Cristo nosso Senhor (o Sol), por quem, Senhor, sempre produzis todos estes bens, os santificais, os vivificas, os abençoa, e nos destes por Ele, com Ele e Nele, a Vós Deus Pai onipotente, em unidade do Espírito Santo é devida toda a honra e glória. Por todos os séculos dos séculos.

Os iniciados respondem: *Assim seja*. O objetivo formal dessa oração é lograr a participação no reino dos céus; ela capitula e resume os pontos fundamentais da crença antiga e da moderna, assim como do antigo ritual e do moderno.

PROVAS:

Primeira: A oração é dirigida ao Pai onipotente. Esta palavra colocada à continuação da longa enumeração de apóstolos mártires, santos e Jesus Cristo, é a palavra sagrada do mistério. O Pai onipotente é o *Cnef* criador de todas as coisas a quem representavam os Egípcios por meio de um globo de forma circular, de igual maneira que agora se faz no sacramento moderno. Este Pai Onipotente *Cnef* também é explicado:

Cnef que traduzido do Grego diz, *Demiurgos*, a qual significa *artesão Supremo*, Criador de Mundos, o *factor, coeli et terrae* do Credo), é o Grande Arquiteto do Universo, criador das coisas visíveis e invisíveis, cujo mais santo tabernáculo é o coração humano: é aqui o Teísmo com toda a sua pureza.

Segunda: A oração é dirigida ao Pai que é Uno com o Espírito Santo, com o que se faz uma concessão aos platônicos por parte dos regeneradores do culto, em cujo tempo foi redigida. É conveniente ver agora a digressão que fizemos com respeito à terceira pessoa ao comentar o versículo do Credo: *qui ex Patre filioque procedit*. E para refrescar a memória dos meus leitores adiantarei que nesta oração se invoca o Pai, manancial inesgotável da vida universal, ao Filho que é o dispensador imediato (o Sol) dela e ao seu poder veicular (o espírito vivificante) que procede dos antecedentes. Esta invocação tem por objetivo obter unanimemente dos três o dom da vida eterna. Quem não distingue em tudo isso o enxerto platônico originário da Índia, da Fenícia e do Egito?

Terceira: Invoca-se também a segunda hipótese ou pessoa: Jesus Cristo é o poder, por quem o Deus Único, produz, vivifica, santifica, abençoa e concede (expressões próprias da oração) sempre todos esses bens.

Antes de mencionar seu verdadeiro nome a este poder universal e liberal, vou transcrever a explicação que se dá o livro da igreja segundo o novo *Missal de Paris*, edição de Paris, páginas 23 e 24 para compreender o significado das palavras *que produz... todos estes bens*. Diz numa nota o editor hierogramático - *é preciso saber que antigamente se benziavam os frutos, os legumes, o leite, o mel etc. Mais tarde e com o objetivo de abreviar a Missa, foi trasladada essa bênção fora do tempo do sacrifício sem mudar as palavras que tinham relação com ela*.

Esta nota que citamos para que mudem de opinião os investigadores cabeçudos, nos encaminha ao Sol, autor desses bens, oferendas e primícias de suas liberalidades ilimitadas. Faz pouco que citei a esse poder visível que produz, santifica, abençoa e dá sempre todos esses bens. E bem, qual é esse poder mediato e mediador, dotado de tão perfeita beneficente, ao que é devida toda honra e glória por todos os séculos dos séculos, da mesma maneira que ao Pai senão o poder Solar?

O agente Espírito Santo, não é por acaso o ar ou o éter sem o qual deixaria de existir tudo quanto tem vida, quem nos traz sobre suas diáfanas asas, os raios benfeitores e conservadores do Sol (o Deus visível), filho do Pai (o Deus invisível?).

Não é o Filho-Sol quem, secundado por seu poder aéreo nos transmite a existência e a luz, com rapidez tão assombrosa, que se não fosse pela demonstração do cálculo seria impossível crer nela?

Não é ele quem sempre produz, santifica, vivifica, abençoa e dá?

Porém qual é o poder supremo do disco Solar ou do oceano etéreo que não é o mandatário de outro poder que impulsiona tudo?

Este poder é Ele que opera por meio do Sol, com ele e nele, *per ipsum, cum ipso et in ipso*; e pelo éter em unidade de movimento, *in unitate*, sobre as coisas visíveis e invisíveis, que desta maneira se vem animadas por sua vontade, pelo calor filial e o sopro espiritual: é o Grande Arquiteto do Universo.

A doutrina mais eminente ensinada no último recinto dos antigos mistérios consistia no reconhecimento do Arquitecto dos mundos. O epópta (ou aluno) que conseguia chegar a esse recinto, recebia o complemento, ou melhor dito: a retificação das revelações anteriores. Antes que o aspirante fosse admitido nesse santuário sua razão era submetida à prova das fábulas politeístas e sua filosofia, àquela da história simbólica de Osíris.

O hierofante fez ascender gradualmente o neófito ao conhecimento de um só Deus, apresentando-lhe sucessivas divindades com seus atributos respectivos e obrigando-os a que invocasse gênios intercessores que residiam hipoteticamente no céu, governando os mundos desde tão eminente lugar.

O que dizemos sobre as revelações feitas aos iniciados nas diversas assembléias dos antigos mistérios, revelações que o hierofante retificava, segundo os costumes, a inteligência e a capacidade de cada qual, tinha muita relação com essa oração em que se mistura o teísmo com o politeísmo, pronunciada pelo hierofante moderno, para a qual poderia aplicar o provérbio: para bom entendedor...

Os aprendizes admitem a João, Estevão e Matias, assim como a todos os santos como correntes de um triunvirato divino: Os companheiros honram a Deus pai, Deus filho e Deus espírito os quais constituem um só e mesmo Deus; e os epóptas da Câmara do Meio, só encontram em todas essas orações uma coisa lógica e digna de respeito e admiração: a letra G., símbolo do Grande Arquitecto do Universo, a parte do mérito de conservação emblemática sob o nome de santos etc, dos semideuses e trindades pertencentes a tempos remotíssimos.

No capítulo seguinte, vamos insistir mais detalhadamente sobre estes acertos para demonstrar que não expusemos nada sem razão.

XXI - Continua a explicação da oração do Cânon da Missa - A vida eterna e a participação dos bens celestiais - Do Oannes do Mar Vermelho ao Joanes do Jordão - São João Batista e São João o Evangelista.

De maneira que na oração do Cânon da missa conservou-se a lembrança dos dogmas dos antigos mistérios e em seu intróito, guarda-se o formulário das suas iniciações.

Como o objetivo desta oração consiste em obter *a vida eterna e a participação dos bens celestes*, é indubitavelmente que está com os dogmas persa, egípcio e grego, relativos à vida que ressuscita da anterior. Assim que na oração do Cânon moderno se conserva intacta, no fundo, a hierarquia ancestral de poderes celestes, atributos e patronatos submetidos ao Deus Único.

Novas provas: Nesta oração se conserva as estrelas da Arábia antiga, a trindade do céu onírico, os alados anjos da Caldéia introduzidos em Israel e o areópago dos doze grandes deuses de Atenas e Roma com seu numeroso séquito formado de divindades menores a quem acrescentaram uma inumerável congregação de Santos, Bem-aventurados e Beatificados.

Nesta oração figuram os doze apóstolos os quais estão investidos com os ofícios dos doze deuses maiores.

E, por conseguinte, cada um deles herda os bens das divindades deportadas do Céu; se adorna com um dos signos do zodíaco e se faz reconhecer na qualidade de porteiro de um dos doze palácios ou casas do Sol. E quando os orgulhosos *dii majores gentium* se lamentam de que os judeus os destronaram, Apolo responde com gracioso sorriso: *me vi obrigado a mudar de nome.*

Porém, enquanto isso o Sol continua majestosamente como antes sua marcha regular e triunfal. Os mártires dessa oração não são outros senão os homens que morreram nos cadafalsos da perseguição; porém, em sentido figurado, os mártires são os dias, os meses, os anos e os séculos passados.

O primeiro Santo que se cita na oração é João, que primeiro foi judeu, e depois cristão, tem muita semelhança com o Jan ou Janus romano, entretanto se parece mais ainda ao Ean ou ao Eanus fenício. Semelhança de nome: "Eanus e Janus, Ean e João". Semelhança de atributos: o deus fenício, do tempo chamado *Eanus ab eundo*, (o que caminha eternamente) se caracterizava por meio de um dragão que mordida o próprio rabo: o curso de um ano e a eternidade se representam de igual maneira, por um simples círculo ou por um círculo serpentina.

O Tano fenício tem também uma grande semelhança como o *Oannes*, e o *Oés* babilônicos, assim como o Joannes hebraico-reformado e o Jano de Roma antiga. Semelhança fonética: Oannes e Joannes, Ean e João, Iano e João ou Jan. Semelhança de atributos: O Deus Babilônico que simbolizava por meio de duas cabeças, uma das quais é de homem e a outra de peixe, e a lenda dizia que tinham vindo do mar Eritreo (Vermelho) trazendo o ovo primitivo que nele existiam todos os germens: Estas duas cabeças são a alegoria do tempo, desse monstro-rei que devora sobre a terra e na água.

O ovo primitivo de Oannes, que sem dúvida é o mesmo conservado por Orfeu, é a imagem dos benefícios que produz a civilização.

A fábula de que Oannes sai do Mar Vermelho com o ovo germinador da civilização, encerra uma verdade histórica importantíssima: a de que o Egito, reservatório de ciências, onde a Grécia se fartou, distribuiu as águas pela Caldéia. Quem não reconhece em Oannes, divindade protetora das nações civilizadas que habita o mar desde a porta do Sol até a sua saída, a Joannes, o precursor, ao São João com sua roupagem célebre, seu cordeiro, suas doutrinas, suas iniciações, seu Jordão e seu batismo?

Não acreditamos que seja uma aventura dizer o seguinte:

1º - O inumerável Ihaho, o Jeová dos Israelitas e dos Maçons, é uma palavra que simboliza ao mesmo tempo o cronos e o sol. Estas palavras que, como a Ean e o Ieho dos fenícios, significam: eu corro, representam o presente, o passado e o futuro e, por conseguinte, revelam o nome oculto do Eterno e do seu derivado: Juan, Jehan, que significa em hebraico *Graças ao Eterno*.

2º - Dizem que Moisés pronunciou o nome do impronunciável com tal eficiência no ouvido do Faraó que este desmaiou, e que um dos magos da corte, vencidos por Moisés, que supunham ser o próprio Baco, se chamava Jannes e formava parte da corporação sacerdotal do deus Oannes. Os sacerdotes do Egito recebiam o nome de Choanes. Observe que os sobrenomes abreviados do deus Oanes são: *Oés e Oán*, assim como *On*, palavra com que se designam os Egípcios ao Sol, o era de Osireth (Osiris).

3º - O primeiro santo que se invoca no Cânon da missa era Johannes, Jehan ou Juan. Este apóstolo do amor fraterno não pode dissimular sua semelhança com o Jano ou Jan da mitologia, semelhança que se repete no Juan do inverno e do Juan do verão, uma vez que Juan abria o ano Romano e o nosso Juan do inverno está próximo ao Natal ou ao ano Novo. O mês da nova porta, Janeiro se acha sob a proteção de Jano, *Januarios*, é dizer: porteiro, porque, possuindo a chave das duas portas do ano e do dia, abre sua fechadura. O do inverno recebe adequadamente o sobrenome de Evangelista, não porque, segundo a tradução vulgar, a palavra evangelho significa boa nova, senão porque os iniciados entendem por evangelho a história de Evan (de Juan, Oan, Oen, Oannes), Evan que é o Deus Baco, pois tal era o grito sagrado das *bacantes* de maneira que o evangelho é a história de Baco, recomposta e reformada de acordo com o espírito dos tempos e inteligência do reformador,

que não soube dissimular bem a cópia já que no prefácio de sua boa nova copiou um trecho do *Sanconiaton* como demonstraremos quando tratarmos especialmente do último evangelho da missa.

4º - Os Romanos representavam o seu Jano com duas faces, uma das quais era juvenil para simbolizar o ano crescente; e outro de ancião, como emblema do ano moribundo. Como foi pretendido que Jano era o emblema do Sol, estes dois rostos nos lembram nossos santos Juanes solsticiais e as palavras do evangelho referente a Jesus Cristo: *oportet illum crescere, me autem minui*, é necessário que ele cresça e que eu diminua. Ou seja, quando ele cresce eu diminuo. Não se poderia aplicar estas palavras à festa do novo Sol e crescente que, por conseguinte é o rosto juvenil (o 25 de Dezembro) ou, 24 de Junho?, e a festa do Sol descendente e quase já sem vida simbolizado pelo rosto de um ancião, o 27 de Dezembro (solstício europeu). Esta semelhança nos lembra que o Jano Romano sustenta a cadeia do passado e do futuro, e que levava na mão direita o número 300, enquanto tinha na mão esquerda o número 65, emblemas dos dias do ano. Sua festa, *Januales*, eram celebradas em Roma no dia 1º de Janeiro em cujo dia os Romanos ofereciam à Jano, figos, tâmaras, grãos de incenso e um pastel chamado de *janual*.

No primeiro dia do ano é costume este ritual. E, para terminar esta dissertação sobre São João (o primeiro citado na oração do Cânon da missa) vamos estabelecer a emblemática genealogia dos nossos santos do inverno e do verão.

O Antigo Egito transmitiu seu deus Sol: *Osireth, Osíris, On, Oannes* à Caldéia, à Fenícia e ao país dos idumeos.

Na Caldéia seu nome era Oannes, Oan, Oés. Na Fenícia, Eanus, Ean. Na Iduméia, Jaho, Jeovah, Joannes. O Eanus ou Ean fenício passou a estabelecer-se em Roma sob o nome de Jan, que com a terminação *us* forma a palavra Janus. O mais provável é que esse deus se passou para as Águias Romanas durante a destruição de Cartago, obedecendo a invocação de Escipión, que dizia: *Se existe uma divindade protetora da cidade e do povo, rogo que abandonem seus templos e praças, para comigo virem a Roma com os meus*.

O Deus Sol Oannes da Idumea, cuja adoração o povo aprendeu antes do Êxodo, ou durante os 70 dias de cativo na Babilônia e cujo nome primitivo foi corrompido ou transformado pelos Levitas, ou seja, O deus Oannes-Jaho, Jeovah-Jano, foi conservado com a maior parte dos seus atributos e na qualidade do primeiro Santo na Roma medieval, desde os primeiros anos dessa idade média que se fez famosa pela germinação desse novo culto, o qual começou a crescer como deteriorada erva, nutrindo-se dos restos do paganismo e do judaísmo, até converter-se numa árvore gigantesca; árvore da vida para uns, árvore da morte para outros.

De maneira que o nosso São João, nosso Johannes, precursor do Sol Messias é o Oannes, de Ean, o Oan e o Oés nascido no Egito. O Grego Orfeu repetiu as façanhas do Oannes, bicéfalo quando saiu do ovo primitivo fornecendo aos homens o conhecimento das letras, das ciências, da Maçonaria teórica e prática. O Oannes Egípcio que civilizou os Babilônios e aos povos ocidentais, pela tradição de suas instituições, constituindo o tronco donde brotaram os Jaho, Jeovah, Jano, Joannes, Oés, Oan, Ean, Jean e Juan. É indubitavelmente por seus atributos e pelos seus descendentes, o Zênite e o Nadir da luz conservados pelos Franco-Maçons; é a lembrança dos pontos solsticiais e a inteligência de um Cnef independente da lei dos corpos, corpos que são suas criaturas, pois que nos submeteu à lei que ele fez.

Os iniciados modernos adoram a Oannes sob o nome de São João, Johannes, como benfeitor do gênero humano. Este Santo ocupa um lugar eminente no céu novo e se, mesmo não tendo duas cabeças, recebe no Solstício de verão os nomes de Batista, o precursor e o Solstício de inverno, o de evangelista, o cronista do novo Ean: o João do ponto mais luminoso é a personagem emblemática da fraternidade que deveria unir todos os homens; o João do ponto mais obscuro é o símbolo da nova lei, isto é, que sem a filosofia não poderia existir amor fraternal duradouro.

XXII - Continuação do Cânon até o Amém - De Santo Estêvão e de outros - De seus nomes misteriosos que constituem o verdadeiro objetivo do significado da oração - Seu objetivo é render homenagem ao Grande Arquiteto do Universo invisível e ao Sol que é a sua imagem visível e o agente sensível do seu poder infinito - Uma passagem notável de Sanchunioton - O deus Cebola do Egito - As *embarvalias* e a missa que nela é celebrada: das festas da colheita - A Ceia ou Missa se praticou primeiramente durante a noite, e terminou por celebrar-se unicamente pela manhã - Ritual das primeiras Sinaxis: do oráculo da paz figurado nas igrejas e real nas Lojas Maçônicas - Das despedidas nos templos Pagãos, católicos e Maçônicos.

O dia de Natal cai no dia 25 de Dezembro e a festa de São João dois dias depois,

Entre a festa do renascimento do ano solar, denominada *nascimento de Cristo e Natal*, e de São João Evangelista o Janus invernal se encontra a de Santo Estêvão, cujo nome significa coroa em hebraico. De maneira que esta última festividade celebra a coroação ou o complemento do círculo anual precedente. O término do círculo Ean, do Eanus fenício, ou seja; da serpente que morde o próprio rabo.

Os nomes Hebraicos, Gregos ou Latinos dos pretensos Santos a quem invoca o celebrante do Cânon a continuação se Santo Estêvão, são todos alegóricos: Matias significa dom do Eterno. Barnabé; filho da consolação. Anastácia; graciosa. Ignácio; feito de fogo. Marcelino; vitorioso. Alexandre; ajuda poderosa. Pedro; rocha de pedra, solidez. Cecília; harmoniosa. Inês; casta. Lúcia; luz. Perpétua; felicidade. Observe-se ainda o seguinte:

1º) Que Santa Lúcia, cuja festa se celebra no dia 1º de Dezembro é o mais infernal dos signos, ou seja, inferior (12 dias antes do deslumbramento do novo Sol). A Santa que é quase *alba*, Aurora do Natal, *dies Natalis* da rocha do próximo ano, lembra a Lúcia, Deusa dos deslumbramentos que habita nos infernos (no signo de Capricórnio), e a Lucifera a mensagem da nova luz. O dia 9 de Dezembro é o de Santa Georgiana, a festa pagã dos gorgonas que são vizinhas da noite (ad inferos), Mãe do dia. Esta Santa precede a Santa Lúcia em cinco dias, simboliza as trevas mais duradouras do ano.

2º) A respeito das Santas Felicidade e Perpétua, é preciso saber que essas palavras personificadas, constituíam a fórmula votiva dos romanos no primeiro dia do ano *ad perpetuam felicitatem*, (uma felicidade perpétua), que então entregavam pequenas bolachas, e o pastel Annual, que talvez, fosse o nosso pão de centeio, mel e especiarias. Douros iniciados esqueçamos às mil e uma noites idealizadas pelos criadores de lendas sobre os gestos dos bem-aventurados que se invocam na participação do celeste patrimônio: recorreremos unicamente a nossa inteligência para levantar o alegórico véu de que se valeu a engenhosa prudência para ocultar seus nomes e o significado dos mistérios inferiores; e se a sabedoria nos trata como a Maçons dignos de receber e guardar na arca de portas de marfim, uma alta revelação, ela nos iniciará num dos seus graus mais eminentes, em que diz *acurrites omnes*, escutai qual é o verdadeiro significado da oração do Cânon:

"Fazedor do Universo, deus Único, sejam quais forem os atributos de tua sabedoria, de tua bondade e do teu influxo conservador de todas as coisas. Nós somos pecadores, porém, também somos teus servos, com estes dois títulos contamos que tua misericórdia nos permita participar do celeste patrimônio no círculo determinado (emblema de São João colocado no céu ou da serpente circular que morde o próprio rabo) para significar que o passado e o futuro não existem na celeste morada, onde unicamente mora o presente que é a eternidade. Nós esperamos estarmos compreendidos nesse círculo de imortalidade e ser com ela coroados (emblema de Santo Estêvão, *coroa*) pelo dom do teu poder (emblema de São Matias, dom do Eterno), pelo socorro de teu consolo para com teus filhos (emblema de São Barnabé, filho da consolação ou consolação final) e pela indulgência de tua graça (emblema de Santa Anastácia, graciosa). Faz com que possamos entrar na morada do teu disco aceso (emblema de Santo Ignácio, feito de fogo) que cheguemos a ele vitoriosos sobre nossas

paixões (emblema de Santo Marcelino, vitorioso), com tua poderosa ajuda, (emblema de Santo Alexandre, ajuda poderosa). Faz com que estejamos solidamente sentados (emblema de São Pedro, rocha de pedra) e que nos conservemos em estado de castidade (emblema de Santa Inês, castidade). Para que submerjirmos na tua inefável luz (emblema de Santa Lúcia, luz) gozemos de felicidade perpétua (emblema de santas Felicidade e Perpétua) com todos os santos, ou seja, com todos os homens virtuosos, que foram permitidos a participar das delícias celestes.

Oh! pai Único de todas as coisas. “Nós nos abrigamos na esperança de sermos participantes do celeste patrimônio, pelo culto razoável que rendemos à imagem visível e sensível de teu poder e bondade suprema, ou seja, o Sol, teu filho único e predileto que é o Messias de que te vales para produzir, santificar, abençoar e outorgar todos estes bens: trigo, leite, mel, legumes e frutos, assim como as necessidades e gozos de toda a espécie”.

A oração vulgar do cânon da missa, restituída dessa forma ao seu verdadeiro significado espiritual, torna-se filosófica e digna de que se a compare detidamente com os fragmentos das orações da antigüidade religiosa.

Prossigamos nas nossas escavações nas ruínas dos templos dos deuses destroçados, menosprezados e desaparecidos, e não tardaremos em convencermos-nos de que a oferenda do pão e do vinho da religião moderna é muito mais antiga do que parece, porque nós vivemos exclusivamente dos detritos do passado e as gerações futuras não viverão senão dos nossos se a imprensa não levantar barreiras.

1º exemplo: O fenício Sanchunioton, personagem que viveu antes de Heródoto e cuja existência é menos duvidosa que a de Moisés, escreveu que: Os primeiros homens (o autor estaria mais certo se dissesse os primeiros homens conhecidos) consagravam plantas e produtos terrestres; e atribuindo-lhes divindade, reverenciavam as coisas de que se nutriam e lhes ofereciam bebidas e alimentos, religião, conforme com a debilidade de seu espírito e limitação de inteligência.

As *bulbosas* (leguminosa redonda comestível) divindades egípcias não eram menos ilógicas que as divindades leguminosas e gramíneas que foram adoradas em épocas muito anteriores à de Sanconiatón e continuam sendo também no nosso tempo.

Os Egípcios se alimentavam principalmente de cebola e sentiam veneração por este produto da terra. Os sábios vulgares, os bacharéis em teologia e os comungantes da quaresma riem-se da veneração de semelhantes deuses; porém, não é prudente imolar tão precipitadamente na ara do Ridículo a tantas opiniões e práticas aparentemente exóticas e absurdas.

Escutai: A cebola egípcia se difere da nossa, que cada um dos seus brotos tem uma cebolinha que chega a ser, por sua vez, pai de uma multidão de filhos em que continua no mesmo sistema de produção da espécie.

Parece coisa natural e que os sacerdotes ensinassem o povo que a cebola era um dos deuses e que, dando a seu culto formas de adoração a ofertassem as primícias dos filhos de sua carne em sinal de agradecimento; porém no fundo do santuário, os hierofantes-filósofos, tiveram que manifestar aos verdadeiros iniciados que a cebola, mãe de tantos filhos, recoberta com tantas capas circulares, cujo poder criador não podemos perceber, é um engenhoso emblema do invencível Cnef alimentando seus filhos; do Deus Único, pai do Universo, que envolve em mil véus o segredo da sua existência; porém é palpável e sensível em todas as suas criações úteis e agradáveis à existência da humanidade.

2º exemplo: Nas *Ambarvalias*, festa de Ceres, os Romanos depositavam sobre o altar os primeiros frutos da colheita, *messis*. O Arval oficiante que se vestia de branco como oficiante moderno nas festas das virgens, colocava sobre a hóstia, uma pasta de farinha de trigo e apanhava o vinho da

libação que dava a provar aos presentes. Este costume ou hábito praticado nas festas pagãs da colheita, da missa (feriae messis) foi a que adotaram os primeiros padres da igreja, sob o véu da comemoração da Santa Ceia da Quinta-feira Santa, cujo símbolo é o da fraternidade entre os filhos do mesmo pai que se repartem muito afetuosamente seus dotes de família.

Já disse antes que a missa era celebrada à noite nas origens do culto, porém quando no século II começaram os reflexos sobre ela os resplendores astronômicos a celebração foi transportada para a manhã, mais tarde (creio que no tempo de Carlos Magno) se proibiu em absoluto que se dissesse missa depois do Sol posto, ou, durante a declinação do Sol, ou seja, à tarde, *post-meridiano*.

Tampouco quero omitir que na sinaxis primitiva se lia um capítulo dos evangelhos, e logo uma exortação do celebrante, coisas que hoje em dia também se fazem. Os fiéis (ou irmãos) beijavam-se na boca em sinal de fraternidade que sentia seu coração. Entretanto, ainda se conserva este costume do beijo nas missas solenes, nas quais o celebrante convida os fiéis para beijar a paz, *ad osculum pacis*, dizendo para cada um *pax tecum*.

Creio que o casto ósculo aplicado nas sinaxis primordiais, se dava três vezes na Loja. Uma nas iniciações, outra nos reconhecimentos e a última nas separações momentâneas dos anéis da cadeia universal de União. Observe-se ainda, que nessas sinaxis, botavam na mesa pão, vinho e água, de cujas espécies tomavam uma parte cada um dos assistentes. O pão e o vinho era levado aos ausentes.

Pois bem, nesse atual sacrifício da missa se faz a mistura de água com o vinho sobre a mesa do altar em que se oficia o viático *viaticum*, se leva aos ausentes e enfermos. Enfim, o presidente da Sinaxis, principalmente o das igrejas do oriente, despedia os assistentes com a fórmula da separação dos mistérios Gregos (fórmula egípcia: Koth ompheth) Kom ou Kof tompheth, é dizer: Vigiai e sede puros. Esta fórmula tão venerável por sua antigüidade e seu preceito não desapareceu inteiramente do ritual Romano, apesar de ter sido reformada, ou substituída, pela *ite missa est*, pois se conserva intata ao final do ofício, de completas:

Frates, sobrii estote et vigilate, quia diabolus, adversarius vester, tanquam leo rugiens, circuit quem devoret, tu autem, Domine miserere nobis.

Irmãos: Sede sóbrios e vigiai (kof tompheth, koth ompheth), porque o diabo vosso inimigo (O Tifon Egípcio, o Ariman Persa, o Astharoth hebraico, o Saturno Grego, o Loki escandinavo, o Manitu Americano etc.) como Leão rugindo anda precavido em torno de vós procurando a quem devorar. Oh, Senhor, tende piedade de nós!

O convite que se faz nos templos Maçônicos aos iniciados envoltos na mais densa obscuridade, para que se retirem em paz, simboliza o *kof tompheth* antigo e sua paráfrase, frates sobrii estote et vigilate: despedida que, bem sentida pelos iniciados, que souberam vencer suas paixões e dominar as suas vontades, é o talismã de maior eficácia contra o rugente e devorador Leão.

Creio, meus Irmãos, que já dissertamos o suficiente sobre as rezas em que se pede a participação do celeste patrimônio. Porém, não obstante, chamo a atenção dos Escoceses da casa santa de Kilwining, sobre o feito de que o representante de shekina termina suas orações em coro com os Rosa-Cruzes, da mesma maneira que o celebrante na petição da parte do celeste patrimônio. O primeiro que diz: "A Deus ao qual lhe sejam rendido toda honra e glória, três "hurras"; o segundo diz: "Oh, Pai todo Poderoso, toda a honra e glória lhe sejam rendidas. Amém".

Koth ompheth (egípcio)

Kof ou Kom tompheth (Grego)

Licet ex templo (Romanos politeístas)

Ite missa est (Romanos papistas)

Retiremo-nos em paz (encerramento dos trabalhos Maçônicos)

XXIII - Origem do *Pater noster* no Kodish Hebraico, oriundo da Caldéia - Razão para que esta oração se denomine de *dominical* - Nomes que dão aos dias da semana os alemães e ingleses: o domingo se consagra nominativamente ao Sol - Tradução literal do *Pater* - Paráfrases por versículos - O dogma Egípcio da reincorporação das almas ao cabo de 1.000 anos - Este dogma se introduz primeiramente no paganismo e passa mais tarde para a religião Cristã - Do *Dies irae* - O dogma dos prêmios e castigos; o preceito do perdão das ofensas, origem da civilização. Do quinto grau do rito escocês não hermético. Do bom e do mau princípio, o Sol ascendente e o Sol descendente.

O *Pater noster* atribuído ao reformador do judaísmo, é uma oração anterior em muitos séculos à Jesus Cristo. De origem Caldéia, parece que foi adotada pelos Israelitas durante seu cativeiro na Babilônia.

Lemos em Voltaire: Tratamos já das rezas públicas de várias nações e da dos Judeus, povo que desde tempos imemoriais conserva uma oração que merece toda a nossa atenção, por sua semelhança com o nosso *pater noster*, oração que recebe o nome de *Kodish*, recitada em Caldeu e começa pelas seguintes palavras: Oh!, Deus exaltado e Santificado seja ele teu nome; tal que reine teu reino, que floresça a redenção e que o Messias venha logo!

Quanta semelhança guarda esta oração com a nossa dominical!

Pai nosso que estais no céu, santificado seja teu nome, venha a nós o teu reino... Se não foi conservado o *pater* a petição Judia de que floresça a redenção e venha o Messias, é porque fazem já dez a nove séculos que chegou o Messias e que a redenção floresceu. Por outra parte, e visto que os Israelitas recitam o Kodish em língua caldéia, é evidente que aprenderam esta oração com os Caldeus, observe-se ainda que a língua hebraica é um dialeto da Caldéia.

Esta oração era dirigida ao senhor Sol nos dias feriados, os quais eram fixados desde as primeiras sinaxis no Domingo, dia seguinte ao *sabath*, porque os pagãos de Roma consagravam os primeiros dias da semana ao deus Apolo, deus da luz. Recebeu o nome de dominical por sua invocação de *domine soli deo* dirigida ao pai da natureza. Os primeiros judeus reformados (os cristãos) a recitavam unicamente no primeiro dia da semana, enquanto que os judeus católicos a rezam, todavia neste mesmo dia, em honra a Sab, o deus exaltado, o deus dos céus, o Sol.

Por outra parte, a palavra semana, *septiman*, significa: medida do tempo, e consta de sete (contração de septen e de matinum) será dizer: *sete sóis diurnos*. As denominações que recebem nos dias da semana em três nações vizinhas não deixam de ser coisa digna de ser conhecida, e dão realce ao círculo diurno consagrado ao Sol.

Nomes dos dias da semana em quatro idiomas

Nomes Franceses	Nomes Latinos	Nomes Alemães	Nomes Ingleses
<i>Dimanche</i> (dia do Senhor ou do Sol)	<i>Dies magna, dies dominica</i>	<i>Sonntag</i> (<i>Sonne</i> , Sol; <i>tag</i> , dia)	<i>Sunday</i> (<i>Sun</i> , Sol; <i>day</i> , dia)
<i>Lundi</i> (dia da Lua)	<i>Dies Lunae</i>	<i>Montag</i> (<i>Mond</i> , Lua)	<i>Monday</i> (<i>Moon</i> , Lua)
<i>Mardi</i> (dia de Marte)	<i>Dies Martis</i>	<i>Dienstag</i> (dia de serviço)	<i>Tuesday</i> (dia do Deus das batalhas, do que mata)
<i>Mercredi</i> (dia de Mercúrio)	<i>Dies Mercuri</i>	<i>Mittwoche</i> (metade da semana)	<i>Wednesday</i> (dia de <i>Woden</i> , da divindade do norte que

			preside a guerra)
<i>Jeudi</i> (dia de Júpiter)	<i>Dies Jovis</i>	<i>Donnerstag</i> (de <i>Thor</i> , Júpiter dos antigos germanos, do qual os ingleses cunharam <i>Tunder</i> , trovão)	<i>Thursday</i> (dia de <i>Thor</i> , o Júpiter do norte, de onde se origina <i>Donner</i> , trovão)
<i>Vendredi</i> (dia de Vênus)	<i>Dies Veneris</i>	<i>Freitag</i> (de <i>Frea</i> ou <i>Frigga</i> , Vênus saxona, escandinava)	<i>Friday</i> (dia de <i>Frigga</i>)
<i>Samedi</i> (dia de Saturno)	<i>Dies Saturni</i>	<i>Sonnabend</i> (entardecer do Sol, véspera do dia do sol)	<i>Saturday</i> (dia de Saturno)

A semana dos Franceses é uma tradução da dos latinos. A semana dos Alemães conserva tradicionalmente os nomes que lhe impuseram seus antepassados. A semana inglesa é um monumento à conquista de Albion pelos povos do norte, pois conserva os nomes daneses e Suecos em seus dias.

Todos os povos consagraram o dia real da semana (sabbath ou domingo, dimanche, sonntag, ou sunday) ao Sol da natureza, nosso pai visível que está nos céus.

Quem poderia dirigir a súplica *dominical* ao pai com maior fé e esperança que o pobre que não lograva adquirir o pão cotidiano ou o indigente cuja virtude era tanta que pedia clemente perdão por suas murmurações contra os ricos; esse pobre que sofria menos com suas próprias necessidades do que com a fome de sua família moribunda?

Oh! Pai misericordioso, se estes desventurados meditam em fazer justiça ilegal, arrastados pelo desespero, faz com que resplandeça em seu coração esta oração predileta de ti: *resisti à tentação e eu vos libertarei de vossas dores!*

A oração que mais atrai de todas as antigas e modernas, é a que se dirige ao nosso Pai. As demais orações, talvez entoaem minha debilidade, me elevem o espírito ou excitem em mim esse entusiasmo que arrebatava a razão até os mundos em que triunfa a poesia; porém o Pai nosso me enternece e minhas lágrimas se vertem aos pés de meu Pai.

Traduzamo-lo, versículo por versículo:

- 1º - Pai nosso que estais no céu;
- 2º - Santificado seja o teu nome;
- 3º - Venha a nós o teu reino;
- 4º - Faça-se a tua vontade assim na terra como no céu;
- 5º - O pão nosso de cada dia nos dá hoje;
- 6º - E perdoa-nos as nossas dividas assim como nós perdoamos aos nossos devedores;
- 7º - Mas livra-nos do mal, amém;

Paráfrases da oração dominical:

1º versículo: Pai nosso. Pai é Deus, o pai do Universo, que estás nos céus, isto é, na imensidade, na extensão ou expansão. (E chamou Deus à expansão, *Céus. Pleni sunt coeli et terra gloria tua.* Salmo, o Céu e a terra estão cheios de tua glória).

2º versículo: Santificado seja teu nome: Os homens separados, isolados, divididos por fronteiras, interesses e costumes, fizeram *miriônimo*, que quer dizer: Deus de mil nomes a seu Pai Único. Pope (poeta Inglês) exaltou no seu *Universal Prayer* a debilidade desse versículo, e invocou da seguinte maneira o Grande Arquiteto:

Oh! Pai nosso de todos os séculos, adorado em todos os climas, que agora te chamas Jeovah, ora Júpiter e também Senhor.

O que é um nome, senão uno ou vários sons que se aplicam exclusivamente a um objeto para distingui-lo de todos os mais existentes na matéria animada e na inanimada? Bem, agora: o Pai de todas as coisas se diferencia de cada uma delas por seu criador, e, portanto, não tem necessidade de nome: *fecit magna qui potens est (magnificat)*, seu verdadeiro nome é santo, sejam quais forem seus dez mil nomes: *sanctum nomen ejus* (ibidem).

3º versículo: Venha a nós o teu reino; para os iniciados este reino consiste no conhecimento do verdadeiro Deus, do Deus Único. A uniformidade de rito para todo o Universo; Reino que ainda parcial, e não chegará à sua plenitude até a massa dos sábios se impunham à turba dos loucos. Coisa que demorará muito tempo para acontecer.

A locução *venha a nós o teu reino*, teria um significado irreligioso se entendêssemos que quer dizer que o reino de Deus não chegou, que tem sido o abandono e esquecimento.

Eu prefiro a locução do Kodisch, *faz com que teu reino reine*.

No entanto, temos que dizer que os versículos correspondentes do Kodisch e do Pater, podem ter relações com um dogma antiquíssimo do qual se aproveitaram os mystópolos modernos. (Os mystópolos são os vivos, espertos, explorador e da credence humana). Os chóanes do Egito acreditavam que as almas dos mortos voltavam ao corpo, mais ou menos: 1.000 anos da separação. Segundo os sábios, os esqueletos dos antigos habitantes das ilhas Canárias, secados ao ar livre; daí os embalsamentos, os túmulos de pedra e as maravilhosas pirâmides, usadas como diques contra os malefícios do tempo. Os esforços dos reis, hierofantes e personagens poderosos do Egito para conservar seus esforços, têm sido completamente inúteis, pois ao cabo de 4.000 anos suas almas continuam ainda esperando sua ressurreição ou reencarnação. Passou aos Gregos discípulos dos Egípcios e os Romanos discípulos dos Gregos. Encontra-se também no livro sexto da Eneida, obra que não é outra coisa a não ser descrição dos mistérios de Ísis e de Ceres Eleusina:

Has omnes ubi mille rotam volvere per annos Lotheam ad fluvium Deus, advocat agmine magno; Cilicet ut memores, supera et convexa revisant.

Os Cristãos admitiram esta opinião, estabelecendo nos primeiros séculos de sua era um reino de mil anos no qual São Jerônimo acreditou tanto que escreveu que o mundo duraria somente dez séculos, disse que nenhuma mulher ressuscitaria com seu sexo, que então todas se converteriam em homens. A flecha dos milenários tem revivido nos 1.000 anos até os nossos dias de hoje.

Os teólogos proclamavam que depois do juízo final, a terra se converteria em um paraíso, no qual viveriam os eleitos durante mil anos. Esta impostura tem sido posta impressa nos lugares onde os impostores sofriam a vergonha da asneira, *dies irae* que se canta nas exéquias, *solvet seclum in favilla teste David cum Sibylla*.

A súplica dos Israelitas: *faz com que reine teu reino* e a oração dos Cristãos, *venha a nós o teu reino*, se referem à época em que o último século se converterá em pó, segundo o testemunho de David e da Sibila. O desejo dos cristãos não deixa de ter fundamento, pois conhecem as palavras *mil anos e mais* com o que o divino Mestre respondeu aos apóstolos que começaram a indiscrição de pretender que lhes falasse sobre a duração do mundo, que era segredo...

4º versículo: *Faça-se a tua vontade assim na terra como no céu*.

Seria absurdo que o Senhor de todas as coisas, necessitasse que suas criaturas fizessem esse voto para realizar sua vontade suprema.

5º versículo: *O pão nosso de cada dia nos dá hoje.* Este versículo não tem significado oculto, é a oração dos pobres, que ganham a vida com o trabalho de cada dia, e significa:

Oh! Criador mantém este dia também na tua obra! E indubitável que a oferenda diária de alimentar todos os seres, é o símbolo desse versículo: O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Oh! grande Deus, não nos retires este benefício diário: não deixes de obrar este admirável prodígio!

Esta é a mais sublime oração que se possa dirigir ao rei dos reis, ao pai do povo; a mais comovedora, quando surge do coração dos oprimidos; e a blasfêmia mais ímpia quando é pronunciada pelos lábios do opressor.

Quando uma voz clama sob a abóbada celeste que ilumina uma misteriosa estrela: *Dá-nos o pão de cada dia,* cai do céu um propício Maná e o infortúnio sai do horrendo deserto.

6º versículo: *E perdoa-nos as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores.* Alguns hierofantes se atreveram a interpretar esse versículo da seguinte forma: E perdoa-nos nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos ofendem.

A tradução literária fundamentada do antigo costume de perdoar dívidas em certas épocas conserva a simplicidade virginal dos primeiros tempos de uma nação cuja civilização tenderia a abrir-se como uma flor. A tradução figurada data de tempos muito posteriores.

Perdoa nossas ofensas; É um fragmento que lembra o dogma de um Deus vingador e remunerador e o costume de confessar-se nos antigos mistérios. Nestas palavras se conserva a máxima do perdão das ofensas, santa descoberta dos primeiros sábios conhecidos, que foi recolhido pelo que com seus perfumes dispersos compôs um néctar delicioso, panacéia de todos os homens; achado filosófico e no filosofal que pregavam os sacerdotes de Cibeles sem levá-lo à prática; porém, sente intensamente os verdadeiros maçons desejosos de confraternizar.

Irmãos, levemos em conta que esse preceito desconhecido dos povos grosseiros e das hordas selvagens é uma das origens da civilização.

Ele modifica a aspereza do caráter dos indivíduos, e apaga pouco a pouco os rasgos ferozes das nações e os costumes perduráveis e inflexíveis em vingar-se. A exterminação não tarda em terminar; os soberanos, já mais clementes, são mais amados pelos povos que se submetem a costumes suaves a uma direção mais humana e a sentimentos mais generosos, enquanto a mão da justiça, armada com a arma da vingança, se transformou em mãos de graças.

O primeiro rei que disse: *perdoai as minhas ofensas e as que os meus fizeram,* fez dar um grande passo à civilização e consolidou sua dinastia.

O quinto grau do rito Escocês, não do hermético, senão do filosófico, ensina aos seus iniciados a moral do perdão, gravada na lâmina do punhal da vingança.

Este ensinamento Maçônico ditado pela sabedoria, consagra desta maneira o preceito de que em nenhum caso deve provocar-se, adiantar-se ou levar a cabo o castigo, o qual se confia unicamente à justiça social e à vingança pública aperfeiçoando-a, ainda, quando se deve saber que até o sangue dos culpados mancha o avental do maçom que o derrama ilegalmente mesmo que tenha sido impulsionado por motivo plausível.

7º versículo: *E não nos faça cair em tentação.* Não se pode traduzir de outra maneira esse versículo se se deseja ser fiel ao texto. Porém ao conservar sua essência, me parece que estou blasfemando ante o Eterno, dizendo-lhe que é o autor do bem e do mal. Ninguém pode admitir hoje em dia essa

suposição ímpia, pois até nos mesmos giros das antigas teogonias está bem determinada a separação do mau princípio e do bom.

Quem não conhece a Ormuz e Arimán, a Osiris e Apolo exterminador, a Deus e a Satan? Satán ou Satham, vem de Sath ou Seth (conhecimento) e significa conhecimento do mal. Se separarmos o autor do bem e o autor do mal, como poderemos pedir ao autor do bem que nos faça cair na tentação do mal? O Sábio Eloy Johanneau, cuja vasta erudição nem sempre se fundamenta em bases incomovíveis, ampliou e aperfeiçoou o sedutor sistema de Dupuis sobre o Deus-Sol quando não o obscureceu. Sua opinião justificaria o versículo *não nos faça cair em tentação*, pois pretende que o Deus-Sol foi sempre adorado em todas as suas fases de subir e descer de nascimento e agonia, de glória e morte anual, de outorgamento de bens e de rigores alternativos. E, quando em um dos hinos compostos nele fala deste Deus Solar, diz: Te chamam bom ou mau. Conforme o ponto em que te encontras. Aceitando esta hipótese, as súplicas que dirigem os antigos ao Sol ascendente para que lhe conceda o pão cotidiano (5º versículo). Não se encontrariam na mesma oração com as que fazem o Sol descendente para que não o faça cair em tentação (7º versículo). O astro brilhante da luz outorga o pão cotidiano; o astro submergido nas trevas, se nega a concedê-lo, sua claridade é a aurora da virtude; sua obscuridade, a guia do crime; assim que as palavras *não me façam cair em tentação*, significam: *O Sol, ilumina logo sobre a terra, afugenta suas trevas, cúmplices das más ações, e devolve-nos a luz, propícia às boas ações.*

XXIV - Continuação do versículo 7 da oração dominical - Do Kodisch Caldeu-hebraico, raiz do pater noster; comparação das semelhanças existentes entre os mesmos - Versículo sabeísta do Kodisch - Dos nomes que aplicaram os pagãos a Júpiter, Apolo, Baco, e Esculápio, os quais se deram mais tarde ao Pai, ao filho e ao Espírito - O kodish ou Pater de Voltaire.

Como os críticos da doutrina judaica reformada insistiram em que é impróprio pedir ao ser bom por excelência, que não faça cair em tentação à sua débil criatura, os vigilantes hierogramatas deram ao texto a seguinte significação:

E, não nos abandones à tentação, quer dizer: Odmuz, não nos deixes no combate à mercê de ariman; proteje-nos contra seduções do teu inimigo.

Esta opinião não é ímpia, pois se baseia na crença de que Deus nos protege contra as perpétuas tentações de Ariman, de Tifón e de Satan.

8º e último versículo: *Mas livra-nos do mal.* Esse versículo explica o precedente, os dois reunidos significam: O Senhor vela minha debilidade; afasta o mal de mim; protege os meus pensamentos e atos contra a impureza que degrada o ser criado por ti; liberta a minha consciência da opressão, do remordimento e ao meu corpo dos sofrimentos da vida!

As palavras que seguem demonstrarão a justeza da minha observação. O celebrante acrescenta as seguintes palavras da oração dominical:

Oh! Senhor, livra-nos dos males passados, presentes e futuros, faze com que possamos desfrutar paz durante nossa permanência nesta vida mortal.

Entendemos por todos os males, os do corpo e os da alma. A esta súplica se acrescenta a intercessão da bem-aventurada e sempre Virgem Maria, mãe de Deus etc. (vejam o capítulo em que se trata das *neomenias*, festas de Ísis Maria). Outra coisa notável, são as palavras que diz o celebrante antes de recitar. *o pater noster* quando se atreve declarar que esta oração foi instituída por Deus, *praeceptis salutaribus moniti et divina institutioni formati audemus dicere.* Quando o hierofante a qualifica da instituição divina, quer simbolizar com isso sua grande antigüidade.

Observai, irmãos, que a oração dominical procedente da Caldéia, pode dirigir-se ao bom princípio e ao mau; que quando foi transmitida aos Hebreus durante o cativo, não se infundiu nela nenhuma palavra que tivesse relação com o dogma da outra vida, dogma omitido em seu sistema religioso, já que deus ciumento e vingativo os recompensa nesta; que ao introduzir-se no ritual hebraico, esta oração se tingiu com a tinta do reino dos mil anos (veja-se o terceiro versículo), e, que tendo sido deturpada posteriormente, três versículos se interpretam de acordo com o motivo que impeliu aos sábios da antigüidade a ensinar o dogma da outra vida, e aos da idade média a apresentar este dogma como defesa aos fracos, como asilo aos infortunados e como espantinho aos malvados. Depois de feito exame escrupuloso do *pater noster* é natural que nos lembremos do *pater* caldeu-hebraico conhecido pelo nome de Kodisch do qual fez boa tradução um sábio Israelita, célebre pela sua sã filosofia.

Transportemo-nos agora com a imaginação dos mais antigos tempos da sábia Caldéia, ao pé da santa arca do povo de Israel, para ler o Kodisch, ou seja: a santificação.

Santificado e exaltado seja o nome do Senhor neste mundo criado segundo sua vontade, que somente ele governe logo e num próximo tempo a casa de Israel. Que logo e num tempo próximo se diga: Amém!

Louvido seja eternamente o nome do Senhor, Louvado, celebrado, honrado, adorado, sem temor e respeito, seja ele mais louvável e santo dos seres que se acham muito acima de todos de gratidão e todos os elogios que pode produzir o mundo. Sirva-se aceitar nossos votos de complacência e misericórdia. Acolhidas sejam pelo nosso Pai que está nos céus as orações e súplicas de toda a casa de Israel! Bendito seja desde agora até a eternidade o nome do Eterno!

Desçam dos altos dos céus sobre nós e a todo Israel a vida e as grandes felicidades, diga-se: Amém!

O eterno que criou o céu e a terra, é o que envia sua ajuda nos dias de necessidade.

Oh! Tu que estabeleces a paz entre as nações celestes, mantém-na entre nós e em todo o povo de Israel! Que seja dito: Amém!

Conformidades sinópticas do Pater e do Kodisch

Kodisch

- 1.- Pai nosso que estais nos Céus.
- 2.- Santificado e exaltado seja o nome do Senhor.
- 3.- Governe logo e em tempo próximo a casa de Israel.
- 4.- Governe aquele que fez o céu e a terra.
- 5.- Que desça a vida dos altos dos céus sobre nós.
- 6.- Receba as nossas orações com misericórdia, acolha as súplicas de todo o Israel.
- 7.- O Eterno é aquele que me envia sua ajuda nos dias de necessidade; mantém paz entre nós e em todo o Israel.
- 8.- Que seja dito: Amém!

Pater

- 1.- Pai nosso que estás nos Céus.
- 2.- Santificado seja Teu nome.
- 3.- Venha Teu reino.
- 4.- Faça-se a tua vontade assim na terra como no céu.
- 5.- O pão nosso de cada dia nos dá hoje.
- 6.- E perdoa nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu.
- 7.- E não faças cair em tentação, mas livra-nos do mal.
- 8.- Assim seja!

Para completar a prova da semelhança, ou a conformidade dessas orações, comparemos o versículo da oferenda da colheita: *pax domini sit semper vobiscum*. Que a paz do Senhor esteja sempre com vocês, com o final do Kodisch.

"Oh! Tu, que estabeleces a paz nas regiões celestes, mantém-na entre nós!

Assim, pois, os Caldeus nos transmitiram a oração dominical por meio dos Israelitas. O seguinte versículo do Kodisch Galdeu merece também a nossa atenção: "Deus nosso Senhor está acima de todos os elogios e de todos os atos de gratidão que podem produzir OS MUNDOS. As palavras sabeístas, *os mundos* constituem um fragmento do sistema celeste Babilônico. A expressão: O Eterno é o que me envia sua ajuda nos dias de necessidade".

Ponto essencial revelado nos mistérios da remota antigüidade é sinônimo de minha força em Deus. Atributo de segunda coluna das iniciações maçônicas modernas.

Para demonstrar que sinto grande admiração e veneração pelas Lojas cujo ritual prescreve uma homenagem ao Grande Arquiteto do Universo vou terminar este capítulo com a oração a Deus de Voltaire:

"A ti me dirijo, a ti, Oh! Deus de todos os seres, de todos os mundos, de todos os tempos, se é que aquelas criaturas imperceptíveis na imensidade podem permitir-se a ousadia de pedir algo. A ti que nos deste tudo, a ti cujos decretos são tão imutáveis como eternos.

Digna-te considerar compassivamente os erros adquiridos à nossa natureza para que não sejam eles a causa das nossas calamidades.

Tu não nos deste o coração para que nos odiássemos, nem as mãos para estrangular; faz com que nos ajudemos mutuamente para poder levar a carga pesada da vida penosa e passageira.

Faz com que não sejam sinais de rancor nem de perseguição as pequenas diferenças nas vestimentas com que cobrimos o nosso corpo, de nossos insuficientes idiomas, de todos os nossos ridículos costumes, de todas as nossas leis imperfeitas, de nossas insensatas opiniões, de todas as nossas condições, que se nos parecem desproporcionadas e a ti tão iguais, como os pequenos matizes que distinguem a esses átomos chamados homens.

Faz com que aqueles que acendem velas em pleno dia, para celebrar-te, alimentem aqueles que se contentam com a luz do teu Sol!

Que os que se cobrem com roupas brancas para dizer que devemos "amar-te" não detestem aos que digam o mesmo sob a capa de lã preta.

Que valha o mesmo adorar-te em uma geringonça formada de uma língua antiga que em um jargão atual ou moderna.

Que todos os homens se lembrem de que são irmãos, que sintam horror pela tirania que se exerce sobre as almas, do mesmo modo que execram, o banditismo que usurpa a força, o fruto do trabalho e da pacífica indústria.

"E se o látigo da guerra é inevitável, não nos odiemos mutuamente no seio da paz e empreguemos o instante da nossa existência em abençoar de igual maneira em mil línguas diferentes desde Sião à Califórnia a tua bondade que deste esse instante".

Voltaire disse ainda:

Que com o acento verdadeiro de uma criatura que se dirige humildemente, porém confiada, ao Ser eterno e incompreensível a quem deve a vida.

"Oh, Deus desconhecido! Oh, Deus anunciado pelo todo! Escuta as últimas palavras que pronunciam meus lábios:

Se eu me enganei, foi procurando a tua lei. Meu coração pode se desgarrar, porém está cheio de ti. Na minha frente vejo aparecer a eternidade sem experimentar temor, e não posso pensar que um Deus que me fez nascer, um Deus que derramou tantos bens sobre os meus dias, vai me atormentar eternamente quando os meus dias se acabem".

XXV - Recapitulação da encarnação Solar - O Apóstolo São Paulo e o poeta Lucrecio - Transubstanciação e Eucaristia - O Dogma da vida Eterna - As três deprecações tríplices - Dos três *non sum dignus Janus agonius* e os sacerdotes jiferos ou imoladores, chamados agones - O signo zodiacal do carneiro, o cordeiro dos Israelitas e do Apocalipse - De Júpiter, Amon aquele dos chifres de carneiro.

Baseando-me na encarnação Solar, a qual creio havê-la demonstrado na explicação do Credo que é tão admissível e lógica como o movimento da Lua em torno da terra e a rotação dos Planetas em torno do seu luminoso monarca, que cheguei à conclusão de que a transubstanciação (o incompreensível mistério desconhecido nos doze séculos precedentes) não é mais que uma alegoria engenhosa das operações que leva a cabo o universal para organizar a matéria. Com efeito, o Sol, Pai visível da vida se introduziu em todos os sêmens germinadores: e pôs em fermentação os fluidos e os sólidos seu calor vital se uniu à carne e ao sangue tão íntimo e solidário destes germes que não abandona os vasos, as redes, o lar e o eterno mecanismo dos corpos, senão quando sobrevive a morte dos seres, por lesão ou usura dos órgãos.

São Paulo vem dar apoio às palavras que acabamos de dizer. Certo poeta vosso (Lucrecio) escreveu com razão: *nós vivemos em Deus*, ele nos move, nós somos facções quais imperceptíveis da sua unidade, cujos limites não nos foram revelados.

Por isso, cremos estranha a independência da razão à súplica do celebrante de que a mistura do pão e o vinho, no cálice, seja a consagração do corpo e do sangue do *Redentor*.

Que significa a expressão litúrgica *consagração* senão a oferenda religiosa dedicada ao Sol, que encarnou sua carne e seu sangue, ou seja: sua própria substância, nos frutos nutritivos do pão e da vinha, frutos de que se compõe a oferenda?

A palavra *transubstanciação* quer dizer vulgarmente a ação de sustentar mais além, ou a conversão de uma substância em outra; porém em sentido figurado, significa uma transanimação, transolação, uma translucidação, uma transfusão, uma transmutação fracionária. Isto é o que eu compreendo e encontro no logogrifo sagrado: nele se expressa a passagem do poder fecundador do Sol aos ovários formados pelo Grande Arquiteto do Universo, para semear neles partículas animadas e quantidades reguladas e temporais desse poder segundo as leis naturais.

Que significa a palavra Grega *Eucaristia*, senão a ação de graças que dirigimos ao Único Deus, por havermos outorgado o dom da existência e das substâncias que a sustentam, *pro omnibus quae retribuit mihi*? Como podemos dar, pois somos débeis criaturas, graças proporcionadas aos seus dons? Aí! Ante os altos iniciados, eu invocarei seu nome, *et nomen Domini invocabo*, o nome que reluz no disco deslumbrante do Sol. Tudo que possui animação no templo da natureza é substância universal. Deus introduziu nestes inumeráveis germes: *in Deo sunt*, valendo-se do seu agente supremo, o Sol, sem ter para nada em conta a ignorância ou a ciência, a ingratidão ou o agradecimento dos seres humanos.

Nos templos dos mistérios, os sábios ocultam sob uma engenhosa alegoria esta verdade sublime que admiram os aprendizes *pensadores*, e cobrem com os mestres que não *pensam*.

No momento do sacrifício, o hierofante roga ao Criador que outorgue a vida eterna aos fiéis como prêmio à consagração da primícia da colheita, rastros de sua divindade, cuja fração seria repartida

entre os iniciados, e a súplica para que conceda aos seus irmãos, assim como a si mesmo, as coroas celestes.

De onde se observa que fora intercalado (*sacra mens, sacramentum*) profundamente inculcada nos corações débeis, pode separá-los algumas vezes. O celebrante respeitoso pelo número ternário da antigüidade invoca por três vezes ao que *tira os pecados do mundo*, ou seja: o cordeiro divino, *ao agne Dei*.

Em continuação dirige três rogativas: a primeira pela paz e a união da igreja (a assembléia dos iniciados); a segunda, para que Deus o livre de todo o mal (assim como da alma e do corpo); e terceira, para que a oferenda consagrada que está no ponto de tomá-la sirva de defesa para a sua alma e seu corpo, e não seja motivo de sua condenação e juízo.

A quem se dirigem estas deprecações ou súplicas simbólicas? A Jesus Cristo, ou seja, ao Sol no signo do cordeiro fecundador, que purga a terra das trevas e das geadas do inverno.

Então, pega a hóstia (a vítima cereal) entre o dedo polegar e o índice da mão esquerda (dedos consagrados) e diz três vezes: *Domine, non sum dignus* etc, Senhor, eu não sou digno de que entreis em meu teto, porém disse apenas uma palavra e será salva a minha alma. A quem dirige estas três submissões? Ao Arquitecto, proprietário do teto, que tomou como uso-fruto ao Senhor.

Meus Irmãos, agora o sacrifício se dirige nesse momento para a parte mais misteriosa, e vos declaro que a razão extraviaria num labirinto complicado e que não possui o compasso da observação e nem foi dirigido por mão segura do passado, porém antes de atar o fio salvador, enfoquemos a luz da nossa estrela a esses mármores antigos em que sob os devoradores musgos, se oculta a efígie do cordeiro ou carneiro.

Numa instituiu festas em honra a *Janus Agonius*. Chamado assim porque lhe ofertavam cordeiros em sacrifício (é o nosso São João com o seu cordeiro).

Os Romanos invocavam em outras ocasiões aos deuses *agonios*, é dizer: aos deuses atores e protetores dos atos importantes. Os agones eram os ministros jíferos ou imoladores dos altares, e recebiam este nome porque antes de ferir a vítima, perguntavam aos assistentes: Agone? Atuo? Ferro? (Compare-se, Agone? com *domine num sum dignus*). Com a ajuda dessas três citações e das homônimas usadas pelos doutrinários modernos para velar seu segredo, como por exemplo, *deo soli, soli deo*. Creio que não me falta razão para dizer que os sacerdotes modernos invocam como os antigos Romanos ao deus de Numa, ao protetor da alta empresa do sacrifício e da colheita e que sob a frase: *Aganus Janidei*, cuja palavra central omitem, comemoram o costume de imolar o cordeiro destinado a esse Deus.

Os celebrantes modernos imitam os Agones, quando nos lembram com os seus três *agnus Dei*, os Agones de seus sangrentos predecessores e se não ferem como estes o cordeiro animal com uma faca cuja lâmina se umedecia a princípio em sangue humano, fracionam o cordeiro vegetal em duas partes com a beira da patena.

Eu creio que os novos doutrinários, animados pelo sublime propósito de afastar dos templos a matança de animais, tão próximos dos sacrifícios humanos não se atreveram a suprimir do seu ritual devido à debilidade dos jovens convertidos e ao fanatismo dos inconvertíveis.

E se passamos à Páscoa do cordeiro dos Israelitas, creio que não teremos que meditar muito para descobrir a surpreendente analogia existente entre o cordeiro do antigo testamento e do novo, ou seja, entre o sacrifício material e o intelectual.

Oh! Altos iniciados! Arriscarei-me em submergi-los nas místicas obscuridades do Apocalipse, porque esta obra, *pedra tombai* que gravita sobre o colossal gênio de Newton, menciona: um cordeiro deitado sobre um livro fechado com sete selos? Vocês chegariam à conclusão de que esse cordeiro em repouso é o Sol que aquece a terra desde março a setembro?

Suponho que esse livro seja o símbolo do nosso Globo e que os sete selos são grande reino do astro rei quando se encontra nos sete signos mais sobressalentes que recorrem no hemisfério Boreal?

O que dirão disso os sábios e as nações do hemisfério austral? Cujas estações são inversas das nossas?

De que nos serviria, infelizes irmãos, que invocásseis em vossa ajuda o Santo versículo: "o cordeiro abandona sua ovelha, *"agnus demittit oves"*, ou que repetísseis o *agnus Dei* da oferenda da colheita, quando o Sol passa aos signos inferiores e parece que abandona os pastos e os rebanhos à geada, e as trevas, à esterilidade e à destruição, quando o cordeiro de Deus abandona o mundo e todos os seus males (*peccata mundi*)?

Poderíamos continuar sem proveito as nossas investigações, remontando-nos às sendas obscuras da antiguidade, porém, se este esforço nosso tivesse recompensa...!

No entardecer do misterioso Egito e sobre as areias líbias, percebo alguns restos; aproximemo-nos... São os vestígios do templo de Júpiter - Amon! Só os ventos dizem nos oráculos certos, porque seus sacerdotes impostores desapareceram. O deus, a quem a terra consultava sempre com espanto, jaz agora junto ao seu pedestal no mesmo lugar em que se ajoelhavam os reis.

Seculares musgos se nutrem com o pó do manto purpúreo com que o revestira a superstição; e o pastor do deserto, sentado sobre si mesmo para vigiar o rebanho, exclama: Deus é Deus, e Maomé seu profeta!

Descubramos se é possível. As ações do deus destronado estão esquecidas; porém ainda adornam sua testa os chifres do carneiro, velho espantalho das almas débeis e emblema astronômico de seu poder como deus Sol. E agora vemos claro: "o Júpiter com cabeça de carneiro" brilha com esplendor, purificado de suas máculas, e oh!, prodígio!, nele vemos Apolo chamado por sobrenome *Belis*, o Belo Babilônico que fecunda a terra, o vermelho "Belisán ou Belén" dos Celtas, "o Cordeiro primaveril" dos Hebreus, e o "Jano agônico" de Numa, o Cordeiro do Apocalipse e o *Agnus Dei* do sacrifício moderno.

E verdade que estes simulacros divinos foram feitos por mão humana, mas também temos que considerar que o espírito que os dotou com emblemas mais ou menos engenhosos, em consonância com a inteligência dos tempos; e que estes emblemas simbolizam a revolução anual do Sol e, principalmente sua volta à primeira das casas do zodíaco, e onde por meio dele se opera a ressurreição da natureza. Portanto, o signo que guarda a porta equinocial da via rejuvenescedora dos nossos hemisférios é o *agnus dei tollens peccata mundi*, ou seja: o carneiro (belier, Áries).

XXVI - Continuação do Agnus Dei - Objeções refutadas - Da atenção necessária e da consagração da Hóstia - Dos mestres e dos Maçons adornados com faixas Arquitetura Mãe, e não filosófica - Comunhão e pos-comunhão - Anekdota do acadêmico De La Harpe relativa a um fanático sacerdote - Da autópsia de Júpiter, Elício e dos brahmanes - Virtudes dos verdadeiros iniciados e Credo moral dos primeiros Cristãos fiéis à maçonaria primitiva - Calúnias atroz que levantaram contra eles assim como aos protestantes e Franco-Maçons.

Fomos testemunhas das objeções que fazem ao *Agnus Dei*; Vamos agora contestar as mesmas.

1ª Objeção: As três primeiras rogativas (Agnus Dei) são dirigidas ao cordeiro de Deus; que tomado no sentido literal, é uma absurda idolatria, uma mancha contra a pureza, que é o caráter distintivo do culto do verdadeiro e Único Deus. Traduzamos literalmente: "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tem misericórdia de nós, dai-nos a paz."

De forma que no formulário mais completo da religião moderna, ou seja, o Credo não se menciona mais que a Deus e aos homens; porém no momento mais santo da oferenda dos homens a Deus, o Pontífice invoca a um cordeiro, implora-lhe compaixão e paz e lhe atribui os poderes de tirar os pecados do mundo.

Seguramente que não há nada que degrade, como isto, o espírito humano.

Resposta: É importante não precipitar-se nunca. A súplica ternária: *Agnus Dei* nos adverte do seu simbolismo; tratemos de compreender seu mistério. Vamos traduzir o "enigma" cuja envoltura pode ser motivo para escrúpulos. Oh! Sol de primavera que, para provocar a ressurreição anual da natureza, tornas a morar na constelação do cordeiro, símbolo de mansidão e fecundidade! Oh!, tu, que afugentas os males que afligem a terra, fundindo os gelos, dissipando as trevas, impregnando a todos os germen, seres e corpos com a cálida influência dos teus raios, não esqueças a humanidade quando repartes a tua misericordiosa beneficência e concedes a paz necessária para colher tuas dádivas.

Meus irmãos, eu creio que é preferível a oração desta forma, despojada de sua mística envoltura e do seu absurdo tegumento, já que deste modo, satisfaz a razão, a ciência dos astros e a religião natural.

2ª Objeção: Porém que necessidade tem de cobrir com um véu tão denso essa exaltação sublime ao "grande Astro"?

Resposta: Eu respondo com o "*divus augustinus*, Santo Agostinho, porque acreditamos necessário fazê-lo assim, por temor às suas capacidades demasiado estreitas para conter sua majestade."

Se o celebrante e seus fiéis se unem ao texto, se parecem à Aarão e aos seus idólatras Israelitas; porém se compreendem seu significado alegórico, terão derrubado o bezerro de ouro.

Moisés desceu do Sinai, as tábuas inquebráveis do verdadeiro Deus e a sua verdadeira lei foram depositadas na arca santa do coração humano, cujo santuário guardam os querubins da alegoria e do pontífice do silêncio, sentinela especial "do santo dos santos" (a verdade).

Quando se faz a segunda deprecação tríplice, já não se invoca o cordeiro de Deus, senão a nosso Senhor Jesus Cristo. A invocação é tríplice e, por conseguinte é uma evidência do seu simbolismo. O celebrante a dirige a quem "vive e reina em todos os séculos", ao Sol, Luz da Luz, nascido do pai antes de todos os séculos, cujo reino não terá fim; *lumen de lumine, ex patre natum ante omnia saecula, cujus regni non erit finis*.

O Grande Arquiteto do Universo, que está em todas as partes e impulsiona tudo e a quem mora em todas as coisas, não se aborrece porque o celebrante repete três vezes a Jesus Cristo: "vós que sendo Deus viveis e reinais com o mesmo Deus pai e com o Espírito Santo". Estas palavras que não possuem outra consequência que a anotação secreta no ofício da missa (a qual é uma coleção das práticas e dogmas religiosos pertencentes a todos os tempos e lugares) do sistema *in deo vivimus* e das opiniões "Pitagórica e Platônica", mencionadas nos antigos mistérios como provas morais.

Iniciados, atenção, respeito e segredo.

O Hierofante toma em suas veneráveis mãos *venerabiles manus*, o pão sagrado (mola); levanta-o sobre o vinho sagrado, imagem do sangue ofertado aos deuses antes que se depurassem os sacrifícios (inmolatio) e anuncia que vai invocar o nome do Senhor, diga-se: ao Demiurgo.

Acabaram o cordeiro simbólico e o homem emblemático com os que se tratavam de ocultar aos catecúmenos e aprendizes o poder e a bondade ilimitados do criador das coisas visíveis e invisíveis. O venerável celebrante vai falar no idioma sublime dos altos iniciados, e se bem estão presentes quase todos os *mystes* estes não o compreenderão, porque seu intelecto preocupado pelas anteriores súplicas dirigidas ao "cordeiro de Deus" chamado Senhor, não deixa lugar ao sublime pensamento do Grande Arquiteto do Universo, único criador de todas as coisas. Estes *mystes* vêm a ser a maneira dos índios que fabricaram o seu *fetiché* com o fruto do coqueiro e que, depois de ter deificado às duas primeiras envolturas e pelo azeite que possuem, ignoram absolutamente que a terceira guarda uma ambrosia deliciosa.

Assim são, meus irmãos, esses aprendizes e companheiros que se limitam a trabalhar no átrio sobre as pedras bruta e cúbica, assim também são esses pretensos mestres em força, sabedoria e beleza que, orgulhosos com os seus sete anos de trabalhos maçônicos perfeitamente executados, ignoram o objetivo das construções, apesar de estar indicado no verso da planilha de traçar sobre uma placa de ouro. Assim são também esses arquitetos modernos que se intitulam a si mesmos de "ilustres" e se pavoneiam no Oriente com seus deslumbrantes enfeites, enquanto ignoram a arquitetura filosófica que é a única que regula o valor e o preço de todas as demais.

Já sei que é difícil, árduo e cansativo andar em busca de princípios da arquitetura "mãe" desse diamante oculto sob capas cobrindo lodo e silex, recoberto por restolho cujo brilho não resplandece quando se chegue a desprender de todo o supérfluo, mas por fricção continua com um polimento bastante raro, já que os únicos que poderiam fabricar esse instrumento são o espírito, a educação e a experiência.

Eminentes iniciados, atenção, respeito e segredo.

O hierofante-celebrante pronuncia três vezes o nome do Senhor de todas as criações, de todas as harmonias e de todas as maravilhas! Quão débil criatura és!, "três vezes" confessa que és indigno de receber sob o seu humilde teto o Soberano do Universo; "três vezes" o conjura para que sane sua alma, dizendo uma só palavra. Esta mística rogação parece que estabelece um deus material, um deus que fala a linguagem humana; porém, em realidade, somente trata de expressar em forma figurada e ante o vulgo dos iniciados, a onipotência do Criador e a extrema debilidade de todas suas criaturas.

Eminentes iniciados: atenção, respeito e segredo!

Falamos ante a consagração da oferenda e do vinho; ante a inopinada mudança da natureza; ante a mágica transubstanciação que se realiza segundo o dogma recente da crença moderna, pelos efeitos das palavras do sacrificador, que são as seguintes: "neste pão está o corpo do nosso Senhor Jesus Cristo; guarde minha alma para a vida eterna, assim seja!" - "neste vinho está o sangue" etc.

Conta o célebre La Harpe que quando era criança e muito antes de sua apostasia ajudava por curiosidade a dizer missa a um sacerdote que pronunciava o "hoc est enim" numerosíssimas vezes, até lhe parecia que tinha conseguido a descida do seu Deus ao pão e o vinho, por meio da entonação áspera de suas palavras. Sua missa durava mais de três quartos de hora, coisa a que não podiam resistir nem as mais intrépidas beatas.

Este fanático se transportava ao estado conhecido pelos pagãos por "autópsia" "Do Grego, Autos, eu mesmo, "si próprio", o opsis, visão, palavra derivada de ontomai, ver com os próprios olhos".

Aquele que estando em semelhante estado, mantinha comércio íntimo com os deuses; acreditava-se revestido com todo o seu poder, e estava persuadido que não havia nada impossível.

Os Romanos acreditavam que podiam obrigar a Júpiter Alísio a descer do céu, por meio de certos versos sagrados "O próprio Virgílio acreditava que pronunciando uma letra, segundo um método mágico, obrigava-se a luz a descer a terra, pois em sua oitava estrofe do poema diz, seriamente: com palavras se obriga a lua a descer a terra".

Os Brahmanes diziam que a figura ou figuras do Deus supremo se transformavam em Deus, quando se consagravam com as cerimônias necessárias para conseguir semelhante efeito.

A evocação, a rogação e até o aparecimento dos deuses, demônios, sombras e santos, formaram parte em todos os tempos de abundantes cultos, aproveitados pelos exploradores da rainha do planeta à credulidade. Porém esta observação, de nenhum modo, tem relação com a consagração do pão e do vinho que se realiza na oferenda moderna, da qual voltarei a tratar. Aquele que se sente iluminado como o sacerdote de que fala a Harpe não amará a luz do Sol, porque seus olhos não verão mais que fogos fátuos e monstros devoradores.

Porém, os que foram iniciados pela razão e o estudo nos mistérios da antiga filosofia, e têm a certeza de que a atual herdeira desta se adorna com os véus e cinturões daqueles mistérios, não chamarão de espúrios a quem crer na peripécia do pão e do vinho sagrados, nem hugonotes e aos respeitadores comemoradores de santa ceia, porque sabem que a divindade mora em todos os corpos e, por conseguinte, no pão e no vinho.

Esta verdade é palpável e axiomática. Ela é a luz que, conforme dizia São João, muitos não compreenderam o que dá o reino dos céus como diz o evangelho, é dizer: a inteligência dos mistérios a quem compreendeu que a razão se sobrepõe e domina o espírito e a imaginação.

E, qual será o culto dos sábios? O dos primeiros cristãos que expunham da seguinte maneira: Que imagem de Deus faremos? Que não somos mais que sua imagem? Que templos construiremos em seu louvor, se este mundo inteiro, que é obra de suas mãos, não é capaz de contê-lo?

Atrever-nos-íamos nós que imaginamos estar folgadoamente alojados, a encerrar numa *capela* a tão grande majestade? Não seria preferível que nos dedicássemos no nosso entendimento e o consagrássemos nos nossos corações?

É que vamos oferecer ao Nosso Senhor vítimas criadas por ele mesmo? A hóstia que ele prefere é uma boa alma, um puro entendimento, uma sincera crença. Ao Senhor o adoraremos quando nos entregarmos por inteiro à inocência: fazem-se aspersões, fazendo-se justiça. Apaziguamos quando abtemo-nos da fraude; imolamos uma grande vítima, tirando um homem do perigo. Estes são os nossos sacrifícios e nossas cerimônias. O homem mais bom é o mais devoto, "Nosso altar é o coração do justo; nossas imagens, as virtudes, e nossos corpos, o Templo de Deus".

Quem não vê a arquitetura forte, sábia e bela da Maçonaria nessa exposição de sua doutrina? Quem haveria de crer que sendo esta tão pura tivesse de ser tão atrozmente perseguida?

Arnóbio (livro 1) conta que o cristianismo foi tido como superstição abominável. Seus fiéis foram acusados de sediciosos, inimigos da paz, perturbadores do mundo e autores de todos os desastres. Santo Agostinho diz que se tinha popularizado entre os pagãos o provérbio: "Os cristãos são os culpados de que não chove". São Justino nos dá a conhecer o grito de morte contra os cristãos: "Suprimam-se os ateus"; assim como as imprecações que se pronunciavam enquanto os cristãos padeciam no suplício, e esta proclamação em uso nos templos profanos: "Se aqui está um ateu ou cristão que saia". São Cipriano disse que os primeiros fiéis foram acusados de lúricos, incestuosos,

estranguladores de crianças e bebedores do seu sangue. Tertuliano nos dá a conhecer que os pagãos mais moderados diziam: "o homem de quem me falas é honesto, se ele não for cristão".

Enfim, o sábio Orígenes não se privou dos seus órgãos de reprodução, senão a conseqüência do delírio que lhe produziram as calúnias dos pagãos, as quais copiou desse mesmo autor: Os pagãos diziam que quando os primeiros cristãos sentiam desejo de satisfazer suas repugnantes paixões, dirigiam-se às assembléias, onde ao apagar-se as luzes, cada qual se satisfazia com a primeira mulher que encontrasse. Devido a essa falsa opinião, muitos se distanciaram da religião cristã.

Estas atrozes calúnias foram exumadas em todas as épocas pelas seitas triunfantes contra as seitas vencidas ou nascentes e, principalmente pelos Vadianos e Albigenses. A continuação cito uma destas mil deploráveis demências: No ano de 1557 foi surpreendida em Paris uma reunião de 400 protestantes, convocada na rua Saint-Jacques à meia noite para celebrar a ceia. Todo mundo opinava o que se tinha congregado ali, diz o historiador, para celebrar um grande banquete e fazer depois de se terem apagado as luzes e tochas vida silenciosa. Conta-se também, que assistiram freiras e frades. Estes bons religiosos adquiriram tal reputação de santidade, que era uma infâmia acusá-los de semelhantes atos. Por sua parte os sacerdotes e predicadores trataram de inculcar estas falsidades ao povo chegando a dizer que os protestantes assassinavam as crianças e cometiam outras barbaridades por estilo. Porém não se dizia somente isso à gente do povo, também até ante o rei, ao qual trataram de convencê-lo da verdade do rumor valendo-se de um juiz do Chatelet, que teve a ousadia de informar ao rei de que na sala da casa encontraram uns colchões sobre os quais se cometiam atos desonestos, e o aparato de um suculento e suntuoso banquete; o que aborreceu grandemente o monarca, íamos nos esquecer agora que no ano de 1737 e em 1748 a Maçonaria, então em Paris, recebeu do mesmo Chatelet as honras da perseguição judicial, e que em 1842, recebeu a consagração definitiva quando seus adeptos foram ameaçados com a levíssima pena de morte por bula Papal.

XXVII - Opiniões dos padres com respeito a transubstanciação, durante os dez primeiros séculos, até o concílio de Latrão - Dos conceitos e dos hierogramatas - Opiniões de Beranger, Pierre de Bruys, Pierre de Valdo até Martin Lútero - A presença real justificada.

Se os padres da religião atual voltassem a terra com a missão de comparar se permaneceram inalteráveis e fixos o culto de fé de que lhes valeram a inefável honra de santos, ficariam pasmados.

No ano 360 São Ephrem disse que o filho de Deus (o Sol) abençoou o pão como figura do seu corpo e o cálice como figura do seu sangue. Santo Ambrósio opinava que esta oblação razoável era a figura do corpo e do sangue do Senhor (Dominus Sol).

Em uma epístola dirigida a Cesário no ano de 386, garante São Crisóstomo que a natureza do pão continua existindo no pão santificado. Santo Agostinho, teólogo que viveu no ano de 410 disse:

"O Senhor não duvidou em dizer *este é meu corpo*, quando dava a figura do seu corpo, e comentando o Salmo 198 se expressa da seguinte maneira:

"Vós não comereis este corpo que agora vedes, nem bebereis do sangue que vão fazer-me derramar os que me crucificam. Compreendeis espiritualmente o que vos disse. Eu vos recomendei um signo sagrado o qual vos vivificará, se o entenderdes com o espírito".

Santo Agostinho acrescentou num sermão: "Quase todo mundo chama o corpo de cristo ao que é seu signo sagrado". Creio conveniente trazer agora em coleção uns parágrafos do Maçom hermético Dom Perneti, o Beneditino.

Os sacerdotes da antigüidade pagã explicavam ao povo os hieróglifos e alegorias, segundo a letra, e os iniciados, segundo o sentido. O povo se contentava com o exterior, e, por esse motivo, eles lhe

diziam que tudo tinha sido instituído para dar graças a Deus. Para o povo o símbolo vinha a ser a coisa significativa de forma que ele adorava a figura em lugar da realidade. Quanta gente ignorante, sente mais veneração pela figura de São Roque, pelo seu cão que pelo mesmo Deus. Uma vez exposta a lição que nos dá um sacerdote moderno com respeito a tática hábil dos sacerdotes antigos, volto aos padres antigos da primeira origem da religião atual. Teodoro, Bispo de Tiro em 420, escreveu (primeiro diálogo) o Senhor deu ao signo o nome do seu corpo. E, (em segundo diálogo) responde a um eutiquiano que defendia a doutrina da Transubstanciação: "ficaste preso com os mesmos fios que teceste: pois a natureza dos signos místicos não mudam em absoluto depois da consagração, já que continuam tendo sua primeira substância, figura e forma". São Cirilo, Bispo de Alexandria, dizia que no ano 400, falando do hierofante Nestório: Por acaso não é certo que ele converteu nosso mistério numa "antropofagia", em comer o homem... trazendo de uma maneira irreligiosa o espírito dos fiéis a vãos pensamentos?

O papa Gelásio I dizia lá pelo ano 494, que "a substância do pão e do vinho não muda depois da consagração".

O bispo africano Farcundo escreveu em 550: falando com propriedade temos de dizer que o pão não é o seu corpo nem o vinho o seu sangue. São Dionísio, (século IV) chama mais de dez vezes, imagens, signos e figuras à ceia, e obreiro dos signos com que simboliza ao Cristo a Jesus Cristo o mesmo opinava seu discípulo Máximo no ano de 630, assim como um decreto romano citado por Graciano que diz o seguinte: O pão e o vinho que chamamos corpo e sangue de

Cristo, não são senão os signos por meio dos quais se significa Cristo.

Esta opinião primitiva ajustada à razão predominou durante 1000 anos na igreja, até que um concílio celebrado em época de ignorância e estupidez terminou com esta engenhosa alegoria dando origem a uma época de lutas e extermínios religiosos.

A palavra concílio se denomina "as assembléias constituintes da igreja romana", vem a significar o mesmo que sínodo é dizer: *conventus monasticus* e conventos de iniciados. No misterioso Egito, e na Grécia existiam instituições semelhantes a estas, pois seus hierofantes, intérpretes e depositários dos sagrados segredos, presidiam a explicação dos mistérios, do mesmo modo que os padres da religião católica e os Grandes Orientes da época atual e eram ao mesmo tempo seus conservadores supremos. Eles inventavam hierógrafos e ensinavam ao povo seu significado externo (esotérico) e aos iniciados, seu sentido verdadeiro, exotérico; ajudavam aos reis com sua sagacidade e conselhos interessados: e para tirar benefícios de sua clerezia e conservar seu poderio (ad utilitatem nostram totiusque ecclesiae sactae) se valiam dos conhecimentos dos movimentos celestes que eram os únicos a possuir, os quais se lhe davam uma grande consideração uma absoluta submissão e a possibilidade de que todo o ouro do mundo fosse parar no abismo em que radicava o tabernáculo.

Em continuação das nossas úteis observações a propósito dos concílios da fé moderna, nós nos acreditamos obrigados a fazer o seguinte: A doutrina da não transubstanciação foi desterrada para sempre no ano de 1059, apesar de que havia sido mantida constantemente durante mais de 1.000 anos e sem que os padres que a estabeleceram e sustentaram, perdessem sua auréola de santos.

O Concílio de Latrão celebrado por Nicolau II concordou com que o pão e o vinho da missa deveriam ser, desde aquele momento, reconhecidos como verdadeiro o corpo de Cristo, a quem sensualmente, rompem e partem dos dentes dos fiéis.

Neste concílio monumental para a história do espírito humano, o célebre Beranger, arqui-diácono de Angers, teve que retratar-se por escrito para poder salvar sua vida; porém, quando passou o perigo, publicou seus primeiros sentimentos, sendo condenado sucessivamente pelos concílios de Rouen em 1063, de Poitiers em 1075 e de Roma em 1078 e 1079, obrigando-o por último a abjurar por

escrito. Não obstante, enquanto pode pôr-se a salvo, encheu a França, Inglaterra e Itália de ferventes e animosos discípulos e formulários com sua assinatura.

Os perseguidos serviram com freqüência à verdade diminuindo o poderio fundamentado em imbecilidades.

O bispo de Mans, Hildeberto, chama a Beranger de: "apoio da igreja, espada e esperança do Clero", em um epitáfio.

Os numerosos prosélitos deste precursor de Lutero, atribuindo-lhe milagres cuja autenticidade sustentaram, porque acreditavam que eram não indubitáveis como tudo quanto apareceu desse gênero.

Beranger semeou um grão de razão no estúpido podredouro do século XI. Nessa época, em que hoje em dia, afloram os que traficam com mentiras, néscios, prejuízos ajustáveis a todas as medidas, muitos bispos não sabiam divinamente ler nem escrever. As ordens, ou seja, as graças, se vendiam, Convion, primeiro abade, se lamentava a Nominoé rei de Armorica de que os ímpios bispos comunicavam ordens por dinheiro.

Deus queira que não se cometa o mesmo nas ordens Maçônicas como coisas deste calibre.

Acabo de dizer que Beranger se atreveu a semear no século XI um grão de razão, grão que sob os cuidados de Bruys, produziu em 1130 numerosas espigas com as quais, 60 anos mais tarde fez um grande cultivo extensivo Lionés Pedro de Valdo, que valendo-se da sua eloqüência persuasiva, adquiriu numerosos prosélitos, os quais receberam o nome de Valdenses; porém como este nome e o de "albigenses" não eram desprezíveis e por si, seus inimigos empregaram o procedimento da difamação, de que se valeram em todas as épocas as facções reinantes. Tão infamantes e apelidos lhes aplicaram e fatalmente os ridicularizou, muitos dos valdenses sacrificaram as idéias e suas convicções ao orgulho, a pusilaminidade e a ambição.

Porém, apesar das perseguições irreprováveis contra os valdenses, suas opiniões fortalecidas por costumes irreprováveis, foram manejadas depois por Lutero que logrou libertar da opressão a grande parte da Europa.

Ao lembrar aos meus leitores a prova incontestável de que a razão desterrada, perseguida e amordaçada ressuscita, fala, comove, seduz, combate, triunfa e reconquista seu legítimo império apesar dos obstáculos e dos tempos, acreditei que estava no dever de citar cronologicamente as opiniões dos padres da igreja, desde seu berço até o concílio de Latrán, opiniões que no curso de 1059 anos, sustentaram constantemente que o pão e o vinho sagrado não muda a natureza, de substância nem de forma, e que sua oferenda é um símbolo ou figura do Redentor, uma forma de Cristo e um sinal místico do filho do Grande Arquiteto do Universo; porém, a partir do ano 1059, aquele que acredita o contrário é o que alcança o paraíso. Agora, quem é o filho, a luz da luz, *lumen de Lumine*, que encarnou por nós, *incarnatus pro nobis*; que ressuscitou, *qui resurrexit*, para salvar-nos da morte invernal passando aos signos superiores, e que faz com que cresçam e amadureçam no Cristo espiritual que, segundo os ilustres doutores Efrem, Ambrósio, Crisóstomo, Agostinho, Teodoro, Círio, Gervásio, Facundo e Máximo, não existe realmente no pão e no vinho da oferenda da recolheição? É o Sol! Oh!, eminentes iniciados. Sim és o grande Astro, o intermediário no nosso sistema Planetário do poder regular e ilimitado do Grande Arquiteto dos mundos. Tudo quanto esse sublime obreiro criou está impregnado de sua essência. De forma que não seria absurdo em render homenagem a esse pensamento na fórmula da consagração. Já disse o apóstolo Paulo citando Lucrécio que o pão e o vinho têm de ser em Deus; *in Deo vivimus, movemur ete sumus* de maneira que *panis et vimum in Deo sunt*.

Estando de acordo com esta interpretação, é lógico dizer com o celebrante:

O que oferecerei eu ao Sol, filho e representante do Senhor de todas as coisas, em troca de todos os bens que me outorgou?

Dar-lhe-ei minha doação de graças, tendo por testemunha a todos os iniciados e beberei esta beberagem saudável que me protegerá contra as necessidades e as paixões que são os mais temíveis inimigos etc. etc. *quid retribuam domino pro onnibus quae retribuit mihi?, cálice salutarem accipiam et nomen domini invocabo, vola mea domino reddam et ab inimicus meis salvus ero.*

XXVIII – Post-comunhão - Da comunhão sob as duas espécies -Da ceia Maçônica - Ignorância dos sacerdotes no século XIII; venda de ordens - Bênção por meio de três palavras - As eufemias pagãs e o Dominum vobiscum - Ite missa est dos antigos e dos modernos sobre o *templum capere e sobre os maçons* - Incêndio apagado por meio de uma bênção - Da solenidade papal, "urbi et orbi - Bênção papal pelo T Egípcio, ou signos solisticiais e equinociais - Autoridade de Santo Agostinho e de um ministro do santo Evangelho - Uma palavra de justiça sobre a nova crença e a Maçonaria.

A Post-Comunhão, ou seja, a continuação da comunhão do hierofante moderno reitera a petição da vida eterna a que se adquire indubitavelmente pelo mérito duma vida passageira e imaculada. Uma vez pronunciada essa oração, se administra aos féis a comunhão do pão angélico, *panis angelicus*, comunhão que dava durante muito tempo sob às duas espécies. No entanto, no ano de 1333 uma mulher chamada Tomasa Babin chegou na igreja de Villepot (Bretanha), exigiu que lhe dessem uma medida de vinho chamada *jaille*, para que se desse a comunhão *pasqual* aos fiéis da paróquia Roma deixou de entregar aos fiéis a espécie de vinho, porém os protestantes conservam a ceia do pão e do vinho, e a solenizam da mesma maneira que se praticava nos ágapes primitivos. Os Rosa-Cruzes Franceses e Escoceses e o grande Escocês do,rito filosófico conservavam também a lembrança dos ágapes primitivos. O mal é que se admite demasiadamente iniciados na Maçonaria, muitos irmãos, cheios de faixas que revestem de púrpura o burel de sua ignorância, sem perceber o ridículo que empana os ricos adornos que se lhes outorgam.

Isso ocorreu no século XIII, quando muitos analfabetos receberam ordens de Abades, mitrados e cruzados, e quando se lhes apresentavam o livro de presença, respondiam que não entendiam o Latim.

Guilherme de Maire, bispo de Angers, se viu necessitado de encherter nos estatutos da sua diocese no ano de 1293 que não ordenaria a quem não entendesse o que se dava para ler.

O mesmo acontece hoje em dia com muitos iniciados nos mistérios epóticos, ou seja, nos segredos da verdade. Uns riem demasiadamente, e outros se escandalizam das cerimônias que sinalizavam a transição da lei antiga e a moderna. Porém se essas cerimônias eram verdadeiros calabouços subterrâneos, ou destertos, para essa classe de gentes fanáticas e debochadas seria justo que condizessem aos caracteres mais fortes até o alto, onde somente as almas sublimes podem respirar sem dificuldades.

Uma vez terminada a post comunhão, o hierofante volta aos irmãos e descreve com as mãos a figura de um triângulo retângulo, apartando-as, as eleva e as junta de maneira que os dedos, sobretudo os dedos médios, os elevam para cima. Este sinal do Deus Único (Jeovah místico e inanimado porque a palavra foi perdida) indica aos verdadeiros adoradores, os epoptas, os grandes segredos dos mistérios antigos. Quando o celebrante faz sinal esse sinal na assembléia de elevação, com os olhos voltados para o alto, dizendo a palavra dos Mestres de perfeição:

"O Senhor esteja convosco".

A resposta dada pelos Mystes e epoptas:

"E com o teu espírito".

E conveniente lembrar que o número ternário regula os *dominus vobiscum* da oferenda da recolheita é que este voto é uma das numerosas fórmulas da antigüidade pagã e que foi conservada na religião moderna. Lembra as eufemias (de *eu*, bem e *phemi*, falar) da Grécia. Em seus sacrifícios os celebrantes gregos diziam *eufemias, dominus vobiscum, benedicate vos, sursum corda*.

O assit tibo jovis dos antigos Romanos têm idêntica significação que o *dominus vosbicum* dos modernos.

Quão bela é a oração em que se pede aos politeístas que não reconheçam mais que um só Deus!

"O senhor esteja convosco o qual significa no idioma dos mistérios menores: "continue o Sol outorgando a dádiva do calor vital", e nele, os mistérios: reconheçam o verdadeiro Deus que faz todas as coisas visíveis e invisíveis, o Grande Arquiteto do Universo, que nos deu a existência e a conserva, porque ele é o único ser todo-poderoso em força, sabedoria e bondade. Vós, que sois átomos de sua imensidade, não façais nada que se oponha ao objetivo de suas criações. Obreiros, levantai templos à virtude e cavai masmorras ao vício. Companheiros, estudaí as admiráveis "tábuas de traçar" do Grande Mestre, que o Senhor esteja convosco e não terão nenhuma "palavra perdida".

"E com o teu espírito", respondem os iniciados ao hierofante moderno, será dizer: sejam os teus pensamentos assim como as tuas ações. Oh!, tu que por nós acabas de fazer ao Grande Arquiteto do Universo a mais antiga e casta enternecedora das oferendas que possam oferecer os irmãos ao seu pai comum.

Os trabalhos da oficina fraternal estão a ponto de terminar e, como a última resposta dos obreiros satisfeitos ao venerável mestre, este vai encerrar os trabalhos com as cerimônias de costume, ou seja: a fórmula mais antiga dos mistérios traduzida das palavras latinas *ite missa est*, três palavras que noutras partes são figuradas com as tradicionais três batidas de malhete. Os heraldos Romanos diziam em voz alta quando terminavam os sacrifícios: *Ex templo* (subentende-se a palavra *ite*) para advertir aos que assistem o ofício religioso, que este terminou, o qual lembra o "vigiai e não faça nenhum mal" (com om pax) e o vigiai sejam puros (Kot omphet), que é a despedida pelos mistérios de Ísis e aquela dos Ceres. Apuleio disse que o *ite missa est* dava a entender que o sacrifício terminou. Segundo Polidoro Virgílio, o costume que o diácono diz ao terminar a missa *ite, missa est* provém dos mistérios de Ísis. O diácono representa nesse ato o mesmo papel que os pregadores ou heraldos dos sacrifícios pagãos.

Depois da despedida dada pelos heraldos, o sacrificador abençoava a assembléia por meio da cerimônia denominada *templus, o tabernaculum capere*, a qual realizava o pontífice pagão dividindo o céu em duas linhas, uma vertical e a outra horizontal, com a cruz ou o bastão augural. *Templum* que queria dizer: "o espaço do céu transformado em templo". Este poder mágico de converter a impureza por meio da palavra ou sinal que passou dos hierofantes antigos aos modernos. Não chegariam cem volumes de nutríssima leitura para relatar os milhões de autênticos milagres operados por meios da bênção. Eu me limitarei a citar dois exemplos:

O primeiro histórico foi o incêndio extinto em Roma pela bênção do Papa leão IV, prodígio que passará à posteridade graças ao pincel admirável de Rafael e ao lápis espiritual de Nocchi.

O segundo exemplo, ou melhor dito: a prova deste prodígio dá-se todos os anos no dia fixado na capital do mundo Cristão, ante uma multidão de fiéis e infiéis, quando o santo padre *capit templum*, disse: *Urbi et orbi...*

Apenas abençoou o povo e pronunciando essas palavras, a cidade mais dissoluta parecia uma cidade de santos, e o mundo supersticioso, atrasado, vicioso e cruel, se transformava em morada do saber que, por si só, fará com que confraternizem as nações entre si sem lacunas de boa fé.

Porém, passemos ao nosso tema predileto. Depois do *ite, missa est*, o celebrante dá a bênção em nome do "Pai, do Filho e do Espírito Santo", ou seja: em nome do *Cnef, de Osíris e de Horo*, ou seja: em nome do "criador onipotente, benfeitor que regenera e do consolador que inspira ou o que é o mesmo nome do Grande Arquiteto do Universo, o qual é para os altos iniciados a inteligência suprema única e universal para os iniciados menores, e Deus Único em três pessoas, hipóteses ou atributos.

Os Maçons tenazes, aqueles que escavam a terra em busca da sabedoria, tomam a sério essa bênção por meio da "T" egípcia a qual vem a ser ao mesmo tempo o signo perfeito da cruz, será dizer: do Sol anual, pela perpendicular que marca os solstícios superiores e inferiores e pela linha equinocial que traçam os pontos equinociais.

Como os primeiros iniciados nos mistérios da religião atual estavam rodeados de pagãos impostores que conheciam muitos procedimentos de lucrar-se a custa dos fiéis, adotaram o signo do "T" (tau) para reconhecerem-se entre si e socorrerem-se em caso de necessidade, o que se fazia no princípio, traçando com o polegar da mão direita, sobre a boca fechada uma perpendicular até o queixo. Isto lembrava ao mesmo tempo o signo da divindade conferido a Osíris, Ísis e Horos, o emblema que anunciava a Harpócrates e a representação das quatro estações o curso aparente do Sol durante o ano.

Santo Agostinho disse que este signo manual foi inventado unicamente para que os iniciados modernos pudessem distinguir-se dos profanos, que pertenciam à mesma sociedade, se sentavam na mesma mesa e dormiam sob o mesmo teto.

Um sábio ministro Genovês imprimia em 1782 que os primeiros Cristãos inventaram este signo para reconhecerem-se de igual modo que os Franco-Maçons imaginaram certos signos de seus mistérios e cerimônias.

Assim, meus Irmãos, estamos a ponto de chegar à prova completa do que anunciei, a saber que a liturgia da religião moderna e o ritual da Franco-Maçonaria, possuem um tronco comum, que suas raízes mais ou menos sãs, se aderem a esta árvore da vida e da morte, do bem e do mal, sob cuja sombra da antigüidade mais remota comunicou seus misteriosos pensamentos e espíritos capazes de apreciá-los e de sustentá-los e de converterem-se em missionários da civilização entre os bárbaros e das fraternidades entre as Nações cultas.

A nova crença se ilustrou com grande número de coroas obtidas a este preço, porém a Maçonaria às terá todas, porque ela a todos chama para que desfrutem dos direitos e alegria da fraternidade a todos os homens de coração reto sejam quais forem a maneira de honrar o Ser Supremo, de praticar a bondade e de exercer a justiça.

XXIX - Sinaxis primitiva e Sinaxis atual - *Circum-potatio* a festa Ateniense - O *paneficum* egípcia e a Mola Romana - Do último "*dominum vobiscum*" - O último evangelho se explica por meio da cosmogonia de Sanconiaton - Do símbolo das letras: INRI.

Estando eu, no ponto de terminar este trabalho, não posso deixar de explicar aos meus leitores, de que forma faziam os primeiros zeladores (anno lucis renovatas) na época da restauração dos mistérios da comovedora cerimônia da oferenda das primícias de recolhimento ao pai universal. Não hão de influenciar a minha pena o espírito de parcialidade nem a sedução das conjeaturas, nem as aberrações sistemáticas, porque irei transcrever fielmente o que nos refere sobre o ritual da missa do seu tempo um venerável mestre, São Justino o qual viveu pouco tempo depois de reformador e

dos reformados. Vocês, queridos leitores, vão julgar qual é a sua relação com o ritual da Sinaxis que atualmente se celebra. Escutai um dos primeiros padres da religião moderna:

"No dia do Senhor (Sol), disse ele: "Se congreguem os habitantes das cidades e campanhas num mesmo lugar onde se dará a leitura dos escritos dos profetas dos apóstolos. O que fez a exortação com a sua palavra no discurso que se imitem essas coisas excelentes, quando o leitor termina o seu empreendimento. Depois, todos de pé e oramos a Deus.

Logo apresentam o Venerável litúrgico ("do grego *litai*, oração, e *ergon*, obra em que é o obreiro da oração). O pão e a beberagem de vinho e água que ele toma cantando hosanas e glorificando ao pai de todos, em nome do seu filho por intermédio do Espírito Santo, e fazendo uma ampla ação de graças, a fim de que esse espírito nos faça dignos dessas coisas.

Ao qual assistem todo o povo presente (os iniciados) por aclamação dizendo *amém* o que quer dizer em linguagem hebraica, "assim seja".

Enfim, aqueles de nós que se chama de diáconos (os serventes), os ministros, os serventes do venerável hierofante, oficiais que conservaram o ritual Maçônico Escocês. Apresentam o cálice a cada um dos assistentes para que tomem o vinho e água benta.

Porém aqui, interrompo este ingênuo relato para lembrar aos nossos sábios epoptas, uma festa Ateniese que chegou a ser romano-pagã, uma das cujas cerimônias é o *circum-potatio*, a qual consistem em beber em ronda (roda). Os reformados e os Maçons de vários ritos fazem o *circum-manducation e o circo potation*.

Sigamos também o relato de São Justino: "E o levam aos ausentes. Este alimento recebe entre nós o nome de Eucaristia".

Para evitar discussões e aplicações subseqüentes, interrompo novamente a narração, porque meu dever de precisão consiste em lembrar a antigüidade do uso do pão sagrado.

Numa Pompílio foi o primeiro a instituir o sacrifício incruento com farinha, no qual escreve Alexandre de Alexandria - este legislador não fez mais que seguir o Egípcio que apaziguava Serapís *cum paneficiis*, com hóstias de pão. Sósia diz no "anfitrião" de Paluto que Jovi, *aut mola falsa, aut thure comprecatum oportuit*. O quinto livro da Eneida nos faz saber que, *vesta farre pio et plena supplex veneratur acera*. Parvaque *celestis pacavit mica*, escreve Tibulo a Mesala, e sua musa elegíaca revela que os deuses se aplacavam com a piedosa homenagem de um pastel, *farre pio placant*.

No tempo do célebre São Gregório de Nasciano e o imperador, os fiéis preparavam pessoalmente o pão. Se esse costume tivesse prevalecido, o Imperador da Alemanha

Henrique VII não teria sido envenenado com uma hóstia que lhe administrou o "padre de deus", de nome Montepulciano, dominicano, no ano da graça de 1313.

Porém volto ao relato de São Justino, resistindo ao diabo que insistia a que me aparte do meu tema a que me leva a citar sacrilégios mais recentes desse gênero...

Este alimento (pão, vinho e água) recebe entre nós o nome de "Eucaristia". Se a narração de um dos padres da origem da crença moderna tivesse necessidade de apoio, eu o encontraria no que disse a respeito das oferendas das sináxis primitivas. Lembrem-se que os que foram iniciados que no lugar da palavra sagrada levavam ao templo do logos (a Loja) as primícias as quais se consagravam a Deus por meio da oração, e que se nutriam com elas "em comum e a coberto colocando-se em torno

de uma mesa, a qual sucedeu no rito romano, a balaustrada do santuário que tomou o nome de *mesa da comunhão* e de santa mesa".

Naqueles primeiros tempos de candura e de união, as mulheres e as crianças levavam as sobras aos doentes e aos ausentes, distribuindo também entre os irmãos indigentes. Quanta relação guarda isso com a Maçonaria! Se chegasse um bispo forasteiro, ou seja, um vigilante de outro Oriente ou uma pessoa de elevada posição, ou seja, um visitante eminente em virtude e sabedoria, levavam-lhe o pão e o vinho da caridade fraternal. Este costume ou hábito parece-me com a fonte de onde foi emanado:

1º - A oferenda do pão e vinho de honra que se fazem às pessoas importantes (conforme o mundo) quando chegam às cidades, as que algumas vezes lhes desejavam quando partem o pão da maldição e o vinho da eterna amargura.

2º - A do pão e do vinho que levam aos condenados à morte, e

3º - A do viático, que um sacerdote administra aos iniciados. De forma que os ágapes primitivos, comidas de caridade e banquetes sagrados de irmãos, se faziam muito tempo depois dos apóstolos. Santo Irineu, padre dessa época admirável de regeneração filosófica, afirma que os primeiros cavaleiros ofereciam ao Criador as primícias substanciais às suas criaturas vegetais por meio destas maneiras. A invocação da mistura da água e o vinho foi introduzida por sobriedade, bebida que unicamente é tomada pelo celebrante durante a missa.

"Ao terminar as orações públicas, diz o padre da igreja, os assistentes ao ágape beijam-se em sinal da paz e da fraternidade".

Essa cerimônia que os Maçons Franceses conservam ao desfazer a Cadeia de União era o símbolo de uma caridade invariável, o ato religioso das reconciliações sinceras e do votivo emblema da paz permanente do gênero humano.

O sacerdote procedia à leitura do último evangelho depois do último *dominus vobiscum*. Ao fim de todas as oblações de primícias, se diz constantemente no começo do evangelho de São João, *secundum Johannem*, é dizer: segundo o Oannes do antiquíssimo Egito. Segundo o "IAO" dos Fenícios. O malhete bate... Irmãos, atenção e silêncio. Este prefácio de uma das nossas quatro crônicas sagradas, não tem para os ferozes adversários do Cristianismo nenhum significado místico. Porém é que eles ignoram ou simulam ignorar, que o São João ou Joannes, nascido na Palestina, está mais próximo da Fenícia que Paris de Bruxelas.

Agora vamos: O antiquíssimo Sanconiaton, nascido na palestina, se entreteve em escrever uma enjoadíssima e antiquíssima cosmogonia; porém, como sob o véu da prudência se escondia a doutrina do teísmo, leia-se no começo da sua cosmogonia os mistérios de Eleusis o *initium*, que, hoje em dia se lê ainda a terminação dos mistérios da oferenda da recolheita.

Agora, vamos ainda: O autor da nossa quarta boa nova atribuída à São João, creio seu dever embelezar o frontispício do evangelho incrustando alguns fragmentos de venerável antiguidade. E optou pela Gênese de Sanconiaton, em vez do de Moisés, talvez porque lhe parecia mais antigo ou mais adequado à obra que iria começar.

Sanconiaton fala do Caos, canta a Erebo (observe-se que Hesíodo o chama também Erebo). Esse Fenício faz surgir do Caos (in princípio) a palavra Verbo (erat verbum), ou seja, a matéria do Caos (in princípio) a palavra Verbo (erat verbum), ou seja, a matéria suscetível de movimento e ordem regular. Quem a organiza? *Colpi Jao*. Quem é este Jao? Sanconiaton nos revela que é o vento, o espírito, a boca de Deus.

Agora, bem: No capítulo XXI demonstrei que os nomes Oannes Oam, Oen Jao, Jevah, Jeovah, Jano, Janual, Janitor, Joahannes, Joan, Jannes, João e Jan, designam o mesmo ser simbólico, Ser que é o Deus Oannes do mar eritreu, a boca do Deus Jaho da Fenícia, e o Evangelista Hohannes da Judéia, esse Ser Divino Johannes, João enviou um homem para que rendesse homenagem da luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo.

Em vão se me diria que João é um homem e não um Deus, o qual se deve a uma vírgula interposta entre *Deo e cujus*, porque posso responder vitoriosamente traduzindo sem a vírgula e com a mesma sensibilidade desse parágrafo do último evangelho: *fuit nomo missus a Deo cujus nomen erat Johannes*; um homem foi enviado por Deus cujo nome era João.

E eu pergunto se esse Deus Johannes, Oannes, Juan, verdadeira luz em que estavam a vida e a luz que as trevas não compreendiam, não é o Deus Único para o intelecto e o Sol para os sentidos.

Eu pergunto se os hierogramas modernos não terminaram de propósito a liturgia das oferendas com o princípio do evangelho chamado de São João o qual não entendem os iniciados nos mistérios, porém é claro e suscetível de ser apreciado pelos sábios?

Eu pergunto se a inscrição situada sobre o anel e do tau egípcio "T" em sua parte solsticial superior que figura uma cruz, e se as quatro letras da inscrição que formam em conjunto o nome da rosa da quarta ordem do rito Francês, significam por suas iniciais:

Jaho, ou Jove Necato Renascitur Jesus; ou Jesus Nascente Renovatur Jaho, Jao, Jove, Jano, Jeovah ou Jovis.

O Igne Nitrum Roris Invenitur (Maçonaria hermética). Ou Igne Natura. O Igne Natura Renovatur Integra (rito antigo e aceito).

Verdadeiramente há muita coisa que se pode escolher. Minha explicação é a seguinte: O novo Sol ressuscita do antigo *Oannes ou Johannes*, o que batizava com as águas do Jordão, ou *Jaho, Jeovah, Jovis, Jano*, foram os antecessores ou precursores do Sol-Jesus-Cristo. De maneira que eu admito a seguinte interpretação do I.N.R.I: "Jesus Nascente Renovatur Jao.

Eu me refiro que um alto iniciado, reconhecendo-me como tal, me dirige o seguinte discurso: Irmão, saís da oblação que eu acabo de celebrar; notei que sorrias indiscretamente quando eu recitava o princípio do evangelho segundo São João. Será que esqueceste que, para velar os olhares dos profanos e dos catecúmenos, a simplicidade da assembléia dos cristãos, terminou com esta cosmogonia fenícia, antigo tecido conservado por Sanconiatón? Meu irmão - anunciai-o fazendo o sinal de bom pastor -, respeitai as antigas opiniões úteis para a paz da humanidade, admirai o Sol, o Deus visível e o Grande Arquiteto do Universo, o Deus racional.

De forma que todas as cerimônias da Missa atual, que possuam em realidade pouca relação com as fórmulas simples das primitivas assembléias dos cristãos, referem-se como estas ao culto do Grande Arquiteto do Universo, o qual se manifesta a cada instante e em todos os séculos por meio dos benefícios do seu único filho, do seu Messias que é o Sol.

Assim que as ingênuas deprecações procedentes das revelações que se faziam nos antigos mistérios sobre a existência do único senhor da natureza, tem sido desconfiguradas pelos sofistas da escola de Alexandria, pelos sacerdotes pagãos que se uniram aos sacerdotes deículas com transações reciprocamente proveitosas, pela luta das igrejas do Oriente e do Ocidente, pelos concílios vencedores dos concílios anteriores a eles, pelas heresias que, de humilhadas passaram logo a dominadoras, etc, etc.

Porém sejam quais forem os motivos das agregações feitas às cerimônias da oferenda filosófica e primordial "das primícias da colheita", ainda se recolhem nela a notabilíssima conservação das opiniões professadas pelos filósofos e legisladores à época Hebraica de 4.000 anos, e a veneração por um Deus único, o autor das coisas visíveis e invisíveis, observada incessantemente pelos altos iniciados nas nações civilizadas. Os Maçons instruídos lêem nesta oferenda os princípios benfeitores de sua doutrina, baseada na "religião fundamental".

Ao ponto já de dar por terminada a exposição das relações da Maçonaria com os mistérios da sinaxis, e destes com os mistérios da antigüidade, hei de repetir uma verdade, mãe da que apresentei sucessivamente ao estudo dos leitores.

Assim como a sã moral evangélica une em um corpo suas membranas dispersas nas obras dos moralistas da antigüidade; assim também o sacrifício da oblação moderna circunscribe em um estreito e sensível espaço a todos os símbolos teosóficos que se inocularam desde a origem das sociedades, para paralisar no possível as opressões dominadoras do sacerdócio politeísta.

Ilustres iniciados, temeis ter observado na transparência do ritual da colheita os rastros tênues porém inapagáveis do Cnef, do "demiurgo, de Brama, de Iao, de Oannes, de Jehová, de Jovis, enfim do Deus Único e do Sol", o qual é para os nossos olhos sua obra mais deslumbrante, *Deum verum de deo vero*.

Os dogmas e máximas das seitas filosóficas da antigüidade se encontram novamente na missa. Grande quantidade de formulas e de costumes religiosos tem sido transportados a ela desde a Índia, a Caldéia, Egito, Arábia, Palestina, Grécia, Roma Pagã, da Galia e da Escandinávia.

Se a Cruz é em todas as partes o símbolo do Sol anual, ainda sobre a mesma hóstia da oblação das primícias, e do disco radiante que a circula, é o emblema do Sol eterno.

Irmãos, retiremos-nos em paz, ite missa est.

Apêndice

O Decálogo de Moisés

(Com sua tradução moderna)

Escuta, Israel, eu sou o Senhor teu Deus (O Deus de Moisés não é um Deus justiceiro, senão um atroz tirano) que te tirou da terra do Egito, da casa dos servos.

1º mandamento: Não terás deuses alheios diante de mim.

1º Amar a Deus sobre todas as coisas.

2º Não farás imagem nem semelhança alguma do que existe sobre o céu, nem do que tem abaixo da terra, nem das coisas que estão nas águas sob a terra. Não te prostrarás diante delas, nem lhes darás culto, porque eu sou o Eterno teu Deus, Forte, cioso que visito a iniquidade dos pais sobre os filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. E faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam meus mandamentos.

2º Não jurar o nome de Deus em vão.

3º Não tomarás o nome do Eterno, teu Deus em vão; porque ele não terá por inocente ao que tomar seu nome em vão.

3º Santificar as festas.

4° Lembrar-te-ás do dia do descanso para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas no sétimo dia o de descanso do Eterno; não faças em obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua criada, nem tua besta, nem o estrangeiro que está dentro de tua casa. Porque o Eterno em seis dias fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que estão nelas, e repousou no sétimo dia: portanto, o Eterno abençoou o dia do descanso e o santificou..

5° Honra teu pai e tua mãe para que teus dias se alonguem na terra que o Eterno, teu Deus te dá.

6° Não matarás.

7° Não cometerás adultério.

8° Não roubarás.

9° Não falarás contra teu próximo falso testemunho.

10° Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem sua criada, nem seu boi, nem seu asno nem coisa alguma de teu próximo.

4° Honrar pai e mãe.

5° Não matar.

6° Não fornicar.

7° Não roubar.

8° Não levantar falso testemunho.

9° Não desejar a mulher de teu próximo.

10° Não cobiçar os bens alheios.

Comparando estes dois decálogos, se observa que o Clero Romano suprimiu o segundo mandamento em que *proíbe* terminantemente o culto as imagens, porque se não o tivesse feito, teriam condenado a sua própria idolatria, impedindo a conservação das imagens de santos e santas que, como Felicidade e Perpétua, foram honradas no paganismo. Com essa supressão encontraram o melhor meio para atrair os simples e crédulos.

Porém como era necessário reproduzir o número 10, dividiram o décimo mandamento em dois.

O descanso do quarto mandamento é o sábado, dia de *sabat*, e o último da semana. Roma infringe a lei Divina ao substituí-lo pelo domingo, o que trabalhar nesse dia é menos culpado que ela, pois que somente desobedece aos homens que são mais culpados que ele.

Os estatutos das antigas iniciações, tomados do *Letón-Verdán* dos índios constava de dez mandamentos de Deus, dos quais é uma imitação o decálogo de Moisés. Os dez pecados que se hão de evitar se dividem em três espécies:

1° Os pecados do corpo: Bater, ferir o próximo, roubá-lo e violar as mulheres.

2° Os pecados da palavra: Mentir, dissimular e injuriar.

3° Os pecados da vontade: desejar mal, invejar os bens alheios. Não compadecer-se das misérias do próximo.

(Todos os estatutos da ordem não são senão uma explicação destes mandamentos.)

Preâmbulo

Creio ter demonstrado plenamente na interpretação da missa que o ritual dessa oferenda das primícias da colheita se baseia nos fundamentos dos antigos mistérios e está constituído de

fragmentos dispersos das religiões desaparecidas. Creio ter demonstrado também que o Sol, astro que em todos os tempos foi adorado pelo vulgo como deus sensível e pelos sábios como imagem do deus racional (o Grande Arquiteto do Universo) é objeto atualmente do mesmo atributo de amor e gratidão nos altares maçônicos e cristãos, toda a vez que o Mito Solar é o fundamento original de todo o culto antigo e moderno e a essência da espiritualidade humana.

Tudo quanto agora tenho dito, bastará para convencer aos filósofos e os mestres perfeitos; porém os mestres aprendizes poderiam duvidar até que vissem quase fisicamente gravado o culto solar do Grande Arquiteto sobre os materiais do litúrgico edifício da religião moderna. Agora me proponho obter um segundo milagre do Sol, arrancando dos olhos dos neófitos a venda que os priva da contemplação da "verdadeira luz", a qual terão que contemplar sem que os cegue. A religião solar terá a virtude de derrubá-los da sua habitual poltrona como a novos Paulo de Tarso, milagre que se há de operar por meio das Litanias dos santos nomes de Jesus e de Maria comparados com as antigas Litanias.

Litanias de Jesus e da Virgem Maria

Introdução

A Lítania é a de Adônís, cuja morte se chorava e cuja ressurreição se celebrava, sendo ainda os trabalhos do Sol anual nos doze signos do zodíaco, deuses sóis da antigüidade "do politeísmo e da apoteosis".

Quem não lembra quando se lêem as Litanias do santo nome de Jesus, as mulheres de Fenícia e Egito que choravam por Adônís, e as da Pérsia, Assíria, Palestina, Chipre e Grécia que lhe dirigiam esta Lítania:

"Sê-nos Propício!"

Olhamos favoravelmente!

Volta novamente e traz-nos a alegria!

Ao lembrar a sagrada fábula da morte e da ressurreição de Adônís, encontro os versículos da Lítania do santo nome de Jesus:

Propitius esto, per agoniam et passionem

Miserere Nobis, te rogamus, audinos, Exaudi nos;

Per resurrectionem et per gaudia tua!

Portanto, esta Letania é uma imitação das *litai* que se recitavam e cantavam nos antigos mistérios.

Os mitólogos mais tímidos opinam que o concernente ao deus Adônís se aplicou a Osíris como Sol eterno e a Horo como Sol anual. Tão pouco vacilam em dizer que estes deuses-sóis têm sido citados com mil nomes diferentes, entre os quais citam os de "Bel, Belus, Belin, Adonai, Baco, Dionísios, Apolo, etc.

Porém tiveram muito cuidado em não revelar qual é a sua sucessão moderna.

Eu vou me encarregar disso agora. Nos mais antigos fragmentos das teogonias descobrimos os deuses-sóis que são quase modelos do nosso "feito homem".

Este deus-sol é entre os Samoneos o deus Balta o qual nasceu de uma virgem hindu. O Deus Visnú dos Brahmanes reencarnou numerosas vezes.

O Cristo, o Redentor dos Escandinavos, "Thot, Asathor, nascido de Odin e de Friga", é uma divindade suprema procriada pela união dos dois princípios, mediadora entre o deus-pai (Odin) e os homens, reina sobre os ares, distribui as estações, provoca ou aplaca as tempestades. Esse deus favorável que protege os homens contra os ataques dos gênios do mal (da mesma maneira que Jesus Cristo) tem sido visto exposto a perseguições e provas por parte do princípio do mal. Senta-se a esquerda de seu pai, em vez da direita: sua cabeça está coroada de estrelas, e é o Sol.

"Fo ou Foi" é o deus homem dos chineses; como o Idumeo, não começou a pregar a sua doutrina até os trinta anos, causando a admiração do povo com fascinações as que seus bonzos ou apóstolos lhe deram o nome de milagres. Sua Clerezia o aparenta como "legislador do gênero humano, Salvador do mundo, enviado Messias que expia os crimes dos homens e os ensina qual é o caminho da salvação".

Seus teólogos dizem que "Fo" lhes deu cinco mandamentos:

- 1º Não matar nenhuma criatura.
- 2º Não tomar os bens alheios.
- 3º Conservar a castidade.
- 4º Não mentir.
- 5º Não beber vinho.

O Deus Salvador dos Siameses se denomina desde tempos antiquíssimos *Sommona-Codom*. Teve por mãe uma virgem, a qual foi concebida por obra do Sol, e se ocultou num espesso bosque, onde deu a luz a um menino de encantadora beleza, menino que possuía a ciência dos conhecimentos humanos e divinos. Modelo de desinteresse, de paciência, de caridade, de penitência e de santidade, "chegou a ser Rei, dedicou-se por inteiro à salvação do povo, sacrificou a sua vida e desapareceu como uma faísca que se apaga".

Já trouxe à cena uns quantos deuses-sóis, precursores do reinante e dos seus beneficiários, agora me toca a empreender o exame das suas ladainhas; difícil por certo, porque nenhum descrente se atreveu ainda a demonstrar "valendo-se das enumerações dessa prece que Thenathropus" a quem se dirige essa oração, é o deus herdeiro dos antigos deuses Sóis, o deus Sol da época moderna, o deus-compasso da ciência astronômica.

Vamos examinar os atributos de Cristo; e se eles expressam as fases do Grande Astro, haver-se-á de admitir que Cristo é uma divindade Solar:

Cristo esplendor de luz. Candura da luz eterna. Rei de glória. Sol de justiça. Pai do século futuro. Autor da vida. Alimentador dos pobres. Luz verdadeira.

Substituí o nome de Jesus Cristo, pelo do Sol, e observareis que estas invocações correspondem ao grande astro, porque não é ele "o esplendor do Pai", do sublime arquiteto das coisas visíveis e invisíveis?

Não é por acaso o lugar visível da *luz eterna, candor lucis aeternae*?

Não é por ventura o "autor" constante da vida universal, o alimentador, o consolador dos pobres humanos?

É ele o Pai dos séculos passados e do século reinante, não será também dos séculos futuros?

Se nenhum planeta possui um trono como o seu, se todos se acham submetidos à sua luz, é porque ele "é o rei da glória". E quando recebe o nome de Sol de justiça, é dizer, de regulador exato das estações e invariável depositário da lei eterna dos equinócios e dos solstícios, não se pronuncia por acaso a palavra do enigma, não se descobre por ventura o mistério?

Entre as restantes classificações da litania, tem uma que pertence ao Egito e outra à Arábia: a primeira delas, "Filho da virgem Maria", explicarei quando tratar das litánias da *magna Mater* enquanto isso lembrem-se que Horo é filho de Ísis.

A segunda, anjo do Grande Conselho, quer dizer: que o Sol é o chefe da imensa falange estelar, *Rex immensae magestatis* o centro do sistema do sabeísmo, o modelador dos astros, o planeta dos planetas, os quais são partes integrantes do seu "Grande Conselho", cujas harmonias são produtos da sua autocracia benfeitora.

Nas seguintes invocações vou recolher as épocas da vida do Sol anual:

Sol-Jesus, por tua infância. Por teus trabalhos. Por tua agonia e por tua paixão. Por tua ressurreição. Por tua ascensão. Por tuas alegrias. Por tua glória.

Por tua infância - Entendo que estas palavras se referem ao Natal. Ao ano novo, ao renascimento do menino-Sol, ao seu ressurgimento do império, do nada, a sua liberação do solstício de inverno, a infantil luz de Horus e seus vacilantes passos pelas comarcas geladas de Aquário e de Peixes, alentado por Ísis, sua mãe.

Por tua infância é uma súplica que lembra os divinos versos do iniciado Virgílio (Eglog. 4 v. 60): *incipi, parve puer risu, cognoscere matrem*, cita que tem um valor extraordinário para os iniciados de altos graus que sabem que o príncipe dos poetas latinos nos transmitiu numerosos segredos da antiquíssima Maçonaria.

Por teus trabalhos - Esta invocação alegórica venda os olhos dos mestres "aprendizes" e revela aos aprendizes que nasceram mestres.

O passo periodicamente anual do Sol pelas doze casas da sua coroa zodiacal e os esforços aparentes, desse deus no hemisfério boreal, para levantar-se desde os signos inferiores aos superiores. É a luz que luta contra as trevas, a *post tenebris lux, ei crescit eundo* do sublime portador da luz (Lucifer) é o duelo glorioso que oscila entre a vida e a morte (*mors et vita duello-confluxere mi rando*).

Pela tua agonia - Os aguilhões condutores de tempestades e de nuvens polares açodem em imponente massa para deter o crescimento diurno do Sol e afogar a sua tocha deslumbrante sob o peso das obscuridades seculares: O herói da luz debilita-se ao receber semelhante choque, vacila, empalidece e parece que vai expirar. Seus adversários se avalentam. "A agonia começa", porém sua morte é simbólica, aparente, "ele passou" (*passus est, per passionem*) apesar dos sofrimentos, a viva força entre as falanges do caos; e, aparecendo sobre o escudo equinocial que os vencidos, arrastam devolver *per resurrectionem* o esplendor as horas pálidas; envia aos infernos antárticos as noites obscuras; ascende majestosamente, *per ascensionem*, ao zenith que inflama com sua onipotência, e, *per gaudium et gloriam* senta-se ali, triunfante, difundindo sobre o nosso hemisfério (a metade do nosso globo) a alegria, o amor e a fecundidade que dá vida a todos os seres.

Como conseguiu o Sol semelhante vitória? Como desgarrou o túmulo do equinócio que se dizia enterrado sobre as geladas rochas? Por meio de quais signos provou a sua ressurreição? Armado com o ariete celeste, como Hércules com sua massa derrubou todos os obstáculos que se opunham ao renascimento anual da natureza, traz "de três meses" de ataque, que simbolizam por "três dias" de sepultura. O princípio vital se achava inerte, privado de movimento, e jazia como se fosse vítima

da morte; porém o Sol o desperta e ressuscita, levanta do túmulo, onde não deixa outros vestígios da sua inumação invernal que *sudarium et vestes*, quer dizer: as chuvas, as neves e a terra sem verdes, sem outras vestimentas que os "farrapos" gastos no ano precedente. O Sol abre uma vez mais o livro da vida geradora quando chega o signo do "cordeiro dos sete selos mensais" dos prodígios da germinação, e da floração e da frutificação se manifestam com maior abundância em todas as raças, desde o mês de março ao de setembro Assim se deve esperar do cordeiro de Deus, ao *Agnus Dei que tollit peccata mundi*, da litania do Sol-Jesus, este final se diz misticamente "três vezes".

Para lembrar os três obscuros que decorrem desde o Natal até a Páscoa, ou seja, desde solistício de inverno ao equinócio da primavera e os três dias de trevas da semana santa - Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-feira Santa - emblemas dos precursores da morte, das tempestades boreais e dos ventos que se desencadeiam neste equinócio, nosso redentor. A ponto de terminar a litania enumerativa das fazes do Sol anual, sob o nome de um personagem deificado no ano de 451 pelo concílio de Nicéia, não acreditamos que os hierofantes sinceros da crença moderna, que os conservadores eminentes desses mistérios apópticos e os sábios dos orientes mais luminosos não tiveram e não possuem o cuidado de colocar apólogos populares e sistemas astronômicos em baixo relevo sob o lar filosófico da "Estrela flamígera". Não qualifica o primeiro versículo da litania Solar, ao astro-rei de "filho esplendor do Pai"?

Porém, os guardiões da verdadeira luz não podem manter uma suspeita tão injuriosa como esta. O primeiro versículo da litania da Virgem lhes disse: *pater, de Pater de coelis deus* Pai Deus dos Céus. Aqui está o Cnef, o Demiurgo dos nossos antigos mistérios, e aí ao *deus unus*, o único deus dos mistérios modernos, a primeira e a mais sagrada das homenagens se rende ao todo criador das coisas visíveis e invisíveis. A continuação vem as homenagens, honras, que por complacência e desejo de paz os sacerdotes politeístas, se outorgam às divindades fracionárias do Único Deus, e aos extraordinários, cujas apoteoses eles acreditaram necessárias, indispensáveis e frutíferas. A prova disso encontraremos nas ladainhas da Virgem Maria.

Virgem Maria

Introdução

Esta oração depende primeiramente do "Único Deus" e logo da trindade e atributos. O Papa Gregório primeiro introduziu o culto de Maria. O Concílio de Calcedonia a proclamou "Mãe de Deus", os símbolos da sua ladainha, permaneceram ante a multidões de deuses, rainhas e virgens mães e, principalmente a "Ísis, Ops, Rea, Cibele, Diana, Lucífera, Lucina, Luna, Tellus, Latona, Triformis, Proserpina, Hécate, Juno, Vesta, Ceres, Leocotea, Astarté, Atrea, Vênus, Celeste e Urânia, Alma -Vênus.- Oração à Maria - Conclusão.

A prova de que a crença em um Deus Único se conserva apesar das condições favoráveis em aparência ao Politeísmo, (como por exemplo) os versículos 2 e 3 da ladainha da Virgem: *Filius, redemptor mundi*; deus spiritus sanctus deus, se encontra no versículo seguinte a eles (sancta trinitas unus deus).

Esta trindade constituída por um só Deus e compreensível como divisão ternária dos atributos inumeráveis, lembra aos Levitas da arca da verdade, o sistema trinômio, a trindade Platônica e a doutrina Alexandrina das três hipóteses assim como suas afinidades com as seguintes trindades: a índia, composta por Brahma, Krishna e Visnú; a Egípcia, formada por Osíris, Ísis, Horus; a do Norte e a da Germânia constituída pelo fogo, o Sol e Lua, não é essa trindade a que formam no mundo Maçônico o Sol e a Lua e o Venerável? Não se professa ela na Maçonaria sob o triângulo equilátero da força, sabedoria e beleza. E na base do triângulo, tão luminoso por sua característica do passado, presente e futuro?

Antes de abordar o meu tema, creio conveniente repetir o segundo versículo da ladainha da Virgem: "filho redentor do mundo", para lembrar aos meus irmãos, minha profissão de fé. O filho é o mesmo Horus, filho de Osíris e de Ísis; é o Sol que redime todos os anos no mundo da esterilidade e da morte natural das raças.

A introdução na religião Cristã do culto à Maria Mãe de Deus se deve ao Papa Gregório I. Sua santidade ordenou que se inserisse nas ladainhas o nome da Virgem-Maria para que ela fosse invocada. Mais tarde teve ela sua ladainha particular, seus templos, suas festas, seus ofícios, suas peregrinações, suas confrarias, suas sete espadas, suas sete dores, seu Jesuísmo, sua oratória, ou jacobinaria, seu Franciscanismo, suas vestes, seus prodígios, seus ex-votos, seus hábitos, seus nichos, suas estátuas, suas esfinges de bolso, seus escapulários etc. etc...

Depois de ter feito uma enumeração tão franca, incorreríamos em timidez ridícula se não nos atrevêssemos a dizer que a ladainha de Maria é uma enumeração dos atributos mitológicos da Terra e da Lua, de Ísis, por exemplo, da mesma maneira que as ladainhas de Jesus-Cristo são atributos de Osíris, o Sol eterno, e de Horo, o Sol anual.

Mater Cristi, Mãe do redentor (Sol). Os Egípcios acreditavam que o menino Horus, símbolo do Grande Astro era filho de Osireth e de Oseth, cujas almas se converteram nas do Sol e da Lua, respectivamente depois das mortes desses personagens. Astarté, que é a mesma que Ísis, era um nome da Lua a qual se adorava na Fenícia sob a figura de uma mulher togada com cornos (chifres), para significar o crescente do astro da noite. Às vezes apresentam Maria sobre a Lua.

Astarté levava na mão um bastão rematado com uma cruz e chorava como Ísis, a morte do Sol Velho, seu esposo.

Não é Maria quando chora a seu filho *juxta cruce[m] lacrymosa dum pendebat filius*, a herdeira de Ísis e de Astarté?

Quereis encontrar Maria uma vez mais na remota antigüidade? vede a "rainha do Céu" dos hebreus e da *Regina coeli* da ladainha de Maria. Os antigos Israelitas a chamavam de Menia de onde se deriva Neomenia, nova Lua a qual vem a ser a Maria moderna a "mãe de Deus encarnado" dos Brahmanes, a Mãe de Crishna ou Cristen, essa Mãe é em outra seita brahmânica a "Virgem", mãe de Butta, a *Virgo dei Genitrix* da ladainha de Maria. *Frigga*, a dama por excelência, a "rainha das deusas do Eda". Nos lembra a *Regina Virginum* da ladainha de Maria. "A Virgem que há de dar a luz". A Virgem que é Mãe e ama ao mesmo tempo (virgo paritura), nos traz à memória os versículos *mater salvatoris vas honorabile* da ladainha de Maria, "a velha de ouro" das ribeiras do Obi que tem filho no seu regaço, é o *domus áurea* da ladainha de Maria. E poderíamos seguir repetindo versículos, para comprovar a propriedade da sua origem, origem que vem ora de Adonaia (Vênus), mãe de Adonis o Deus Solar de muitíssimas Nações; ora de Milita (a Vênus Assíria), Deusa da natureza; ora de Alilat, simbolizada pelos Árabes, pelo crescimento Lunar; ora de Selene, irmã de Helión, o Deus Sol dos Gregos, e ora de *Magna Mater, vas honestissime, purissime, castissime*, Mãe Universal de todos os seres.

Escavando cuidadosamente as fundações dos templos derrubados, descubro entre as ruínas de Ceres, adorada em Atenas como mãe de todos os seres, qual a Maria reinante nessa época, um baixo-relevo que me instruiu muitíssimo sobre a origem da ladainha, ou Oração à Virgem.

Um as mulheres levavam cestas tecidas de cor púrpura e cheias de mel, pois não é coisa para ser justificada agora, pois o que importa, é saber que essas piedosas matronas dizem em intervalos: "Oh, cara Ceres! (Santa Maria, Grande Deusa! Virgo virginum dei genitrix, Mãe universal, (Mater admirabilis). Escavamos por baixo dos altares das virgens mães anteriores às virgens mães reinantes o nosso esforço será recompensado generosamente, encontraremos novos nomes e atributos dessa admirável mãe cujo mais antigo nome conhecido é o de Ísis, a quem os Gregos chamavam

Miriónima, ou seja: Deusa dos 10.000 nomes. Da mesma maneira que o Sol era Febo no Céu, Apolo na terra e Platão nos infernos; assim era a Lua no Céu Febe; na terra, Diana, Gea, Ge, Ceres, Tellus ou Latona, e nos infernos, Proserpina, ou Hécate, como Diana era a deusa da castidade, não nos estranha que na ladainha da Diana moderna a complemente em qualidade de "rainhas das virgens, *Regina Verginum, Virgo Virginum*" e que lhe dêem respeito de castíssima. A oração que se dirige à Maria, às seis da manhã e da tarde. E uma reprodução de que se dizia às mesmas horas da luz.

Febe ou Hécate (o angeluz), Estrela matutina vespertina. No versículo da ladainha da *triformis* dos pagãos. Este título foi devolvido à Maria moderna o Papa Gregório I no começo do século VII para concentrar o rito dos judeus e dos pagãos no círculo do seu pontificado. Ele introduziu os rituais destes no culto Cristão que então era simplíssimo e encontrava um inimigo difícil no paganismo. Era o concílio que condenou Nestório. Foi quando se outorgou a Maria o título de "Mãe de Deus, *Mater Dei*". Com efeito, quando mais adiante avançarmos, mais provas encontraremos de que as virgens mães mitológicas são personagens simbólicas na "natureza universal".

O poeta Lucrécio dizia que:

Si quis mare Neptunum Cereremque vocare Constituet fruges, et Bacchi nomine abuti Mavolt quan Laticis proprium proferre vocamen; Concedamus ut hic terrarum dictitet orbem esse deum-matrem dum re non sit tamen abse. (De nat. rerum. libr. 2)

(Se se desejás chamar Netuno ao mar e Ceres às colheita, se se prefere o nome de Baco ao nome próprio aos Latinos, não nos opomos a isso, como tão pouco a que se diga universalmente que a terra é a mãe dos deuses, ainda que sendo um absurdo).

Se nas mitologias antigas se encontra uma *magna mater*, Mãe de um deus dos deuses *homimum divumque voluptas* de Lucrécio o pagão *alma dei genitrix da Salve Regina*, da santa Virgem, vou compará-la com cada uma das suas antepassadas.

Conformidades de Ísis ou Isieth e Maria

1º - Ísis é Mãe de Horo; Maria o é de Jesus (*mater Christi*).

2º - Ísis cobre sua cabeça com um véu, emblema da castidade; Maria (castíssima) usa o mesmo véu.

3º - Ísis está coroada de torres, sinal da solidez. Maria cobre a sua cabeça com uma coroa mural. Na ladainha é invocada com os nomes de Torre de David (*turris Davidica*) e torre de marfim (*turris eburnea*).

4º - Ísis leva entre os seus joelhos o Deus menino. Horo, nascido de suas entranhas, sinal da fecundidade (ou, signo da fecundidade). Maria leva em seus braços e sobre os seus joelhos, o menino Deus, Jesus, nascido do seu seio. Ladainha de Maria: "*Sancta dei genitrix, Mater Christi, sedes sapientiae, causa nostrae letitiae; os nove mater e os três vas*".

5º - Ísis usa "cornos" (chifres) na cabeça, com os quais simboliza o astro da noite; Maria tem aos seus pés o crescente lunar: *foederis arca*.

6º - Ísis pisa com um pé o globo terráqueo, signo do poder; Maria faz o mesmo; *domus áurea*.

7º - Um nimbo, signo de dominação no Céu, contorna às vezes a cabeça de Ísis; Maria usa uma "auréola" (237) (*Janua coeli*).

8º - Ísis sustenta com a mão direita um "cisto", emblema das três fases lunares e da harmonia planetária; a túnica de Maria, *regina angelorum et virginum* é de cor azul e está salpicada de estrelas; a Lua que se encontra em seus pés indica suficientemente seu nome e suas harmonias com os planetas altos e das virgens estelares.

9º - O Loto (Flor parecida com o Lírio branco), símbolo consagrado à Ísis; o Lírio que pertence à família bulbosa do Loto faz parte da indumentária emblemática da maternal virgindade de Maria, "Maria, Mater castíssima".

10º - Ísis leva na mão direita um vaso para dar a entender que é a rainha das chuvas, da humidade inferior, das águas do Nilo, o qual recebia anteriormente o nome de *Oceannis*. As ondas do Deus Oannes, serviam a Ísis de leito durante a noite; o lírio Maria é também um vaso; e, sob a Lua, se deslizava uma serpente, duplo emblema das águas e do Sol inferior. A invocação do vaso feita por três vezes na ladainha da Ísis moderna é uma conservação do emblema da antiga Ísis, a qual levava um vaso místico.

11º - "Oh, Ísis, nenhum momento transcorre sem que protejas os viajantes do mar e da terra; tu dispersas as nuvens adversas! Esta foi a ladainha que teve que recitar Apuleio quando foi iniciado nos mistérios isíacos, depois de ter escutado a revelação dos atributos da *Anna perenna*, mãe caduca da judia Ísis, ladainha que se conservou quase literalmente no hino *ave maris stella*, nos versículos de Maria *Stella matutina, Salus infirmorum, refugium peccatorum, consolatrix afflictorum*. No último voto que pronunciam os iniciados ao aproximar-se da meia noite, ao terminar o ágape.

12º - Um excelente pintor da antigüidade, Apuleio, nos legou o retrato da rainha Ísis. Vejamos se reconhecemos em alguns dos rasgos e atavios dos atributos à sua herdeira. "Sobre o seu divino pescoço, flutuava uma ondulante cabeleira. Na parte anterior da sua coroa de flores e de espinhos, se via entre duas serpentes um globo que lançava uma luz parecida com a Lua. Uma túnica de finíssimo linho com linhas amarelas e escarlates cobria sua divindade, e, sobretudo, vestia uma toga de cor ébano à maneira de xale, que ia desde o ombro esquerdo à dobra do braço direito. Esta túnica bordada de flores e de nós e semeada de estrelas descia até os pés; adornava os seus seios uma lua brilhante; numa mão mantinha um cetro, e na outra um vaso".

Conformidades de Ops, Rea, Cibele e Maria

Ops

1º - Ops é a mãe dos deuses; Maria é mãe de Deus, *Dei genitrix*.

2º - Ops tem a cabeça rodeada de torres; a Maria lhe ocorre o mesmo; em sua ladainha recebe o nome de *turris Davidica, turris eburnea. Torre de David*, palavra hebraica que significa "bem amado" (o Sol), Torre de marfim, símbolo do disco prateado da lua.

3º - Ops leva uma chave: a ladainha intitula a Maria, *Januaa coeli*, porta do céu, e *Domus Aurea*, casa de ouro, presidindo, como Ops, as verdadeiras riquezas; *foederis arca*, arca boboda, signo da aliança da Mãe e o filho.

4º - Ops somente podia ser representada com o mesmo aspecto nos versículos: *Mater inviolata, Mater intemerata* (Madre Imaculada), *Virgo Venerable* (Virgem Venerável).

5º - Ops estende a mão direita para prestar ajuda; da mesma maneira se pinta Maria no céu sentada, ou levada por nuvens; os versículos da sua ladainha justificam esta conformidade: *Virgo potens, clemens*", Virgem poderosa clemente; *Salus infirmorum*, saúde dos fracos, os pecadores; *consolatrix afflictorum*, consolo dos afligidos, e *auxilium christianorum*, auxílio dos iniciados, dos cristãos.

6º - Ops dá pão aos pobres com a mão direita; uma alegoria monacal, muito moderna, representa Maria, mãe dos pobres, *Mater pauperum*, distribuindo amuletos (agnus), com a mão.

Rea, Maria e Cibele

Esta magna Mater alimentadora universal possui os mesmos atributos que Cibeles, que as demais matronas e Maria.

Tão somente me permitirei fazer duas conjecturas sobre Rea, em relação à Maria. A primeira, é que sendo Rea, é dizer: *magna Mater Rea*, que pode significar misticamente e por abreviação corrente, Mater-Rea; Mater-ea; por abreviatura mais clara, Matéria, a terra (a natureza).

A segunda, é que os Lidios a adoravam sobre o nome de: Ma-Rhea, e que segundo a mitologia, Rhea vai seguida por Ma, a qual está encarregada para educar Baco. Agora, vejamos: não foi Maria, a sucessora de Rea como Ma, encarregada por Jeovah de educar seu divino filho? O que nos diz esta eufonia, essa quase harmonia, da Rhea e da Ma Ria.

Não ponderaram essa dúvida os evangelistas, que escreveram as aventuras de um Evan, de um novo Baco, dando-lhe por Ma-R-ia (Mater ia), palavra em que figura Ma, a donzela de Rea? *Fiat Lux*, se tal coisa é possível.

Conformidades de Diana, Lucífera, Lucina, Lua, Tellus, Latona, Triformis e Hécate com Maria

1º - Diana é a virgem-deusa da castidade; Maria é a rainha castíssima das virgens, *Regina Virginum, Castissima*.

2º - A cabeça de Diana está rematada por um crescente "arco da aliança", porta do céu os pés de Maria, *foederis arca, janua, coeli*, descansam sobre o crescente lunar,

3º - Diana é vestida com uma longa túnica e usa o véu simbólico; *Maria Mater inviolata, Virgo veneranda, sedes sapientes* (ou idêntica), usa a mesma roupa.

4º - "Diana-Lucina, é Lucífera", a portadora da luz; Maria é a estrela matutina, a estrela mensageira do dia próximo a aparecer. *Mater Dei ou diei*, Mãe de um Deus (o Sol), o dia (o dispaten dos Celtas), Diana Maria era "Luna Lucífera, porta luz (a Lua), o próprio que Maria Diana-Lucífera é idêntico a Luna "Ísis" e a *Luna Maria*. Na oração que Apuleio dirige quando é iniciado nos mistérios se acha um erro cometido pelos sacerdotes isíacos, pois diz: *oh Ísis, tu dás a luz ao sol*.

Esse erro de antanho e adotado cegamente é o que foi feito em que Maria-Ísis fosse declarada mãe de Deus (do Sol) e, por conseguinte, do dia, *Mater Salvatoris dei, diei*, pelo concílio de Calcedonia.

5º - *Tellus, Latona*, a Terra, são esposas do céu e do Sol, e que Maria é *Dei genitrix*, é preciso que também tenha um esposo: o céu, estas divindades dos pagãos se simbolizam por um chifre (corno) da abundância, do mesmo modo que Maria é o símbolo das riquezas da terra.

6º - *Tellus, Latona*, a Terra, se simbolizava por uma venerável matrona de cem seios, como a certas panteras isiacas. Tellus desce do império da lua ao trono da terra, seu segundo domínio. Maria é celebrada também na qualidade de matrona e alimentadora dos seres. Ela não possui cem seios; os mitólogos da Latona moderna encantaram esses seios rodeando a Maria de flores e frutos e chamando-a como mãe universal, vaso insigne de amor, *vas insigne devotionis*. Maria é a rainha fecunda, eternamente virgem depositária das fecundações solares, cujos emblemas são o narciso, o

lírio, é a virgem o loto Egípcio e a rosa mystica, vasos que contém em seus cálices todos os germens; que delicada alegoria!

7º - *Triformis*, *Prosepina*, Hécate, Ísis diz: "Eu tenho três rostos, o primeiro é o emblema da infância; o segundo a plenitude das forças e o terceiro da velhice que conduz à morte. Também apresentam Maria com a lua e o globo da terra e pisando a serpente Pithón, o inimigo de Apolo, do Cristo e da luz. Hécate se coroava com rosas de cinco folhas: a ladainha moderna chama Maria de rosa alegórica, *rosa mystica*. O dicionário mitológico de Noel detalha fielmente as analogias de Hécate com Maria. Proserpina que é a terceira pessoa da divindade *triformis* e esposa de Plutão, o Sol inferior e é, por conseguinte rei das sombras invernais tem flores de narciso na mão, o lírio e está consagrado à Maria.

A Triformis era causa de alegria ou de aflição segundo seus gostos, ou seja, suas faces: Maria é dolorosa, *Lacrymosa mater o causa laetitiae*.

Conformidade de Juno, Vesta, e Ceres com Maria

1º - Juno-inferna Proserpina, a qual se simbolizava por uma majestosa matrona levava a coroa radial e o Cetro; a majestosa matrona, rainha dos anjos *regina angelorum*. Maria possui a coroa, o cetro e o nimbo radial do poderoso celeste.

2º - Vesta, deusa do "fogo-virgem" e, por conseguinte, virgem, vestia-se como uma velada matrona e sustentava uma lâmpada, ou suporte de duas asas: A Virgem Maria se apresenta velada ante nossa imaginação, *castíssima*, *prudéntíssima* e tendo diante de sua efígie, uma lâmpada suspensa, e eternamente acesa (capendúcula); engenhosa alegoria da casta luz da lua, *janua coeli*, porta do céu, emblema do vaso reprodutor de todos os seres, vaso que é a causa de sua alegria, *vas laetitiae*.

3º - Ceres. Suas estátuas a representam com um feixe de espigas de trigo saindo de um chifre representando a abundância e de crianças alegres, emblema das colheitas e das estações do verão e do outono. Ceres possuía seus mistérios eminentes, os quais se instituíram para combater a supersticiosa ignorância. Porém, se nos atrevêssemos a dizer que estão estabelecidos com tão louvável objetivo dos mistérios menores de Maria conhecidos com os títulos de "confrarias e ofícios de Maria, da imaculada, da conceição, da nossa Senhora das sete espadas, das sete dores, da mãe do sagrado coração de Jesus" e outras práticas mais ou menos religiosas.

Os pagãos deram ajuno o sobrenome de "Pelásgia" e de "Pelagis" a Ceres. Os monges lendários não conservaram esse título à Maria; porém, criaram a santa "Pelásgia ou Pelágia".

Conformidade de Leucotea, Astarté, Vênus Celeste e Astréa, chamada Urânia com Maria.

1º - Leucotea, a divindade marítima e a ama de Baco, é representada vestida de matrona com uma criança nos braços; Maria se veste da mesma maneira, leva uma criança nos braços, possui o poder sobre o mar, *mater salvatoris*, *maris stella*, é a ama de Jesus. A Deusa Romana *fecundidade*, tinha como Leucotea e Maria uma criança nos braços e um *cornu* de abundância na mão.

2º - A deusa de Sidón, *Astarté*, que é idêntica a Ísis, Vênus e à Lua, era representada com insígnias reais e um bastão terminado em cruz na mão. Maria é *juxta crucem lacrymosa*.

3º - Astrea sobe ao céu no signo de virgem, a ascensão de Maria se celebra no dia do signo da virgem, em 15 de agosto, dia fixo para essa festa que pertence à categoria que denominavam os Romanos do paganismo *stativae*.

4º - Urania, a Vênus celeste, vestida de azul, usava uma coroa de estrelas e era a musa da astronomia; Maria usava idêntico diadema e o mesmo manto em suas festas solenes, celebradas em

dias fixos, são astronômicas. A Vênus celeste era também marítima (marina); Maria, porta do céu, *janua coeli* estrela da luz do dia, *stella matutina* é também *maria*, *maris stella* e patrona dos navegantes. Urania inspirava amor e preservava aos corações de toda a impureza. Maria goza das mesmas virtudes, é mãe celeste, *mater divina gratiae* e causa as alegrias puras, *causa nostrae laetitiae*.

Oh!, mãe de todos os seres, depositária de todos os germens que eles reproduzem nos campos sempre férteis da vida universal, vaso eterno que jamais se esvazia e que verte sem secar as flores e os frutos das existências passageiras: Eu débil mortal que caminho em direção ao ocaso, vou cantar tuas alegrias!

Oh!, Alma Vênus, apenas surgistes do seio dos mares quando os elementos te saudaram como sua libertadora e como mãe do dia.

Quando o primeiro sopro do teu hálito roçou pequenas moléculas que inspiravam os teus primeiros passos mágicos, abriram as rosas do teu amor púdico, dos lírios da casta maternidade e suas corolas e os suaves consoladores perfumes em que trancas suas grinaldas à fraternidade!

Oh!, Alma Vênus, no dia em que nasceste, apareceu no céu um deslumbrante prodígio uma mulher vestida de Sol. Era a rainha do firmamento adorada por Israel de todos os tempos prósperos eras tu rainha das virgens mães semi-velada ou resplandecente de luz nos afortunados espaços que recorrer! Sobre o cristal das águas reflexas e suave luz de um Deus que é ao mesmo tempo teu irmão, teu esposo e teu filho. Oh!, Alma Vênus, eu reconheço a tua divindade sobre a túnica coberta de estrelas de Maria e sob o manto azul que flutua em torno da lua misteriosa! Se o firmamento está coberto de nuvens melancólicas, tu consolas a terra com intervalos de claridade. Se luzem em todas as estrelas a chama argentina do seu disco, suaviza a luz dessas longínquas virgens, da mesma maneira que o fogo sagrado que arde no templo de Vesta, faz com que palideçam as lâmpadas dos deuses inferiores. Eu adoro em ti arca da reprodução universal e a benfeitora da vida, o mesmo quando arrastam teu carro de brancas pombas do Olimpo, que quando depositas com tuas mãos maternais de virgem, esses viventes emblemas do amor puro no altar do Deus de amor, ou mesmo quando te cobres com o véu matronal de Latona, que quando levas o crescente de Diana, a coroa de Maria, rainha dos anjos.

Desta forma és a grande causa da prolongação das peças, *da progênes in progeniis*, tem sido honrada com mil nomes diversos; porém teus símbolos foram sempre os mesmos. As nações assombradas ante ele *quodcumque videban e o quodcumque movetur* concentram-se nas mesmas alegrias relativas aos astros mais aparentes do nosso planeta.

As diferenças existentes entre os dogmas e os cultos relativos à rainha dos céus da terra e dos infernos, por exemplo, não precedem mais que as distâncias existentes entre as nações, os tempos e os improvisadores de religiões, que calcaram com maior ou menor precisão o movimento dos astros mais aparentes como o Sol e a lua. Os deuses estrangeiros das grandes nações e dos povos pequenos, *majorum et minorum gentium* se transformaram por efeito das conquistas, em deuses Romanos; seus sacerdotes se entenderam admiravelmente com os Flamines (sacerdotes do capitólio), enquanto aos meios da aliança e de concórdia entre os deuses forâneos (são padres que dominavam os demais nas zonas rurais) e os da república.

Antes existiam tantas fábulas e rituais como governos e povos.

O mesmo aconteceu nos tempos de Constantino quando entraram no interior do santuário cristão os sacerdotes do paganismo com os seus *panteos* e os filósofos com os seus sistemas, pois cada qual levou consigo a sua bagagem.

Sucessivamente, os pobres humanos não souberam em quem confiar com segurança para passar desta para outra vida. Haviam barcas flutuando na Estigia (inferno mitológico)!

Rito primitivo, Rito do Oriente, Rito do ocidente, Rito Maronita, Rito Galicano. Os viajantes que não sabiam nadar não atreviam a lançar-se no rio; pagavam caríssimo o pedágio e, entretanto, mesmo assim, não chegavam à outra margem do rio em segurança.

Esses rituais conservaram não obstante, o selo sagrado de um só Deus, com os disparatados timbres de "três pessoas de uma virgem e dos santos" de rangos e méritos diversos. O rito Grego e o Romano se separaram: não pelo motivo e frívola questão da procedência do espírito santo, senão pelo motivo da pretendida supremacia do bispo de Roma sobre o de Constantinopla.

Creio que já disse tudo que se pode dizer sobre as curiosas ladainhas chamadas de Jesus e de Maria (do Sol e da lua), e com o objetivo de não omitir nada, direi que as letanias do filho se recitam nas orações da manhã e as orações à Virgem-Mãe, nas honras da tarde.

As antigas festividades religiosas comparadas com as modernas

Os doze signos do zodíaco e seus significados

Todos os povos da terra tiveram suas festividades ou dias consagrados ao descanso com o objetivo de agradecer ao Grande Arquiteto do Universo os bens que concede.

As primeiras e as mais solenes festas instituídas pelos povos agrícolas.

Algumas vezes, é conveniente abandonar os pesados trabalhos do campo e a época das colheitas, oferece uma ocasião imemorable para entregar-se a alegria e aos transportes de um profundo agradecimento à Natureza.

As revoluções dos corpos celestes que renovam constantemente os mesmos trabalhos e prazeres eram para os povos primitivos épocas interessantes dignas de serem celebradas.

Estas festas têm relação com o aparecimento do Sol nos quatro pontos cardeais da esfera celeste. Outras se estabeleceram para perpetuar a memória de alguns heróis que serviram à pátria. As festividades mais brilhantes eram as do Sol, a quem se personificou de mil formas diferentes. Todas as estações são celebradas solenemente e com os símbolos relativos à chegada do grande astro, aos solstícios e os equinócios.

Na primavera se cantava sua ressurreição, porque os antigos acreditavam que o tempo que o Sol passava no hemisfério inferior, ou meridional, era o de sua morte ou a da sua descida aos infernos.

No solstício do verão se dava ao Sol o nome de Hércules, porque nessa época esse astro está com todo o seu poder. Este solstício era celebrado com jogos públicos e jogos de alegrias. No equinócio do outono, quando o Sol abandona o hemisfério superior, a imaginação se deixava dominar pelo abatimento, distante de se encontrar alegre como nas estações precedentes. O Sol combatia nesse equinócio contra o espírito das trevas, o qual este triunfava. Esta pretendida derrota do Sol era considerada como sua morte, então se dizia que o Sol descia aos infernos. Os cantos e cerimônias possuem um caráter triste e lúgrube nessa estação. A aflição dos antigos não aumentava no solstício do inverno ante o triste estado em que o Sol deixava a natureza, senão pelo contrário, eles começavam a consolar-se, porque o seu encarregado de trazer a luz e de reanimar a natureza ia renascer uma vez mais.

Então começavam os cânticos de alegria. Por donde queira se invocava o Sol salvador e libertador. Seu culto universal se celebrava em quase todas as instituições. O ano se forma pela circunvolução

desse astro em torno da terra. Se é bem certo que os homens ignoraram durante muito tempo a duração precisa dessa circunvolução, pode-se dizer que jamais se equivocaram quanto à ordem das estações.

Tudo quanto acabamos de dizer sobre o curso aparente do Sol, vem a demonstrar-nos que os antigos se achavam dotados de um gênio alegórico e simbólico.

Este gênio consistia nesta tendência do espírito que inspirou aos sábios da antigüidade a ocultar suas lições com emblemas e enigmas que as faziam mais excitantes, vivas e mais animadas, com o objetivo de que fossem buscadas com mais ânsia e retidas com maior facilidade.

Valendo-se desse engenhoso artifício, faziam sensíveis as mais abstratas verdades e mudavam em imagens e quadros as proposições mais áridas e difíceis de compreender. A verdade se fazia mais suave e amável; os seres inanimados e os morais se personificavam; a natureza inteira tomava um novo aspecto; o extremamente metafísico parecia tocar os sentidos ao revestir-se com perfeições e belezas corporais, e até as relações existentes entre os grandes objetivos da natureza e de suas influências sobre os homens se metamorfoseavam numa história de ilustres personagens que avivavam a imaginação e cujos rasgos não se podia esquecer jamais.

Este gênio simbólico se desenvolvia por meio de palavras figuradas, provérbios, metáforas, emblemas, fábulas, apólogos, relatos mitológicos, símbolos e pinturas hieroglíficas. Tal era certo modo a língua universal dos templos primitivos.

Todos os livros escritos na remota antigüidade encerram exemplos desses diversos gêneros de alegorias.

O exame das festividades dos antigos, celebradas em cada um dos signos do zodíaco demonstrará esta verdade e provará por sua comparação com as festividades cristãs correspondentes às mesmas épocas, que estas são absolutamente idênticas àquelas, mesmo que tenham outros nomes.

1º Signo - Carneiro ou Cordeiro (Áries): Março - Abril

Equinócio da primavera (no hemisfério norte).

O curso anual do Sol começa no signo do Carneiro ou Cordeiro. Com efeito o SOL entra no Equador no primeiro dos doze signos. Os dias e as noites são então de igual duração em todos os hemisférios; nos achamos no equinócio da primavera. Porém, uma vez passado esse dia, o Sol avança pelo nosso hemisfério boreal, os dias aumentam, a terra se reanima e recobra a sua fecundidade. O ano solar não se pode abrir no mesmo signo até que tenha passado 25.868 anos. Uma vez passado esse tempo, o signo que precede se converte no primeiro, em virtude da precessão dos equinócios.

Desta maneira se explica que o Carneiro "Áries", o Cordeiro que teria substituído o Touro no ponto Equinocial tenha cedido sua posição a peixes, signo em que começa o ciclo do ano Solar. Porém os calendários continuam dando sempre o primeiro lugar ao Carneiro, que em realidade ocupa o terceiro.

Os antigos celebravam ao mesmo tempo a exaltação do Sol e a ressurreição de Mithra, Osíris, Adônis, etc. A esta festa precediam três dias de duelos, (símbolo dos três meses de inverno) durante os quais se comemoravam os sofrimentos, a morte e a descida aos infernos (lugares inferiores) desses personagens alegóricos do Sol. Porém esta tristeza pública se transformava em alegria por motivo de sua ressurreição e as demonstrações de alegria eram de caráter tão vivo que esta festividade recebia o nome de *hilariae* (Hilárias).

Os Mexicanos mudavam nesse mês seus móveis e roupas, os Cristãos celebram também, sob este primeiro signo a ressurreição do Cristo.

Sua festa denominada *Páscoa*, vai precedida igualmente de três dias de duelo durante os quais se recorda sua paixão, sua morte e a descida aos infernos. Esta tristeza se converte de súbito em alegria; e cantam diferentes vezes, *haec dies quam fecit dominus etc*, ou *filii et filiae etc*. Enfim, as Páscoas são para os Cristãos o mesmo que as *hilariae* para os antigos, que nessa época renovavam o fogo sagrado; o culto moderno o renova também na véspera da Páscoa.

Os Cristãos escolhiam essa época para usarem vestidos novos.

As festividades na China

Quam santa e comovedora era essa augusta festa em que o Imperador da China, celebrava em pessoa o começo, ou, a abertura dos trabalhos nas lavouras, no 15º dia da primeira lua!

O príncipe asiático avançava pomposamente num carro triunfal, armado com um rústico ferro. É Triptolemo sentado no carro de Ceres.

O príncipe chegava no campo destinado para a cerimônia: descia do carro, avançava com passo grave. Todos guardavam completo silêncio enquanto ele percorria o campo fazendo-o fecundo. Logo se prostrava e tocava nove vezes a terra com sua frente.

Em continuação, o chefe do império pronunciava em voz alta uma fervente oração, e, na qualidade de soberano pontífice, imolava um boi como oferenda a *Chang Ti* deus do Céu, para que difundisse seus benefícios sobre a terra. Enquanto o fogo de uma fogueira devorava a vítima, chegava um arado arrastado por dois bois magnificamente enfeitados.

O príncipe tirava suas roupas imperiais, arava uma parte do campo, semeando prodigamente trigo, arroz, feijão, duas espécies de milho que lhe entregavam seus grandes dignatários trazidos em preciosos cofres.

2º Signo – Touro: Abril - Maio

Exaltação do sol

O Sol continua elevando-se nesse segundo signo até o trópico de Câncer, que é o máximo de sua exaltação. Os Cristãos celebram essa marcha progressiva do Sol por meio de uma festividade chamada de Ascensão, porque, segundo o ritual o Cristo ascendeu aos céus quarenta dias depois de sua ressurreição.

Depois vem a festa de Pentecostes: o espírito santo que Cristo enviou aos apóstolos dez dias depois da sua ascensão é uma alegoria do poder do Sol sobre a terra. A medida que esse astro se eleva na atmosfera superior, esparge universalmente a vida por meio da sua luz celestial.

Os antigos celebravam nessa época festas rurais ou agrícolas. Seus sacerdotes iam em procissão em torno dos campos, na primavera, para pedir a Ceres que se tivesse uma colheita abundante; cantavam e dançavam louvando a deusa da agricultura. Os Cristãos têm imitado esses costumes na mesma época, pois os sacerdotes fazem também procissões e cantam, porém não dançam. Estas procissões recebem o nome de "rogativas".

Cristãos imitaram esse costume. Nessas doxologias (do Grego *doxo*, glória e *logos*, discurso) dos hinos de São João faz cantar a Jesus depois da última ceia se diz em que: "o donaire dirige a dança;

quero tocar a flauta, para que todos danceis". Esta dança de Jesus com seus discípulos lembra a dos terapeutas que depois de cearem dançavam em suas assembléias.

A dança acompanhava também os ágapes, ou jantares de caridade dos primeiros Cristãos, que as terminavam dando-se um ósculo de paz; porém como os pagãos se fundamentavam nesse costume para fazer-lhes reprovações, os sacerdotes ordenavam que não se beijassem as pessoas de sexo diferente, com o objetivo de desterrar toda a sombra de permissibilidade (Thomassim. "discípulo de Eglise, parte 3, cap. 47).

Outros abusos de que já se lamentava São Paulo (Coríntios I, cap. 11) e que em vão tratou de reformar o concílio de Gangres, no ano de 324 motivaram a abolição dos ágapes, decretada pelo concílio de Cartago cujo Canon 41 ordenava que os santos mistérios se celebrassem em completo jejum.

Segundo Scaliger, os Bispos não foram nomeados *praesules* da igreja latina, a *praesiliendo*, senão porque eles eram os que davam começo à dança.

No século XVIII se executava ainda em Portugal, Espanha e o Roselhão (condado dos reis de Aragon que passou ao domínio da França em 1659) danças solenes em honra dos mistérios do cristianismo. Durante as vésperas das festividades da Virgem, as jovens se reuniam diante das portas das igrejas dedicadas à Mãe de Deus e passavam a noite dançando em rodas e cantando hinos em seu louvor. Este costume existe ainda na Bélgica.

O Cardeal Ximenes restabeleceu na catedral de Toledo o antigo costume das missas muzárabes, (de origem mourisco) que durante as quais se dançava no coro com tanta ordem como de devoção. Todavia, no século XVII se podia ver na França os sacerdotes e o povo dançando em roda na colegial enquanto cantavam: "San Marciano, reza por nós e nós dançaremos para ti. O Jesuíta Menestrier diz no prefácio do seu tratado dos bailes, publicado em 1682, que tinha visto os canônicos de mãos dadas com os meninos do coro no dia da páscoa dançarem cantando hinos de regozijo, dentro das igrejas".

Porém os extravagantes bailes das festas carnavalescas e os abusos a que deram lugar, motivaram a abolição das danças nas cerimônias religiosos e na missa, que para ser imponentes, teriam de ser realizadas com toda a seriedade.

3º Signo - Gêmeos: Maio - Junho

Até o fim da primavera os Gregos levavam com grande pompa e cerimônias pelas ruas da cidade as representações de Baco, seu Deus Sol, que mudou a água em vinho e triunfou da Índia cavalgando um asno.

Os Cristãos fazem a mesma coisa e na mesma época e com idênticas cerimônias as procissões denominadas Corpus em honra a Cristo, cuja imagem levam guardadas dentro de um Sol (ostensório). Cristo transformou, a si mesmo, água em vinho nas bodas de Canaã e entrou triunfante em Jerusalém sobre um *polino* (asno novo). A alegria do gênio do bem, vencedor neste signo do gênio do mal.

4º Signo – Câncer: Junho - Julho

Solstício de verão (no hemisfério norte).

O Sol chega nesse quarto signo ao máximo de sua exaltação.

Os antigos celebravam esta época com jogos públicos e fogos de alegria. Os cristãos celebram também esta época com fogos de alegria, chamados também de fogueiras de São João. A festa dos Cristãos em honra a São Pedro, o chefe dos doze discípulos do Cristo, é uma imitação de que celebram os antigos em homenagem a Jano o chefe dos doze meses do ano. Estas duas personagens se representam com a frente calva, com a barca e as chaves.

5º Signo – Leão: Julho - Agosto

A pele de um Leão e a maçã eram atributos de Hércules, sobrenome do Sol quando este se encontra com todo seu esplendor. Os antigos colocavam a estátua de Hércules na porta de seus templos. Imitando os antigos Cristãos colocavam antigamente na entrada das catedrais, ou colegiadas, uma estátua colossal de São Cristóvão (portador de Cristo), cuja festividade em Julho, época em que o Sol se encontra com o máximo do seu poder.

6º Signo - Virgem: Agosto - Setembro

O Sol chega ao signo da Virgem, constelação considerada como mãe de deus do dia, por aparecer no Oriente no solstício do inverno. A Virgem se acha absorvida pelos luminosos raios do seu filho, (o Sol).

Este desaparecimento completamente natural e momentâneo deu lugar à festa chamada de "Assunção" para dar a entender que a virgem mãe de Cristo, perde no verão, a vida mortal e é levada ao céu, onde goza da glória de seu filho e senta-se ao seu lado.

Os antigos celebravam o curso do outono a festa de Diana, deusa da caça. Os Cristãos celebravam na mesma época a festa de Santo Humberto, patrão dos caçadores.

7º Signo – Balança: Setembro — Outubro

Equinócio do outono (no hemisfério norte).

Nesta época o Sol se encontra no ponto médio do seu curso anual: percorreu os seis primeiros signos e entra no sétimo pelo Equador.

A noite e o dia têm igual duração nos dois hemisférios; porém, uma vez que passou esse dia, o Sol avança pelo hemisfério meridional, e, por conseguinte se distancia de nós, que somos os que habitamos no setentrional.

Assim que, com respeito a nós, os dias vão se encurtando, a terra deixa de produzir e vai perdendo o seu encanto.

Todos estes acontecimentos tão naturais como necessários, deram origem a engenhosas e interessantes alegorias, a mais antiga e universal delas é o combate do Sol com o príncipe das trevas, combate que se verifica no equinócio do outono, no qual sai vencedor esse último personagem lendário. Na mesma época aconteciam as mortes de Osíris, Mithra, Baco, Adônis e Atis, assim como todos os personagens alegóricos do Sol, os quais descem aos infernos, até que chegue o momento da sua ressurreição, fixado no equinócio da primavera.

Os antigos não celebravam no equinócio de outono nenhuma festa comemorativa desses combates, derrotas, mortes e descidas aos infernos, cujos acontecimentos eram lembrados nos três dias que precediam ao equinócio da primavera, época em que o Sol entra no signo de carneiro. Durante esses dias celebram a ressurreição desse astro, ou seja, seu retorno ao hemisfério setentrional.

O mesmo ocorre com os Cristãos, a morte de Cristo se relaciona na mesma época. Porém sua paixão, morte e descida aos infernos se comemoram nos três dias que precedem à festividade da páscoa (o passo do Sol aos signos superiores) quando se celebra sua ressurreição no equinócio da primavera.

8º Signo - Escorpião: Outubro - Novembro

Os antigos sentiam profundamente o triste estado em que se encontra a natureza sob esse oitavo signo, devido ao distanciamento aparente do Sol, lembra a perda dos parentes e amigos a que consagravam um dia dando-lhe o nome de "Eleuterias ou Parentales", a festa lúgrube. Dia de todos os santos "Esta festa foi consagrada aos mártires, na sua origem denominavam-na de "Martror". Dizia-se *de martrór in martror* de uma festa de todos os santos a outra".

Foi instituída no dia 1º de Novembro do ano 835 pelo Papa Gregório V e Odilon, abade de Cluny, instituiu o dia 2 de novembro de 998 a comemoração dos defuntos, ou festas em homenagem à memória dos mortos, que nos traz à memória as requitias, ou festas em homenagem aos heróis que morreram combatendo em Platea pela liberdade da Grécia) e ao qual segue o dia dos mortos, declarado festivo pelo papa João XIX no terceiro ano do século XI, que ordenou que se celebrasse no dia de todos os santos. A festa de todos os santos ou semideuses do cristianismo nos lembra as *Teoxenias* ou festas Gregas de todos os deuses.

9º Signo – Sagitário: Novembro — Dezembro

Os antigos não celebravam nenhuma festa relacionada com o Sol. Tampouco os Cristãos celebravam nesse signo festa alguma relacionada com o Cristo.

10º Signo – Capricórnio: Dezembro — Janeiro

Solstício de inverno (no hemisfério norte).

Quando o Sol entra nesse signo cessa de internar-se no hemisfério Meridional e começa a voltar em seus passos. Este feito se conhece com o nome de Solstício do Inverno, momento considerado por quem habita no hemisfério setentrional como o do nascimento do Sol.

Em consonância com o caráter alegórico dos antigos, o solstício do inverno se celebrava: entre os Persas, pelo nascimento de Mithra; entre os Gregos, pelo de Baco; entre os Fenícios, pelo de Adonis; entre os Frigios, pelo de Atis. Em Menfis se mostrava ao povo a imagem infantil de deus-dia, tirando-a do fundo do santuário. Os Romanos anunciavam em seu calendário esta festa com as palavras *Natalis solis invicti*. Quinze dias antes do Solstício do inverno os antigos celebravam uma festa em honra a Netuno, deus do mar. Também celebravam as *Lararias* em honra aos deuses lares. Os Cristãos celebravam no solstício de inverno por meio do Natal, com a que tratam de comemorar o nascimento de Cristo Salvador do mundo. Nesta festa cantam eles *puer nobis nascitur dominus dominorum*, empregando a mesma expressão dos antigos que chamavam *dominus* ao Sol e *dies domini* ou *dies solis*, ao dia da semana consagrado a este astro. Daí é que vem o *dimanche* (domingo), contração de *dies magna die dominica*.

Os Cristãos celebram na mesma época a festividade de São Nicolau, padroeiro dos marinheiros, cujo nome significa vencedor.

Antes que os deuses *lares ou penates* (de penitus, interior), ou "deuses domésticos" foram deuses dos lugares, deuses domésticos das cidades (*lares urbani*) tinham sido deuses conservadores dos territórios, dos caminhos, das encruzilhadas e dos campos, (deuses domésticos, lugares pequenos e rurais). Os deuses domésticos eram, no princípio, pedras limitantes das nações, as quais chegaram a ser adoradas com o tempo, como por exemplo, as de Mercúrio. A fábula conta que os deuses

domésticos eram filhos de Lara e deste deus, que, segundo alguns mitólogos, é um dos primeiros "deuses domésticos", pois a raiz de Mercúrio é derivada de *mer, mark, march*, palavras que significam limite, de onde se formaram as seguintes palavras: Marquês, ou guarda das fronteiras, beira de rio ou de mar, ou de uma coisa, porque a base se deriva de reunião em fronteiras: mercearia, mercado, mercadoria, marchar (viajar), se dizia: *aller par les marches*, ir pelos mercados em Francês antigo, porque antigamente os caminhos serviam aos territórios e "caminho" era sinônimo de fronteira. Era freqüente que os caminhos delimitavam fronteiras na época feudal.

O radical "lar" significa em muitos dialetos antigos "o que excede, a margem, borda, fronteira, pequena elevação de terra", contraindo "lar" com "ara", palavra que significa pedra, rocha, formou-se a voz *lare*, limite, ou Thoth, Mercúrio, Hermes ou Término, que são os deuses-limite. Assim mesmo, a palavra Síria "Benoth ou Venoth", deu origem à Venos ou Vênus. Suidas chama Benos a Vênus. E na inscrição de uma medalha de Julia Augusta, mulher de Sétimo Severo, o nome de Vênus se escreve Venos. As palavras *succoth benoth*, empregadas no texto Hebraico foram traduzidas: Sica Veneria por Ptolomeu e Valerio Máximo, quando estes autores falam do lugar tradicionalmente consagrado pelos Cartagineses a Vênus.

Ao princípio as palavras Benoth, venoth ou Vênus, significavam uma pedra branca e quadrada. O culto dessa pedra ou de Vênus, foi levada pelos Fenícios às ilhas Gregas, e como esse transporte não se podia mais fazer a não ser pelo mar, isto deu origem à fábula Grega de que essa divindade tinha nascido da espuma do mar. As prostituições religiosas de donzelas e até de rapazes deram a essa deusa o título de rainha da beleza, mãe dos amores e das graças e deusa da voluptuosidade.

Como uma pedra quadrada não possui sexo, mesmo que tenha sido consagrada como divindade, os escritores antigos vacilavam quando tinham que determinar o sexo a que pertenciam estas Vênus asiáticas.

Por isso Vênus da Síria possuía os dois sexos, e nas celebrações dos seus mistérios os homens se vestiam igual às mulheres e estas como aqueles.

Os sacerdotes sírios desta deusa realizavam as funções dos mistérios vestidos com trajes femininos, costume por certo antiquíssimo, pois é sabido que Moisés proibiu aos Israelitas estas trocas de trajes para evitar que caíssem na idolatria (Deuterônimo, cap. 22, vers. 5). Esta incerteza sobre o sexo das divindades antigas acabou por introduzir uma vestimenta neutra, o qual transmitiram os sacerdotes pagãos aos seus sucessores. Seja como for, e como os Gregos declararam a Vênus como do sexo feminino, os Romanos adotaram esta mesma decisão.

Quando o sabeísmo dos Astros veio substituir o feticismo, o agradecimento dos povos aos serviços feitos por Thot, Hermes e Términos, ou sinais limítrofes adorados sob o nome de Mercúrio e Vênus, deram estes dois nomes aos primeiros Planetas, e, com o objetivo de indicar sua origem e suas primeiras funções de guardas das fronteiras, se colocou em sua representação astral uma Cruz ou o Tao Egípcio. As cruzes continuam sendo usadas nos caminhos e limites territoriais.

Os Gregos, que eram muito afeitos às novidades religiosas, puseram sobre as pedras limítrofes, conhecidas pelo nome de hermes, umas cabeças humanas que representavam outras divindades, cujos nomes se uniam ao de Hermes. Por exemplo: quando punham sobre Hermes uma cabeça de Afrodita (nascida da espuma), esta figura recebia o nome de "hermafrodita". Se a cabeça era a de Hércules, a quem eles denominavam de Hércules, o ídolo inteiro era conhecido pelo nome de Hermeracles. Se era a de Minerva, deusa chamada pelos Gregos Atena, se formava a divindade Hermatenea. Enfim, por efeito de outras composições, se formaram os nomes "Hermeros, Hermapolo, Hermanubis" etc, para significar os deuses Amor (Eros), Apolo, Anubis, Harpocrates e Júpiter Amon. Esta reunião de duas divindades em uma somente se introduziu até na religião dos germanos que tiveram seu deus Hermodos ou Hermodin (deus Odin), seu Hermasul etc.

Temos empregado as palavras ídólatras e idolatria que são formadas pelas vozes gregas "eidos, figura e ídolos", representação de uma figura, e latreinein, servir, reverenciar, adorar para que possamos nos entender melhor; porém, existiram ou existem adoradores de imagens?, de ídolos? Eu creio que não. Nenhum povo tomou o nome de Idolatra. Em nenhum autor antigo se encontrará essa palavra ou outra equivalente a ela. Lucrécio, que acusa os supersticiosos de todo o gênero de loucuras, não desaprova em ninguém este culto ridículo. Os antigos sentiam tanta veneração pelas estátuas dos deuses, como os católicos pelas suas imagens e seus santos; porém, para eles as estátuas eram unicamente simulacros da divindade. Os antigos tinham as estátuas de Hércules; nós temos a de São Cristóvão; eles adoravam a Esculápio e a sua cabra, nós a São Roque e seu cão; eles rendiam culto a Marte e sua lança; nós rendemos a São Thiago de Compostela e ao seu cajado de peregrino; eles nunca acreditaram que essas estátuas fossem divindades, porque de sobra sabiam que não era a estátua de Apolo a que dava a luz nem a de Júpiter que lançava o raio.

Os Gregos e os Romanos se ajoelhavam ante as estátuas, as coroavam, incensavam, ofereciam flores e a passeavam em triunfo. Porém os católicos não se qualificam de ídólatras quando imitam estes costumes.

No templo de Esculápio existente em Epidauro se faziam mais milagres que em nenhum outro templo desse deus, pela mesma razão que Nossa Senhora de Loreto é preferida a Nossa Senhora das Neves.

Os antigos, que não negavam seu politeísmo, praticavam um culto idêntico ao dos cristãos. Agora vejamos: Se os modernos não são ídólatras, com que direito podem dizer que os antigos o eram?

Em todos os tempos as estátuas e as imagens não foram nada mais que estátuas e imagens.

Vejam o que dizia Marcial: *Qui finxit sacros auro vel mármore vultus. Non facit ille Deos; Qui rogat ille facit.* Li. 8, ep. 24:

O escultor que faz os sagrados rostos de mármore e ouro não faz aos deuses, fa-los aos que rezam.

E Ovídio disse: *Colitur pro Jove forma Jovis* (do ponto 2, 8-Vers. 82):

O único que se adora na imagem de Deus, é DEUS.

E Estácio declara:

Nulla autem effigies, nulli commisa metallo. Forma Dei, mentes habitare et pectora gaudet. (Tebaida liv. 12):

Os Deuses nunca se acham fechados numa arca; habitam em nossos corações.

Diz Lucano:

Est-ne Dei sedes, nisi terra et pontus et aer (Phasr. lib. 11):

O Universo é a morada e o império de Deus.

Estes parágrafos e muitos outros que poderíamos citar, demonstram que os simulacros não eram deuses e que o culto das figuras não existe e nem nunca existiu.

O nome de ídolatra é uma acusação lançada pelos Cristãos quando eles não possuíam templos, estátuas e imagens; porém desde que os católicos imitaram nisto aos pagãos, superando-os algumas vezes... Não cometem uma injustiça quando dizem que os povos antigos adoravam estátuas?

11° Signo – Aquário: Janeiro - Fevereiro

No século 11 se celebrava na cidade Egípcia de Sais e aos quarentas dias do solstício, a festa das luzes em homenagem à mãe do Dia. Uma fonte de Baco existente na ilha de Andrós tomava todos os anos sabor de vinho no dia cinco de Janeiro (Plínio liv. 1, cap. 103).

Os Cristãos celebram sob o mesmo signo uma festa semelhante denominada candelária, (Do latim, "candeia", por causa da grande quantidade de Círios, velas, que levam em procissão nesse dia.

Nesse dia se rendia culto aos gênios da luz e do fogo, por meio de uma fila de tochas que os corredores passavam de mão em mão sem interromper sua alegórica corrida. Daí a bela imagem de Lucrécio: as idades se sucedem, as gerações se renovam e se transmitem correndo como a tocha da vida.

O dia 10 do *antheserión*, mês das flores (8º mês) celebrava-se a festa de Baco. O culto católico comemora a festa de São Dionísio, a 8 de Fevereiro.

Baco, (o Sol da primavera) recebe o sobrenome de "Salvador" que em Grego se diz Soter, de onde vem Santa Soteria.

O dia 14 era dos jogos *pitios* consagrado ao jovem Apolo, cujo nome Grego é *Ephoibos*, do qual os católicos tiraram o nome dos santos: Efobo e Apolônio.

O dia 19 em Elida se limpavam os altares de Júpiter com águas do Alfeo, de onde vem o costume de lavar os altares na quinta-feira santa (dia de Júpiter) depois de lavados, beijam-no imediatamente quarenta dias depois do Natal. Segundo dizem, o milagre de Cana foi realizado no dia 6 de Janeiro, dia em que a igreja também o comemora.

12° Signo – Peixes: Fevereiro - Março

Nove meses antes do solistício de inverno celebravam os antigos uma festa comemorativa do começo da gravidez de Maria, digo, da Virgem Ísis, Mãe do deus-Dia. Os Cristãos celebram também nove meses do Natal uma festa denominada Assunção, comemorativa do começo da gravidez da Virgem Maria, mãe de Jesus.

Como podemos ver, os cristãos adotara Cristo todas as festas que celebravam os antigos para homenagear as personagens alegóricas do Sol. Se quiséssemos levar mais adiante esse paralelo, veríamos que imitaram as festas pagãs porque os legisladores religiosos desejosos de que a religião moderna dominasse os antigos costumes, com o objetivo de atrair mais facilmente os pagãos e os fiéis; daí as numerosas festas que o culto primitivo dos Cristãos sabiam diversificar e nas que revelavam antigas crenças com símbolos novos.

Notas históricas sobre os principais concílios

Os secretários de Zoroastro celebravam concílios em sua época. De maneira que esse tipo de reuniões precederam às do cristianismo. Os concílios se dividiam em particulares e gerais. Os particulares eram de três classes: os nacionais convocados pelo príncipe, o patriarca e o primado. Os provinciais citados pelo metropolitano, o arcebispo e os diocesanos, ou sinodos, celebrados pelo bispo.

Como os autores não estão de acordo quanto ao número de concílios gerais, nós nos limitaremos a recordar o resultado dos oito primeiros convocados por ordem dos imperadores e o de alguns outros concílios importantes.

Como os sacerdotes de Alexandria quiseram saber se Jesus era Deus ou criatura, não somente os bispos e sacerdotes se atralalharam em grandes controvérsias. Também os povos em geral chegaram a dividir-se. A desordem chegou a tal extremo que os pagãos ridicularizavam os Cristãos nos seus teatros.

O imperador Constantino começou a escrever nestes termos ao bispo Alexandre e ao sacerdote Arrio, autores da divisão:

"Estas perguntas e problemas, que não são absolutamente necessárias, não procedem mais que da inútil ociosidade e podem prantear-se ao espírito. Porém, de nenhum modo devem chegar aos ouvidos do povo. Como estais divididos por assunto de tão pequena importância não é justo que governeis a tão grande multidão do povo de Deus, e não digo isso para contradizê-los nesse trivial assunto. Podeis conservar a unidade com uma controvérsia particular, com tanto que essas diversas opiniões e sutilezas se guardem secretamente no fundo do vosso pensamento".

Sabedor do pouco efeito produzido pela carta, o imperador se decidiu a convocar um concílio ecumênico por conselho dos bispos, ou seja, um concílio de toda a terra habitável e elegeu para a sede a assembléia a cidade de Nicéia, em Bitínia. Concorreram 2.048 bispos, que segundo diz Eutiques tiveram opiniões diferentes. Este príncipe que teve a paciência de escutar as disputas polêmicas, ficou surpreendido em encontrar tão pouca unanimidade entre eles. Este número prodigioso de bispos não nos parecia incrível se tivéssemos em conta que São Patrício fundou 365 igrejas e ordenou número igual de bispos no século V. O que demonstra que cada igreja tinha um bispo ou vigilante.

Certo é que o Cânon XIII do concílio de Ancira manifesta que os bispos das cidades fizeram tudo o humanamente possível para tirar as ordenações dos bispos dos povos e reduzi-los a simples sacerdotes.

No concílio de Nicéia se leu uma carta de Eusébio de Nicomédia que continha a heresia manifestadamente e desvendava o segredo do partido ariano; entre outras coisas dizia que se reconhecia Jesus como filho de Deus incriado, teria que se reconhecer igualmente seu pai. Nisso se baseou o diácono de Alexandria, Atanásio, para persuadir aos padres da igreja que pararam mentes a palavra consubstancial que foi rechaçada como imprópria no concílio de Antióquia, celebrado contra Paulo de Samosatia. Porém é que tomava a palavra "*consubstancial*" no seu sentido vulgar e grosseiro, marcando bem a divisão como se se tratasse de moedas de um mesmo metal, enquanto que os Ortodoxos a explicaram de tal maneira que até o mesmo imperador pôde compreender que não se tratava de uma idéia corporal, nem estranhava divisão alguma da substância absolutamente material e espiritual do pater, senão que se teria de compreender de maneira divina e inefável.

Também demonstraram que os arianos rechaçavam injustamente a palavra "*consubstancial*" sob pretexto de que não se encontra nas escrituras, enquanto empregam muitíssimas palavras que não figuram na Bíblia, como por exemplo, quando diziam que o filho de Deus foi criado do nada e que não havia existido sempre.

Constantino escreveu duas cartas para publicar as ordenanças do Concílio, e dadas a conhecer a quem não assistiu o Concílio. A primeira foi dirigida às igrejas em geral, disse em poucas palavras que a questão da fé havia sido examinada e esclarecida de tal forma que não ficava nenhuma dúvida. E, na segunda, disse entre outras coisas à igreja de Alexandria, o que ordenara, 300 bispos não era outra coisa que a sentença do filho único de Deus; o Espírito Santo declarou qual é a vontade de Deus por meio dos grandes homens a quem inspirava... Assim, pois, nada se deve duvidar, nem divergir de opiniões.

Voltai todos de bom grado ao caminho da verdade.

Os autores eclesíásticos não estão de acordo quanto ao número de bispos que subscreveram esse Concílio. Eusébio conta em 250 participantes; Eustáquio, de Antióquia, citado por Teodoro, 270; Santo Atanásio, em sua epístola aos solidários, 300, igual a Constantino. Porém em sua carta aos Africanos, fala em 318, não obstante esses quatro autores são testemunhas oculares e muito dignos para serem acreditados.

Este número de 318, que segundo o Papa Leão, é misterioso, foi adotado pela maioria dos pais da igreja. Santo Ambrósio disse que o número de 318 bispos é uma prova da presença de Jesus no Concílio de Nicéia, porque a Cruz simboliza 300, e o nome de Jesus, 18. Santo Hilário raciocina da seguinte maneira quando defende a palavra "*consubstancial*", a qual foi aprovada no concílio de Nicéia, apesar de ter sido condenada 50 anos antes pelo de Antióquia.

Oitenta bispos rejeitaram a palavra consubstancial (e a divindade de Jesus, fundando-se nas palavras: "meu pai é maior que eu"), porém 318 a aceitaram e declararam Deus a Jesus, baseando-se nas palavras: "meu pai e eu somos a mesma coisa. Agora, bem, eu creio que esse número é santo porque é o dos homens que acompanharam Abraão quando depois do seu triunfo sobre os sacerdotes ímpios, foi abençoado pelo que é o símbolo do sacerdócio eterno". Enfim, Seldem nos fez saber que o metropolitano de Monembasia, Soroteo, dizia que assistiram 318 bispos no Concílio porque teria transcorrido 318 anos precisamente, desde a encarnação. Todos os cronológicos fixam esse Concílio no ano 325 da era vulgar. Porém, a Doroteo resta sete anos para fazer com que enquadre sua comparação. Por outra parte, até o concílio de Lestines, celebrado no ano de 743, não iniciaram a contar os anos tomando por base a encarnação de Jesus. Dioniso, o menor teria imaginado essa época em seu ciclo Solar do ano 526 e Beda a tinha empregado na sua história eclesíastica.

Por outra parte, se tomássemos em conta que Eusébio de Nicodêmia tinha cooperado com Licínio na perseguição aos Cristãos, não nos causaria estranheza que Constantino aceitasse a opinião desses 300 ou 318 bispos que sustentavam o dogma da divindade de Jesus.

O mesmo imperador acusa a Eusébio disso em sua carta particular que escreveu à igreja da Nicodêmia: "Com quanta imprudência e constância sustentou o erro contra o testemunho da sua consciência no concílio de Nicéia, implorando minha proteção porque temia que lhe fizesse perder sua dignidade! Ele me enganou e surpreendido me fez crer as coisas que quis. Veja também o que fez com Teognis faz pouco tempo."

Constantino se refere à fraude cometida por Eusébio de Nicomédia e Teognis de Nicéia ao subscrever os acordos do Concílio. Os quais inseriram na palavra "Omnius um J formando a palavra Omnius" que é o mesmo que dizer "de substância semelhante", em lugar da primeira palavra que significa "de idêntica substância". Pelo dito se verá que os bispos cederam ante o temor de serem destituídos e desterrados porque o imperador tinha ameaçado com desterro aqueles que negassem. Por isso o outro Eusébio, bispo de Cesaréia, aprova a palavra "consubstancial", depois de tê-la combatido no dia anterior. Teonas, de Marmárica e Segundo de Ptolemaida, continuaram a estar com Arrio apesar das ameaças. O Concílio os condenou e Constantino os desterrou, declarando por um édito que castigaria com pena de morte a quem ocultasse escritos de Arrio ao invés de queimá-los. Três meses mais tarde, Eusébio de Nicodêmia, e Teognis, foram enviados às Gálias, para onde foram desterrados. Conta-se que tendo-se feito amigos de quem guardava por ordem do imperador as atas do Concílio, borraram as suas subscrições e tornaram público que não se deve crer que o filho seja consubstancial com o pai.

Com o objetivo de substituir estas firmas (assinaturas) e conservar o misterioso número 318, alguém teve a idéia de colocar o livro em que estavam as atas divididas por sessões sobre o túmulo de Crisanto e de Misonio que haviam assassinado durante a celebração do concílio; Nicéforo assegura que estes dois bispos ressuscitaram para assinar a condenação de Arrio e tornaram a

morrer imediatamente depois de assinarem. Barônio acredita o mesmo, porém o abade Fleury não o cita.

Depois de muitas discussões que não tratavam da Trindade, adotaram a seguinte decisão:

"Cremos que Jesus é consubstancial ao pai, que é Deus de Deus, luz de luz, engendrado e não feito. Cremos, também, no Espírito Santo". Este mesmo Concílio lembra a celebração da Páscoa no domingo seguinte no 14º dia da lua de março, para evitar que seja no mesmo dia dos judeus como até então ocorria. No suplemento conhecido com o nome de "apêndice" se diz que os padres colocaram os livros canônicos e apócrifos num altar e que esses últimos caíam sem que qualquer pessoa os tocasse. No ano de 359 reuniram-se outros concílios citados pelo imperador Constâncio, com mais de 400 bispos em Rimini, e outro com mais de 150, em Seleucia, aos quais assistiram também um bom número de sacerdotes. Estes dois concílios desfizeram o que havia sido feito no concílio de Nicéia 34 anos antes e voltando à idéia de São Paulo, despojaram Jesus de sua divindade, proscurendo a consubstancialidade que como antes dissemos, tinha sido condenada pelo concílio de Antióquia.

Estes dois concílios, que não são reconhecidos pelos socinianos, foram considerados falsos e ilegais mais tarde.

No ano de 360 se institui o "ministério da eucaristia", ou do sacrifício da missa que é a representação da vida e morte de Jesus Cristo. Os padres de Nicéia estavam tão ocupados com a consubstancialidade do filho que, sem fazer menção alguma da igreja em seu símbolo, limitaram-se a dizer: "acreditamos também no Espírito Santo". Este esquecimento se consolidou no segundo concílio geral convocado em Constantinópolis no ano de 381, pelo imperador Teodósio. Neste, 150 bispos anematizaram o concílio de Rimini, e devolveram a Jesus todos os direitos da divindade. São Gregório Nacianzo o presidiu.

O bispo de Roma enviou deputados para assistissem. Aplica-se ao símbolo de Nicéia: "Jesus Cristo encarnou por obra do Espírito Santo e da Virgem Maria. Foi também por nós crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos, e foi sepultado. E ressuscitou no terceiro dia conforme as escrituras. E está sentado à direita de Deus pai. Cremos no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do pai, que com o Pai e o filho é justamente adorado e glorificado, que falou pela boca dos profetas. Cremos na igreja, que é una, Santa, Católica e Apostólica".

Mais tarde a igreja latina quis que o Espírito Santo procedesse também do filho, e acrescentou ao símbolo do filho o que se começou a fazer no ano de 447 na Espanha; depois na França, no concílio de Lyon, celebrado no ano de 1274 e, por último, em Roma, apesar dos protestos dos Gregos contra a inovação.

Nesse Concílio se concede ao bispo de Constantinópolis segunda hierarquia depois de Roma.

Uma vez determinada a divindade de Jesus, parecia natural que se outorgasse à sua Mãe o título de Mãe de Deus. Não obstante o bispo de Constantinópolis sustenta em seus sermões que se os cristãos aceitassem, semelhante crença, justificariam a loucura dos pagãos que davam mãe a seus deuses. Em vista disso, e com o objetivo de resolver o problema, o imperador Teodósio ordenou que reunisse o terceiro concílio geral em Éfeso.

Nestório, que havia perseguido violentamente a todos que não sustentavam a mesma opinião dele sobre pontos teológicos, foi perseguido por ter defendido neste concílio a tese de que a Virgem Mãe de Jesus Cristo, não era de nenhuma maneira Mãe de Deus. Pois ele dizia que, se Jesus Cristo era o Verbo, filho de Deus, consubstanciável com seu Pai, Maria não podia ser ao mesmo tempo a mãe de Deus pai e do Deus filho.

São Cirilo se levantou furiosamente contra ele. Então, Nestório pediu que se celebrasse um concílio ecumênico, coisa que obteve. Nestório foi condenado; porém, um comitê do concílio depôs Cirilo. O imperador anulou esses acordos e ordenou que o concílio voltasse a se reunir. Os deputados de Roma chegaram muito mais tarde, e, como os distúrbios aumentassem, o imperador ordenou que prendessem Nestório e Cirilo e que cada bispo voltasse para a sua igreja, com o que nada de definitivo ouviu e nenhum acordo foi firmado, tal foi o concílio de Éfeso.

Outra das heresias de Nestório condenada em Éfeso consistia em reconhecer duas pessoas em Jesus, o qual não foi impedimento para que o patriarca Flaviano reconhecesse depois duas naturezas nele. Um monge chamado Eutiques, que tinha reclamado muito contra Nestório, sustentou, para contradizer aos dois polemistas, que Jesus não possuía mais que uma só natureza. Enfim, no ano 449 voltou a reunir-se em Éfeso sob a presidência do bispo de Alexandria, decorreu outro grande concílio que mais tarde recebeu o nome de concílio de Éfeso. Assistiram a ele 130 bispos, dois deputados da igreja de Roma e numerosos Abades e Monges.

Os bispos e todos os monges do Egito tomaram a determinação seguinte sobre o problema das duas naturezas de Jesus Cristo: "que se teria que partir em dois pedaços a quem dividisse em duas naturezas Jesus Cristo."

As duas naturezas foram anematizadas. E em pleno Concílio chegou às mãos como já tinha chegado antes do concílio de Cirtea celebrado no ano de 335 no ano de Cártago.

Dois anos depois Pulquéria convocava o concílio de Calcedônia. São Leão, bispo de Roma, que gozava de grande reputação, aproveitando-se das turbulências que a controvérsia relativa às duas naturezas produzia no império, presidido o Concílio por meio dos seus legados; primeiro exemplo deste caso. Porém, temerosos os padres do Concílio de que a igreja do ocidente pretendesse ser superior a do Oriente, decidiram pelo Canon 28 que a sede de Constantinopoli e de Roma gozassem de idênticas vantagens e privilégios, com o qual ficou semeado o germem da duradoura animosidade entre as duas igrejas.

Este Concílio concordou em reconhecer duas naturezas numa só pessoa em Jesus Cristo e anematizou o monge Eutiques porque aceitara uma só natureza no Cristo. Conta Nicéfaro (liv. XV, cap. V) que como os bispos não chegassem a um acordo em longa disputa relativa às imagens, acharam conveniente que cada qual escrevesse a sua opinião e a colocassem no túmulo de Santa Eufêmia passando a noite em oração. Na manhã seguinte encontraram na mão da Santa os bilhetes ortodoxos, enquanto que os restantes os acharam aos seus pés.

Ainda ficara por determinar o número de votantes que deveriam votar em que Jesus seria uma só pessoa com duas naturezas. O quinto concílio geral realizado em Constantinopoli durante o ano de 553 por ordem do imperador Justiniano fracassou numa discussão teológica da doutrina que expunham três bispos em três diferentes escritos conhecidos com o nome dos três capítulos dos quais não existe uma única cópia atualmente, e não tiveram tempo para estudar o assunto mais importante, que foi tratado no sexto concílio geral no qual se discutiu, também sobre alguns parágrafos de origens, cuja doutrina foi condenada juntamente com a dos três capítulos. Virgílio bispo de Roma, quis assistir essa assembléia em pessoa, porém Justiniano o encerrou numa masmorra. Presidiu, pois o patriarca de Constantinopoli; não assistiu ninguém da igreja latina, porque então os habitantes do Ocidente não entendiam Grego devido a que esse teria caído na barbaria.

De maneira que até o sexto concílio geral convocado em Constantinopoli no ano 680 pelo imperador Constantino IV, não se lembrou que Jesus tinha dois mandados divinos.

Este é o primeiro Concílio chamado pelos latinos *in trullo*, por ter sido celebrado num salão do palácio imperial. O imperador que o presidiu, tinha a sua direita os patriarcas de Constantinopoli e

de Antioquia, e a sua esquerda os deputados de Roma e de Jerusalém. Ao lembrar nesse concílio que Jesus tinha duas "vontades", condenou os monotelistas que não admitiam mais que uma só, e excetuou do anatema o Papa Honório I, que teria dito ao patriarca de Constantinopolis numa carta citada por Baronio:

"Nós confessamos uma só vontade em Jesus Cristo, porque a escritura e os concílios não nos autorizam a pensar de outra maneira; porém enquanto, a saber, se a causa das obras da divindade estão nele, deve entender-se uma ou duas operações, não deixou aos gramáticos, porque estes não tem grande importância".

Assim é como Deus permitiu que a igreja Grega e a Latina não tivessem nada de que se arrepender sobre o particular. O patriarca Nestório tinha sido condenado por ter reconhecido duas naturezas em Jesus Cristo, e o Papa Honório por sua vez por ter confessado uma só vontade em Jesus Cristo.

Um sínodo da Constantinopolis concordou nesse mesmo ano que, em vez de representar a Jesus Cristo em forma de um cordeiro, que fosse figurado em forma de um homem crucificado.

O sétimo concílio geral e segundo de Nicéia foi convocado no ano 787 por Irene sob o nome do seu filho, o imperador Constantino, a quem ela mandou que se lhe arrancassem os olhos, tratava-se de restabelecer a adoração das imagens.

Saiba-se que dois concílios de Constantinopolis (o primeiro dos quais foi celebrado no ano 730, nos tempos do imperador Leão e o segundo, vinte e quatro anos mais tarde, sob o reinado de Constantino Coprômimo) tinham concordado antes em proibir o culto das imagens, de acordo com a Lei Mosaica fundando-se que era contrário à simplicidade e aos costumes dos primeiros séculos do Cristianismo e favorecia a idolatria.

O decreto de Nicéia, em que se diz: "que quem queira que não renda serviço e adoração as imagens dos Santos e a Trindade, seja anatemizado".

Provocou também grandes controvérsias. Os bispos que aprovaram esse decreto no concílio celebrado no ano 789 em Constantinopolis foram afastados ousadamente pelos soldados.

Esse mesmo decreto foi rechaçado respectivamente no ano 794 pelo concílio de Frankfurt e pelos carolinos cuja publicação ordenara Carlos Magno.

Porém no segundo concílio de Nicéia foi por fim confirmado em Constantinopolis no tempo do imperador Miguel e de sua Mãe Teodora, no ano 842, por um numeroso concílio que anatemizou os inimigos das santas imagens. Chamamos a atenção sobre o feito de que foram duas mulheres, as imperatrizes Teodora e Irene, as que protegeram e fizeram resplandecer o culto das imagens.

Irene falou nesse concílio, que é o único celebrado por uma mulher. Dois legados do Papa Adriano assistiram ao mesmo, porém não pronunciaram nenhuma palavra porque não entendiam o Grego. O Patriarca Tarezo foi o que fez tudo.

Tendo ouvido os Francos sete anos mais tarde (ano 794) que o concílio de Constantinopolis tinha ordenado a adoração das imagens, reuniram por ordem de Carlos, chamado mais tarde de Carlos Magno, filho de Pepino, um concílio bastante numeroso em Frankfurt, ao qual o Papa Adriano IV enviou dois legados. Nele se tratou no segundo concílio de Nicéia de "sínodo impertinente e arrogante celebrado na Grécia para adorar quadros, pinturas".

Em 842 se congregou um grande concílio em Constantinopolis, convocado, porém não presidido, pela imperatriz Teodora, Mãe de Miguel III, no qual se restabelece solenemente o culto das imagens. Os Gregos instituíram nessa ocasião a "festividade da ortodoxia".

Em 861, volta a celebrar-se outro grande concílio em Constantinopla composto por 318 bispos e convocado pelo imperador Miguel.

Nele foi deposto Santo Inácio, patriarca de Constantinoplis, sendo eleito para substituí-lo o leigo Focio. Passemos a tratar do oitavo concílio geral. Focio se fez nomear patriarca ecumênico (universal) nos tempos do imperador Basílio, e consegue que o concílio celebrado em 866 em Constantinoplis condene a igreja latina pelo do "filioque" e por outras práticas. O Papa Nicolau foi deposto e excomungado por contumácia. No ano 869 se celebra um novo grande concílio em Constantinoplis, que excomungou e destituiu a Focio, patriarca e autor do cisma Grego e tornam a eleger Santo Inácio para substituí-lo.

Os latinos condenaram por sua vez a igreja Grega no concílio que eles chamam de oitavo concílio geral, enquanto que os orientais dão esse nome a outro que dez anos mais tarde (879) anulou o que tinha concordado ao precedente.

Nesse concílio, Focio, já restabelecido em seu cargo, é reconhecido como verdadeiro patriarca pelos legados do Papa João VIII. Nele anula o grande concílio geral ecumênico que destituíra Focio. O Papa chama-o de Judas a todos os que dizem que o Espírito Santo procede do pai e do filho. Este êxito de Focio tinha por objetivo de atrair para a igreja de Roma os Búlgaros, espécie de maniqueus que se tinham submetido ao patriarca de Constantinoplis no ano 870, ano em que foi desterrado Focio, a quem oito anos depois chamou o imperador Basílio. Focio foi expulso novamente em 886 pelo Imperador Leão o filósofo que o encerrou num mosteiro. Em 952 se celebra o concílio ou o parlamento de Augsburg por ordem do rei Otón da Germania, que proíbe terminantemente aos clérigos, desde os bispos até os subdiáconos que contraíssem matrimônio sob a pena de deposição.

Em 965 o concílio de Latrão confirma ao imperador Otón o direito de nomear o papa e de outorgar investidura aos bispos.

Em 1059 tem outro concílio de Latrão celebrado pelo Papa Nicolau II, no qual se lembra que o pão e o vinho da missa têm que ser reconhecido como verdadeiro corpo de Cristo. Condene-se nele a doutrina de Beranger, que rejuvenece as opiniões de Escoto Erígena pretendendo que a eucaristia não é mais que o símbolo do corpo e do sangue de Jesus Cristo e que não se realiza transubstanciação alguma na substância do pão e do vinho. Beranger teve que retratar-se para poder continuar vivo.

Em 1095 se celebrou o concílio de Clermont, o que proíbe que se dê ao corpo (a hóstia) de Cristo molhado com o sangue, como fazia a igreja Grega e o monastério de Cluny, e ordena-se que o pão e o vinho se tomem separadamente.

Não obstante a igreja de Jerusalém tinha por costume dar a comunhão somente com a espécie de pão, costume que acabou por ser aceita insensivelmente em todo o ocidente depois da conquista de Jerusalém.

O Papa Urbano II exorta nesse concílio aos infiéis que marchem para o oriente para socorrer os cristãos oprimidos pelos sarracenos, que tinham conquistado a Palestina.

No mesmo ano há outro concílio em Placenza, no qual, devido a petição dos embaixadores do imperador Aleixo, o Papa Urbano faz jurar os príncipes Cristãos que marchem à Palestina para lutar contra os Muçulmanos.

Em 1122 e em 1123 se celebra o grande concílio na igreja Romana de São João de Latrão, que é o primeiro convocado pelos papas porque os imperadores do Ocidente não tinham apenas autoridade,

e os do Oriente somente celebravam concílios sem importância, ante a ameaça de invasão e conquista pelos maometanos e os cruzados.

Os bispos se queixam fortemente dos monges, que segundo dizem eles, "são os donos das igrejas, terras, castelos, dízimos e ofertas dos vivos e dos defuntos; só faltava que nos tirassem a cruz e o anel".

Apesar dessa queixa os monges continuaram conservando suas propriedades.

O Papa Inocêncio II convoca para 1139 outro grande concílio Lateranense (na Basílica de São João de Latrão em Roma ao que assistem mais de 1.000 bispos) nele se declara que os dízimos eclesiásticos são de direito divino e se excomunga aos leigos que os possuam ou que digam que a igreja é demasiadamente rica.

O Papa anuncia pela primeira vez em concílio que as dignidades eclesiásticas se recebem do pontífice como por direito de feudo, e que não podem possuir legitimidade a não ser com a devida permissão, ou seja: que a partir desse dia os bispos se convertam em sub-delegados do papa. Desta forma se estabeleceu o governo teocrático que, estendendo-se por todos os estados da Europa, tratava de absorver o poder temporal dos soberanos; o que é contrário à primeira instituição e à tradição segundo a qual o bispo e o papa, que é o primeiro entre ele, não mais que os vigários de Jesus Cristo na Terra.

No ano seguinte se estabeleceu a festividade da concepção da virgem sob cuja devoção, diz São Bernardo, fundador de mais de 160 abadias, que é uma novidade sem fundamento. O Papa Alexandre III celebra outro Concílio Lateranense em 1179, que foi assistido por 302 bispos latinos e um abade Grego.

Neste Concílio se impõe pela primeira vez aos Cardeais e os bispos a adquirirem o direito de elegerem os papas. Além do mais aprovam e proíbem a pluralidade de benefícios.

Um Concílio proíbe aos sacerdotes em 1195 que impunham por penitência mandar rezar missas e ordena que tenham tonsura e usem hábitos modestos e sem galões.

Em 1215 celebraram o último concílio geral de Latrão ao que assistem Inocêncio III, 412 bispos e 800 abades. Desde essa época que é o das cruzadas, os papas nomearam um patriarca latino em Jerusalém e outro em Constantinopolis. Esses patriarcas assistiram ao concílio que declara que, "como Deus deu aos homens a doutrina saudável por meio de Moisés e fez nascer seu filho de uma virgem para mostrar mais claramente o caminho, ninguém pode obter a salvação fora da igreja católica".

Diz-se que a palavra transubstancial não foi conhecida até este concílio, o qual proibiu que se fundassem outras ordens religiosas: porém apesar dessa proibição, fundaram-se mais de oitenta ordens.

Este concílio despojou Raimundo, Conde de Tolosa de todas as terras em virtude da excomunhão.

Em 1245 se congrega na cidade imperial de Lyon, um grande Concílio. Inocêncio IV leva consigo o imperador de Constantinopolis João Paleólogo a quem manda sentar ao seu lado. Distitui o Imperador Frederico II, como traidor, proibindo-lhe o fogo e a água e ourtorga aos cardeais um chapéu vermelho, signo sangrento da guerra contra Frederico e seus partidários para lembrar aos príncipes da igreja que devem verter o seu sangue em defesa da religião católica.

Este concílio foi a causa da destruição da casa de Suabia e de trinta anos de anarquia na Itália e Alemanha.

Em 1274 volta a celebrar-se outro concílio geral em Lyon, composto de 500 bispos, 70 abades maiores e 1000 abades menores. O imperador Grego Miguel Paleólogo envia o seu patriarca Grego, Teófanos, para conseguir a proteção do papa, e a um bispo de Nicéia para que, em seu nome, se una à igreja latina: porém estes bispos são desaprovados pela igreja grega. Neste concílio se trata da procedência do Espírito Santo, principal objeto do cisma dos Gregos.

Em 1311 o Papa Clemente V convoca um concílio geral na cidade de Viena, no qual ficou abolida a ordem dos Templários, cujos principais membros foram condenados aos mais horrendos suplícios, baseando-se em acusações não provadas. Ordena-se a queima dos begardos, beguinas e a outros hereges à quem se imputava tudo quanto fora encontrado em outros tempos aos Cristãos primitivos.

Margarita Puretté, chefe das Beguinas foi queimada viva em Paris.

Em 1314, os cardeais reunidos em Carpentras para nomear o Papa, incendiam o Conclave e se separam.

A sede papal fica vacante durante dois anos.

Em 1354 foi introduzida a festa da Santa Trindade na igreja romana.

Em 1362 o Papa Urbano V é o primeiro papa que usa a tríplice tiara.

Em 1409, se celebra em Piza o concílio geral que depõe o Papa Benedito III e Gregório XII e elege Alexandre V. Este Concílio foi detratado por muitos. Em 1414 se celebra o grande concílio de Constança convocado finalmente por um Imperador, Segismundo, que volta aos seus foros. O Concílio depõe o Papa João XXII por seus muitos desvios: porém condena à fogueira João Huss e Jerônimo de Praga, acusados unicamente de obstinação. O Concílio declara que os Concílios Gerais, recebem sua autoridade diretamente de Jesus Cristo, ao qual toda pessoa, sem excetuar o papa, está obrigada a obedecer em matéria da fé. O concílio de Basiléia confirma e aceita como artigo grego de fé este decreto.

Em 1431 se congrega o grande concílio de Basiléia, o qual não é reconhecido por Roma, porque destitui o papa Eugênio IV que, mais hábil que o concílio não se deixa depor. Sua pressão da festa dos loucos, que apesar disso por tradição ou rotina continuou subsistindo durante muito tempo.

Em 1438 se celebrou o Concílio de Ferrara, que pouco depois se trasladara para Florença, no qual o papa excomungado, excomunga o Concílio da Basiléia e o declara réu de lesa majestade, neste Concílio se realizou uma fingida união com a igreja Grega, a que tinha sido esmagada pelos sínodos turcos que viviam de armas em punho.

Luiz XII, excomungado pelo papa, solicita em 1510 que se convoque um Concílio geral.

Em 1511 se realiza um Concílio geral convocado em Pisa por dois cardeais contra o papa, concílio que continuou depois em Milão e não é reconhecido.

O Papa Júlio II que teria sido citado no Concílio geral de Pisa por Luiz XII e pelo rei dos Romanos, convoca um segundo Concílio logo depois no palácio de Latrão.

No Concílio de 1512 convocado para apoiar a guerra santa e suprir a pragmática sanção de França, Júlio II excomunga solenemente o rei Francês Luiz XII, chamado o pai do povo, por ter aceitado o Concílio de Pisa. O Papa colocou a França em interdito, e citou o parlamento de Proença para que comparecesse ante ele. Também excomungou os filósofos por terem tomado partido por Luiz XII, que tinha obtido para que o Papa fosse excomungado pelo concílio de Pisa, cujos membros se

refugiaram em Lyon para salvar a vida. O imperador Maximiliano renuncia a este concílio. Este príncipe quer fazer-se Papa. Luiz XII morreu em 1515.

Em 1524 se congrega um Concílio no México para a propaganda do catolicismo na América. Dois anos mais tarde, o Senado suprime a missa em Zurich, fazendo-o três anos depois em Estrasburgo e Basiléia.

Em 1537 se celebra o último Concílio geral o qual convoca para Mântua o Papa Paulo III, depois para Veneza, e enfim para Trento (cujo nome leva) onde foi aberto em 1545 sendo trasladado para Bolonha em 1547 e terminado em dezembro de 1563 sob o papado de Pio IV. Seus decretos relativos a disciplina não foram admitidos na França e em quase nenhuma nação católica. Este Concílio deliberou contra Lutero e Calvino.

O povo Romano consegue a abolição do governo sacerdotal no dia 15 de fevereiro de 1798. No dia 18, quatorze cardeais cantam um *te Deum* na basílica de São Pedro em ação de graças por essa abolição. No dia 20, o Papa abandona Roma, e retira-se para o mosteiro de Cartuxa de Pisa. No dia 27, o concílio nacional da França dirige aos padres e demais encarregados da educação da juventude uma carta sinódica seguida de decretos e de um breve do papa Pio IV aos católicos Franceses que se aliam em comunicação com a Santa Se. Esta carta a assina o bispo dos Vosgos, Mandru, membro do conselho nacional. O Diretório toma conhecimento da publicação Francesa.

No dia 27 de maio de 1801 o Papa Pio VII celebra um consistório, no qual anuncia seu projeto de renunciar ao governo temporal em vista das dificuldades que se lhe apresenta o primeiro cônsul "Bonaparte", o Cardeal Maury o anima para que o faça, porém os demais cardeais se opõem.

No dia 29 de junho se verifica a sessão de abertura de um Concílio geral na França celebrado pelos bispos constitucionais na igreja metropolitana de Paris para explicações sobre as proposições feitas ao papa com o objetivo de que confirme a eleição de novos bispos que substituíram os não juramentados: Gregório, Bispo de Blois, pronuncia um discurso para explicar o objetivo do concílio.

No dia 19 de Julho o Concílio Nacional da França reconhece que a submissão aos poderes estabelecidos é um poder baseado nos direitos naturais e divinos, e que o governo tem o direito de exigir dos ministros do culto a garantia de sua fidelidade, sem que estes necessitem de autorização papal.

No dia 15 se verifica a convenção da concordata assinada em Paris entre o governo Francês e o Papa Pio VII, para o restabelecimento do culto católico na França.

No dia 8 de agosto se publica na França como lei de estado.

No dia 5, o papa a ratifica e admite que se faça um novo regulamento para governar as igrejas da França, com as amplas modificações impostas pela revolução.

No dia 16 o concílio nacional da França termina sua sessão em que se tratou das concessões mútuas entre o governo Francês e o papa.

No dia 19 de maio de 1811 se celebra um concílio de bispos franceses e italianos, que se reúnem em Paris para resolver se os bispos podem dar a instituição canônica aos sujeitos nomeados pelo imperador Napoleão, quando o papa se negue a concedê-la, assim como para aconselhar o sistema de provisão das sedes vacantes e nomear bispos nas que irão vagar, conforme o que se fazia no reinado de Cario Magno e de São Luiz e em todos os séculos que precederam à concordata de Francisco I e de Leão X - assinada em 1515 a qual deixou de ter valor.

A esse concílio acodem 104 padres, entre os quais se encontram seis cardeais, nove arcebispos, três arcebispos nomeados e 86 bispos, preside-o o cardeal Fesch, tio do Imperador Napoleão.

No dia 25 de janeiro de 1813 se celebra a segunda concordata conhecida pelo nome de concordata de "Fontainebleau", proposto pelo Imperador Napoleão ao Papa pio VII, que unicamente o aceitou em consideração ao estado da igreja.

Porém não tardou em protestar e pretender desembaraçar-se dos compromissos contraídos.

No dia 13 de fevereiro se publica a concordata de "Fontainebleau".

Em 11 de maio de 1817 se assina uma concordata entre o papa Pio VII e Luiz XVIII, rei da França, segundo a qual se restabelece a vigência da assinatura entre Leão X e Francisco I, e cessa de produzir efeitos a de 15 de julho de 1801.

O dia 19 de julho se publica uma bula do papa na que se trata da retificação da concordata de 11 de maio.

O dia 22 de novembro o governo apresenta-se ao corpo legislativo e propõe uma lei para sua execução.

O dia 30 de novembro de 1818 a *chronique religieuse* publica que a corte da França fez um convênio com a de Roma para a suspensão tácita da concordata de Luiz XVIII.

Nesta época entra no seio da igreja católica a seita dos maronitas, a qual conta com numerosos prosélitos na Palestina e Síria, assim como em algumas partes do Oriente. Para facilitar essa união de Roma consente em confirmar todas as antigas liberdades da igreja maronita entre as quais se encontra o casamento dos sacerdotes.

Precisões históricas do estabelecimento primitivo do Cristianismo no Egito.

Vamos copiar alguns parágrafos da obra do erudito Champollion-Figeac sobre o Egito, com o objetivo de dar luz histórica sobre o começo do Cristianismo.

O estabelecimento do Cristianismo no Egito data de Domiciano, sucessor do seu irmão Tito no ano 81.

Os judeus continuaram mostrando-se turbulentos como nos dois reinados precedentes; lutaram contra a força pública e chegaram a fazer com que o Prefeito Lúpus Trajano fugisse e tivesse a necessidade de solicitar a Roma que mandasse uma força considerável com Mareio Turbom, o qual teve que lutar durante muito tempo contra as perpétuas sedições e guerras intestinas, causas contínuas de desolação em Alexandria.

A carta do imperador Adriano dirigida desde o Egito ao cônsul Serviano, diz que os habitantes de Alexandria formam uma raça muito propensa à sedição e à jaetância da injúria, etc. Quando Diocleciano quis reduzir o Egito, sitiou a cidade de Alexandria, cortou os canais do Nilo que abastecia essa grande cidade e a conquistou oito meses depois de ter feito uma trincheira. Nada se iguala a crueldade do vencedor. A cidade foi passada a sangue e fogo; seus habitantes entregues a fúria da soldadesca, e todas as propriedades destruídas. Um autor Cristão conta que Diocleciano ordenava aos seus soldados que não parassem de matar até que o sangue derramado chegasse aos joelhos de seu cavalo. Por sorte seu cavalo caiu em terra e os seus joelhos tingiram-se de sangue, motivo porque a carnificina cessou, segundo conta o historiador. Cristãos que até então não haviam celebrado nenhum ritual público e sentiam desprezo pelos cultos que exibiam altares, desejaram ter templos.

Diocleciano permitiu que construíssem um na cidade de Nicomédia.

É deste Imperador que data a famosa era que tem seu nome, conhecida também como a era dos mártires a qual começou no dia 13 de junho de 284. Buret de Longchamps diz o seguinte tratando desse importante tema:

"Diocleciano" que ordenara por um édito da destruição da catedral de Nicomédia, viu reduzido a pedaços o seu édito: duzentas pessoas foram castigadas com a pena de morte no império Romano, sem contar as que morreram nas mãos do povo enfurecido. Não falamos das perseguições anteriores, porque está demonstrada a sua historicidade e porque a instituição do cristianismo parece ter sido posterior a elas. Além disso, as denominadas perseguições de Cristãos obedeciam a ordens que dava ao poder estabelecido para apaziguar as insurreições. Tudo muda de nome, conforme os partidos (Fastes universels).

Lá pelo século III começaram a produzir-se divergências no Cristianismo, ou seja: na igreja Cristã. Arrio que não havia sido eleito para ocupar o bispado de Alexandria, fundou a doutrina do arianismo, a qual turbou a paz da igreja durante muito tempo. No ano 325, reuniram um concílio em Nicéia para examinar essa doutrina, a conversão de Constantino ao Cristianismo deu maior influência ao Cristianismo, não deixou por isso de continuarem as confusões nos assuntos do Egito. As distribuições públicas do trigo chegaram a depender quase por completo dos bispos, porque esses vinham a ser perfeitos civis. Houve um tempo em que as discensões dogmáticas degeneraram em anarquia, chegando a intervir nelas, o próprio povo e o exército. O bispado de Gregório, o Capadócio, foi uma série contínua de calamidades para o Egito. Este bispo perseguiu durante cinco anos os partidários de Santo Anastácio, cujas doutrinas foram condenadas pelo concílio de Milão no ano 351, e o Imperador Constâncio castigou rigorosamente os condenados.

Os Cristãos sofriam nas mãos dos seus próprios irmãos, e discordavam por sutis doutrinas. Outro bispo (Gregório) delegado pelo Imperador se distinguiu por sua tirania e especulações.

Os patriarcas Cristãos não perdoavam nada aos pagãos, e se um prefeito perseguia os Frades e os solitários da Tebaida, um bispo jogava, em troca, do templo de Serapis os sacerdotes e mandava que demolissem o templo de Canope.

Outro novo bispo, Teófilo, patriarca de Alexandria que, animado de um zelo ardente, porém ignorante, abominava a tolerância, contribuiu com os demais bispos do Egito para destruição dos templos, cujos restos serviam logo para edificar igrejas Cristãs. A capela de Osíris foi consagrada a São Jorge ou a outros santos: suas antigas esculturas Egípcias desapareceram sob uma capa de cal, sobre a qual pintaram a figura antiestética do santo.

Constantino decretou em 408 que as sentenças episcopais de matéria temporal fossem executadas sem apelação, como as do prefeito do pretório.

Nessa mesma época se remonta a cessação do emprego das antigas escrituras egípcias, praticadas por apenas alguns Egípcios que permaneceram fiéis ao antigo culto cuja raça se extinguiu para sempre no século VII da era Cristã, deixando por únicos sequazes da sua ciência os filiados às sociedades secretas, os quais foram pouco fiéis as antigas doutrinas.

O Egito teve muita culpa das desordens que afligiram as procissões imperiais do Oriente e o Ocidente. Porém a nota predominante de todos os acontecimentos dessa época de transmutações políticas e religiosas foi o Cristianismo, o qual se ergueu dominador sobre todas as antigas religiões, insinuando-se pouco a pouco na ação das autoridades civis, apoderando-se dela mais tarde, e fazendo com que atuassem com todo o ardor na convicção de que se lavra pela felicidade pública.

Porém não menos digno de ser levado em conta foi a perseverança dos devotos Egípcios em praticar obstinadamente seu culto apesar das perseguições, do desterro e da morte.

O ardor das controvérsias foi reavivado nos primeiros anos do século V e por homens inteligentes. Teófilo, São João Crisóstomo, São Epifânio e São Jerônimo, lutaram entre si pelas obras de origens. Os Teólogos de Constantinopólis se batiam e levantavam as mãos contra os de Alexandria, abandonando sempre alguns mortos nos campos de batalha. Imensas riquezas foram despedaçadas nestas deploráveis lutas.

O poder dos bispos foi aumentando com a condescendência dos imperadores Romanos: de forma que as corporações que se formavam sob sua proteção serviam de auxiliares poderosos as suas empresas e contrabandeavam a autoridade do prefeito e de suas tropas. Os zelos das outras nações ou crenças estabelecidas no Egito cresciam em proporção a estes privilégios. Por causa de um dançarino de teatro se vertia sangue em Alexandria em combates e emboscadas de Cristãos contra Judeus. São Cirilo expulsou os judeus da cidade, secundado pelos frades do deserto que acudiram com tropas auxiliares, e quando tropeçavam com o prefeito do imperador, o apedrejavam obrigando-o a que fugisse, assim como aos homens do seu séquito, a maior parte dos quais ficavam feridos e maltratados. O povo voou em socorro do prefeito; e o chefe da sedição foi detido e morto pelas palmatórias dos juizes.

Porém São Cirilo pronunciou publicamente seu elogio e o honrou com o título de mártir. Naquele tempo brilhava com o esplendor de rara beleza e grande talento a célebre Hipatia, filha do matemático Théon, que ensinava publicamente a doutrina de Aristóteles e Platão nas escolas de Atenas e de Alexandria. Sua virtude era tanta como sua ciência. Um dia os sectários de São Cirilo alistados nas tropas auxiliares enviadas pelas congregações religiosas se agruparam junto a carruagem de Hipatia, a arrancaram-na a força e a despedaçaram atirando as chamas os pedaços do corpo ensangüentado. Os autores desse horrendo assassinato foram os parabolanos (fanáticos religiosos) dirigidos por Pedro, o Juiz da igreja de Alexandria. Esse assassinato não foi vingado, porque as leis do imperador não falaram. O único que se fez foi proibir que os clérigos tomassem parte em assuntos políticos; 400 limitando-se a 500 o número de "parabolanos" e outorgando ao prefeito o direito de nomeá-los! Concessões impostas pelas circunstâncias! Dois anos mais tarde (ano 418) se devolveia aos bispos o direito de nomear esses clérigos-soldados, capazes de todos os excessos e violências.

Não menos dolorosos foram os tempos posteriores ao episcopado de São Cirilo; a venalidade era a alma dos conselhos do imperador; o banditismo estava legalmente organizado nas províncias: as querelas religiosas aumentavam sua peçonha e suas dores às demais pragas públicas; Nestório atacava São Cirilo e era condenado pelo concílio de Éfeso (ano 431), e a igreja de Alexandria, contraiu uma dívida de 1.500 libras de ouro para comprar esse juizado.

A cristandade se fazia sectária de Eutiques com o sucessor de São Cirilo, e continuou sendo desde então. O concílio de Éfeso recebia o título de perturbador por sua turbulência; Diodoro, patriarca de Alexandria, defendia publicamente o raptor da mulher de um honrado senador; o imperador Marciano depunha o patriarca; enquanto que essas espantosas desordens destroçavam os assuntos públicos no interior, os Sarracenos caíam sobre a Síria e os *blemmyes* faziam incursões triunfantes em suas aventuras no alto Egito.

As inextinguíveis querelas renovadas incessantemente em Alexandria entre os partidários das doutrinas de Eutiques e seus antagonistas, querelas que se mantinham de armas em punho, nos revelam qual era o doloroso estado em que se achava o Egito na segunda metade do século V.

Em vão os imperadores faziam com que todos os orientais aderissem a mesma fé: seus decretos de união somente serviam para fazer mais profundas as divisões e os ódios. Em nenhuma parte se aceitava o imperador como árbitro e Juiz da fé, e as seitas heréticas passavam de dez. E que diremos

dos seis preladados qualificados de hereges que ocuparam a sede de Alexandria depois do reinado de Zenon e do édito desse imperador elevando para 500 as 50 libras de ouro que o Egito tinha pago anualmente até então?

Seu sucessor, Anastácio aperfeiçoou a carga dos impostos fazendo-os mais produtivos para o fisco e mais opressão para o povo.

Novas calamidades caíram ao mesmo tempo sobre esse desventurado Egito: Os maziques saqueavam a Líbia e uma parte do território Egípcio; mil tratantes insaciáveis, dirigidos pelos parentes de Marin, delegado do imperador, exploravam o país; declarou-se uma terrível seca: gafanhoto devastou a Palestina e o Egito teve que pagar os impostos que o fisco não pode agenciar na Palestina; enfim, sobreveio a fome e a peste que durou até o fim do reinado.

As sedições religiosas contribuíram para piorar a situação. A esperada chegada de Justino não deteve os efeitos desses males, se não que abriu a porta para novas reações, pois o católico Justino, protegia abertamente aos antagonistas de Eutiques. A conseqüência foi que se produzissem motins e mortes. Este ardor, posto controvérsias, rasgo característicos dos Alexandrinos não permite que se negue a vivacidade do seu espírito justificado pelas suas próprias desventuras e pela particularidade de que o imperador Justino que havia ordenado o desterro dos comediantes e dançarinos de todas as cidades do Oriente, exceto para a cidade de Alexandria, apesar de que as disputas e desordens nasciam no teatro.

Quando nos lembramos o que fizeram os sucessores de Justino, cremos que não nos falta razão para dizer que atiraram para o esquecimento as autoridades dos soberanos, para descer ao objeto papel de chefe de seitas chamadas de religiosas.

As intenções dos persas nas vizinhanças do Egito, as alianças do imperador do Oriente com o rei do Egito, com a intenção de atrair para a cidade de Alexandria o comércio da seda, assim como a designação de Narcés nos tempos de Justiniano, para que se opusessem na Líbia as incursões dos Saracenos e dos Blemmyes fazem com que se esqueçam da destruição do templo de Ísis existente em Philae, realizada por ordem do imperador; assim como as violências de que por ordem sua, foram objeto os sacerdotes da deusa; O traslado de sua estátua a Constantinopolis.

A severidade do fisco desterrando os cidadãos que não podiam satisfazer os exorbitantes impostos e o incêndio da cidade que Narcés ordenou por ter-se negado o povo, os nobres e os officiosos a reconhecerem por bispo Teodósio, o protegido de Teodora, a qual teria sido atriz antes de ser imperatriz e chefe de seita. Porém essa proteção não defendeu Teódosio, pois foi expulso e substituído por Zoilo, o qual também foi deposto e na ocasião propôs que daria 1.400 marcos em ouro para que o reintegrassem no posto. Seu sucessor foi Apolinar, um dos generais de Justiniano, bispo guerreiro que entrou em Jerusalém com grande aparato militar e se exibiu com roupagem de Patriarca, desembaraçando-se do seu fardamento do exército. A multidão o vaiou com assobios e assalto as suas tropas que se vingaram energicamente do desaforo.

Quando Justino II (anos 505) chegou ao trono, enviou ao Egito o seu sobrinho como prefeito e não demorou muito em mandar matá-lo por suspeitar que conspirava contra ele. Seu sucessor Maurício restabeleceu no trono o rei da Pérsia, o qual não demorou muitos anos para apoderar-se do Egito.

O ambicioso Phocas que tinha chegado ao trono por meio de crimes publicou um editorial pela qual excluía os Egípcios dos cargos e honras de estado, o que provocou uma rebelião: porém o imperador batizou à força todos os Judeus de Alexandria. Heráclito sucedeu a Phocas, porém o rigor com que submetiam os Judeus não diminuiu com esta mudança. A seita jacobita que acalentava a alma Egípcia era a principal rival da autoridade Romana e o laço de união de toda a sorte de resistência. O Jacobita era considerado como verdadeiro cidadão Egípcio, e este qualificativo vinha a ser uma palavra de alistamento contra a autoridade estrangeira. Os jacobitas ou

captos conservaram sua antiga língua nacional na que estavam escritos seus livros litúrgicos. O idioma era um elemento que os acalentava a fortalecer os laços de união e os separava profundamente das demais associações que falavam e escreviam as línguas Gregas, Hebréia ou Síria, idiomas consagrados pela religião e costumes. Por efeito inevitável do tempo, a população Egípcia voltava a encontrar-se novamente dona do seu destino, e podia impor-se pelo número da força e da riqueza: poderiam indenizar-se a vencer o caduco império do Oriente: porém, naquele momento, apareceu outro dono vigoroso e jovem que já se tinha imposto no Oriente e que impediu durante muito tempo para que o Egito gozasse dos benefícios da liberdade.

Os Persas conquistaram Síria (ano 614) cujos fugitivos se refugiaram em Alexandria.

O patriarca desta cidade que além das imensas quantidades que recebia dos fiéis, possuía 4.000 libras de ouro, que encontrara no tesouro episcopal quando fora exaltado no cargo, tesouro cuja origem se remonta a espoliação dos ricos templos do Egito antigo, enviou ao patriarca de Jerusalém 1.000 peças de ouro, 1.000 sacos de trigo, 1.000 sacos de legumes, 1.000 libras de ferro, 1.000 caixas de peixe seco, 1.000 vasos de vinho e 1.000 obreiros.

Porém dois anos depois os Persas se apoderaram de Alexandria, quem sabe secundados pelos Judeus e os coptos, que almejavam verem-se livres da dominação Romana, não obstante os dois povos estrangeiros participaram por muito tempo do império do Egito. Um Copto de notável prosápia recebeu o cargo de governador do Egito; chama-se Makaukas e se o imperador tinha um destino fatal de preparar por modo próprio a perda dessas províncias, nada melhor para contribuir para esse resultado que o feito de confiar nessas circunstâncias o governo do Egito a um dos seus poderosos cidadãos. A perda não aconteceu em seguida Makaukas foi um dos instrumentos da nova revolução que se operava no Egito.

O patriarca Gregório morreu lá pelo ano 630, sendo substituído por um sacerdote chamado Ciro, sectário do maometismo e homem inquieto e incerto que teve por rival inflexível o patriarca dos jacobinos cujas ovelhas estavam animadas pelo mesmo espírito rebelde de seu pastor. Ciro se entendeu diretamente com Omar, lugar-tenente de Maomé, pois tinha o propósito de alheiar a esse califa do Egito, por meio de um tributo anual, cujo primeiro pagamento foi feito por Makaukas e enviado a Medína. Estas intrigas indignaram a Heráclito, que não encontrou outra solução contra os males que o amargavam e resolveu entregar o manto, a autoridade suprema do Egito a Ciro.

Makaukas conservava seu poder, mas foi relegado a uma posição secundária. Benjamim o patriarca copto, odiava também profundamente o império. Assim que tanto Ciro, como Makaukas e Benjamim eram no fundo do seu coração os aliados dos Árabes, que os haviam de libertar do jugo Romano.

Amrú derrotou as tropas do imperador, se internou triunfalmente no Egito e se apoderou da cidade de Mesrah, onde mandava Makaukas, porém o lugar-tenente de Omar não descansou nesta cidade, se não que partiu para Alexandria cuja população acudiu proporcionando-lhes viveres, para testemunhar sua alegria e proclamar sua deserção. Abandonados pelos Egípcios, os Gregos resistiram desesperadamente e suportaram os horrores de um sítio de quatorze meses em Alexandria, que foi tomada no ano de 641. Com ela caiu em poder do vencedor o restante do Egito. Os Gregos reconquistaram a cidade, que não tardou em cair novamente em poder dos Árabes. Em vão o imperador Constante II filho de Constantino, enviou uma frota e um exército para que restabelecesse a autoridade imperial em Alexandria; Foi em vão o esforço dos habitantes Gregos que tomaram armas quando avistaram a frota e tiraram os Árabes de Alexandria. Os coptas pediram que tornassem a defendê-los, o lugar tenente Amrú que tinha sido substituído por Ahdalah, pois acreditavam que somente ele libertaria para sempre os Gregos. Amrú voltou, Makaukas o recebeu com júbilo e reuniu ao exército Árabe uma multidão de coptos, os Árabes e os coptos, ou seja; os Muçulmanos aliados com os Cristãos, atacaram Alexandria e se apoderaram dela, demoliram suas fortificações. O Islamismo se estabeleceu soberanamente no Egito onde ainda domina a causa das

memoráveis vitórias de Amrú, a quem os Egípcios que aspiravam devolver a independência de sua pátria tinham ajudado para que continuasse encadeada a um povo "dono" desde então.

A confusa mistura de todas as doutrinas da filosofia antiga realizada pela mão do azar deu nascimento nesta época a um novo mundo cujo destino era o Ocidente o de sobreviver a todos os fundamentos do mundo antigo e a mesma Roma, a que ao concentrar dentro de si todos os tempos passados, tinha que dar a luz a uma época futura ao protótipo da unidade social que é o veículo da vida e da civilização moderna.

FIM